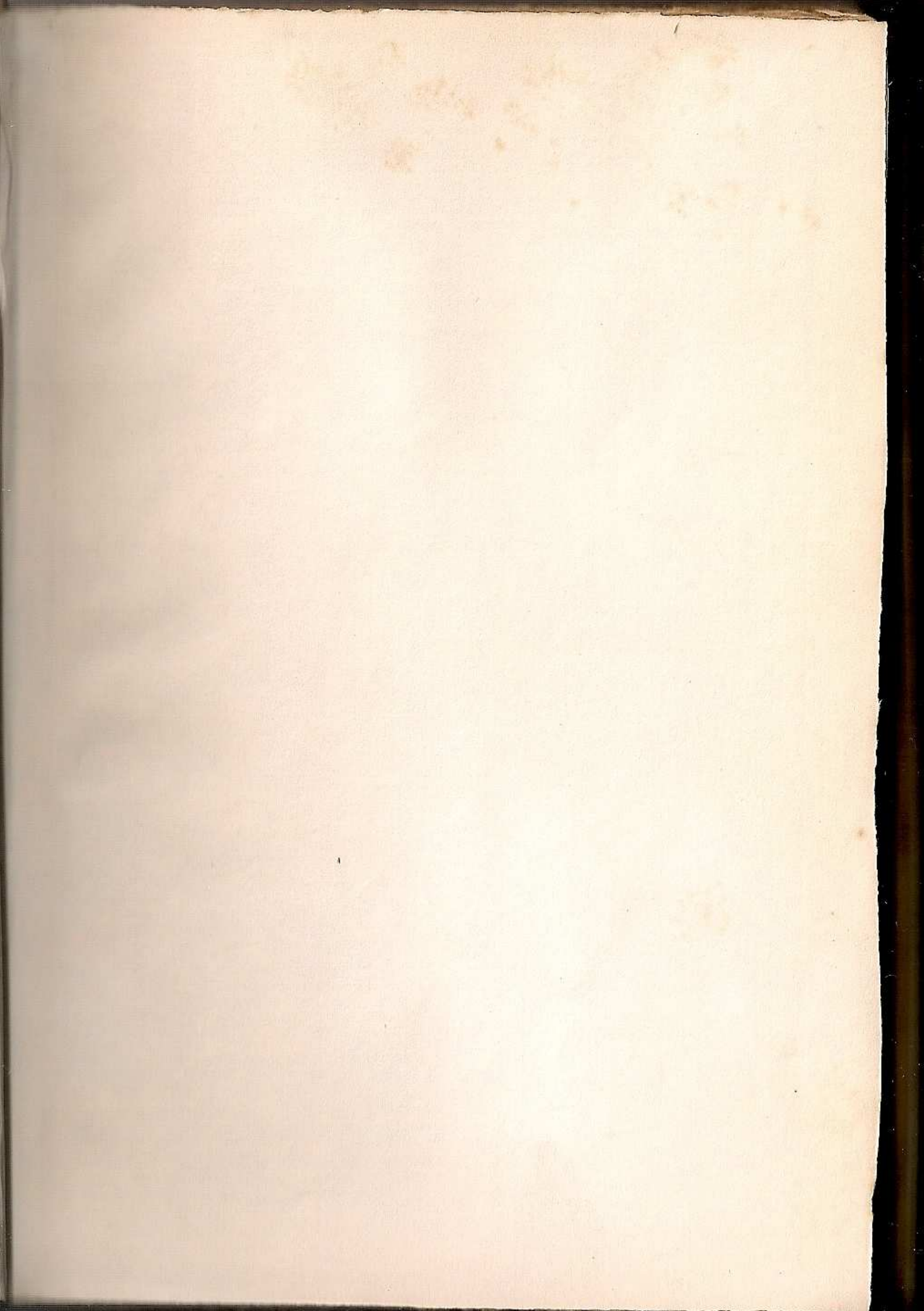
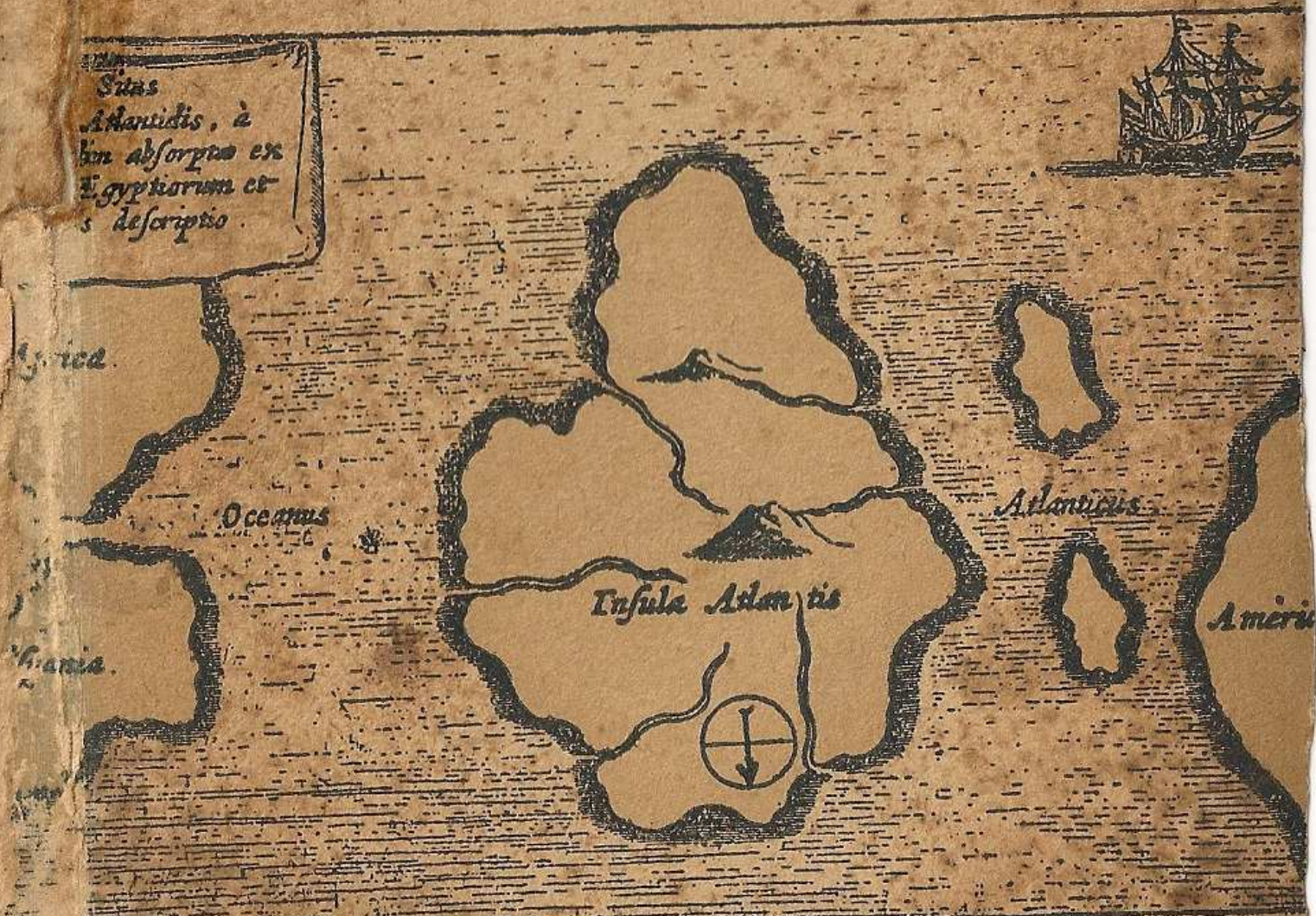
GUSTAVO
BARROSO

AQUEM DA
ATLANTIDA

1931

Gustavo Barroso

(*JOÃO DO NORTE*)

da Academia de Letras

Aquem da Atlantida

Carta tirada do "Mundus Subterraneus" do P. Kircher (1644).

Companhia Editora Nacional, São Paulo

Carlos de Barros Junior
S. Paulo - dezembro 1931

AQUEM DA ATLANTIDA

Os quarenta e quatro livros de Gustavo Barroso:

SOCIOLOGIA SERTANEJA:

Terra de sol, 3.ª edição.
Herois e bandidos, 2.ª edição.
Almas de lama e de aço.

CONTOS E NOVELAS REGIONAIS:

Praias e varzeas, esgotado.
Mosquita muerta, trad. espanhola, esgotado.
Mula sem cabeça, esgotado.
Alma sertaneja, esgotado.
Mapirunga, trad. inglesa, esgotado.
Tição do inferno, esgotado.

CONTOS E NOVELAS:

A ronda dos seculos, 3.ª edição a sair.
Pergaminhos, edição de luxo, tiragem limitada.
Antes do bolchevismo, esgotado.
En el tiempo de los zares, trad. espanhola, esgotado.
Livro dos milagres.
O bracelete de safiras.

HISTORIA:

Tradições militares, esgotado.
Uniformes do exercito.
Catalogo geral do Museu Historico.
O Brasil em face do Prata.
Aquem da Atlantida.

LITERATURA INFANTIL:

O anel das maravilhas.
Apologos orientais.

ENSAIOS:

A balata, esgotado.
Idéas e palavras, esgotado.
Coração da Europa, esgotado.
Inteligencia das cousas.
Discurso de recepção.
A orto;rafia oficial, 2.ª edição.

FOLCLORE:

Ao som da viola.
Casa de maribondos,esgotado.
O sertão e o mundo, esgotado.
Através dos folclores.
Mythes, contes et légendes des indiens, edição original em francês.

TRADUÇÕES:

Tratado de paz, esgotado.
Fausto, esgotado.
Comedias e Proverbios, esgotado.

VIAGENS:

O ramo de oliveira, esgotado.

LITERATURA DIDATICA:

Lições de moral.
Vocabulario das crianças.

LITERATURA HISTORICA:

A guerra do Lopez, 4.ª edição a sair.
A guerra do Flores, 2.ª edição.
A guerra do Rosas.
A guerra do Vidéu.
A guerra de Artigas.

GUSTAVO BARROSO
(JOÃO DO NORTE)
(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

AQUEM DA ATLANTIDA

1931
Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões 26-28

A Atlantida

> "Qu'est ce qu'une légende aprés tout ? La trace indéniable d'un fait ayant laissé son empreinte lá oú elle s'est formée, et perdant d'autant plus son caractére précis dans le temps qu'elle s'eloigne de l'époque oú le fait a pu avoir lieu".
>
> ALFRED LE DAIN.

DESDE a mais remota antiguidade, o homem se preocupa com a sua origem. Entre as muitas explicações de suas eras prehistoricas está a dos continentes desaparecidos e de onde ele deve ter vindo: Hiperboreo, Lemuria, Pacifico, Atlantida. A existencia desta ultima ha milenios desafia a atenção dos sabios. Negam. Duvidam. Afirmam. Tornam a negar, a duvidar ou a afirmar. Amontôam provas pró ou contra. E o problema continúa de pé, como uma esfinge, sem que a humanidade para ele encontre uma solução.

Ele figura nas mais antigas obras que conhecemos.

OS TEXTOS CLASSICOS

Na *Odisséa* (1) de Homero (900 anos (2) antes de Cristo):

---

(1) ED. DIDOT, 1837; trads. Dacier, Pessonneaux, Lecomte de Lisle.
(2) Os mármores de Paros marcam o ano de 907.

"Ulisses sofre longe de seus amigos, numa ilha cercada de correntezas, em que se alevanta *um umbigo no mar* (uma colina ou um monte). Nessa ilha coberta de arvores, habita a filha do pernicioso Atlas, que conhece os abismos de todo o pelago e, sozinho, possúe as Altas Colunas postas entre céu e terra..."

Na *Melpómene* (3) de Herodoto (484 anos antes de Cristo) :

O autor descreve os povos da Africa setentrional :

"A partir dos Garamantas, a dez outros dias de marcha, ha ainda um monticulo de sal e agua. Ainda vivem homens em volta. São o Atarantas, os unicos mortais, segundo sabemos, que não teem nomes proprios. Porque o de Ataranta lhes é comum. Nenhum deles usa nome. Eles maldizem o sol que lhes passa sobre as cabeças, pois seu calor consome os habitantes da região. Após outros dez dias de caminho, novo monticulo de sal, novo poço de agua e homems em torno. Perto do sul, ergue-se a montanha chamada Atlas, delgada, regularmente circular e tão alta, dizem, que é impossivel avistar-lhe o cimo, pois, inverno e verão, jamais as nuvens o abandonam. Os naturais do país afirmam que ela é a coluna do céu e dela tomam seu nome, chamando-se Atlantes. Pretendem que eles não comem nada que tenha tido vida e que não teem visões em sonho.

No *Timeu* de Platão (430 anos antes de Cristo) :

"Critias — Escutai, agora, Socrates, uma historia verdadeiramente singular e todavia absolutamente exata, segundo uma feita a contou Solon, o mais sabio dos sete sabios. Ele era parente e amigo intimo de Dropidés, meu bisavô, como confessou varias vezes, em seus versos. Ele contou, pois, ao meu antepassado e este gostava de recordar isso comigo na velhice, grandes e maravilhosos feitos realizados por essa cidade (Atenas) e caídos no

---

(3) Ed. Didot, 1844; e Desrez, 1857; trads. Buchon e Giguet.

olvido por efeito do tempo e pela morte dos homens. E um desses era o maior de todos. Talvez conviesse rememora-lo, ao mesmo tempo para vos render graças, e digna e verdadeiramente celebrar a Deusa (4) nestes dias de festa, o que será o mesmo que cantar um hino em seu louvor.

Socrates — Perfeitamente. Mas qual é essa façanha que Critias contava, não como simples ficção, porem como alta empresa realmente executada por esta cidade nos tempos idos e que ele ouvira a Solon ?

Critias — Vou reproduzir a antiga historia que ouvi da bôca desse ancião. Porque Critias tinha, então, segundo dizia, mais ou menos noventa anos. Eu devia ter no maximo dez... Si Solon não fizesse versos somente por passatempo, si se tivesse aplicado, e concluido a narração que trouxera do Egito, si não houvesse sido forçado pelas sedições e outras calamidades, que topou na sua volta, a abandonar de todo a poesia, na minha opinião, nem Hesiodo, nem Homero, nem poeta algum jamais seria mais celebre do que ele..." (*Entra aqui o que Solon narrou*) — "Ha no Egito... no Delta, na ponta em que o curso do Nilo se divide, certo nómo (*provincia, circunscrição*) chamado Saítico e desse nómo a maior cidade é Saís, lugar de onde era originario o rei Amásis. Acreditam os dessa cidade que certa Deusa a fundou : seu nome egipcio é Neith, (5) mas o grego deve ser, pelo que dizem, Atenéa. Eles estimam em alto gráu os atenienses e pretendem ser seus parentes. Solon contou que, tendo chegado entre eles, foi recebido com a maior consideração e que, interrogando um dia os mais sabios sacerdotes sobre suas tradições... um deles, que era muito idoso, lhe disse : — Solon, Solon, vós, Gregos,

(4) Atenas ou Minerva.

(5) O th grego com que se transcreve o nome saítico sôa como o th inglez.

sereis sempre crianças : um Grego jamais será velho ! A essas palavras replicou Solon : — Que entendeis por isso ? E o sacerdote continuou : — Sois todos moços, porque é moça a vossa alma. Porque nela não existe nenhuma tradição antiga e nenhuma ciencia encanecida pelo tempo. E eis a razão. Os homens fôram destruidos e o serão ainda de muitas maneiras. Pelo fogo e pela agua houve as destruições mais terriveis... A's vezes, ha um desvio dos corpos que circulam no céu em redor da terra. E, em intervalos de longas epocas, tudo o que vive sobre a terra perece pela superabundancia do fogo. Então, todos os que habitam as montanhas, os lugares elevados e enxutos, perecem antes dos que moram perto dos rios e do mar. Porem, para nós, o Nilo, nosso salvador em outras circunstancias, nos preserva tambem dessa calamidade pela inundação. Ao contrario, outras vezes, quando os deuses purificam a terra pelas aguas e a submergem, somente os vaqueiros e pastores das serras são salvos, emquanto os habitantes das cidades, como no nosso pais, são arrastados ao mar pelos rios. Nesta região, dá-se o inverso : nem nesse nem em outros casos, as aguas descem das alturas, mas sempre surgem naturalmente de sob a terra. Daí, segundo dizem, se conservarem aqui tradições mais remotas. A verdade, entretanto, é que, em todos os lugares em que não ha para expulsa-la frio excessivo ou calor ardente, existe sempre mais ou menos numerosa a raça dos homens. Tambem, seja entre nós outros, seja aqui, seja em outro lugar de que tenhamos noticia, tudo o que se tenha passado de belo, grande ou notavel, desde a antiguidade, nos templos e nas memorias foi salvo... Outróra, ó Solon, antes da grande destruição pela agua, essa mesma cidade de Atenas que hoje vemos era excelente nos trabalhos da guerra e a mais civilizada sob todos os aspetos. A ela se atribuiam todas as belas ações e as mais sabias instituições de que jamais se tem ouvido falar

debaixo do céu. — Solon contava que, depois desse discurso, maravilhado e curioso, pedira aos sacerdotes que lhe expuzessem exatamente a continuação das façanhas de seus antepassados. A que o mesmo sacerdote respondêra : — Da melhor vontade, Solon, direi tudo, não somente em consideração a vossa pessoa e a vossa cidade, como á Deusa que a protegeu, elevou e instruiu, assim como o fez á nossa. Das duas cidades, a vossa é mais velha de mil anos, porque se formou de Géa (6) fecundada por Hefaistos (7) Saís foi fundada mais tarde. Ora, segundo os nossos livros sagrados, oito mil anos passaram desde o nosso estabelecimento. E', pois, dos vossos concidadãos de ha nove mil anos que vou fazer-vos conhecer as instituições e, entre seus feitos, o mais glorioso de todos. Quanto aos pormenores, nós os percorreremos de começo ao fim outro dia, quando tivermos tempo e com os livros sob os olhos... Numerosos e grandes fôram as nossas façanhas e as de nossa cidade. Estão escritas aqui e nós as admiramos. Mas uma particularmente sobreleva as outras em grandesa e heroismo. Com efeito, nossos escritos relatam como Atenéa arrazou um poder insolente que invadia ao mesmo tempo toda a Europa e toda a Asia, atirando-se sobre elas do fundo do mar Atlantico, pois, nessa epoca, se podia atravessar esse mar. Nele havia uma ilha situada em face do estreito que chamais em vossa lingua Colunas de Hercules (8). Essa ilha era maior do que a Libia (9) e a Asia reu-

(6) Géa, a Terra.
(7) Vulcano.
(8) O estreito de Gibraltar.
(9) A Líbia correspondia á Africa conhecida dos antigos, á porção do continente compreendida entre Marrocos e o Egito, limitada ao sul pela Etiopia e o pais de Agazimba, isto é, Sudan e região dos Tuaregs. A Asia a que aí Platão se refere não é todo o continente asiatico e unicamente a Asia Menor, isto é, a Anatolia e as regiões limitadas pelo mar Negro, o Caucaso, a Mesopotamia, os desertos meridionais e o golfo de Suez.

nidas. Os viajantes passavam dela a outras ilhas e destas podiam ganhar o continente oposto que borda esse mar, o qual merecia em verdade seu nome de Pontus. Quanto a tudo o que está aquem do estreito de que falámos parece um porto de estreita entrada ; aí fica o mar propriamente denominado Pelagus e a terra que o rodêa póde ser chamada, no sentido proprio do termo, continente. Ora, nessa ilha Atlantida, os reis tinham formado um grande e maravilhoso imperio. Esse imperio dominava não só a ilha inteira como grande numero de outras ilhas e porções do continente. Alem disso, do nosso lado, ele se estendia sobre a Libia até o Egito e sobre a Europa até a Tirrenia. Essas forças reunidas tentaram avassalar nossa patria, a nossa e todos os povos sitos aquem do estreito. Foi, então, ó Solon, que vossa cidade adquiriu reputação de heroismo e energia, sobrepujando todos os povos vizinhos pela magnanimidade e genio militar. Primeiro, á frente dos Gregos ; depois, sozinha pela deserção dos aliados, arrostou os maiores perigos, venceu os invasores, elevou troféus, preservou da servidão os que ainda não tinham sido vencidos e, sem rancor, libertou todos os outros paises, mesmo nós que habitamos aquem das Colunas de Hercules. Mas, nos tempos subsequentes, houve terremotos horriveis e cataclismas. No espaço dum dia e duma noite fatal, todo o vosso exercito foi submergido duma só vez pela terra e a propria ilha Atlantida se afundou no mar, desaparecendo. Eis por que, ainda hoje, esse mar é dificil e inavegavel devido ao obstaculo dos depositos de lama provenientes da ilha submersa"...

No *Critias* (10) de Platão.

Critias — Antes de tudo, recordemos que nove mil anos passaram desde a guerra que, contam, se travou

---

(10) Para o *Critias* como para o *Timeu* : Ed. Didot ; trad. Victor Cousin, 1822-1840. J. B. Scherer dá tambem bôa tradução dos textos sobre a Atlantida. O mesmo faz Silbermann. Em inglês, a de Donnelly é excelente.

entre os povos que habitam aquem e os que habitam alem das Colunas de Hercules. E' preciso que eu vo-la conte do principio ao fim. Deste lado, nossa cidade tinha o comando. Do outro, estavam os reis da ilha Atlantida, que dissemos já ter sido outróra maior que a Libia e a Asia reunidas ; porem que, hoje, submergida pelos terremotos, não é mais do que um lameiro impraticavel, obstaculo invencivel para os navegantes que singram daqui para o grande mar. Os numerosos povos barbaros e os povos gregos dessa epoca aparecerão successivamente na continuação da minha narrativa, a medida das oportunidades que se apresentem. Devo, todavia, fazer-vos conhecer primeiro os atenienses e os inimigos que tiveram de combater, suas forças respectivas e seus governos. Dos atenienses convem falar em primeiro lugar. Os deuses partilharam outróra a terra inteira país por país, e sem disputas. Pois não se pode razoavelmente admitir que os deuses ignorassem o que convinha a cada um deles, nem que, sabendo-o, procurassem tomar uns aos outros a parte que lhes pertencia. Tendo, assim, obtido da justiça e da sorte o que lhes agradava, fixaram se em cada país e, depois de estabelecidos, como os pastores fazem com seus rebanhos, tomaram cuidado em alimentar e educar os homens, que eram, ao mesmo tempo, seus filhos e sua propriedade. Entretanto, não recorreram á violencia, como os pastores que batem no gado para conduzi-lo. Sabiam que o homem é um animal docil e, imitando o piloto que guia o navio, servindo-se da persuasão, como dum leme, para mover a alma ao seu sabor, dirigiram e governaram desta maneira toda a raça dos mortais..." Foi de tal modo que Vulcano e Atenéa receberam a Atica, da qual Critias dá longa descrição, insistindo nos costumes e instituições dos atenienses dessas eras remotas e, terminando essa parte do que expõe, acrescenta : "Eis quais eram esses homens, eis como governavam segundo as regras da justiça sua

cidade e a Grecia, celebradas e admiradas por toda a Europa e por toda a Asia pela beleza de seus corpos e as virtudes de suas almas. Mas quais eram os seus inimigos remontando até sua origem? E' o que vou expôr, meus amigos, fazendo-os conhecer, si ainda não perdi a lembrança do que ouvi contar na minha infancia. Antes de tudo, devo advertir-vos duma cousa para que vos não surpreendais de me ouvir dar aos barbaros nomes gregos. Eis por que ajo desta sorte. Quando Solon pensava transpôr esta narrativa nos seus poemas, quis conhecer a significação dos nomes e achou que os Egipcios, primeiros autores desta historia, os haviam traduzido no seu proprio idioma. Ele mesmo, encontrando o significado de cada nome, traduziu-os pela segunda vez na nossa lingua, afim de escreve-los. Os manuscritos de Solon estavam com meu avô e ainda estão agora comigo. Estudei-os profundamente quando menino. Si, pois, me ouvirdes pronunciar nomes gregos, não vos admireis. Sabeis a razão do meu proceder. A longa narração começava mais ou menos desta forma.

Dissemos precedentemente que os deuses tiraram á sorte as diversas partes da terra e uns obtiveram uma maior, outros uma menor, nelas estabelecendo templos e sacrificios. Foi assim que Poseidon (11), havendo recebido em partilha a ilha Atlantida, colocou os filhos que tivera duma mortal numa de suas partes. Perto do mar, á altura do meio da ilha, havia uma planicie, a mais bela, afirmam, e a mais fertil de todas as planicies. E, proximo da planicie, distante do seu centro, uma montanha de muito pouca elevação. Ali habitava um desses homens que, na origem das cousas, nascêram da terra, Evenor com sua mulher Leucipa. Eles tiveram uma filha chamada Clito. Seus pais morreram quando ela ficou nubil. Poseidon desejou-a e a ela se uniu.

---

(11) Netuno.

Depois, fortificou aquela colina, cercando-a de valas com agua do mar e de muralhas de terra, umas menores e outras maiores, duas muralhas e tres valas em circulo, que começavam do meio da ilha e ficavam a distancias iguais. Tornou-a, assim, inaccessivel, pois os navios e a arte de navegar não eram, então, conhecidos. Como era deus, facil lhe foi ornar e embelezar a ilha central. Fez brotar do sólo duas fontes, uma quente e outra fria. Fez com que a terra produzisse plantas alimenticias de toda a sorte, em quantidade suficiente. Successivamente, teve de Clito cinco pares de filhos machos (12) e os criou. Dividiu a ilha Atlantida inteira em dez partes, deu ao primogenito do primeiro par a moradia de sua mãi, com todo o campo ao redor, o mais vasto e rico da região, estabelecendo-o como rei de seus irmãos. Destes fez principes vassalos, igualmente, concedendo-lhes para governar grande numero de homens e vasta extensão de territorio. A todos, impôs nomes. Do primogenito, o rei, a ilha e o mar, denominado Atlantico, tomaram o apelido, porque fôra o primeiro a reinar. Chamava-se Atlas. Seu irmão gemeo, que nascêra logo após ele, teve em partilha a extremidade da ilha para o lado das Colunas de Hercules, região intitulada Gadirita. Ele chamava-se em grego Euméle e na lingua indigena Gadir (13) Deste nome é que o país tomou o seu. Os filhos do segundo par chamavam-se Anferés e Evémon. Os do terceiro, Mneséas, o primeiro, e Autoctone, o segundo. Os do quarto, Elazipo e Mestor e os do quinto Azaés e Diaprepés, na mesma ordem. Todos esses principes e seus descendentes habitaram esse país durante varias gerações. Eram tambem senhores de grande numero das outras ilhas do mar e, alem disso, como já contámos, reinavam tambem sobre as regiões situadas aquem das

---

(12) Gemeos do sexo masculino.
(13) De onde Gadés e Cadix.

Colunas de Hercules até o Egito e até a Tirrenia. A posteridade de Atlas teve sempre honras. O mais velho era rei e transmitia sua autoridade ao mais idoso de seus filhos, de maneira que conservaram a realeza na sua familia longos anos. Era tal a imensidade de riquezas que possuiam que nenhuma casa real nunca possuiu e jamais possuirá tantas. Tudo o que a cidade e os outros paises podiam fornecer tinham ao seu dispôr.

Muitas cousas eram importadas de fóra, graças ao seu poder ; mas a ilha produzia a maior parte das necessarias á vida. Primeiro, os metais solidos ou fusiveis e aquele mesmo de que somente nos resta o nome, porem que era uma realidade e se extraía de mil lugares da ilha, o *orichalco,* então o mais precioso dos metais depois do ouro. A ilha fornecia abundantemente todos os materiais de que as artes teem necessidade. Havia grande numero de animais selvagens e domesticos. Os elefantes pululavam. Todos os animais ali achavam farta alimentação, tanto os que vivem em pantanos, lagos e rios, como os que vivem nas montanhas e planicies, o proprio elefante, apesar de seu tamanho e voracidade. Alem disso, nela se produziam e prosperavam todas as essencias aromaticas que ha hoje na terra em qualquer lugar, raizes, brótos ou madeiras das arvores, sucos distilados pelas flores e pelos frutos. Dava ainda os frutos cultivados e os grãos proprios a nos alimentar, dos quais tiramos as farinhas e que chamamos cereais, nas suas multiplas variedades. Produzia tambem os frutos ásperos que nos fornecem ao mesmo tempo bebidas, alimento e perfume, os de casca, de dificil conservação, feitos para nos instruir e divertir, e aqueles que oferecemos á sobremesa, afim de aliviar o estomago farto e cansado. A ilha Atlantida, que teve outróra seu lugar ao sol, produzia todas essas maravilhas e todos esses tesouros em numero incalculavel. Pondo, portanto,

em uso todas essas riquesas de seu sólo, os habitantes construiram templos, palacios, portos, bacias para os navios e aformosearam a ilha inteira deste modo : Começaram por lançar pontes sobre os fóssos circulares que o mar enchia e que rodeavam a antiga metropole, pondo em comunicação a moradia real com o resto da ilha. Eles haviam elevado esse palacio desde a origem no proprio lugar habitado pelo deus e seus antepassados. Transmitindo-o uns aos outros, os reis não cessavam de ajuntar novos embelezamentos aos antigos. Cada um fazia os maiores esforços para deixar atrás os predecessores, de sorte que ninguem podia contemplar tanto luxo e beleza sem ficar admirado.

A partir do mar, cavaram um canal de tres pletros (14) de largura, cem pés de profundidade e cincoenta estadios de comprimento. Ele ia ter ao fosso exterior. Fizeram de molde que as naves vindas do mar pudessem ali entrar como num porto, arranjando uma bôca por onde os maiores navios passassem facilmente. Nas muralhas de terra que separavam os circulos de agua, á altura das pontes, abriram canais bastantes á passagem duma trireme, cobrindo-os com tetos, de maneira que as naves os atravessavam sob coberta. Porque os circulos de terra ficavam acima do nivel do mar. A maior das circumvalações de agua, a que comunicava com o mar diretamente, tinha tres estadios de largura e a da terra que se lhe seguia, a mesma dimensão. Das duas

---

(14) O pletro era a sexta parte dum estadio, correspondendo a 100 pés antigos. As medidas de comprimento grego variavam muito. Embora o estadio contasse sempre seis pletros e cada pletro cem pés, era computado de modo diverso em varias localidades. Havia o estadio olimpico, que correspondia a 192m.,27 ; o atico, que media 184m.,98 ; o asiatico, que equivalia a 147m.,85 ; e o das estradas, rodoviario como se diz hoje, que contava 157m.,50. E' de supôr que Platão se refere ao atico ou ao olimpico e podemos, para bem compreender as distancias apontadas, avaliar o estadio pela média de 190 metros.

imediatas, a de agua tinha dois estadios, bem como a de terra. Emfim, a ultima, que rodeava a ilha interior, um só estadio. O diametro dessa ilha interna onde se erguia o palacio real era de cinco estadios. Revestiram de muros de pedra o contorno da ilha, as circumvalações e o canal de tres pletros de largura. Construiram torres e portas na cabeça das pontes e á entrada das abobadas sob que passava o mar. Afim de executar esses trabalhos, talharam em volta da ilha interior e em cada lado das circumvalações pedras brancas, negras e rubras. Dessas pedreiras resultaram no interior da ilha duas bacias profundas com a propria rocha como cobertura. Tais construções eram umas simples, outras formadas de pedras para aprazimento dos olhos, apresentando um aspeto extremamente agradavel. Cobriram de cobre, á guisa de rebôco, o muro da circumvalação externa em todo o seu percurso, de estanho o segundo e a Acropole, de *orichalco* com reflexos de fogo.

Eis a disposição do paço real no interior da Acropole. No meio, se erguia o templo consagrado a Clito e Poseidon. O acesso era proibido e rodeava-o uma tela de ouro. Ali, no começo, Clito e Poseidon geraram outróra e deram á luz os dez chefes das dinastias reais. Ali vinham romarias, todos os anos, das dez provincias do imperio, oferecer a essas divindades os sacrificios usuais. O santuario de Poseidon media um estadio de longo, tres pletros de largo e uma altura proporcional. Havia no seu aspeto algo de bárbaro. Todo o exterior estava revestido de prata, menos as arestas do frontespicio, que eram de ouro. Dentro, a abobada, toda de marfim, ornava-se de ouro, prata e *orichalco*. As paredes, as colunas, os pisos cobriam-se de marfim. Aí colocaram imagens de ouro : o deus de pé sobre seu carro, guiando seis corceis alados, era tão grande que a cabeça tocava o teto ; em volta, cem nereidas sentavam-se sobre delfins. Pensava-se, então, que elas eram em numero

de ouro. Grande quantidade de outras estatuas oferecidas por particulares juntavam-se a essas. Ao redor do templo, do lado de fóra, perfilavam-se as figuras de ouro de todas as mulheres dos dez reis e de todos os descendentes que eles haviam gerado, assim como mil outras oferendas de reis e de particulares, tanto da cidade como dos paises estrangeiros conquistados. Pelas dimensões e pelo trabalho, o altar estava de acôrdo com essas maravilhas. E o palacio dos reis todo era como convinha á extensão do imperio e aos ornatos do templo.

Duas fontes, a fria e a quente, abundantes e inesgotaveis, pelo agrado e pela virtude de suas aguas satisfaziam admiravelmente todas as necessidades. Viam-se ao pé das casas arvores que gostam de humidade, tanques descobertos e, para os banhos quentes no inverno, com cobertura; aqui, os dos reis, ali, o dos particulares, acolá, o das mulheres; outros para os cavalos e bestas de carga em geral; todos ornados e decorados conforme o seu destino. A agua que deles provinha era conduzida ao bosque sagrado de Poseidon, o qual, graças á excelencia do sólo, possuia arvores de toda a especie, de tamanho e beleza divinos. Dali faziam a agua correr para os valados externos por aquedutos cavados na direção das pontes. Numerosos templos consagrados a muitas divindades, varios jardins, ginasios para homens, hipódromos se elevavam em cada recinto dos fóssos, que eram como ilhas circulares. Havia sobretudo no meio da maior, um hipódromo dum estadio de largura e bastante comprido para permitir que os cavalos fizessem, correndo, a volta completa do recinto. Em roda, de ponta a ponta, existiam quarteis para quasi todo o efetivo da guarda do monarca. As tropas de mais confiança se alojavam na menor das ilhas que ficava mais perto da Acropole. Emfim, os que entre todos se distinguiam pela fidelidade ficavam na propria Acropole, junto aos reis. As bacias das portas viviam cheias de trirremes e de

todos os aparelhos precisos para arma-las. Tudo era instalado em perfeita ordem. Eis como tudo estava disposto em torno do palacio real.

Alem e fora dos tres portos, via-se um muro circular que começava no mar e ficava por toda a parte na distancia de cincoenta estadios da circumvalação maior que formava o grande porto. Essa muralha vinha fechar-se sobre si mesma na bôca do canal que se abria para o mar. Milhares de casas se comprimiam nesse intervalo. O canal e o porto principal regorgitavam de barcos e de mercadores vindos de todas as partes do mundo, e essa multidão fazia dia e noite um vozerio e tumulto continuos. Penso ter fielmente recordado o que a tradição relata dessa cidade e da antiga residencia dos reis. Preciso agora procurar expôr o que a natureza fez pelo resto do país e o que a arte a isso ajuntou de embelezamento. Ao principio, disse que o solo era muito elevado acima do nivel do mar e que as praias da ilha eram cortadas a pique ; que ao derredor da cidade se estendia uma planicie, ela mesma rodeada de serras que se prolongavam até o mar ; que essa planicie era nivelada e uniforme, oblonga e medindo dum lado tres mil estadios e do mar ao centro mais de dois mil. Essa parte da ilha olhava para o sul e não recebia os ventos do norte. Gabavam-se as montanhas que a defendiam. Sem iguais hoje pela quantidade, grandesa e beleza, continham ricas e populosas aldeias, rios, lagos, prados, animais bravios e domesticos que viviam á farta, numerosas e vastas florestas capazes de fornecer materiais de toda a especie para obras de toda a sorte.

Tal foi essa planicie, graças aos beneficios da natureza e aos trabalhos dos reis durante longo tempo. Tinha a forma dum quadrilatero alongado, de lados quasi retilineos. Ali onde os lados se afastavam da linha reta, corrigiram essa irregularidade traçando o fósso continuo que limitava a planicie. Quanto á profundidade, largura

e extensão desse fôsso, é dificil acreditar o que se conta, pois se trata de obra do homem e a gente o compara a obras do mesmo genero. Fôra cavado a um pletro de fundura, media um estadio de largo e, como cercava a planicie toda, contava dez mil estadios. Recebia todas as aguas que se despejavam das serras, envolvia a planicie, tocava pelas duas extremidades na cidade e ia descarregar no mar. Da borda superior desse fôsso, partiam canais retilineos de cem pés de largura que cortavam o plaino em linha reta e voltavam ao mesmo fôsso na vizinhança do mar. Cada um distava do outro cem estadios. Para transportar por agua a madeira das montanhas e os diversos produtos de cada estação á cidade, fizeram os canais se comunicarem entre si e com a cidade por outros transversais. Notai que a terra dava duas colheitas anuais, porque era regada no inverno pela agua do céu e no verão pela dos canais.

O numero de soldados que devia fornecer a planicie capazes de levar armas fôra fixado como se segue. Cada distrito devia eleger um chefe de destacamento. Havia sessenta mil distritos de dez estadios por dez estadios. A tradição relata que os habitantes dos montes e das outras regiões do país eram em numero infinito e fôram distribuidos segundo as localidades ou aldeias, em divisões semelhantes, tendo cada uma seus chefes. Cada chefe de destacamento devia fornecer em tempo de guerra a sexta parte dum carro de guerra, de modo que se somassem dez mil ; dois cavalos e seus cavaleiros, uma parelha de cavalos sem carro, um combatente com um pequeno escudo, um cavaleiro que guiasse dois cavalos ; dois infantes pesadamente armados, dois archeiros, dois fundibularios, tres infantes ligeiros com fundas, tres com dardos e, emfim, quatro marinheiros, afim de completar as equipagens de mil e duzentos navios. Era essa a organização das forças militares na cidade real. Quanto ás nove provincias, cada qual tinha a sua

e seria muito longo discrimina-las. No que concerne ao governo e autoridade, eis a ordem estabelecida desde o começo. Cada um dos dez reis, na provincia que lhe cabia e na cidade onde residia, tinha todo poder sobre os homens e sobre a maioria das leis, infligindo a pena de morte ao seu sabor. Mas a autoridade dos reis uns sobre os outros e suas relações se regulavam pelos decretos de Poseidon. A tradição lhes prescrevia isso, assim como a inscrição gravada numa coluna de *orichalco* colocada ao centro da ilha, no templo de Poseidon.

Os reis reuniam-se periodicamente, ora de cinco em cinco, ora de seis em seis anos, fazendo alternar regularmente os anos pares e impares. Nessas assembléas, deliberavam sobre os negocios comuns, procuravam verificar as infrações á lei e pronunciavam julgamentos. Si deviam emitir uma sentença, eis como juravam fé, mutuamente. Depois de se têrem soltado touros no recinto sagrado de Poseidon, os dez reis sozinhos suplicavam o deus que escolhesse a vitima que lhe seria agradavel e punham-se a perseguir os touros sem outras armas alem de paus e cordas. Logo que apanhavam um deles, levavam-no até a coluna e o imolavam na sua base, como estava prescrito. Alem das leis, se inscrevêra na mesma coluna um juramento terrivel e imprecações contra quem as violasse. Realizado o sacrificio e consagrados os membros da hostia segundo as leis, os reis recolhiam o sangue gota a gota num vaso e aspergiam cada um deles com um pingo. Punham o resto ao fogo, depois de têrem feito as purificações ao redor da coluna. Em seguida, tirando o sangue do vaso com taças de ouro e derramando-o na fogueira, juravam julgar de conformidade com as leis inscritas na coluna, punir severamente quem quer que as tivesse violado anteriormente, cumpri-las com todo o seu poder, não governar eles proprios e não obedecer ao que governasse, sinão observando as leis de seu pai. Após haverem

pronunciado essas orações e promessas, por si e seus descendentes, após têrem bebido o resto das taças e tê-las deposto como oblatas no templo do deus, preparavam-se para o repasto e outras ceremonias necessarias. Caída a noite e esfriadas as cinzas do braseiro do sacrificio, depois de vestirem tunicas azuladas perfeitamente belas, de se têrem assentado no chão perto dos ultimos vestigios da oferenda, ditavam seus juizos e os sofriam, si algum dentre eles era acusado de haver infringido as leis. Terminadas as sentenças, ao nascer do sol as inscreviam numa placa de ouro que se suspendia com as tunicas nas paredes do templo, como recordação e aviso.

Havia, alem dessas, grande numero de leis especiais relativas ás atribuições de cada um dos dez reis. As principais eram de não se armarem uns contra os outros, de auxiliar aquele que outro quisesse expulsar de seus estados, de deliberar em comum a exemplo de seus antepassados quanto á guerra e outras resoluções importantes, deixando o comando supremo á raça de Atlas. Um rei não podia condenar á morte um parente sem o consenso da maioria dos outros.

Tal era o formidavel poder que outróra se estabelecêra nessa terra e que, segundo as tradições, a divindade atirou contra as nossas regiões pelo motivo seguinte. Durante varias gerações, emquanto neles houve qualquer cousa da natureza do Deus de que tinham nascido, os reis obedecêram ás leis estatuidas e honraram o principio divino a que se aparentavam. Seus pensamentos eram conformes á verdade e inteiramente generosos. Mostravam-se cheios de moderação e sabedoria em todas as eventualidades, como nas suas relações mutuas. Por isso, olhando com despreso tudo o que não era a virtude, faziam pouco caso dos bens presentes e carregavam naturalmente como um fardo o ouro, a abundancia, as vantagens da fortuna. Longe de se deixarem embriagar pelas delicias, de abdicar o proprio governo

entre as mãos da fortuna e de se tornarem joguetes das paixões e do erro, sabiam compreender que todos os outros bens aumentam de acordo com a virtude e, ao contrario, quando são buscados com muito zelo e ardor, perecem e com eles perece a virtude. Emquanto assim raciocinaram e conservaram a divina natureza de que haviam participado, tudo lhes sorriu, como dissemos. Mas quando o elemento divino veiu a minguar pela mistura continua com a natureza mortal, quando o elemento humano sobrelevou o outro, então, impotentes para suportar a prosperidade, degeneraram. Os que entendiam isso, compreenderam que se tinham tornado máus e perdido o mais precioso dos bens. E os que eram incapazes de perceber o que torna a vida na verdade feliz julgaram que houvessem atingido ao ápice da virtude e da felicidade no tempo em que os devorava a paixão de aumentar riqueza e poder.

Então, o deus dos deuses, Zeús, que governa segundo as leis da justiça, cujos olhares por toda a parte discernem o bem e o mal, vendo a depravação dum povo, antes tão generoso, e querendo puni-lo para o trazer á virtude e á sabedoria, reuniu todos os deuses na parte mais brilhante das moradias celestes, no centro do universo, de onde se contempla tudo o que participa da geração e lhes disse..."

(*O resto perdeu-se.*)

Da *Etiopia* de Marcellus (15) (in Proclus):

"Os habitantes da ilha de Poseidon conservavam, transmitida por seus antepassados, a tradição da ilha Atlantida que realmente existira nessas paragens. Era a maior de todas e durante longos periodos imperára

---

(15) Calcula-se que Marcellus tenha vivido 200 anos depois de Cristo. Sua obra não chegou até nós. Proclus cita-a no seculo V da nossa éra, no *Comentario ao Timeu*. Ed. de Schneider, 1847. V. o texto relativo em Didot-Muller – *Fragmenta historicum graecorum*.

sobre todas as ilhas do mar Atlantico. Pertencia tambem a Poseidon."

De Deodoro Siculo (16) (Liv. III — LIII.) (sessenta anos antes de Cristo):

"Contam que, nos confins da terra e ao ocidente da Libia habita uma nação governada por mulheres chamadas Amazonas. Segundo a tradição, as Amazonas viviam numa ilha chamada Hespéra, situada ao oeste, no lago Tritonis. Esse lago, que fica proximo do Oceano, que rodêa a terra, tira seu nome do rio Triton, que nele desemboca. O lago Tritonis acha-se na vizinhança do Etiopia, ao pé da mais alta montanha desse país, que os gregos denominam Atlas e que se limita com o Oceano. Encorajadas pelos triunfos, as Amazonas percorreram varias partes do mundo. Dizem que os primeiros homens que elas atacaram fôram os Atlantes, o povo mais civilizado dessas regiões, habitantes dum país rico e cheio de cidades. Foi no meio dos Atlantes e no país vizinho ao oceano que, segundo a mitologia, nascêram os deuses..."

Na *Vida de Solon* (17) de Plutarco (1.° seculo da era cristã):

"Solon empreendêra pôr em verso a historia ou fabula dos Atlantidas que ele recebêra dos sacerdores de Saís e que interessava aos atenienses. Mas renunciou em breve a esse proposito, não, como Platão diz, por ter sido desviado por outras ocupações, mas receioso do longo trabalho devido á sua velhice, como ele proprio confessa neste verso:

Sim, eu envelheço aprendendo sempre.

---

(16) Ed. Didot; trads. Amyot, Terrasson e Hoefer.
(17) Trads. Amyot e Ricard.

e nestes :

Dou meus cuidados a Venus, ás Musas e a Baco,
Deuses que são o premio do prazer dos mortais.

Platão, apoderando-se do assunto como de bela terra abandonada e que lhe pertencia por direito de parentesco, fez praça de acaba-lo e aformosea-lo. Pôs-lhe soberbo vestibulo, rodeou-o de muros magnificos e de vastos pateos e ajuntou-lhe tão belos ornamentos que jamais fabula ou poema algum tiveram semelhantes. Mas começára demasiado tarde. A morte não lhe deu tempo de acabar a obra. E o que lhe falta causa ao leitor tanto pesar quanto prazer lhe causa o que ficou..."

Em Amiano Marcelino (18) (Liv. XVII — VII) (seculo IV da era cristã) :

Tratando das comoções teluricas : "As *chasmatiae*, ou força da comoção, escancaram abismos e absorvem pedaços de terra, subitamente. Assim, se afundou na profunda noite do Erébo uma ilha do Atlantico mais vasta que toda a Europa."

Nas *Varias historias* (19) de Eliano (XVIII) (Seculo III da era cristã) :

"Si se der credito a Teopompo, Midas, rei da Frigia, conversava um dia com Sileno, que era filho duma ninfa e, por isso, embora de nascimento de ordem inferior aos deuses, era imortal e estava muito acima das condições humanas. Depois de tratarem de varias cousas, Sileno disse a Midas : — A Europa, a Asia e a Libia são ilhas que as ondas do oceano banham por todos os lados. Fóra dos limites desse mundo, somente existe um unico continente, cuja extensão é imensa."

---

(18) Ed. Nisard ; trad. Fleutelot.
(19) Ed. Moutard ; trad. Dacier, 1772.

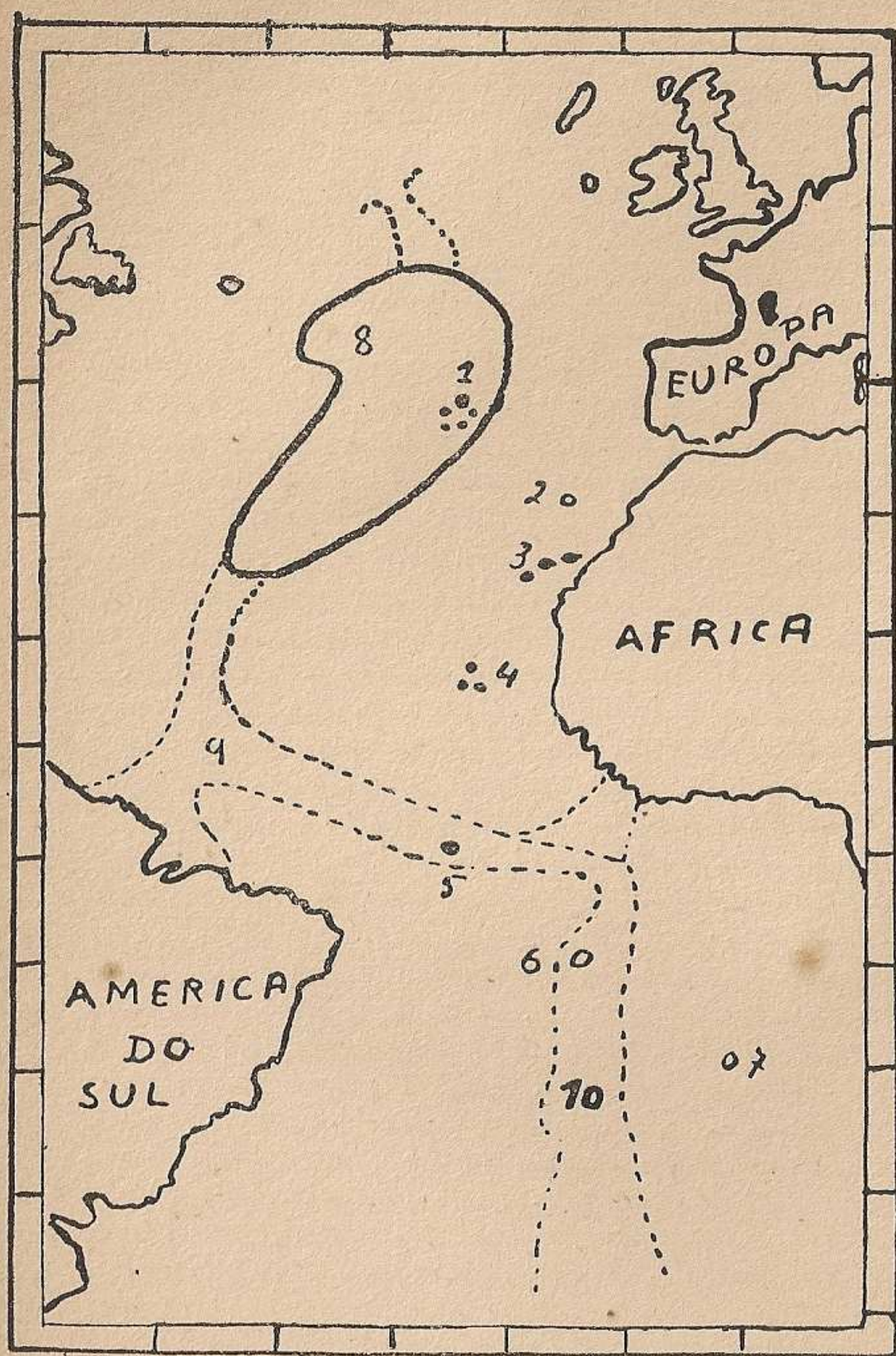
No *Baghavata-Purana* (20) (c. XVI) (epoca incerta) : Descrição da Terra : "Os sete fóssos cavados pelas rodas do carro de Priavrata formaram sete oceanos, o que quer dizer que a terra se compunha de sete continentes."

LIGEIRA CRITICA DOS TEXTOS

A referencia de Homero é uma vaga alusão e só vale como a primeira feita em autor chegado até nós da civilização mediterranea. O que ha de mais notavel nela é aquele *umbigo do mar*, colina ou monte que dominava a Atlantida, segundo Platão e onde ficava o acropolio real.

Herodoto, passando em revista os povos da Africa setentrional, inclúe como os mais ocidentais deles os Atlantes, cujo país, no seu modo de vêr, se estende do Golfo de Gabés ás colunas de Hercules. No seu texto, nada do continente perdido, sinão o nome da gente e o monte Atlas, cujo cimo mergulha nas nuvens e que, de certo modo, recorda o já citado *umbigo do mar*. E' no texto de Herodoto que se firmam em primeiro lugar aqueles que pretendem identificar a Atlantida com a antiga Mauritania.

Platão era parente de Solon. Não sobrinho, como diz um anotador de Plutarco. Sua mãi Perictione' era irmã do tirano Critias, neto de Critias o Velho e bisneto de Dropidés, irmão de Solon. Esta é a genealogia mais abonada e seguida. Ha outra que ainda alonga mais o parentêsco. Os textos platonicos são clarissimos e revestem a forma de dialogos. No primeiro, ele relata rapidamente o que sobre a Atlantida soubera Solon dos sacerdotes de Saís. No segundo, entra em pormeno-

(20) Trad. Burnouf, 1860.

Mapa do Oceano Atlantico com as suas ilhas e as cordilheiras submersas que as ligam, mostrando a posição presumivel da Atlantida. (Desenho de Flavio Barroso).

1) — Arquipelago dos Açores. 2) — Ilha da Madeira. 3) — Arquipelago das Canarias. 4) — Arquipelago de Cabo Verde. 5) — Rochedos de S. Pedro e S. Paulo. 6) Ilha da Ascensão. 7) — Ilha de Santa Helena. 8) — Parte mais elevada da cordilheira sulmarina do Atlantico determinada pelas sondagens do **Dolphin**. Local presumivel da Atlantida na ultima fase. 9) — Cordilheira de ligação submarina. 10) Cordilheira determinada pelas sondagens do **Challenger**.

res e estende-se em descrições. Todas essas informações perpetuaram-se na familia por tradição oral. Critias o Velho narrava a historia aos netos, aos noventa anos. Critias o Tirano devia ter uns dez anos quando a ouvia. E' nos labios deste Critias que Platão a põe. Não parece tê-la inventado, mas realmente a recebido de seus maiores. Ele proprio declara que os manuscritos de Solon estavam com o seu antepassado, que os estudára quando jovem e ainda os conservava. Os textos não são contraditorios. Antes se completam. E é fato historico que Solon tenha estado no Egito.

A critica historica admite que a tradição da Atlantida existia entre os antigos, que Platão a não inventou e que nenhuma razão de peso se opõe a que se aceite ter Solon a recolhido na sua viagem ao Egito. Discutidos através dos seculos, os textos de Platão sobre a Atlantida pódem ser taxados de fabulosos como ser cridos com entusiasmo, mas nunca poderão ser despresados.

Marcellus é um autor perdido, talvez do II.º seculo da nossa era. O seu fragmento sobre a Atlantida está citado na obra de Proclus. Ele é um eco dos dialogos platonicos.

Já o texto de Deodoro Siculo merece mais atenção. Reporta-se de entrada ás Amazonas, que, segundo Silbermann, se podem identificar com as Libias autoctones, que eram guerreiras. Os antigos documentam a tradição da importancia das mulheres entre os libios, sobretudo Herodoto. Elas eram educadas rudemente e sabiam combater. Tempos adeante, como recordação dessas glorias femininas, os mercenarios libios do exercito cartaginês ainda usavam roupas de mulher. Flaubert, documentado, os descreve assim na *Salammbô*. Na opinião de Bérard, os gregos davam o nome de Atlas a uma alta montanha da Tessalia e, depois, por extensão, o aplicaram a qualquer monte fóra do comum. A significação mais propria da palavra seria *pilar*. Assim,

essa denominação nas paginas de Deodoro tem somente importancia relativa. O texto do siciliano é outra base daqueles que vêm a Atlantida no norte da Africa.

O que mais interessa no texto de Plutarco, é ele dizer que Solon não pôs em verso a sua narrativa, como queria Platão, por outras ocupações e sim por temer na velhice o exaustivo trabalho. Plutarco é um autor de veracidade comprovada e essa afirmação demonstra que ele tinha outras fontes de informação alem de Platão. E' quasi certo que tenha compulsado outra versão da viagem de Solon ao Egito, tanto que, em outro lugar, nos transmite os nomes perfeitamente egipcios dos sacerdotes que aquele conhecera e com quem privára : Psenophis de Heliopolis e Sonchis de Saís. Pois, si não, como comparar a de Platão com outra, como dizer que ele de um assunto abandonado fizera um templo magnifico e infelizmente inconcluso, ornamentando-o, embelezando-o? Não se sabe que autores, alem de Platão, falaram da ida de Solon a Saís, mas um deles, sem duvida, Plutarco achou para se informar. O que demonstra mais uma vez que, si a fantasia de Platão enriqueceu um assunto, absolutamente não o inventou.

Amiano Marcelino é outro eco dos dialogos platonicos e serve para mostrar que a ciencia do seu tempo admitia a possibilidade duma comoção telurica, capaz de sepultar no oceano um continente.

O trecho de Eliano, com o depoimento de mais um autor antigo Teopompo, no qual ele proprio não tinha grande confiança, repete a tradição, si se aceitar como a Atlantida esse *unico continente* que Sileno declarava existir alem da Asia, da Libia e da Europa.

Como todos os textos dos livros sagrados do oriente, o do Baghavata-Purana carece de interpretação. As rodas do carro divino cavaram sete oceanos. Quais serão? Os que hoje determinamos : Atlantico, Pacifico,

Indico, Artico, Antartico são cinco. Que outros mares os indús contariam para perfazer a soma? O Mediterraneo? O Caspio? E os sete continentes? Enumeramos cinco partes do mundo: America, Asia, Africa, Europa e Oceania. Na sua conta de sete, eles deviam considerar pelo menos tres outros, pois a America devia ser-lhes desconhecida. Talvez a Oceania tambem. Afim de completar os sete, teremos de apelar para o continente Hiperbóreo, o mais antigo de todos, de que falam velhas tradições; para o Pacifico a que se referem os ocultistas; para a Lemuria, nome creado por Sclater, que Forster, de Brosses, Dumont d'Urville, Broca, Haekel e outros aceitam, e para a Atlantida. O versiculo vale como mais um eco da tradição oriental de mundos desaparecidos.

OUTRAS TRADIÇÕES

Essa tradição vivia tambem entre os povos americanos antes de Colombo. O *Popul Vuh*, livro sagrado dos Quichés (21), conta que os antepassados destes tinham vindo havia muito tempo dum país maritimo do oriente, trazendo com eles a escrita. Os indios norte-americanos do Iowa e do Dakota narravam que, outróra, haviam vivido reunidos numa grande ilha do lado do nascente. O manuscrito Maia (22) conhecido pelo nome de codigo Troano, estudado por Brasseur de Bourbourg, traduzido por Le Plongeon, relata uma catastrofe sismica que fizera desaparecer, oito mil e sessenta anos antes da composição desse livro, o país de Mu. Todos os grandes civilizadores dos povos da America eram brancos, barbados, sabios e vinham do oriente: o Cuculcan do Mexico, o Zamna do Iucatan,

(21) Povo antigo da America Central.
(22) Maya, povo do Iucatan.

o Bochica da Colombia. E os toltecas e aztecas, segundo o que eles proprios contavam, não eram originarios do país onde moravam, mas de outro, misterioso e longinquo, chamado Aztlan ou mesmo Atlan.

Do outro lado do Atlantico, a lenda se desenvolve em sentido contrario, como si a irradiação dos sobreviventes da Atlantida engolida pelo oceano se tivesse feito nos dois sentidos — da America e da Europa. Entre os gauleses, vivia a lembrança de que os celtas antigos haviam vindo de ilhas distantes do lado do poente, expulsando das terras que passaram a ocupar os primitivos habitantes, hoje considerados como de raça finica. Hu-Gadarn, seu heroi epónimo, condutor dos povos, inventor do arado e do barco, civilizador como Quetzalcoatl ou Nemqueteba, trouxera os celtas de longinqua terra ocidental do oceano Atlantico. Daí a teoria que indica Portugal, Portus Galliae, o porto dos gauleses, para essa chegada ; de onde subiram á Galiza, dominando, depois, a França, Galia, estendendo-se á Valonia ou Galonia, Belgica atual ; atravessando o estreito e dominando as ilhas Britanicas : País de Gales, Gaeledonia ou Caledonia. Mais tarde, seus impulsos, no tempo dos Brenns ou Chefes Militares, os atiraram pela Europa até o oriente : Galia Cisalpina, Galicia, Galacia, Galiléa. Alguns enumeram até os famosos Galas da Abissinia.

Entre os habitantes das costas noroestinas e setentrionais da França vivia a lenda da maravilhosa cidade de Is sepultada no oceano. Apesar dos que procuram identifica-la e dos que procuram provar a possibilidade dum maremoto que houvesse engolido povoações no litoral normando e bretão, a lenda nunca deixou de ser lenda e, como tal, de ser — na opinião de Le Dain — *la trace indéniable d'un fait.* O almirante Thévenard quer que a cidade submersa seja uma Ker-Is ou cidade baixa que ali houve outrora, conforme se afadiga a pro-

var, admitindo que a baía de Douarnenez, geralmente apontada como o local onde ela se erguia teve em remotas eras outra configuração. Jollivet acha possivel a submersão deante das muitas ruinas de antigas povoas devastadas pelo mar, de Quiberon a Tréguier. Para Moreau, o perfil das rochas da ponta do Raz, na Bretanha, que lembra, embora grosseiramente, o duma cidade não foi estranho á formação da lenda famosa. E Paul Sebillot, que a estuda exaustivamente, não se atreve a uma opinião que passe as raias do folclore.

Entretanto, a lenda quer que, como Platão contou da Atlantida, a impureza de costumes e a maldade trouxeram para a cidade o seu castigo. Foi devido aos desregramentos da filha de seu rei que Is foi sepultada no oceano. Ela subsiste, porem, intacta sob as aguas, com todos os seus habitantes subitamente imobilizados naquilo que praticavam quando se deu a catastrofe. No dia em que se disser no fundo do mar uma missa, ela ressurgirá das profundezas marinhas com todos os seus moradores redivivos. Aqui o elemento cristão penetra na trama vetusta e lhe compõe um fim.

Por toda a França litoranea do norte e do noroeste, a lenda repercute, versando o tema quasi constante das cidades e terras malditas pela perversidade e luxuria de seus moradores : a Chausey dos pescadores de Saint-Malo que fôra construida sobre tresentas colinas e que soçobrou no dia em que uma filha participou da conspiração que devia destronar seu pai ; a Gardayne do velho *Roman d'Aquin* medieval, vitima da degenerescencia de seu povo ; a Nasado bretôa que se afunda apodrecida pelos vicios ; a Erquy da Mancha que sofre nos abismos o castigo ás suas maldades ; a Antioquia da ilha de Ré, que foi amaldiçoada pelos seus crimes ; e a propria Belesbat da Vendéa que uma maldição afogou, não sob as ondas, mas sob as areias movediças. . .

As lendas do diluvio, comuns a quasi todos os povos, menos talvez alguns da Africa, são tambem, para muitos autores, parte integrante do ciclo de tradições referentes á catastrofe da Atlantida. Fabre d'Olivet não explica por que, mas quer até que a famosa festa das lanternas anualmente celebrada no Japão seja destinada a perpetuar a memoria desse pavoroso cataclisma que fundamente impressionou as antigas humanidades.

Não devemos esquecer os vestigios dessas tradições na India. São dos mais importantes. No livro III das *Leis* de Manú se lê que os antepassados dos antepassados dos brahmanes eram os *rutas* e os simples antepassados, os *adityas*. E' curioso, pois, lembrar que os esotericos dividem a Atlantida, após o primeiro cataclisma em duas partes : Ruta e Daitya. Alguns autores referem-se ainda a manuscritos avaramente conservados pelos brahmanes e que são atribuidos aos antigos atlantes. Outros querem ver a Atlantida ou uma parcela da mesma no lugar que os *Puranas* indicam como o berço de Asuramaia, o grande magico, o astronomo, o astrologo, o iniciado, cuja fama enche paginas desses livros sagrados. E para muitos, nas relações sobre o diluvio contidas no *Hari Purana*, no *Rig-Veda* e no *Mahabaratta* vem, sem a menor duvida, a memoria da catastrofe terrivel que ha centenas de seculos subverteu no pelago o continente maravilhoso.

Segundo Le Dain, para os indús houve os seguintes continentes: 1.º a Terra Sagrada, onde nasceu o primeiro Adão ; 2.º o Hiperboreo, berço da segunda raça ; 3.º a Lemuria, onde viveu a terceira raça ; 4.º a Atlantida, ninho da 4.ª raça: e, emfim, os continentes atuais.

A TEORIA DOS DILUVIOS

Segundo alguns sabios, os diluvios são periodicos. Cuvier esposou essa opinião. Adhémar expõe da se-

guinte forma a sua teoria pessoal sobre essa periodicidade:

"A terra, no seu movimento de translação, descreve uma elipse da qual o sol é um dos fócos e por ele passa a linha dos equinoxios. O resultado é terem duas extensões desiguais as duas partes da curva situadas alem e aquem dessa linha. Como já Hiparco notára ha vinte seculos, ela não é fixa. Lentamente, mas perpetuamente retrograda, de modo a efetuar uma volta completa em 21 mil anos. Esse é o fenomeno conhecido pela designação de precessão dos equinoxios. Explica-se pela combinação do movimento de rotação da terra em torno do seu eixo com a ação perturbadora do sol e da lua sobre as camadas materiais acumuladas em volta do equador terrestre, sem as quais a forma da terra seria absolutamente esferica. Graças á precessão dos equinoxios, a duração das estações varia perpetuamente em relação a cada um dos pontos da orbita terrestre, de tal sorte que, depois dum intervalo de 10.500 anos, a ordem que apresentavam está invertida relativamente aos dois hemisferios. O periodo total é, pois, de 21 mil anos, duração da revolução completa da linha dos equinoxios. Nos momentos extremos desse periodo, isto é, quando a diferença entre a duração do estio nos dois polos é maior, aquele dos dois polos em que a estação quente é mais longa recebe num ano 4.464 horas de dia e 4.296 de noite, emquanto que o polo contrario somente obtem 4.464 horas de noite e 4.296 de dia. Nesse momento, a duração total das horas de dia excede, pois, de 168 horas a duração total das de noite para um dos dois polos. Dá-se a reciproca quanto ao outro. E' facil compreender que a quantidade media de calor recebido durante certo numero de horas de dia se perde no espaço por irradiação durante um numero igual de horas de noite. A temperatura dum lugar depende da diferença entre o calor recebido e o calor perdido em

um tempo determinado. Um lugar esfria quando o calor proveniente do sol é menor que o perdido por irradiação. No caso contrario, ele se aquece. Portanto, si imaginarmos um momento o globo terrestre rodeado de agua por todos os lados, é evidente que os gelos se formam em maior quantidade no polo com a desvantagem das 168 horas da noite e que essa diferença repetida em 10.500 anos acaba por ser consideravel. Emquanto os gelos formados no polo flutúam, nada produzem de apreciavel no equilibrio dos mares, pois, em virtude do principio de Arquimedes, seu peso é igual ao do volume de agua deslocado pelas partes mergulhadas no mar. Mas ha um momento em que a superficie inferior do pedaço de gelo toca o chão e *desloca, assim, o centro de gravidade.* Então, as aguas começam lentamente a se dirigir para esse hemisferio e como, ao mesmo tempo, os gelos derretem no outro polo, produz-se um grande cataclisma e as aguas se precipitam como uma torrente, por cima da zona torrida, para irem submergir o outro hemisferio. A' evolução lenta do regime das aguas sucede, pois, *bruscamente*, a *revolução*, a qual não somente ficou guardada na tradição como nos irrecusaveis testemunhos fornecidos pelos blocos erraticos esparsos num e noutro hemisferio até o 35° de latitude, aonde foram transportados pelos gelos que derreteram e os deixaram intactos sobre o sólo."

O geologo Elias de Beaumont declara, em apoio dessa teoria, que o perfeito estado de conservação dos chamados blocos erraticos é uma prova incontestavel da presença de enormes pedaços de gelo na torrente que, outróra, atravessou nosso hemisferio, na direção de norte a sul. E acrescenta que, desde o ano de 1248, o hemisferio boreal começa a esfriar emquanto se aquece o austral no preparo de nova revolução das aguas.

AS OPINIÕES

Tema tentador pelo seu tragico misterio, o da Atlantida não deixou socegar através dos seculos a mente humana. Todos os estudiosos e sabios com ele se teem preocupado, uns para destruil-o, outros para exalta-lo, outros para dele duvidar. Mas a nenhum foi estranho, desde que tiveram de tratar de materia atinente ás religiões, ás filosofias, á historia da terra e das gentes ou ás tradições da civilização.

A teosofia aceita como um dogma, a existencia dum vasto continente que ocupara todo ou quasi todo o oceano Atlantico, bem como que fôsse precedido por outro, a Lemuria, de que restam as ilhas grandes e pequenas que vão de Madagascar á Nova Zelandia e a Sumatra. Aí foi o berço da raça humana. E procura provar isso tudo pela identidade de certas plantas, de certos animais, pela analogia das raizes dos idiomas, dos hieroglifos, das inscrições e dos cultos primitivos. O curioso é encontrarem-se na defesa duma tese como a da Lemuria espiritos tão diversos em tudo e por tudo como a senhora Blavatsky e Ernesto Haeckel. Com efeito, paleontologos e antropologos assinalam a existencia dum continente desaparecido que devia ocupar quasi todo o hemisferio austral. A opinião corrente é que o mesmo ocupava parte da Asia e da Africa meridionais, as terras e mares de quasi toda a Oceania e chegava a tocar o extremo da America do Sul. O nome lhe foi dado pelo sabio inglez Sclater, que o tirou do antropoide Lemur. Haeckel acredita que nele se desenvolveram os animais do tipo denominado *lemurido*. Os esotericos calculam a sua duração entre 4 e 5 milhões de anos. Segundo Scott Elliot, sua flora se caraterizava pelas coniferas e pelos fetos arborecentes gigantescos. Era uma região, na sua quasi totalidade,

pantanosa, quente e humida. A fauna se compunha dos monstros que conhecemos por antediluvianos: ictiosaurios, dinosaurios, plesiosaurios, iguanodontes, pterodactilos e outros. O naturalista britanico Blandfort conclue a respeito: "A paleontologia, a geografia fisica e as observações sobre a distribuição da fauna e da flora demonstram uma comunicação prehistorica entre a Africa, a India e o arquipelago da Oceania. Essa Australia primitiva deve ter existido do começo do periodo permico até o fim do periodo mioceno. A Africa do Sul e a peninsula Indostanica são os restos desse continente".

E' curioso notar, de passagem, que, emquanto a ciencia facilmente aceita a Lemuria, crêa todas as dificuldades a receber como fato comprovado a Atlantida.

A analise do folclore oriental, como a dos contos das *Mil e uma noites*, feita eruditamente e do ponto de vista teosofico por Mario Roso de Luna, tende a demonstrar que a maioria das lendas *soi-disant* arabes traçam simbolicamente a historia do desaparecimento da Atlantida.

Entre os proprios doutores da Igreja, Tertuliano se declara capacitado de poder uma catastrofe sismica arrancar á Asia ou á Africa mais terra do que elas teem, segundo o dissera Platão.

Sobre a Atlantida, como já dissemos e ora frisamos, ha tres modos de ver: negar, duvidar e afirmar. Na maioria, os neo-platonicos, apesar do culto ao mestre, negaram-na: Longino via no relato simples fantasia literaria; Amelio, um mito da luta entre planetas e estrelas; Numenio, o combate do bem e do mal; Origenes, a batalha dos genios bons contra os máus; e Proclus não a aceitava. Seculos afóra, outros negadores se alistaram a esse grupo: Acosta, Malinkrot, Fabricio, Cellario, Tiedemann, Creyssent, Hismanns, Danville, Bartoli, Gosselin, Uckert, Malte-Brun, Le-

tronne, Rhinne, Henri Martin, Nicklés, Thevet, Lubbock.

Duvidaram mais ou menos de sua existencia real, sem se pronunciarem francamente, Plinio, Estrabo, Montaigne, Ortelio, Buffon, Mentelle, Raynal, Lafitau, Voltaire, Saint-Simon, Humboldt, Stallbaum, Bendant.

Imensa falange, entretanto, desde tempos remotos a vem aceitando. Possidonio citado em Estrabo, Filon o Judeu, Crantor que era neo-platonico, Marcelo citado em Proclus, Amiano Marcelino, Arnobio, Tertuliano, como já vimos, Macrobio, Abulfeda e outros geografos arabes, Indicopleustas, Colombo, Genebrard, Becman, Kircher, Tournefort, Samuel d'Engel, Carli, de la Borde, Cadet, Rudbeck, Bailly, Delisle de Sales, Latreille, Bory de Saint Vicent, de Fortia, d'Urbano, Bernson, Villemain, Rienzi, Salomon Reinach, Gomara, Postel, Wytifliet, Swinger, Bacon, Bircherodius, Le Dain, Colli, Sainte Croix, Devigne e outros, com determinações e localizações interessantes. De maneira que do tema inicial se originaram novos temas. Para Orozco y Berra, a existencia da Atlantida terciaria está *demostrada por la ciencia*, sobretudo na identidade dos ritos, das armas e tradições ; mas a sua comunicação com a America foi rompida antes que os prehistoricos desta se civilizassem de todo, enquanto que com a Asia a comunicação deles continuou. Para Clavijero, apoiado em Siguenza, os olmecas do Mexico fôram os unicos que passaram da Atlantida para as terras americanas, pois eram os unicos que guardavam a memoria de terem vindo do oriente. Germain, o naturalista, citado por Perrier, admite a Atlantida, baseado no minucioso estudo comparativo que faz da flora e fauna fósseis da Mauritania, das Canarias, de Cabo Verde e da America. Roisel identifica os atlantes aos homens prehistoricos, cujos ossos se acharam em Robenhaus. Pierre

Termier procura provar com a geologia a veracidade do relato de Platão. Bory de Saint-Vincent julga as Canarias resquicios do continente submergido. Baer procura pôr de acôrdo a historia da Atlantida com a Biblia. Balmont é de opinião que, sem a Atlantida, não se poderá explicar uma série de fenomenos na ordem das cosmogonias, das lendas, das artes e dos costumes de todos os povos. Para Hirmenech, os celtas, os armoricanos, os iberos e os judeus descendem dos atlantes, diretamente. Erro tenta demonstrar a existencia duma civilização antediluviana de que os bascos, remanecentes dos atlantes, participaram com brilho. Compulsando os documentos antigos do Mexico, o padre Brasseur de Bourbourg, não se limita a indagar como o seu colega Moreux si a Atlantida existiu ; mas assegura esse fato e entende que o estudo da catastrofe atlantica, deve servir de base e orientação ás indagações historicas sobre os povos do Mediterraneo que dela proveem. D'Eraines aceita o desaparecimento dos continentes Lemurio, Pacifico e Atlantico e que a sucessão dos periodos glaciarios provocou a evolução do homem ibero-berbere em homem branco. *O Livro da Atlantida* de Michel Manzi se inspira na teosofia e no ocultismo. Ele dá, de certo espiritualmente reveladas, as cartas da Atlantida em suas diversas épocas e conta miudamente a sua historia, como si a tivesse presenciado. Do mesmo genero, com alguma documentação, é a *Historia da Atlantida* de Scott Elliot. Roger Devigne procura provar que ela existiu, geografica, historica e etnograficamente ; que os atlantes foram o povo da idade do bronze ; descreve sua arquitetura, sua tradição, sua organização sacerdotal ; reconstitue o seu imperio nas vesperas do cataclisma ; mostra os seus sobreviventes abordando a America ; e propõe a creação dum instituto internacional de pesquizas atlanticas. Emfim, Ignatius Donnelly nos dá sua grande obra, cheia de documenta-

ção e argumentação, na maioria cientificas — *A Atlantida – o mundo antediluviano,* que faz, muitas vezes, meditar e no qual se admira a serenidade conciente das afirmativas.

AS LOCALIZAÇÕES

Para muitos, não resta a menor duvida quanto á existencia da Atlantida, porém não no meio do oceano que ainda conserva seu nome e sim nos mais diversos lugares do planeta. Cada qual, acumulando dados, fatos, testemunhas e documentos se esforça por tornar vencedora a sua tese. Eurenius identifica-a, forçando a mão, á Palestina. Kirchmaier e Godron querem que ela ficasse onde hoje se estende o Sahara, Gaffarel coloca-a na America em geral. O mesmo pensavam Lamothe Levayer, Carli, Sainte-Croix e Gomara. Paw particulariza que foi na do Sul. E Oviedo indica a planicie Amazonica.

Rudbeck, no seculo XVII, assegurava que correspondia á Escandinavia, o que Demarchy modernamente corroborou. Delisle a meteu no Mediterraneo e diz que dela restam Malta, a Sicilia, a Sardenha e a Corsega. Latreille atirou-a na Persia, fazendo a analogia do golfo de Ormuz com o seu grande porto. O padre Kircher coloca-a nas Canarias e nos Açores. De Baer fa-la corresponder a Sodoma e Gomorra, vitimas da colera divina pelo mesmo motivo — a degradação dos costumes e o abuso do luxo. Bailly considera-a como tendo sido a Siberia hiperbórea e acrescenta que pela Mongolia os seus povos sairam em demanda do ocidente. Segundo esse autor, dela fazia parte o Spitzberg, que é tudo quanto sobrou da subversão. Mac Culloch vê seus restos nas Antilhas. Buache intercala-a entre o Cabo da Bôa Esperança e o Brasil. Para Berlieux, antes, como para Silbermann, depois, é o Atlas, a Africa se-

tentrional, sendo que o primeiro vê duas Atlantidas : a do Timeu é a Mauritania ; a do Critias o que essa conquistou ou colonizou. Roisel aceita o mar de Sargassos como seu derradeiro vestigio. Verneuil e Colomb a reunem á antiga peninsula Iberica e ao sul da França. Starkie Gardner acha que, no periodo eoceno, ocupava a posição atual das ilhas Britanicas, estendendo-se muito mais pelo oceano. Donnelly crê que enchesse o grande vasio do Atlantico entre a Europa, a Africa e a America, restando dela os grandes picos fóra das ondas : Madeira, Açores, Canarias, Cabo Verde, talvez Fernando de Noronha, a Trindade, e os rochedos de S. Pedro e S. Paulo. E Hamy determina com toda a sinceridade a sua latitude média = o paralelo de 45° Norte.

A ATLANTIDA SEGUNDO OS ESOTERICOS

Eis o que revelam sobre a Atlantida os ocultistas :

Da America, ha um milhão de anos, somente emergia dos mares grande pedaço da parte oriental. A ele se ligava pelo oeste o continente da Atlantida, enchendo todo o golfo do Mexico e prolongando-se para a Europa na direção do nordeste. A Inglaterra era a sua ponta mais avançada para o levante. Curvando-se para o meio dia, estendia outro grande promontorio até perto da Africa. Um braço de mar separava-a da Mauritania, que surgia banhada ao sul por um mar, hoje o Sahara. Assim, as raças nascidas e criadas na Atlantida puderam facilmente atingir a Escandinavia, de onde se expandiram para outras partes da Europa ; e, pela Libia, alcançaram a Asia, cuja parte meridional pertencêra á Lemuria. Ha oitocentos mil anos, houve um primeiro diluvio, o qual cortou a Atlantida em duas partes, pelo meio. Um estreito a separou da America e as ilhas Britanicas soldaram-se á Escandinavia,

formando uma grande ilha. Novo cataclisma, seiscentos mil anos mais tarde, dividiu o que restava da Atlantida em duas ilhas : a do norte, maior, denominada Ruta, e a do sul, menor, apelidada Daitía. Entretanto, durante esses periodos, não fôram interrompidas as comunicações com as terras africanas, americanas e européas. Elas sómente se interromperam, de subito, ha uns oitenta mil anos, devido a novo cataclisma geologico. Então, de todo o continente da Atlantida, ficou unicamente a ilha Possidonia (23) de que nos fala Platão, derradeiro pedaço da ilha de Ruta que ficava igualmente distante da Europa e da America. Emfim, no ano de 9.564 antes de Cristo, ela se submergiu, como a Solon contaram os sacerdotes de Saís.

As raças que povoavam esse continente eram : a Vermelha, compreendendo os Rmoahals, os Tlavatlis e os Toltecas ; a Amarela, compreendendo os Turanianos, os Semitas, os Acadios e os Mongois. A mais antiga de todas era a dos Rmoahals, de alta estatura e côr parda avermelhada, brutais e pouco inteligentes. Tinham vindo da Groenlandia, isto é, das terras hiperboreas, cuja temperatura era suave nessa epoca. Os Tlavatlis, menores e mais vivos, eram de côr mais parda que vermelha. E os Toltecas, mais fortes, mais inteligentes, altos, acobreados, de traços mais finos, habitando as montanhas, dominaram as outras. Delas descendiam os egipcios, os toltecas do Mexico e os Incas.

Os Turanianos, amarelos avermelhados, os Acadios, amarelos escuros, os Semitas, amarelos, e os Mongois, amarelos palidos, tinham vindo por ultimo para a Atlantida. Os primeiros habitaram as colonias de Marrocos e da Espanha. Os segundos ocuparam as terras de que ora sómente restam ilhas, no Mediterra-

---

(23) De Poseidon, Possidonio, Netuno. Possidonia ou Netunia.

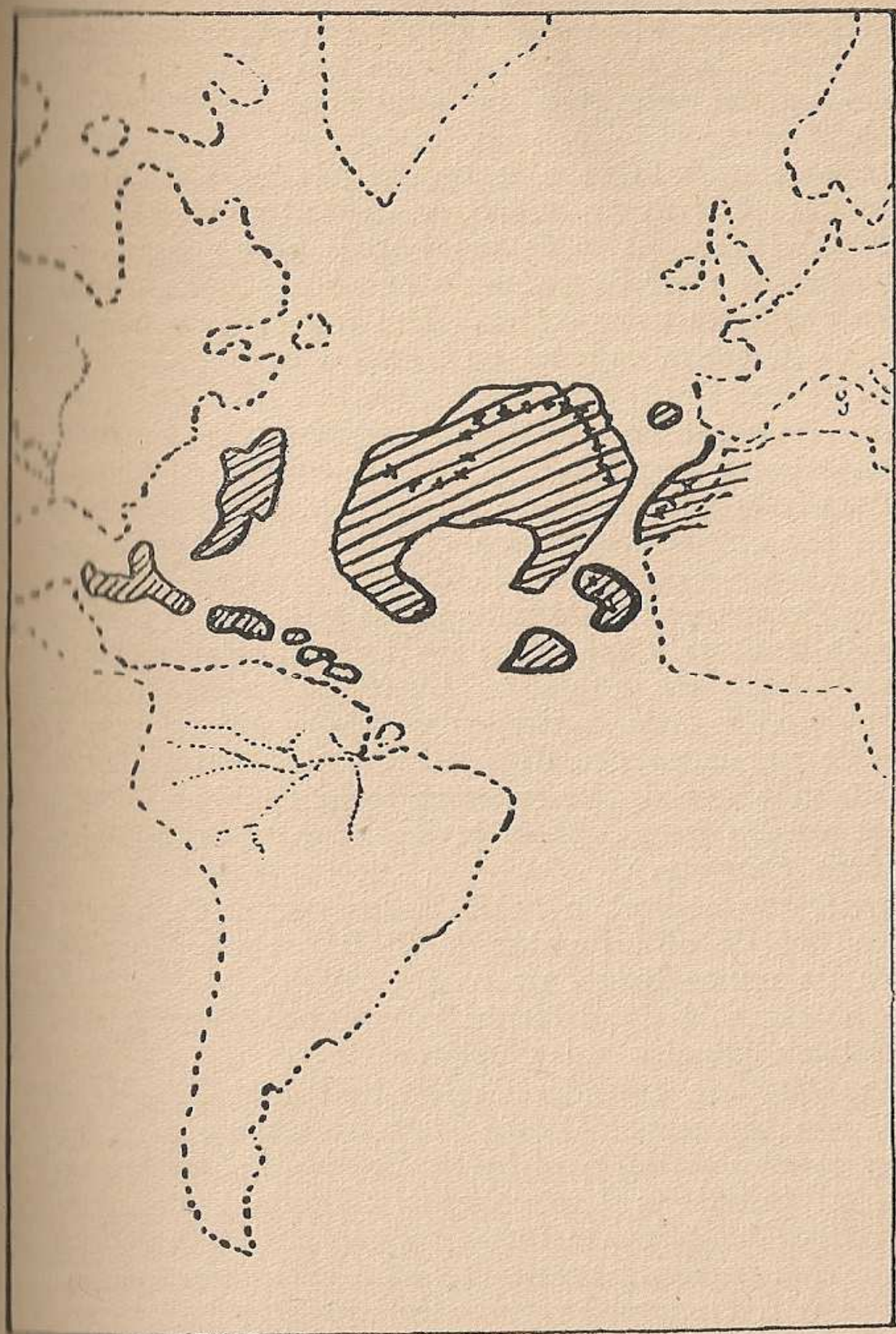
neo. Os terceiros eram nomades, nas montanhas (24). E os ultimos vinham da Siberia. Não houve nenhuma raça branca na Atlantida. E a verdadeira raça atlantida era a vermelha.

O Egito, o Mexico e o Perú, colonias dos atlantes, revelam que a sua civilização era em verdade admiravel Seus sabios haviam condensado em taboas famosas a ciencia e a moral mais elevadas. Acreditavam num Deus superior que se manifestava nas forças da natureza e se revelava pela linguagem dos astros. Sua religião era, ao mesmo tempo, filosofica e cientifica. Ao povo se deixavam as formas rudimentares dessa religião que, na essencia, só os iniciados conheciam. Os templos eram dedicados ao sol, instrumento vital do Grande Todo. A arquitetura era ciclopica e as dansas rituais comemoravam os signos do zodiaco, bem como as ceremonias liturgicas representavam os misterios do céu.

Os atlantes criam na imortalidade da alma e mumificavam os mortos. Acreditavam na reincarnação; mas o culto dos antepassados só lhes foi trazido mais tarde, pelos brancos hiperboreos. Conheciam a astronomia e praticavam a astrologia. Consubstanciavam nos astros as forças naturais, e todo o seu ensino era oral, sob a fiscalização dos colegios de iniciados. Praticavam a magia branca, domesticavam as féras, que lhes serviam de animais de tiro, e empregavam o *vril* (25), força que obtinham da natureza, eletricidade ou fluído ainda mais sutíl. Transformavam a seu talante

---

(24) Os iberos, seus decendentes, continuaram nas serras da Iberia ocidental, Espanha hoje, e nas da Iberia do Caucaso, agora Georgia. Destes sairam os Hebreus.

(25) O *vril*, segundo alguns autores, corresponde ao misterioso *aúr* biblico ou ao não menos misterioso *akasa* indú. Le Dain identifica-o á força evidenciada nas experiencias de John Worrel Keely de Filadelfia e que este denominou *intra-atomica*.

Mapa da Atlantida feito por Devigne baseado, segundo diz, nas sondagens e documentos geologicos. As partes em traço representam o que ficou do continente atlantico depois dos primeiros cataclismas. A ilha maior é a Posidonia, a Atlantida de Platão.

(Desenho de Flavio Barroso).

varias especies de bichos, criavam o cavalo, o carneiro, o boi, a cabra, o elefante. Falavam um idioma aglutinante, o tolteca primitivo, do qual sairam o basco, o guanche, o etrusco, o egipcio, o quichua, e o nahôa. Tinham grandes navios e navegavam com a bussola. Empregavam a polvora e outros explosivos mais violentos. Andavam os ricos em barcos aereos movidos pelo misterioso *vril* ; os pobres e os escravos em carros puxados por leões e leopardos. Havia maquinas aereas de metal e madeira capazes de transportar de 80 a 100 homens.

Sua industria prosperava. Exploravam minas. Traziam o cobre do Canadá, o ouro e a prata do Perú, quando os não fabricavam quimicamente. Conheciam o metal denominado *orichalco* que se não sabe si era produto da terra ou resultado de transmutações e que com eles desapareceu. Metalurgistas notaveis, fabricavam toda a casta de objetos de bronze que vendiam aos povos barbaros ainda na idade da pedra polida. Tecidos de lã e sêda, ceramica e tabaco eram artigos triviais de seu comercio. E possuiam um sistema monetario com peças de couro estampado e de metal furadas ao centro para serem levadas em rosario, como as sapecas chinesas.

Cerné, sua capital, a "cidade das portas de ouro", ficava ao pé de alta montanha de tres cumes que se avistava de muito longe, no mar. Foi isso o que deu origem ao simbolo do tridente netuniano gravado nas mais antigas moedas do mundo.

A mulher era considerada igual ao homem e participava do governo. Podia exercer qualquer cargo publico, mesmo o de pontifice. Entretanto, existia a poligamia limitada a tres esposas. Havia regimentos de guerreiros femininos e fez-se uma experiencia comunista que deu pessimos resultados e foi logo abandonada. Praticava-se a circuncisão como medida higienica con-

tra a sifilis. O povo bebia o sangue dos animais em lugar de comer-lhes a carne ; mas os reis, os iniciados e as altas classes sociais eram vegetarianos.

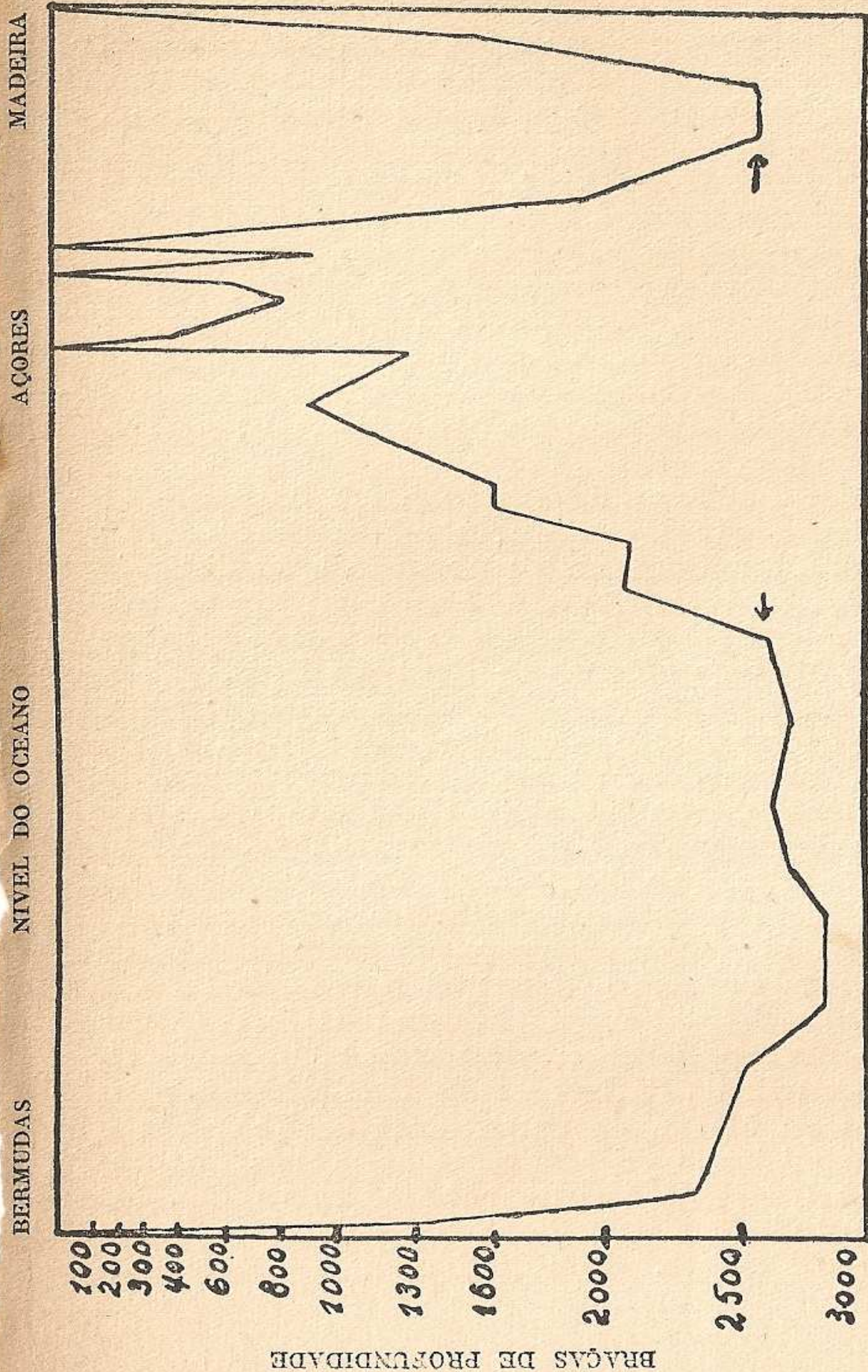
As terras pertenciam ao soberano ou aos grandes chefes e eram exploradas por sociedades de agricultores e tecnicos, sendo metade das colheitas distribuida pelos que trabalhavam conforme o seu esforço ou valor. A outra metade pertencia ao Estado que sustentava os velhos, os enfermos e os reformados. Aos quarenta e cinco anos, todos deixavam de trabalhar, aposentando-se. Comerciava-se com o excedente da produção. Todo o país era cortado de magnificas estradas. A agua era levada ás cidades por meio de gigantescos aquedutos, cavavam-se tuneis sob as montanhas, erguiam-se piramides enormes, elevavam-se fortalezas imponentes, construiam-se palacios magnificos ; tudo era de tal sorte formidavel que a arte egipcia é como uma miniatura da arte atlante em todas as suas manifestações. Aos templos se ajuntavam observatorios meteorologicos e astronomicos. Gravavam-se as pedras. Cinzelavam-se os metais. Lapidavam-se as gemas. As estatuas atingiam a alto gráu de perfeição. E a pintura, de côres vivas e sem perspectiva, servia sómente para as decorações.

As casas eram rodeadas de jardins. As ruas, calçadas de lages. As terras, cortadas de canais. Os portos, cavados ou melhorados artificialmente. E tal civilização era mais adeantada do que a nossa moralmente e, em muita cousa, mesmo materialmente.

Sua decadencia proveiu do desequilibrio entre a evolução moral e material. O orgulho do poder e da ciencia gerou o egoismo e a opressão. O luxo engendrou a sêde das riquezas. Os freios morais relaxaram-se e os apetites á solta, de braço com a magia negra, trouxeram a idade da bêsta. Reinaram os instintos. Devassidão e barbárie, dominaram a sociedade. A anarquia

instalou-se. E os diluvios e os cataclismas, lançados pelos deuses irritados, pouco e pouco fôram destruindo aquele grande imperio até que sossobrou na mais pavorosa das catastrofes.

A ATLANTIDA SEGUNDO OS CIENTISTAS

Aos homens de ciencia o problema se apresenta de outra forma. Eles estudam os textos historicos, criticam-nos, fazem a sua exegese e procuram neles o que possa haver de verdade, de logico, de natural, de provavel. Buscam as confirmações de outras fontes e examinam si tal catastrofe seria possivel. A geologia e a paleontologia ensinam-lhes que os mares já cobriram muitas regiões da terra e que maremotos e terremotos fazem desaparecer ilhas e grandes faixas de terreno, aniquilando populações inteiras. Invocam o testemunho do oceano. Os navios de guerra ingleses *Challenger, Hydra* e *Porcupine*, os norte-americanos *Dolphin* e *Gettysburg* e o allemão *Gazelle*, comissionados pelos seus governos, já sondaram minuciosamente o seio do Atlantico. Resultou desse trabalho a revelação da existencia duma elevação ou planalto submarino um pouco ao sul das ilhas britanicas na direcção da costa da America Meridional, do qual parte uma como espinha dorsal de serranias até o cabo Orange, infletindo daí até as rochas de S. Pedro e S. Paulo, e a ilha da Ascensão, e descendo quasi em linha reta para o sul. Ha nessa cordilheira submersa alturas de nove mil pés e os seus picos mais altos afloram no oceano, formando as ilhas dos Açores, os penedos dos santos Pedro e Paulo, as ilhas da Ascensão e Tristão da Cunha, sendo que esses desnivelamentos não parecem produzidos naturalmente pelo deposito de sedimentos ou elevações submarinas, porém sim por qualquer agente acima do nivel

Perfil do fundo do oceano mostrando de acordo com as sondagens do **Dolphin** e do **Challenger** o local Atlantida em sua ultima fase. Desenho de Flavio Barroso **apud Donnelly**).

da agua, segundo se exprime o *Scientific American*. Consideram mesmo alguns sabios que a Inglaterra e a Irlanda, faziam parte duma grande extensão de terra, ora submergida, que houve entre Cornualhes e o chamado canal das Ilhas. Além disso, é fato averiguado que o oceano continua a roer á vista de olhos as costas groenlandesas, inglezas, irlandesas e mesmo francesas.

O *Challenger*, nas suas sondagens, achou essa cordilheira submarina inteiramente coberta de detritos vulcanicos. E um dos oficiais do navio declara que o planalto atlantico em volta dos Açores, que são os seus picos, é tudo quanto resta da *The lost Atlantis*, da perdida Atlantida.

Nessas sondagens, foi apanhado um fragmento de lava sobre a citada região montanhosa do fundo do Atlantico, a 3 mil metros de profundidade, na distancia de 900 ks. ao setentrião dos Açores, por 47° de latitude norte e 29°,45′ de longitude oeste, que se acha exposto no Museu da Escola de Minas de Paris. E' de notar ser a lavra vitrea, de estrutura quimica amorfa, "como acontece quando se condensa ao ar livre". Pierre Termier, estudando-a, chama a atenção para o fato de não ter a mesma tomado a forma cristalina sob a formidavel pressão dos 3 mil metros de agua. E conclue, categorico, pela "certeza de imensas submersões em que ilhas e mesmo continentes desapareceram; certeza de que algumas dessas submersões datam de hontem, são do periodo quaternario e puderam, por conseguinte, ser vistas pelo homem; certeza de que algumas fôram subitas ou pelo menos muito rapidas".

O testemunho da fauna e da flora evidencia pelos trabalhos de Marsh, da universidade de Yale, que o cavalo é originario do continente americano. Encontraram-se fósseis de camelos na America do Sul. O urso espeleu e o mamut do Velho e do Novo Continentes são identicos. Para Rutimeyer, o bisonte é ir-

mão do urso germanico e o boi almiscarado do Velho Mundo viveu tambem nas montanhas Rochosas. Em Natchez, no Mississipi, encontraram-se fósseis de leão espeleu. E o lobo europeu é o mesmo lobo norte-americano. Outras muitas analogias, semelhanças e comparações poderiam ser feitas. Gandry, aliás, demonstrou que as identidades de flora e fauna entre o Velho e o Novo continentes indicavam intima ligação ainda no periodo terciario. Para Emile Blanchard pelas mesmas identidades, a separação é recente.

O numero das plantas fosseis catalogadas nos depositos dos terrenos da Suissa se eleva a umas tres mil. E a opinião dum sabio confessa : *"The majority of these species are migrated to America"*. Outras se encontram na Asia, na Africa e até na Australia. Os tipos americanos são sempre em maior proporção. Plantas da época miocena européa vicejam ainda nas florestas da Virginia, da Carolina e da Florida. Entre elas, algumas comunissimas como magnolias, tulipas, sequoias. E muitas dessas plantas não poderiam, pela sua constituição, ser transportadas sinão pelo homem. A conclusão do botanico alemão Kuntze é preciosa: "Na America e na Asia, as principais plantas domesticas são representadas pelas mesmas especies". E' o caso da bananeira, da mandioca, do bambú, da pimenta, do tomate, da mangueira e da goiabeira. Entretanto, além das montanhas Rochosas, do lado do Pacifico, de acôrdo com as conclusões do professor Asa Gray, não se encontram mais todos os generos e especies botanicos de aquem da mesma serrania. A costa americana do Pacifico diverge muito, quanto á flóra, da do Atlantico.

O algodão já existia na America antes da chegada dos europeus ocidentais. Participava das lendas. Era conhecido e usado concomitantemente na India e outras partes do oriente, com a diferença de ser o americano de superior qualidade. O milho, cultivado, des-

de tempos imemoriais, na China, conhecido na Europa, quando Colombo chegou ás Antilhas já se chamava *mahiz* no Haiti. Para Rawlinson, o ananás tambem medrava na antiga Assiria. E, a respeito do tabaco, bastará fazer notar que se acham nos velhissimos *mounds* funerarios da Irlanda os mesmos caximbos que se descobrem nos remanecentes da idade da pedra em New-Jersey.

O folclore comparado vem em auxilio da ciencia com as lendas dos cataclismas tradicionais, dos diluvios, comuns a todos os povos: diluvios do *Genesis*, de Deucalião, o grego, de Xisutros, o caldeu, do Manú Vaivasata indostanico, do Yima iraniano, do Dwyfach celta, dos Eddas nordicos, do Cox-Cox mexicano, do Nata chimalpopoca, do Tamandaré tupi, do Menaboshu canadense, do Powako delaware, do Szeu-Kha patagão, de todos ou quasi todos os povos da terra, que guardam a lembrança de remota e espaventosa catastrofe.

Não se deve esquecer o que representa como indicio duma civilização atlante anterior a todas as antigas que conhecemos a chamada idade do bronze. Verifica-se que a Europa antediluviana foi cortada por um verdadeiro caminho por onde passavam os produtos duma antiquissima industria do bronze. Partindo do norte da Africa, ele atravessa a Espanha e as Galias, bifurcando-se daí para a Inglaterra e a Escandinavia, e para a Suissa e a Alemanha. As excavações demonstram que um povo industrial poderoso comerciava com o bronze na Europa e levou-o pela Libia até o Egito e a Asia Menor. Em todos os achados, o metal é trabalhado da mesma maneira, e as armas e artefatos tráem uma origem identica. No percurso dos dois caminhos do bronze o que sóbe para a Europa Central e nordica, e o que se prolonga para o oriente, não se notou ainda, nenhum objeto de procedencia egipcia ou caldéa. Entretanto, na Caldéa e no Egito se teem encontrado produtos oci-

dentais ou vindos do ocidente, como, por exemplo, o ambar do Baltico. O que leva a concluir que o bronze era mercadejado pelos comerciantes duma terra do oeste, cujo povo civilizado dispunha de naves, de entrepostos e de todos os meios necessarios a realizar com os mais longinquos paises um comercio seguido.

As lendas e tradições antigas dão sempre os atlantes como grandes metalurgistas. E' a tradição dos Cabiras que, através dos fenicios, chegou á Grecia. São talvez aqueles Telchines a que se refere de Launay: "raça de adeantadissima civilização industrial, que sabia extrair os minerios, fundir o bronze, moldar as estatuas, possuindo artes refinadas, usando a escrita e, ao mesmo tempo, surpreendendo os indigenas por sua habilidade na navegação".

Ainda sabemos que os etruscos, povo até certo ponto misterioso, cuja lingua e cuja civilização teem desafiado os sabios, eram os melhores fundidores de bronze que produziu a humanidade antiga. Os bronzes da Etruria fôram celebrados em prosa e verso.

Comparam-se as civilizações materiais: arquitetura, metalurgia, gravura, escultura, pintura, agricultura, estradas, aquedutos, embarcações, ceramica, musica, manufaturas, armas. Comparam-se as religiões, as tradições, as crenças, as liturgias, os dogmas, os costumes, as linguas, os caractéres da escrita, as etimologias, os nomes geograficos, os tipos humanos, os caracteristicos etnograficos e as mitologias. Topam-se analogias, semelhanças, igualdades desconcertantes que fazem meditar ou mesmo que entusiasmam.

E, afinal, póde-se concluir pela alta possibilidade da existencia da Atlantida, mas não pela absoluta certeza. O oceano Atlantico guarda avaramente o segredo milenar do continente esplenderoso. Como disse Heine: "O mar sabe tudo... Nas suas profundezas, jazem os imperios fabulosos afundados, as velhas tradições de-

saparecidas da terra...". O mar sabe tudo e sorri da vã curiosidade dos homens. Vã e passageira como eles proprios.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

ABULFÉDA — *Takwin al Boldan* (trad. Reinaud).
ACOSTA — *Historia natural y moral de las Indias.*
AMIANO MARCELINO — *Rerum gestarum.*
ARGYLL (Duke of) — *The unity of nature.*
AUDIN — *La légende des origines de l'humanité.*
AVEZAC (M. D') — *Afrique ancienne.*
BACON — *Nova Atlantis* (trad. Raguet).
BACON (ROGER) — *Opus majus.*
Baghavata-Purana (trad. Burnouf).
BAER (F. CHARLES) *Essai historique et critique sur les Atlantiques.*
BAILLY — *Lettres sur l'Atlantide.*
BALDWIN — *Ancient America.*
BALMONT — *Visions solaires.*
BÉRARD (VICTOR) — *Les phéniciens et l'Odissée.*
BERLIOUX — *Les Atlantes.*
BESANT (ANNIE) — *Des religions.*
BLANDFORT — *Indo-oceanic continent.*
BLAVATSKY — *Doctrine Secréte.*
BOCHART — *Chanaan.*
BORY DE SAINT VINCENT — *Essai sur les iles Fortunées et l'antique Atlantide.*
BRASSEUR DE BOURBOURG — *Le Popol Vuh.* — *Le manuscrit Troano.* — *Histoire des nations civilisées du Mexique et de l'Ameque Centrale avant Colomb.*
BRINTON — *Mythes of New World.*
BROSC DE VÉZE — *Doctrine ésotérique.*
BUFFON — *Théorie de la terre.*
BURNOUF — *Science des religions.*
CLARKE — *Examination of the legend of Atlantis in reference to protohistoric communication with America.*
CLAVIJERO (JAVIER) — *Historia antiga y de la conquista de Mexico.*
COLOMBO (FERNANDO) — *Vida del Almirante.*
CONTENAU — *La civilisation phénicienne.*
COURCELLES-SENEUIL — *Heraclés.*
COURT DE GEBELIN — *Le monde primitif.*
CUVIER — *Révolutions du monde.*
DANVILLE — *Géographie ancienne.*
D'ARBOIS DE JUBANVILLE — *Les premiers habitants de l'Europe.*

DEODORO SICULO — *Biblioteca historica.*
DEVIGNE (ROGER) — *L'Atlantide.*
DIDOT-MULLER — *Fragmenta historicum graecorum.*
DIES — *Platon.*
DIOGÉNE LAERTE — *Vie des philosophes.*
DONNELLY (IGNATIUS) — *Atlantis : The antediluvian world.*
DORMAN — *Origin of the primitive superstitions.*
DRIOUX ET LEROY — *Atlas antique.*
ECKSTEIN — *Sur les sources de la cosmogonie de Sanchoniaton.*
ELIANO — *Varias historias.*
ERAINES (JEAN D') — *Le probleme des origines et des migrations.*
ERRO (J. B.) — *El mundo primitivo.*
ESTRABO — *Geografia.*
FABRE D'OLIVET — *Histoire philosophique du genre humain.*
FONTAINE — *How the world was peopled.*
FOSTER — *Prehistoric races.*
FRAZER (J. G.) — *Les origines magiques de la royauté!*
GAFFAREL (PAUL) — *L'Atlantide. — Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb.*
GODRON — *Le Sahara et l'Atlantide.*
GOSSELIN — *Recherches sur la géographie positive et systématique des anciens.*
GSELL — *Histoire ancienne de l'Afrique du Nord.*
HAECKEL (ERNEST) — *Histoire naturelle de la creation.*
HAMY — *Les premiers habitants du Mexique.*
HEINE (HENRI) — *Reisebilder.*
HERODOTO — *Historias.*
HIRMENECH — *Les celtes, l'Atlantide et les Atlantes.*
HUET — *Histoire du commerce et de la navigation des anciens.*
HOMERO — *Odisséa.*
HUMBOLDT — *Histoire de la géographie du Nouveau Continent. — Cosmos.*
IAKUT — *Geographisches Worterbuch.*
IDRISI — *Description de l'Afrique et de l'Europe.*
INDICOPLEUSTAS (COSMAS) — *Topographie chrétienne.*
JAGUARIBE (DOMINGOS) — *L'Atlantide et l'histoire du Brésil.*
JÉQUIER (GUSTAVE) — *Histoire de la civilisation egyptienne.*
JOLLIVET — *Les Côtes-du-Nord.*
KASTNER (A.) — *Analyse des traditions religieuses des peuples indigénes d'Amérique.*
KAZWINI — *Cosmographie.*
KERHALLET — *Considérations générales sur l'Océan Atlantique.*
KIRCHER — *Mundus subterraneus.*
LATINO COELHO — *Vasco da Gama.*
LAUNAY (DE) — *La conquête minerale.*

LAYARD — *Nineveh and Babylon.*
LE BON — *Les premiéres civilisations.*
LE CASQUET — *Légendes de la ville d'Is.*
Leis de Manú.
LELEVEL — *Géographie du Moyen-Age.*
LÉON DE ROSNY — *L'Atlantide historique.*
LE PLONGEON — *Le manuscrit Troano.*
LEPS — *La mer de varéchs.*
LUBBOCK — *L'homme avant l'histoire — Prehistoric times.*
LUNA (MARIO ROSO DE) — *El velo de Isis.*
LYELL — *Principles of geology.*
MAINAGE — *L'age paleolithique.*
MANZI — *Le livre de l'Atlantide.*
MARTIN (HENRI) — *E'tudes sur le Timée de Platon.*
MONTAIGNE — *Essais.*
MORGAN — *Les premiéres civilisations.*
MOREAU — *Histoire de la Ligue en Bretagne.*
MOREUX (L'ABBÉ) — *L'Atlantide a-t-elle existé ?*
MOSTILLET — *Matériaux pour l'histoire positive et philosophique de l'homme.*
NADAILLAC — *L'Amérique prehistorique. — L'Atlantide.*
NAVILLE — *La litanie du soleïl.*
NICAISE — *L'Atlantide.*
NUTTAL — (CELIA) — *The fondamental priciples of old and new civilisations.*
OLIVEIRA MARTINS — *As raças humanas.*
OROZCO Y BERRA — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
ORTELIUS — *Theatrum mundi.*
PAUTHIER — *Les livres sacrés de l'Orient.*
PESCHEL — (OSCAR) — *Geschichte der Erdkunde.*
PLINIO — *Historia Natural.*
PLUTARCO — *Vida dos varões ilustres. — De Isis e Osiris.*
PROCLUS — *Comentarios ao Timeu.*
PRITCHARD — *Eastern origin of celtic nations.*
QUATREFAGES — *L'espéce humaine.*
RAWLINSON — *The five ancient monarchies.*
RÉCLUS (ELYSÉE) — *La terre.*
REINACH (SALOMON) *Esquisses archéologiques.*
RITTER — *Geschichte der Erdkunde und der Entdekunde.*
ROISEL — *Les Atlantes — Essai sur la chronologie des temps préhistoriques.*
RUDBECK — *Atlantica.*
SAINT-DENIS — (HERVEY DE) — *Le pays connu des chinois sous le nom de Fou-Sang.*

Santarem (Visconde de) — *Cosmographie et cartographie du Moyen Age.* — *Histoire de la Cosmographie et de la cartographie.*
Scherer (J. B.) — *Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau Monde.*
Schmith (Oscar) — *Doctrine of descent darwinisom.*
Schuré (Ed.) — *L'évolution divine du Sphynx au Christ.* — *La druidesse.*
Scott Elliot — *History of Atlantis.* — *Lost Lemuria.*
Sebillot — *Le folk-lore de France.*
Servant — *La préhistoire de la France.*
Short — *The north-americans of antiquity.*
Silbermann (Otto) — *L'Atlantide.*
Squier — *Serpent symbol.*
Steiner (Rudolf) — *Unsere atlantischen Vorfahren.*
Termier — *L'Atlantide.*
Ternaux-Compans — *Voyages, rélations et mémoires pour servir a l'histoire de la découverte de l'Amérique.*
Tertuliano — *Apologetica.* — *De Pallio.*
Thévenard — *Mémoires relatifs á la marine.*
Thévet — *Singularitéz de la France Antarctique.*
Thomson — *Voyage of the "Challenger".*
Valentini — *Maya Archeology.*
Vergers (Noel des) — *L'Etrurie et les etrusques.*
Vernean — *Les origines de l'humanité.*
Vicente de Beauvais — *Speculum historiale.*
Vivien de Saint Martin — *Histoire de la géographie.*
Volcker — *Mythologie géographique.*
Weber — *Of Indian litterature.*
Winchell — *Preadamites.*
Zurcher et Margollé — *Le monde sous-marin.*

Ilhas afortunadas

ANTANHO, diz um escritor francês, era costume pôr em letras sobre pergaminho "les bonnes chevaleries et les étranges choses" praticadas pelos conquistadores heroicos. E daí a riqueza de pormenores com que conta o historiador da colonização do Novo Mundo para os seus trabalhos.

Essa colonização foi precedida por uma série de navegações e descobrimentos, muitos dos quais á primeira vista parecem de todo sem importancia. Entretanto, ao olhar percuciente do critico moderno não escapa o valor decisivo que tiveram muitas vezes no movimento maritimo que deu ao Velho Mundo os mundos novos.

Quem, por exemplo, deante das viagens capitais de Colombo, do periplo magnifico de Vasco da Gama, do ciclo estupendo de Fernão de Magalhães, que documentou a esferecidade da terra, dará importancia ao achado do arquipelago de Cabo Verde e á conquista das Canarias ?

Pois bem, estudando-se detidamente a época dos descobrimentos maritimos, seus grandes feitos e seus grandes homens, a gente é forçada a reconhecer o papel preponderante dessas ilhas do desenrolar dos fatos ulteriores.

Para as viagens de Colombo e de Vasco da Gama, as Canarias fôram de capital importancia. Conheci-

das pelos gregos como ilhas *Makariai* e pelos latinos como *Afortunatae*, desafiaram a curiosidade medieval. Os geografos arabes falam sempre delas. Abulféda divide-as em dois grupos : *Dejzair-el-saadet* ou Afortunadas e *Dejzair-el-khalidat* ou Eternas. Ibn Fatima põe-nas entre estas e a Africa. Iakut, Kazwin, Abu-Reizan-el-Biruni identificam-nas. Allah-el-Bewri chama-lhes Fortunatus.

Foram conquistadas no seculo XV por João de Bethencourt. Na sua *Historia Pontifical*, González de Illescas faz notar como tal conquista grandemente auxiliou o descobrimento do Novo Mundo.

A opinião de Humboldt é a mesma. O grande sabio alemão escreve na *Histoire de la Geographie du Nouveau Continent*, o seguinte : "A Islandia, os Açores e as Canarias são as estações que desempenharam o mais importante papel na historia dos descobrimentos e da civilização, isto é, na série de meios empregados pelos povos do Ocidente para entrar em relações com as partes do mundo que ainda não conheciam". E mais adeante acrescenta : "Essas ilhas fôram os postos avançados da civilização européa, pontos de repouso e de segurança".

A logica dos fatos demonstra cabalmente o importantissimo papel dessas ilhas no periodo historico em que se desvendaram os segredos do velho mar Tenebroso. Ele não podia passar despercebido ao olhar analisador dos estudiosos, desde González de Illescas até Humboldt. E bastaria, sem duvida, a alta autoridade deste ultimo para abonar definitivamente a veracidade da tese. As ilhas do Atlantico, sobretudo as do Atlantico meridional, fôram *magna pars* no desabrochar e no florecer das grandes aventuras pelos mares nunca dantes e nem por outros navegados.

* * *

A civilização, hoje como naquele tempo, continua a derramar-se sobre as terras americanas do Sul vindo do Ocidente europeu. A época das pandas velas crucigiadas de vermelho dos galeões já passou ; o tempo dos paquetes rapidos, empenachados de fumo negro, vai passar : e os nossos olhos já contemplam o inicio da éra em que os rumorosos passaros de metal leve transpõem magnificamente o Atlantico.

Aí estão os ezemplos de Gago Coutinho e Sacadura, de Ribeiro de Barros, de De Pinedo e Ramon Franco, de Sarmento de Beires, de Ferrarin e Del Prete, de Ximenez e Iglesias, da esquadrilha de Balbo. E o mais curioso a verificar é ainda o importante papel que representam essas mesmas ilhas na alvorada das novas e esplendidas conquistas dos aventureiros do ar.

Restos dum misterioso continente submerso ou simples aflorações de natureza vulcanica, as Canarias e Cabo Verde aí estão ainda a servir de pouso certo aos aviões audazes, como outrora serviram ás caravelas e náus conquistadoras.

* * *

Outros ilheus nunca falados surgem á luz da fama, porque tambem servem para guiar ou albergar as naves aereas : os rochedos de S. Pedro e S. Paulo, Fernando de Noronha.

Todo o futuro da civilização depende hoje em dia, sem duvida, da navegação aerea inter-continental. Ela vem estreitar os laços creados já pelas companhias maritimas, as linhas férreas, os telegrafos, a radiotelegrafia. Será a base da vida de relações do porvir. E, sem essas ilhas providenciais, sobretudo as Canarias e Cabo Verde, como não seria mais difficil a travessia aerea do oceano !

Quando os navegadores da antiguidade, imbuidos de preconceitos, superstições e temores filhos da ignorancia, acreditando em lendas e fantasias, espalharam a fabula das ilhas afortunadas, que boiavam felizes sobre as vastas aguas traiçoeiras do mar Tenebroso, mal sabiam que creavam um verdadeiro simbolo. Essas ilhas fôram e são na verdade afortunadas pelo papel historico que lhes attribuiu Humboldt e, antes deste, González de Illescas, papel de degráus para a marcha da civilização, outrora pelo mar e hoje pelos ares, em busca de novas paragens, novas gentes e novos mercados.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Abulféda — *Takwin al Boldan.*
Bory de Saint Vicent — *Essai sur les iles Fortunées.*
Humboldt — *Histoire de la géographie du Nouveau Continent.*
Idrisi — *Descrição da Africa e da Espanha.*
Illescas (Gonzalez de) — *Historia pontifical.*
Silbermann (Otto) — *L'Atlantide.*

Thule

SENECA , o Tragico, filho de Cordova e preceptor de Néro, escreveu na Medéa" :

> "...Venient annis soecula feris, quibus oceanus vincula rerum laxat, et ingens pateat tellus, Typhisque novas detegat orbes, nec fit terris ultima Thule".

E' o côro da tragedia antiga quem assim fala e na sua voz possante ha um rumor de profecia. Nesse tempo, quando o cristianismo engatinhava, essas palavras do tragico dão que pensar: "Tempo virá, no decorrer dos seculos, em que o Oceano dilatará a cintura com que envolve a terra, para mostrar ao homem uma região imensa e incognita. O mar revelar-nos-á novos mundos e Thule deixará de ser o limite do universo".

No seu livro IV, Plinio o Naturalista, dá alguns pormenores sobre essa misteriosa Thule, "limite do universo" para Seneca. Após ter enumerado a Bretanha, a Hibernia, as Hebridas, as Electridas e outras ilhas, diz ele :

"Ultima omnium, quae memorantur, Thule..."

E, prossegue com pormenores geograficos a respeito dessa ultima de todas as ilhas para o norte das Britanicas.

Segundo ele, lá, no solsticio do verão, não ha noite e no solsticio do inverno, não ha dia. E, acrescenta com certo ceticismo : "alguns pensam que aí a luz e a treva duram, alternadamente, seis mezes".

Mais adeante, trata da ilha de Nerigon, a maior de todas as setentrionais, de onde a gente se embarcava para Thule. E de Thule, um dia de navegação, conduzia ao mar gelado, que alguns denominavam Cronio : "A Thule unius diei navigationis mare concretum, a nonullis Chronium appellatur".

Essa informação sobre a longa noite e o longo dia polar, Plinio repete no livro VI, ao determinar os varios paralelos do mundo, localizando Thule no ultino, o Citico, que passava pelos montes Rifeus.

Tão longa noite e tão longo dia não impediram o velho geografo que o Vesuvio matou de descrever com as mais risonhas côres a vida nessa região hiperborea. Ele achava feliz a sua temperatura : "felici temperie"; acrescentava que a sua gente ignorava a discordia ; "discordia ignota" ; e a morte ali só vinha pela saciedade da vida : "mors nonnisi satietate vitae".

Pomponio Mela, geografo anterior a Plinio, não esquecera essa ilha setentrional. Ele nos conta no livro III que as terras do Norte, segundo a maré enche, ou vasa, parecem ilhas, ou continentes. Isto faz pensar nos mapas atuais, cortados de lagos, do sul da Suecia e da Finlandia. Indica entre elas a ilha Escandinava : "ex us Scandinavia". De acôrdo com fabulas e velhos autores, diz que essa região é habitada por povos curiosissimos : "Oeones", que se alimentam de aveia e ovos de passaros dos pantanos ; "Hippopodes", de pés de cavalo (aliás, estes vieram até nós. . .), e "Panotes", cujas longas e largas orelhas lhes pódem envolver o corpo, servindo de vestes. Após essas minucias, lemos : "Thule Belcarum litori opposita est, lyraus et nostris celebrata carminibus".

Assim, pelo velho geografo se sabe que já no seu tempo, Thule era celebrada nos versos dos poetas gregos e latinos.

Estrabo cita Thule e afirma que dela o unico autor que fala é Pitéas de Marselha, "o mais mentiroso dos homens". Pitéas contara te-la avistado, envolta nas brumas polares, no horizonte dos "mares concretos" do Setentrião, por onde se aventurára. Estrabo, Polibio e Dicearco não acreditaram nunca nas navegações do marselhês, e o primeiro até se revolta por nele crêr Eratóstenes.

Estrabo escreve mais: "Sobre a ilha de Thule nossas informações são ainda menos seguras, em vista da grande distancia em que se acha essa região, que nos aponta como a mais setentrional de todas as terras conhecidas. Não se póde duvidar, notadamente, que tudo quanto Pitéas publicou a seu respeito seja pura invencionice, haja vista o modo como ele fala dos paises que hoje conhecemos: si destes não fala, com efeito, sinão para mentir, segundo já demonstrámos, evidente é que deve ter mentido ainda mais referindo-se ás proprias extremidades da terra".

No entanto, o primeiro a falar de Thule, manda a verdade que se diga, foi esse Pitéas, tão atacado por Estrabo e por Polibio. Posteriormente a Méla, a esses dois, a Deodoro Siculo, a Claudio Ptolomeu, a Erastótenes, a Plinio, outros geografos e historiadores guardaram a tradição de Thule: Dionisio Periegetes, Marino de Tiro, Macrobio, Paulo Orosio, Julio Honorio, Priciano Cesariense, Marciano Capela.

O professor Louis Baudet, eminente tradutor de Pomponio Mela, traçou esta nota: "Thule. Ce nom, attribué par les anciens a plusieurs pays differents, mais employé généralment pour désigner la terre la plus reculée dont ils eussent connaissance, parait avoir été donné par les romains a la plus grande ile du groupe

situé au nord'est des Orcades (aujourd'hui les iles Shetland), a six jours de navigation de la pointe la plus septentrionale de la Bretagne. Cependant, les geographes ne sont pas encore d'accord sur ce point".

Tal duvida subsistiu através dos seculos. Thule foi para uns o norte da Escocia, para outros as ilhas que ficam acima das Britanicas — Orcadas, Shetland, Feroér, para alguns a Islandia, para muitos a Escandinavia (embora citasse "Scandinavia" e "Thule" o velho Pomponio Mela), para diversos a Groenlandia, para varios o Spitzberg. As fantasias deram as mãos aos comentos judiciosos dos classicos antigos, pois que, nas cartas do fim da Idade Média e nos portulanos do Renascimento, Thule figurava arbitrariamente, mais ou menos ao norte, entre monstros e fabulas. E dela só se ocupavam cancioneiros e trovas, dos quais saiu aquela famosa balada de um de seus reis, que Goethe perpetuou nos labios de Margarida e tão lindamente Mucio Teixeira verteu para a nossa lingua :

"Houve em Thule um rei outrora
Que até morrer foi constante :
Déra-lhe uma taça a amante
No momento de expirar ;
E ele, a presava tanto
Que, nas horas de alegria
Sempre que nela bebia
Deixava o pranto rolar.

Seus palacios e cidades,
Nos momentos derradeiros,
Dividiu pelos herdeiros,
Sem a taça a nenhum dar.
Depois, sentando-se á mesa,
Reunida a côrte em massa,
Mandou erguer a vidraça
Que deitava para o mar.

Levanta-se, a muito custo,
Empunha a taça, e suspira ;
Vai á janela e a atira
A's ondas, que vêm e vão...
Viu-a cair... demorou-se
A ver o mar, arquejante...
Passado um ligeiro instante
— Caía morto no chão !

A erudição moderna deixou de parte devaneios liricos e lendas, ou fabulas, e procurou determinar com acerto qual seria, em verdade, o país conhecido atualmente, que corresponda á antiga Thule de Pitéas. Desde o inicio e, sobretudo, após os meados do ultimo seculo, a questão preocupa os estudiosos europeus, escandinavos e alemães, principalmente. Iniciaram-se discussões, ensaios e comentarios em torno dela, com maior afinco, empós o aparecimento, em 1855, nas livrarias de Leipzig, da original monografia de Redslob — "Thule : die phonizischen Handelssung".

Coube a um grande autor de nossos dias pôr um ponto final na debatida questão, com a sua experiencia de marinheiro, a sua formidavel erudição de verdadeiro sabio e o seu enorme talento de escritor. Quero falar do explorador norueguês Fridtjof Nansen, eminente professor de oceanografia na Universidade de Cristiania, hoje Oslo, cuja obra monumental, intitulada "Nos misterios do Norte", esgota inteiramente o assunto e rezolve de maneira completa o velho problema.

No 1.° volume do "In Northern Mists", tradução inglesa de Chater, Nansen explora longamente a materia, através das relações de todos os geografos antigos nos tres capitulos : "Antiquity before Pythéas", "Pythéas of Massalia" e "Antiquity after Pythéas". Comparando os termos dos varios geografos e historiadores, analisando as palavras de portos e lugarejos, achando

as suas correspondentes em teutão, gotico, ou escandinavo, ele chega a conclusões desta natureza :

PRIMEIRO — A encontrar no livro vetusto do Upsala Edda, a palavra Thunila, nome de uma ilha na embocadura do rio Gota, na Escandinavia, da qual deve ter saído Thula e Thul.

SEGUNDO — A demonstrar, por exclusão, paulatinamente, que Thule, não podendo ser a Islandia, as Shetland e outras ilhas, só póde ser a Noruega.

Eis as proprias palavras de seu livro á pagina 60 do citado colume :

"All the statements about Thule which have been preserved answer to Norway, but to no other country".

Basêa-se Nansen tambem nas opiniões identicas, já exaradas, segundo aponta, por Geijer, em 1825, Sven Nilson, em 1837, Keyper, em 1839, Petersen Thue, em 1843, e Hugt, em 1893.

Parece, pois, definitivamente assentada, apesar da opinião contraria de Estrabo contra Pitéas, a existencia da terra que o marselhês indicou como o a ilha, ou região, mais setentrional da Europa, e que a mesma corresponde de modo absoluto á Noruega atual.

Desta sorte, nenhuma razão assiste aos que pretenderam colocar Thule na America, aquem da Atlantida.

* * *

O historiador de Thule que fechou os olhos para sempre no dia 13 de maio de 1930, em Oslo, capital da Noruega, era uma das maiores figuras contemporaneas. Cientista e explorador, escritor e filosofo, Fridtjof Nansen partiu para a grande e misteriosa viagem do alem ao beirar os setenta anos de idade, depois duma vida aventurosa e gloriosa como raras tem havido á face da terra.

Desde os vinte anos, a brancura dos desertos polares o seduzia e para eles se dirigiu, armado duma coragem sem par, em que se contrabalançavam a audacia e a calma. Estudou a fauna artica e esses estudos o elevaram á direção do famoso Museu de Bergen. Mais tarde, realizou uma grande exploração na Groenlandia e, em 1893, foi o companheiro do grande Roald Amundsen na viagem do "Frann". Então, suas aventuras terminaram por verdadeira odisséa sobre as vastidões geladas que percorreu a pé entre mil perigos até ser milagrosamente salvo pela expedição Jackson.

Como o principe de Monaco, tinha a paixão da oceanografia e nesse ramo dos conhecimentos humanos sua obra é interessantissima. Escreveu alguns trabalhos de historia natural, especialmente relativos aos animais polares.

Diplomata, representou algum tempo a Suecia, quando esta formava com a Noruega um reino-unido, na Inglaterra, e era detentor do premio Nobel da paz, que lhe foi concedido pela nobre ação exercida logo depois da guerra européa, repatriando prisioneiros, socorrendo famintos e localizando os refugiados civis. Nansen foi o Hoover dos paises escandinavos.

Os seus trabalhos escritos versam sobre ciencias naturais, geografia e historia. Em todos eles se mostra a vasta, profunda cultura do explorador, e um bom gosto literario raro nas obras dessa especie. Aqui, ali, floresce um pensamento filosofico. E se sente o amor desse homem privilegiado pelos misterios que nos rodêam por toda parte.

Sem duvida, o maior livro de Fridtjof Nansen é o "In Northern Mists", dois grandes volumes editados em inglês, a instancias do seu amigo dr. J. Scott Keltie, contendo a melhor historia dos descobrimentos realizados na imensidade polar. A cada passo, o homem de letras revela-se no historiador e no explorador pelo

acerto das citações classicas, pelo bom gosto consumado dos periodos e das frases, pela erudição livresca que orna as paginas, pela medida e pela proporção.

A introdução da obra, feita pelo proprio autor, é um trabalho de literatura e de filosofia encantador. "No começo — diz ele — o mundo aparecia á humanidade como um conto de fadas". Para se encontrar um estilo semelhante em livros de ciencia, é necessario recorrer ao velho Buffon da "Histoire Naturelle", ou, melhor ainda, por maior parecença, ao Humboldt do "Kosmos" ou da "Vue des Cordilléres". Em nenhum outro, a mesma eloquencia nem a mesma nobreza de estilo.

"The history of arctic discovery shows how the developent of the human race has always been borne along by great illusions". Traça essa historia : O que se pensava na antiguidade, anteriormente a Pitéas de Marselha sobre as regiões polares ; a palavra "artico" nascendo de "arktos", a grande Ursa ; as idéas de Homero, de Herodoto, de Teopompo, de Leucipo, de Empedocles, de Heraclito, de Anaxagoras, de Hipocrates, e de Damastes sobre o mundo ; os hiperboreos e os cimerianos ; as viagens dos fenicios e egipcios. O que se pensou e se fez, depois de Pitéas ; a ida á famosa Thule ; as navegações com o "gnomon" ; o que é Thule ; Deodoro Siculo, Estrabo e os habitantes das terras nordicas ; os mares coagulados de gelo ; as opiniões de Erastótenes, Hiparco, Polibio, Crates de Mallus, Possidonio de Apaméa, Cesar, Albinovanus, Seneca, Pomponio Mela, Plinio, Codanus, Agricola, Tacito, Dionisio Periegetes, Marino de Tiro, Ptolomeu, Cassiodoro, Avienus, Macrobio, Orosio, Amiano Marcelino, Marciano de Heracléa, Julio Honorio, Capela, Priciano Cesarense. O que se passou na Idade Media ; os escritos de Indicopleustas, Adão de Bremen, Jordanés, o bizantino Procopio, Isidoro de Sevilha, Beda o veneravel, Etico Istrico, Paulo Varnefrido, Olavo Magno, Raba-

no Mauro, Rimberto. O despertar medieval do conhecimento sobre o norte; desvendam-se os misterios das Feroé, das Orcadas e da Islandia; o rei Alfredo da Inglaterra fala do "White Sea"; as sagas perpetuam as façanhas dos "vikings"; os arabes descrevem as zonas desconhecidas; a lenda do povo de cinocefalos; os frisões e os normandos atiram-se ás ondas, rumo do oeste e do norte. O que foram os finêses, os lapões e os seus primeiros estabelecimentos na Escandinavia. Como os noruegueses atingiram a Islandia, a Groenlandia e a America Setentrional, a Vinlandia, a Marclandia, e a Helulandia, Labrador, Nova Escocia e Terra Nova, depois da ligação por mar da Groenlandia com a Europa, na Idade Media, quando se buscava no misterio dos mares tenebrosos as ilhas Afortunadas, a terra da Felicidade, o paiz Venturoso, a Bresail ou Brasail dos celtas...

Sómente esse livro é bastante para a gloria de Fridtjof Nansen. Nunca sobre o assunto se escreveu obra mais completa nem mais bela.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

DEODORO SICULO — *Biblioteca historica.*
ESTRABO — *Geografia.*
HOVGAARD (WILLIAM) — *The voyages of the norsemen to America.*
HUMBOLDT — *Cosmos.*
LELEWEL — *Pythéas de Marseille.*
NANSEN (FRIDTJOF) — *In northern mists.*
PLINIO — *Historia Natural.*
POLIBIO — *Historia Natural.*
POMPONIUS MELA — *De situ orbis.*
PTOLOMEU — *Tabulae.*
RAWLINSON — *The five ancient monarchies.*
REDSLOB — *Thule: die phonizischen Handelsung.*
REEVES — *Wineland the good.*
SENECA — *Tragedias.*
TERMAUX-COMPANS — *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir a l'histoire de la découverte de l'Amérique.*

Os iniciados da America

ENTRE os grandes tipos lendarios que civilizaram os povos mais adeantados da America pre-colombiana, émulos de Orfeu, de Moisés e de Rama, estão no primeiro plano Manco-Capac, Quetzalcoaltl e Bochica. Schuré chamal-os-ia *grandes iniciados*, e os esotericos afirmariam que neles se incarnaram alguns dos espiritos superiores emanados diretamente da divindade, nos primeiros tempos da vasta formação da materia. Nada adianta discutir-lhes a origem, e para nós americanos basta estudar como apareceram e que beneficios produziram durante o tempo em que estiveram no nosso continente. O primeiro creou a grande civliização incaica, que avassalou terras e homens das alturas de Quito aos planaltos bolivianos e ás fronteiras da Araucania. O segundo lançou as bases da que se desenvolveu entre aztecas e maias, nas regiões de Anahuac, de Guatemala e do Iucatan; o terceiro fez nascer a que cresceu no plató andino de Bogotá, no meio das populações chibchas e muiscas; e o quarto ensinou a agricultura e a magia ás tribus do Brasil.

Segundo se depreende de muitos autores que profundamente estudaram o antigo Peru, parece que houve uma civilização primitiva, talvez a aimará, anterior á dos quichuas, na zona que rodêa o lago Titicaca. Essa civilização por varias causas desapareceu, e os povos que, alguns seculos antes da conquista espanhola,

habitavam os arredores de Cuzco tinham recaído na barbárie. Foi quando duma ilha daquele lago, rezam as tradições religiosas, sairam Manco-Capac e sua mulher e irmã Mama-Oello. Diziam-se ambos filhos do sol e vinham dar nova vida ao mundo, ensinando áqueles que nele viviam o que tinham esquecido. Os selvagens acreditaram e obedeceram-lhes. Emquanto ele lhes dava leis e estabelecia um governo patriarcal, mostrando-lhes como se construiam casas, trabalhavam os metais e cultivava a terra, a mulher lhes ensinava a fiar e a tecer — como Aracné o fizera aos lidios, Atena aos gregos e Iao o Dragão aos chinêses. Assim, surgiu o Imperio dos Incas, que mais tarde se alastraria do equador ao rio Maule, no Chile, numa extensão de trinta e seis gráus geograficos.

Resumindo as lições de Orozco y Berra e dos velhos cronistas mexicanos, póde-se dizer que, no vale de Anahuác, antes da invasão tolteca (anno 544 de nossa éra, provavelmente) é que apareceu Quetzalcoatl, o homem branco de longa barba, vindo do norte, misteriosamente. Era imensamente bom. Quando falavam de guerra, entupia os ouvidos com algodão. Fundou uma religião, uma politica e uma moral. Ensinou as artes e as industrias. Espalhou todos os beneficios possiveis em redor de si e um dia desapareceu para todo o sempre.

Sobre Bochica transcrevamos o que diz Alcide d'Orbigny :

"Nos tempos de antanho, antes que a lua acompanhasse a terra, os habitantes, do planalto de Bogotá viviam como barbaros, nús, sem agricultura, sem lei e sem cultos. De repente, dos lados do oriente, apareceu um velho barbado. Esse ancião conhecido pelos tres nomes de Bochica, Nemqueteba e Zuha, civilizou os homens, como Manco-Capac, e, como este tambem, trazia consigo uma mulher, que possuia tres nomes — Chia, Yubecayguara e Huythaca. Era bela, mas

excessivamente má. Contrariava o esposo em todas as obras que empreendia para a felicidade dos homens. Foi ela quem fez a grande cheia do rio Funzha, cujas aguas inundaram todo o vale de Bogotá, fazendo perecer muita gente. Só escaparam a esse diluvio os que se refugiaram nas montanhas. Irritado, o velho expulsou a formosa Huythaca para fóra da terra, transformando-a na lua que nos ilumina á noite. Bochica, tendo piedade dos homens, quebrou com a mão poderosa as paredes de rochedos que represavam as aguas no vale, do lado de Canáos e de Tequemdana, reuniu as populações em Bogotá, construiu cidades, iniciou o culto do sol, nomeou dois chefes entre os quais partilhou o poder secular e eclesiastico e retirou-se, sob o nome de Idacanzas, no rincão sagrado de Iraca, onde viveu dois mil anos. Antes de abandonar definitivamente a terra, nomeou Zaque ou soberano um dos chefes de tribu respeitado por sua sabedoria, o qual reinou duzentos e cincoenta anos e submeteu todo o país que se estende de San Juan de Los Llanos ás montanhas de Opon. Depois disso, Bochica desapareceu misteriosamente de Iraca, a cidade mais populosa do Estado que fundara, e foi considerado simbolo do sol."

Miguel Triana fala de Bochica desta sorte :

"E' logica a concepção indigena de uma entidade divina que personificasse e simbolizasse a potencialidade das aguas em ação piedosa. A essa magnanima divindade os chibchas chamaram Bochica".

E mais adiante :

"Na memoria dos chibchas se conservou viva a recordação dum apostolo da nova idéa, que consideraram enviado de Bochica para ilustra-los. Setenta idades antes da conquista espanhola, isto é, nos começos da era cristã, apresentou-se no país do lado do oriente um sacerdote do sol chamado Nemqueteba, que ensinava seu culto e, apostolicamente, prégava as melhores

praticas agricolas em relação ao curso do astro, o bom gosto artistico dos tecidos das mantas e uma doutrina moralizadora dos costumes. As gentes, ansiosas por esses ensinamentos do sabio e santo missionario, seguiam-n'o por toda a parte, e ás vezes a multidão que o procurava era tão grande, que se faziam valados em redor dele afim de poder respirar e prégar. Tal sucedeu, por exemplo, ao passar pelo povoado de Cota, onde os fossos foram nivelados com os milhares de objetos com que o presenteavam... Esse civilizador e missionario, que os habitantes do vale tambem apelidaram Sadiguá, estabeleceu a hierarquia sacerdotal, instituiu o pontificado de Sogamoso, levantou ali o mais celebre templo consagrado ao astro divino e fundou as observações meteorologicas, deixando bem instruido nessas cousas seu dicipulo e sucessor Idacansás, que, pelo grande conhecimento dos signos celestes, podia prognosticar as mudanças de tempo, sêcas, chuvas, geadas e ventanias, segundo o conta D. João de Castellanos nestes versos :

> "El cual tenia gran conocimiento
> En los senales que representaba
> Haber mudanças en los temporales
> O de serenidad o tempestades
> De sequedad, de pluvias, hielos, vientos".

Bochica é, no fundo, o sol, e seus enviados com ele se confundem, como acontece com Quetzalcoatl, profeta e deus ao mesmo tempo, com Manco-Capac e Viracocha.

De Paicumá, Pai Sumé, Sumé e Zomé, civilizador de nossas tribus, occupamo-nos longamente em outro capitulo, de maneira a não ser necessario neste mais do que esta simples referencia.

Desses civilizadores se originaram as grandes civilizações que o homem branco ainda encontrou com vida neste continente e barbaramente destruiu. Dessas personagens misticas, saíu todo o progresso quichua,

nahôa, maia, chibcha e muisca. Desses pontos iniciais partiu tudo. Segundo Schuré, a humanidade tem sido guiada por grandes espiritos de iniciados divinos, enfileirados desta maneira : Rama, o creador do ciclo ariano ; Krishna, o instituidor da iniciação brahmanica da India ; Hermés Trismegisto, o iniciador dos misterios egipcios ; Moisés, o guia da missão israelita ; Orfeu, o civilizador dionisiaco da Helade primitiva ; Pitagoras, o mago da ciencia apolinea, o ordenador da "Paraskeié" ou preparação, da "Katharsis" ou teogonia, da "Teleothés" ou estudo da alma e da "Epifania" ou visão superior ; Platão e Jesus, bases da moral do Ocidente. Para completar esta maravilhosa galeria, seria necessario deixar o Oriente e a Europa, atravessar o oceano e vir, aquem da antiga Atlantida, ás terras americanas buscar as fisionomias grandiosas, devidamente despidas das lendas que as escondem, dos iniciados que guiaram para o progresso material e moral as humanidades de pele vermelha, amarelada ou bruna: aimarás e quichuas, toltecas, aztecas, nahôas, chichimecas, ou maias, muiscas, chibchas, guanes, caraibas e guaranis.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

ADAM (L.) — *Le Fou-Sang.*
CHARNAY (DESIRÉ) — *La civilisation toltèque.*
DONNELLY (IGNATIUS) *Atlantis : the antediluvian world.*
FERGUSSON — *Tree and serpent worship.*
ORBIGNY (ALCIDE D') — *Voyage dans l'Amérique Méridionale.* — *Voyage pittoresque dans les deux Amériques.*
OROZCO Y BERRA — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
RAWLINSON — *Origin of nations.*
REEVES (A. M.) — *Wineland the good.*
RESTREPO (Vicente) — *Los Chibchas.*
RÉVILLE (A.) — *Les religions du Méxique, de l'Amerique Centrale et du Pérou.*
SMITH — *Sacred annals.*
SCHURÉ (EDOUARD) — *Les grands initiés.*
TRIANA (MIGUEL) — *La civilisación chibcha.*

A Escritura Sagrada e as mitologias Americanas

QUANDO os missionarios cristãos abordaram ao continente americano e tiveram os primeiros contatos com os povos que o habitavam, curiosamente receberam destes o relato de suas crenças. E, como no fundo de todas as religiões ha sempre semelhanças, eles logo começaram a notar as similitudes de mitos ou crendices existentes entre as teogonias, concepções cosmogonicas ou lendas religiosas dos indigenas mais adeantados e aquelas que estão perpetuadas na Biblia.

Como dos povos americanos eram os povoadores do Mexico e do Perú aqueles que haviam atingido maior gráu de civilização em qualquer sentido, na selva intrincada de suas religiões fôram os prégadores do culto cristão achar essas semelhanças e aproximações em maior escala.

Ao mesmo tempo que agia, nessa procura, a natural curiosidade despertada pelas parecenças assinaladas, tambem a influenciava o desejo de mostrar que aquelas varias crenças se prendiam ás origens do culto cristão, se tinham originado das mesmas fontes, o que sobremodo facilitava a pregação do credo da cruz e a sua aceitação pelos aztecas ou maias, quichuas ou aimarás. Desse manancial se desprende a lenda da estadía de S. Tomé, o Apostolo das Indias Orientais, nas terras virgens das Indias Ocidentais.

As civilizações do país de Anahuác, do Mexico atual, muito encheram de admiração os conquistadores espanhóis e suas concepções religiosas especialmente, por causa da guerra sagrada e dos sacrificios humanos, horrorizaram os missionarios. Daí a contingencia em que estes se viram de melhor estudar o culto dessas gentes, afim de melhor combatê-lo, para impôr ao país a sua religião infinitamente superior.

Por isso, encontramos nas paginas da antiga historia mexicana maior numero de provas desse trabalho, póde-se dizer folclorico, de comparação dos credos americanos com o cristianismo que bandeirantes e missionarios traziam.

Joaquim Garcia Icazbalceta publicou no Mexico, num grande volume in-8.°, editado em 1870 pela Antigua Libreria del Portal de Agustinos, a grande obra escrita no fim do seculo XVI pelo frade franciscano Gerónimo de Mendieta, sob o titulo de "Historia Eclesiastica Indiana". Esta obra é rarissima : a citada edição foi tão sómente de 26 exemplares em papel fino e 420 em papel comum, o que dá um total de 446 livros. E é a unica que existe.

Esse interessantissimo autor, que narra toda a historia da catequese nas terras mexicanas, é um daqueles que mais se entregaram á faina das explicações e comparações religiosas a que aludimos. No capitulo VI, escreve, entre os informes que acerca de suas crenças deu um fidalgo azteca de Texcuco, isto : "Y tambien tenian por cierto que en el infierno habian de padecer diversas penas conforme á la calidad de los delitos...", "conseguinte conforman con nosotros los cristianos, que tenemos por fé lo que en diversas partes de la Escritura Sagrada se dice : que segun la medida del pecado será la manera de las llagas...". A' pagina 86, o freire cronista encontra em Anahuác a torre de Babel dos caldeus : "Los indios de Cholula, dando en

la locura de los de la Torre de Babel, quisieron haver uno de estos teucales ó templos de los dioses, que excediese en altura á las mas altas sierras de esta tierra y para este efecto comenzaron a plantar la cepa que hoy dia tiene al parecer de planta un tiro de ballesta, con haberse desboronado y deshecho mucha parte de ella, porque era de más anchura y longitud, y mucho más alta. Y andando en esta obra (segundo los viejos contaban) los confundió Dios, aunque no multiplicando las lenguas como á los outros, sino con una terrible tempestad y tormenta, cayendo entre otras cosas una gran piedra en figura de sapo que los atemorizó". No capitulo XXIX, ele estuda os varios castigos dados ao delinquentes ; tratando dos incestos e casamentos, diz que muitos tinham por habito tomar por mulheres as esposas dos irmãos falecidos, embora elas tivessem filhos, o que era o mesmo costume judaico, biblico, *quasi ad suscitandum semen fratris.* Mais curioso, em verdade, é o capitulo XL todo ele dedicado a "algunas autoridades de la sagrada Escritura que parecen hablar de la conversión de estos naturales". O franciscano invoca as palavras profeticas do salmo 17 :

Populus quem non cognovi servivit mihi : in auditu auris audivit mihi.

Em varias paginas apoiadas em autorizados documentos canónicos, ele pretende provar que essa gente desconhecida de Deus só podia ser a da America. Depois, lembra o salmo 45, que fala do fim das guerras e assegura que o mesmo se refere á terminação pelo cristianismo das horriveis guerras sagradas entre as varias nações de Anahuác, nas quais se colhiam os prisioneiros destinados ás grandes matanças rituais. O capitulo imediato traz esta epigrafe : "De algunos rastros que se han hallado de que en algun tiempo en estas Indias hubo noticias de nuestra fé".

Começa por dizer que os indigenas mexicanos eram, em materia de praticas religiosas, tão alheios e contrarios ao culto da cruz, que sua perplexidade é imensa ao verificar que, no entanto, eles tinham no fundo de sua religião pontos de contato com a dele. Em abono do que afirma, narra o que achou registado na celebre "Apologia" de frei Bartolomeu de Las Casas, bispo de Chiapa, manuscrito guardado no Convento de Santo Domingo.

Dela consta que um velho clerigo do Iucatan ouviu dum poderoso senhor maia desse país as seguintes informações acerca das crenças religiosas daquele povo: conheciam e acreditavam num Deus unico, que estava no céu, o qual era trino ao mesmo tempo, formado por tres pessoas — Tzona, o Padre Creador; Bacab, o Filho, nascido da virgem Chibirias, filha da mulher Ischel; e Echuah, o Espirito-Santo. Eopuco, um malvado, matou Bacab, o filho, quando este veiu á Terra, após tê-lo mandado açoitar e coroar de espinhos, amarrando-o pelos braços e pernas em dois páus encruzados e deixando-o ali morrer de fome. Mendieta assegura ainda lhe ter contado um companheiro de Frei Alonso de Escalona que, regressando duma missão na Guatemala, passou pelo convento dominicano de Guaxaca, e aí viu em mãos do Prior varias copias dos couros com antigas pinturas indigenas, nas quais aparecia Bacab crucificado e Nossa Senhora rezando aos pés da cruz. Depois, Bacab saindo do tumulo, ressuscitando.

O grave frei Diego de Mercado disse a Gerónimo Mendieta que um indio otomí, setuagenario, lhe falara de antiquissimo livro que havia outrora entre os da sua tribu, no qual existia a figura do Cristo crucificado. O mesmo informante tratou do Diluvio e de sete pessoas que se salvaram numa arca.

Ainda assegurou que, em tempos idos, recuadissimos, uma pluma branca caíu do firmamento, uma donzela a apanhou e guardou, nascendo-lhe por isso um filho, que era filho de Deus.

Os indios ahcies da Guatemala tinham pinturas do diluvio, acordes com o que disse o otomí ao frade Mercado. E Mendieta conclue seu curioso estudo, lembrando que o douto José de Acosta no seu "De natura Novi Orbis" procura, apontando essas similitudes, provar que os indios de Nova Espanha descendiam de colonias hebréas fugidas de Jerusalém após sua destruição por Vespasiano e Tito.

Na terceira Decada de Herrera, livro II, capitulo X se encontra uma completa noticia acerca da religião dos indios tarascos, que resumimos. Seu Deus unico, creador de tudo, era Tucapacha, o dono dos trovões e meteoros, que fez de barro um homem e uma mulher. Esse casal entendeu de tomar banho e desmanchou-se dentro da agua. Deus fez outro de cinza e metais, mais solidos, do qual se originou o genero humano. Veiu, porém, o diluvio. Salvaram-se numa grande canôa o sacerdote Tezpi e sua familia, com sementes de plantas e varios pares de animais. Quando as aguas começaram a baixar, esse Noé dos tarascos soltou um zopilote ou urubú, que se entreteve com a carniça abundante e não voltou. Então, soltou, varios passaros que tambem não tornaram. Por fim, largou o tzintzon ou beija-flôr, que regressou ao barco, trazendo no bico um raminho verde. Comentando isso, Orozco y Berra acrescenta que, mescladas a essas idéas e ás da imortalidade da alma, do julgamento final, do paraiso e do fim do universo, havia os cultos da lua, do sol, do fogo e dos deuses das quatro partes do mundo.

A lenda da Torre de Babel que já vimos em Mendieta, está documentada pelos grandes historiadores

das antigas cousas, mexicanas : Torquemada, Veitya, Duran, Boturini, Clavijero e Gondra.

Ela consta do celebre manuscrito de Ixthilxochitl. A ela se referem Prescott e Humboldt, no 2.º tomo das "Vues des Cordilléres". Orozco y Berra escreve estes periodos : "El objecto era alzar una torre como la de Babel, para librar-se de uno nuevo diluvio, intento que los dioses burlaron impediendo la conclusión de la obra y *confundiendo las lenguas* de los trabajadores ; rayos ó una gran piedra en figura de sapo mutilaron lo ya terminado". Mendieta não conhecia a parte referente á confusão das linguas. Para melhor completar a semelhança das duas relações, a biblica e a mexicana, sobre a torre de Babel, nem essa parte faltou. Ela consta de varios outros historiadores da conquista da Nova Espanha.

Analogias entre o Genesis biblico e as tradições peruanas podem ser feitas com vantagem. Ha pontos, em verdade, parecidissimos, a começar pelo Creador quichua, que se movia sobre as aguas, no cáos, como sobre as aguas boiava o espirito de Deus dos israelitas.

No Mexico, Zoutem, o espirito rebelde é comparavel ao Shatan ou Satan semita, da mesma forma que a historia de Zipanca do *Popol-Vuh* lembra a do Sansão da Biblia. Os gigantes Quinames da America Central assemêlham-se aos giborim dos judeus. As lendas do nascimento do Nemqueteba chibcha parecem com o que contam os Evangelhos do de Jesus. E em Guatemala se achou vetusto cunho de cobre em que uma serpe se enrola numa arvore, tal qual o espirito do mal na arvore da ciencia, da mesma maneira que igual serpe constringe um tronco numa antiga moeda de Tiro — origem distante do cifrão.

Outros pontos de contato entre as tradições religiosas conservadas pela Biblia ou pelos Evangelhos e as concepções cosmogonicas e mitologicas de antigos

povos americanos teem sido analisadas ou simplesmente registadas por historiadores e cronistas tanto no Mexico como no Perú, como no Brasil, tanto entre os hurões e assiniboios setentrionais como entre os araucanos e patagões sulinos, como entre os tapuias e os guaranis.

Assinalamos somente algumas das mais curiosas e melhor documentadas, e deante delas, confessando nossa admiravel ignorancia, murmuramos como frei Gerónimo de Mendieta, humildemente: "Dejemos a Dios todo, que sabe lo cierto, que nosotros (como dicen) hablamos de gracia, y podemos dar una en el clavo y ciento en la herradura".

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Acosta (José) — *De natura novi orbi.*
Baldwin — *Ancient America.*
Brasseur de Bourbourg — *Le Popol Vuh.*
Chavero — *Mexico á través de los siglos.*
Durán — *Historia antigua de Nueva Espana.*
Herrera — *Decadas.*
Huby — *Christus.*
Humboldt — *Vues des Cordilléres.*
Kingsborough — *Antiquities of Mexico.*
La Renandiere — *Mexique.*
Mendieta (Fray Gerónimo) — *Historia eclesiastica indiana.*
Orozco y Berra — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
Prescot — *The conquest of Mexico. — The conquest of Peru.*
Restrepo (Vicente) — *Los chibchas.*
Torquemada — *Monarquia Indiana.*
Triana (Miguel) — *La civilisación chibcha.*
Veitya — *Historia antigua de Mexico.*

A bananeira e os atlantes

A BANANEIRA de qualquer das duas especies principais, Musa Paradisiaca ou Musa Sapientum, Kandali dos brahmanes, é uma planta maravilhosa. As condições de sua reproducção, a constituição do seu fruto, o valor alimenticio do mesmo, tudo isso faz pensar na antiguidade de seu cultivo pelo homem. Não se conhece a bananeira selvagem, como não se conhece os trigo selvagem. Ambos se amostram desenvolvidos pela cultura e apresentando qualidades alimenticias que só um trabalho agricola milenar lhes poderia ter dado. Daí dizerem os esotericos que os dois vieram, para a terra e para a humanidade, de outro planeta mais adeantado, pela mão benefica dum "manú", isto é, dum espirito superior, guia dos homens.

Um botanico alemão, o professor Kuntze, admirado da maneira como deve ter sido transportada a bananeira da Asia e Africa, de onde parece originaria, para a America, afirma que "uma planta cultivada que não possua mais sementes, forçosamente foi submettida a prolongadissima cultura, sendo legitimo supôr que as plantas dessa natureza já fossem trabalhadas pelo homem no começo do periodo diluviano". Scott Elliot, um dos maiores defensores da hipotese da Atlantida, comentando o sabio tudesco, diz o seguinte: "Como ele indica, a planta não tem mais sementes, só se podendo reproduzir por "filhos", e sem batatas ou ce-

bolas que se possam facilmente transportar. Para esse transporte, seriam necessarios cuidados especiais. Ademais, não poderia suportar longa viagem. A unica maneira pela qual se póde explicar sua aparição na America é supôr que foi trazida pelo homem civilizado, na época em que as regiões polares gosavam de clima tropical!" Acrescenta ainda que, a não ser essa explicação, tambem dada por Kuntze, a unica plausivel é a da existencia da Atlantida, de onde a planta deve ter saído para o velho e para o novo continente. Para esse autor, o resultado mais consideravel obtido pela adeantada agricultura dos Atlantes foi a transformação da bananeira primitiva na atual. "No estado selvagem, a banana parecia um melão alongado, quasi sem pôlpa, mas cheia de sementes, como o melão, e só após muitos milhares de anos, através de numerosas e minuciosas seleções, desenvolveu-se completamente o fruto sem caroço que conhecemos hoje em dia".

A opinião de Manzi, outro fervoroso partidario da Atlantida, é ainda mais concludente. Ele acha que, existindo a bananeira na Africa e na America, concomitantemente, por força esse produto duma alta civilização foi levado duma região para a outra, em transplantações sucessivas, pois nada mais dificil do que o transporte dos chamados "filhos". Assim, necessariamente, existiu, um continente intermediario, através do qual se fizeram essas mudas continuas, pelas mãos de gente adeantada. E eis aí uma prova em favor da Atlantida de Platão.

Com efeito, a bananeira não foi trazida para o nosso continente depois do descobrimento de 1492. Ela nele já vivia muito antes, e quasi todos os povos pre-colombianos a plantavam, tanto no Norte como no Sul.

Alinhando esses e outros fatos, baseando-se em estudos de botanica, Ignatius Donnelly julga mais do

que razoavel ter sido a banana cultivada pelos Atlantes, que, nas suas viagens comerciais, a levaram para as suas colonias agricolas de Léste e Oéste do Mundo, onde o seu cultivo continuou, depois que as aguas e o fogo, conjugados, fizeram sossobrar no eceano tenebroso a ilha magnifica de Poseidon.

Donnelly escreve textualmente: "E' possivel ter sido uma planta dessa especie cultivada, durante imenso periodo, "ao mesmo tempo", na Asia e na America? Onde estarão, pois, as duas nações, de alta civilização agricola, desses continentes, pelas quais foi cultivada? Qual delas começou esse cultivo? Onde os vestigios de sua civilização? Todas as civilizações da Europa, Asia e Africa irradiaram do Mediterraneo; os Indo-Arianos avançaram para o Noroéste; foram precedidos pelos Persas, mais proximos vizinhos dos Arabes, primos dos Fenicios, e que viveram ao lado dos Egipcios, os quais, por sua vez derivaram sua civilização dos proprios Fenicios. Seria a maravilha das maravilhas ter "uma" nação, num continente, cultivado a banana, durante tão vasto periodo, até ela ficar sem sementes. Mas supôr que duas nações possam ter cultivado a mesma planta, nas mesmas circunstancias, em dois continentes diversos e contemporaneamente, é querer, em verdade, o impossivel".

Folheando-se outras obras a respeito da Atlantida, quer cientificas, como a de Ignatius Donnelly, quer de ordem teosofica ou esoterica, como as de Manzi e Elliot, encontra-se sempre a mesma opinião a proposito dessa questão da bananeira, que é, em verdade, mais interessante e mais séria do que á primeira vista se pensa. Encontram-se essas mesmas idéas nas brochuras sobre a Atlantida, de base cientifica, publicadas por Nicaise e Nadaillac, e nos livros esotericos de Le Dain sobre a India antiga.

Outras plantas originarias do Velho Mundo e aparecidas no novo ou comuns aos dois teem desafiado a atenção dos sabios e servido de provas para os que defendem a existencia da Atlantida ou duma antiga ligação entre os continentes. O milho é uma delas. O tabaco, outra. Encontra-se o caximbo em qualquer excavação na Europa setentrional, na America e até nas ilhas da Oceania. E o ananás americano figura nos monumentos assirios e babilonios.

Repelir essas teorias, "in totum", é materialmente impossivel, tais os nomes que as apoiam e a indiscutibilidade dos fatos em que basêam. Aceita-las de modo definitivo não é tambem possivel, porque o nosso ceticismo não permite que acreditemos piamente em tudo quanto nos queiram demonstrar. Mas é forçoso reconhecer que, no fundo dessas questões curiosissimas, ha um dourado véu de misterio, por demais tentador. Como ? Por que ? Para que ? Eis as tres interrogações formidaveis que perseguem o homem, no seu eterno tatear dentro das espessas trévas da sua ignorancia.

Assim, no caso, não podemos ter opinião. Simplesmente, chamamos a atenção dos leitores para o assunto e lhes expomos o que sobre ele podemos coligir através das eruditas paginas de alguns autores notaveis. Acresce ainda que essa hipotese da Atlantida, desde Platão até hoje, seduz as mentes elevadas. E', afinal, tão formosa, tão simpatica e tão consoladora que, mesmo não se acreditando, de todo, nela, a gente deve fingir que crê, para enganar-se a si proprio, mais uma vez, no meio de todos os enganos e ilusões do universo...

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Bentham — *Historic notes of cultivated plants.*
Bonafous — *Histoire naturelle du maïs.*
Candolle — *Geographie botanique raisonnée.*

DARWIN — *Animals and plants.*
DONNELLY (IGNATIUS) — *Atlantis : the antediluvian world.*
KALIDASA — *Meghadouta.*
LAYARD — *Nineveh and Babylone.*
LE DAIN — *L'Inde antique.*
MANZI — *Le livre de l'Atlantide.*
NADAILLAC — *L'Amérique préhistorique.*
RAWLINSON — *Origin of nations.*
SCOTT-ELLIOT — *History of Atlantis.*
WALLACE — *Island life.*

O camelo, o elefante, o cavalo e o leão na America

OS antigos distinguiram, como os modernos, duas especies de camelos — o da Libia, dromedario africano de uma só corcóva, o mehari, e o da Bactriana, camelo propriamente dito, de duas corcóvas. Desde Aristóteles e Teofrasto até Buffon e Brehm e outros naturalistas mais recentes, todos estão de acôrdo que os unicos habitats desses dois exoticos animais são a Africa e a Asia.

Entretanto, baseado nas afirmações de honestos cientistas, Scott Elliot diz que restos fosseis de camelos teem sido encontrados na America Setentrional, no Kansas, e mesmo na Meridional.

Sabe-se pelo historiador mexicano Clavijero que o governo espanhol procurou aclimar camelos no Perú, e, por um estudo meu, que o governo imperial brasileiro tentou a mesma cousa na provincia do Ceará, mais ou menos em 1858. Porém os restos a que se referem os arqueologos não são absolutamente desses animais, sim achados anteriormente a sua vinda, em lugares muito diversos daqueles em que vivêram, e fossilizados. Ignatius Donnelly, afirma no *Atlantis :* "The fossil remains of camel are found in Africa, India, South America and in Kansas".

Manzi, autor de *L'Atlantide*, partilha a mesma opinião, com mais ardor e maior amplitude : "...l'Amé-

rique a été le berceau du cheval, de l'élephant et du chameau... Toutes ces espéces se rencontrent a l'état fossile dans les terres américaines..." Manzi não é um cientista ; o seu livro está cheio de devaneios ; porem ele se fundamenta em obras sérias para fazer certas afirmações.

Segundo o escritor colombiano Miguel Triana em *La Civilisation Chibcha*, encontraram-se ossos fósseis de camelo em Bosa, na Colombia, o que está de acôrdo com a lenda do herói local, o civilizador Bochica, que viera de longes terras montado num camelo, conforme relatam as *Noticias Historiales*, de Simón. Os indios, por isso, adoraram a ossada em questão.

* * *

Julgou-se tambem, geralmente, que nunca houve elefantes na America. Todavia ha curiosos documentos em contrario. Donnelly assegura que se encontram figuras de elefantes gravadas nos objetos de pedra polida dos antigos toltecas. Escreve a proposito : "We find in America numerous representations of the elephant. We are forced to one of two conclusion — either the monuments date back to the time of the mammouth in North America, or these people, held intercourse at some time in the past with races who possessed the elephant, and from whom they have obteined pictures of that singular animal". E conclue, apesar de toda a sua frieza : "Plato tell us that the Atlanteans possessed great numbers of elephants".

Quer essas figuras representem o mamuth, o mastodonte, ou o "elephas primigenius", o certo é que se multiplicam no interior dos Estados Unidos, nos locais onde ainda hoje perduram vestigios de antiquissima e misteriosa civilização. No Estado do Wisconsin, ha

uma serie de monticulos, *mounds*, preparados artificialmente com fins religiosos ou simplesmente funerarios, afetando formas de varios animais. Um deles apresenta o perfil dum elefante, tão perfeito, tão proporcional, que é quasi impossivel não tenham seus construtores conhecido o pesado paquiderme.

No livro de John Short *The North Americans of Antiquity*, encontra-se á pagina 530 a reprodução dum caximbo primitivo, achado numa fazenda do distrito de Louise, no Estado de Iowa, com a fórma exata dum elefante. Nas afamadas ruinas da cidade de Palenqué, na America Central, que ainda agora nos assombram com a maravilhosa civilização da época de seu apogeu, ha um baixo relevo que foi copiado por Waldeck : um sacerdote indigena, trazendo á cabeça singular capacete, com olhos, orelhas, presas e tromba de elefante. E' a mesma mascara que surge nos códices manuscritos dos antigos mexicanos, segundo se póde ver na obra de Taylor – *Researches into the earley history of Mankind*.

Podem-se aceitar assim, serenamente, estas palavras de Donnelly : "The decoration known as *elephant-trinks* is found in many parts of the ancient ruins of Central America, projecting from above the doorways of the buildings".

Si em favor da existencia pre-colombiana do camelo na America militam os fósseis, em prol da do elefante se alinham os testemunhos milenarios e irrecusaveis da arte e da ciencia. Já se averiguou cientificamente a existencia do *elephas primigenius* na America Meridional. Humboldt apanhou seus fósseis em Imbabura, no Equador. Examinados por Cuvier, em Paris, este reconheceu uma especie particular do chamado *mastodonte das Cordilheiras*, do *Mastodon Andium*, a que deu o nome de *Mastodon Humboldti.* O proprio Humboldt declara no *Cosmos* que se acham na America res-

tos fossilizados do elefante, do rinoceronte, do boi, do cavalo e do cervo. A 2.660 metros de altitude, perto de Bogotá, ha um campo cheio de ossadas de mastodontes chamado *campo dos gigantes*. Nele o referido sabio procedeu a excavações cuidadosas. O mesmo estudo realizou em relação aos ossos do plató mexicano, onde encontrou muitos pertencentes, como diz, "a certas raças extintas de verdadeiros elefantes".

* * *

Tambem não se admitia que o cavalo tivesse existido no nosso continente antes do descobrimento. Buffon e Paw sentenciaram que ele fôra trazido pelos conquistadores. As provas arqueologicas e paleontologicas desmentem essa opinião. Scott Elliot apregôa que recentes descobertas efetuadas no Nebraska mostram que o cavalo é originario da America, pois os réstos fósseis indicam as varias fórmas intermediarias por que passou o quadrupede antes de atingir a presente. Desses tipos do proto-hippus um consta mesmo da historia. E' o cavalo de Cesar que teve uma estatua deante do templo de Venus Genitrix e que Suetonio descreve desta maneira: "pedibus prope humanis, et in modum digitorum ungulis fissis". Aulo Gelo dedica um capitulo a esse cavalo ungulado conhecido em Roma como o cavalo de Seius, seu primeiro dono.

A identificação dos restos fósseis do proto-hippus do Nebraska foi cuidadosamente feita por um professor da Universidade de Yale, o sr. Marsh, que conseguiu com os mesmos restaurar toda a série da evolução cavalina através de milhares de anos, desde quando foi do tamanho duma raposa até a estatura atual.

Desiré Charnay estudou tambem o cavalo na America pre-colombiana e encontrou nas minas toltecas de

Tula ossadas de porcos e de carneiros que se pensava nunca têrem existido deste lado do Atlantico. O sabio francês assegura que os fósseis de cavalos achados por ele nessas minas denunciavam a mais remota antiguidade. Humboldt afirma que houve o cavalo no nosso continente.

* * *

Ainda ha outras aproximações a fazer e parentescos a elucidar entre os animais do velho e do novo continente. O glutão (26) europeu e a *wolverine* (27) da America do Norte são primos, sinão irmãos. O auroch germanico, o urus dos antigos, o *bos priscus,* corresponde ao bisonte ou bufalo da antiga Luisiana. Os lobos dum lado e do outro do Atlantico são identicos. E o *cervus americanus* mal se distingue do alce nordico.

* * *

Na magistral descrição do leão, que abre o tomo nono da edição de suas obras, in-quarto, pela Imprensa Real de Paris, Buffon apoia-se em Aristóteles, sobretudo na parte referente á reprodução dessa especie animal, e diz que no tempo daquele ainda ela vivia na Tracia e na Tessalia, citando Eliano e Opiano a proposito dos leões negros da Etiopia, dos brancos, vermelhos e raiados das Indias ; mas admite sómente sua existencia nos climas tropicais e temperados da Africa e da Asia. Os grandes naturalistas que lhe teem sucedido continuaram pelo mesmo caminho. Deles raros se referem á possibilidade da existencia de leões no conti-

(26) *Gulo luscus.*
(27) *O glutão americano.*

nente europeu e só vêem no americano os pumas, que se enquadram no genero. Entretanto, é fóra de duvida que viveram outr'ora leões verdadeiros, tanto na Europa como na America. A questão é curiosa e interessante.

A primeira autoridade a invocar é a de Aristóteles. Abramos a sua *Historia dos Animais*. No primeiro volume, á pagina LXXII do prefacio, encontraremos estas palavras do tradutor e comentador : "Quant aux lions, léopards, lynx, panthéres, ours et autres animaux feroces, Xenophon est trés bref ; mais de ce qu'il dit, on peut conclure que, de son temps, il y avait encore des lions en Gréce, dans les monts Pangées et sur le Pinde, au nordouest de la Macedoine. Aristote atteste plusieurs fois la même chose ; et son assertion, qui pouvait passer pour douteuse est confirmée par Xenophon". A' pagina 393 do segundo tomo e á 118 do terceiro estão as proprias palavras do filosofo : na Europa só existem leões entre o Achelous e o Nessus". O testemunho de Xenofonte, já invocado por Saint-Hilaire, é anterior. Póde-se lê-lo no *Tratado da caça*, capitulo XII, pajina 758, da edição de Firmin Didot.. Mesmo até a mitologia consagrára o fabuloso leão de Neméa, na Argolida.

Herodoto admite os mesmos limites que Aristóteles para o habitat dos leões europeus. A mesma cousa está em Aulo-Gelo. Pausanias conta a tradição corrente na Atica do templo de Diana consagrado por Alcathous no lugar em que matara o leão do Citheron, celebre por suas devastações. Outro famoso foi o de Neméa. E, seguindo as pegádas desses ilustres antecessores, diz Lucano, na *Farsalia :*

> "Bistoni venere lupi, tambemque cruentoe
> Coedis odorati Pholoen liquere leones".

Saint Yves d'Alveydre, em *La Mission des Juifs*, vai mais longe nas afirmações sobre a existencia de leões na Europa, dizendo que eles habitavam as grandes florestas do continente, não só até o tempo de Aristóteles, porém, mesmo até a época dos Niebelungen. O grande poeta eslavo Adão Mickiewicz, na epopéa popular do *Thadeu*, descrevendo a imensidade das antigas selvas da Lituania, mostra, reinando nelas, o "leão orgulhoso".

A ciencia moderna corrobora o testemunho dos classicos, dos filosofos, dos escritores e dos poetas. Lartet admite que os leões citados por Herodoto fossem do genero espeleu, das cavernas, de que se encontram restos na Europa, e Lubbock não está longe de aceitar o que assegura Lartet.

Todos os esotericos estão de acôrdo com a existencia do leão na Europa e na America, antigamente. Eles dão uma importancia especial a essa féra que simboliza a força, a energia calma e conciente, incluida no tetramorfo esfingetico de que sairam os kerubs assirios e os animais dos Apostolos. Scott-Elliot assegura que o leão foi creado pelo Manú, condutor da humanidade, para ser domesticado pelo homem e se transformar no mais poderoso dos animais de tiro. Mas a humanidade não soube aproveita-lo. E' esse mesmo autor quem nos garante que os restos dos leões das cavernas da Europa se encontram tambem na America do Norte.

Para aqueles que negam o valor das afirmações dos teosofos, embora na sua maioria elas estejam apoiadas em dados da ciencia oficial, podemos dar as palavras de Ignatius Doennelly, que aceita a existencia da Atlantida e declara : "Remains of the cave lion of Europe ("Felix speloea"), a largest beast than the largest of the existing species, have been found at Natchez, Mississipi".

As identidades da flora, da fauna, dos fósseis, das ossadas e das tradições são das melhores bases em que

se estriba a opinião dos estudiosos modernos, que querem tenha existido, no seio do "Mare Tenebrosus", aquela ilha, onde nasceram os mitos, as ciencias e as artes, "maior que a Libia e a Asia reunidas", de que, com tanto entusiasmo, por duas vezes nos falou Platão, a Atlantida de Teopompo e dos padres de Saís, o Aztlan dos antigos mexicanos.

* * *

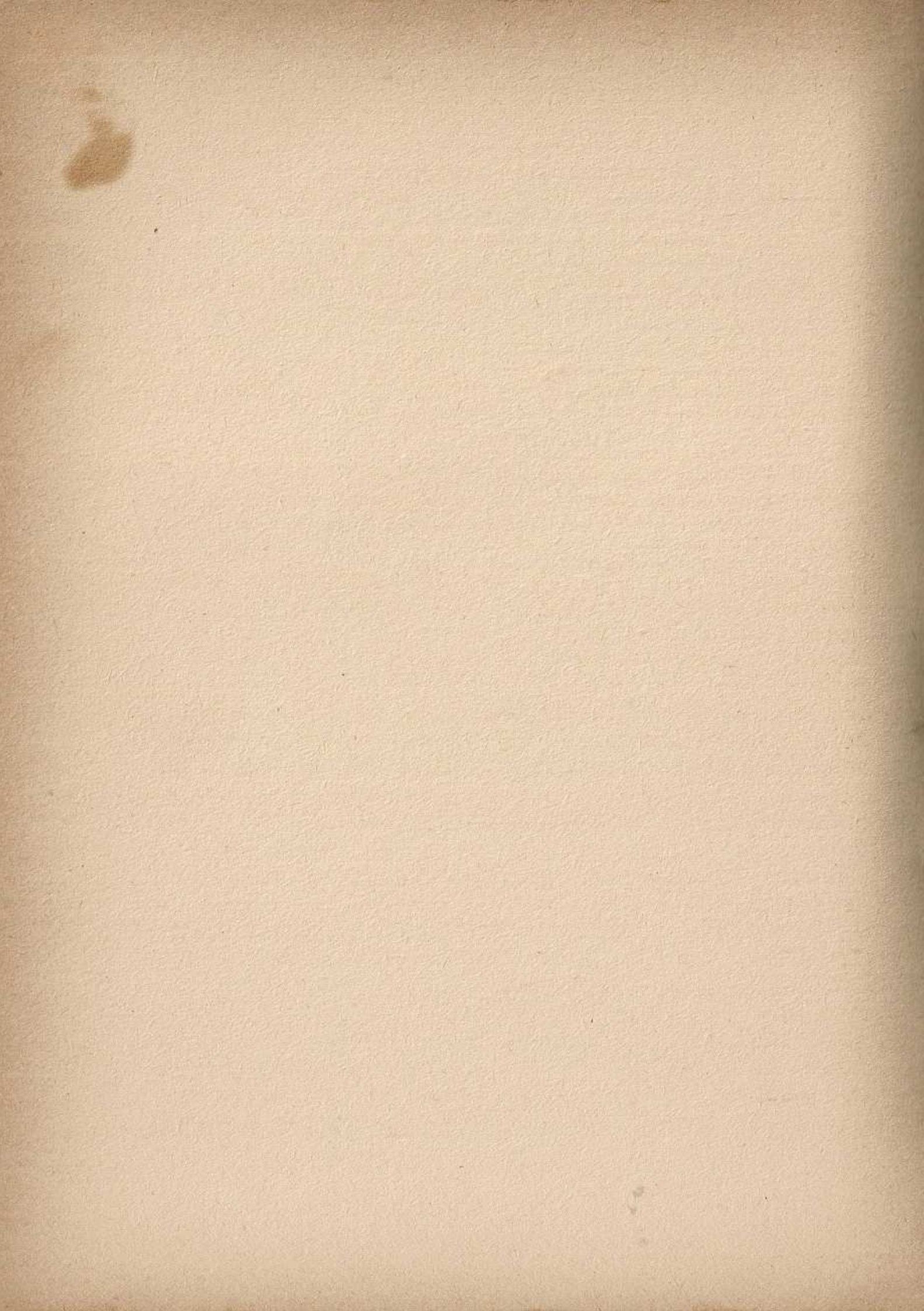
A proposito de tais assuntos, Ignatius Donnelly pergunta: "How did the wild horses pass from America to Europe and Asia if there no continuous land communications between the two continents?".

* * *

Não é o pensamento obrigado a se deter na miragem da Atlantida que o genio de Platão imortalizou nas paginas do *Critias* e do *Timeu*, e que o grande Solon trouxera do Egito vetusto para as terras risonhas da Helade ?

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Aristóteles — *Historia dos animais.*
Aulo Gelo — *Noites aticas.*
Barroso (G.) — *O sertão e o mundo.*
Brehm — *Vie des animaux.*
Buffon — *Histoire naturelle.*
Charnay (Desiré) — *Palenqué.* — *Les ruines d'Ake.* — *Aperçu des antiquités de l'Amérique Centrale.*
Clavijero (Javier) — *Historia Antiga deMexico.*
Cuvier — *Revolutions de la nature.* — *Ossements fossiles.*
Darwin — *Animals and plants.*
Donnelly (Ignatius) — *Atlantis: the antediluvian world.*
Eliano — *Historia dos animais* — *Varias historias.*

Gervais — *Histoire naturelle des mammiféres.*
Herodoto — *Historias.*
Humboldt — *Vues des cordilleres.* — *Cosmos.*
Latcham — *Los animales domesticos de la America Meridional.*
Lubbock — *L'homme avant l'histoire.*
Lucano — *Farsalia.*
Manzi — *Le livre de l'Atlantide.*
Mickiewicz — *Thadée.*
Pausanias — *Viagem á Grecia.*
Platão — *Critias.* — *Timeu.*
Plinio — *Historia natural.*
Saint-Yvres d'Alveydre — *La mission des juifs.*
Scott-Elliot — *History of Atlantis.*
Short — *The north americans of antiquity.*
Simon — *Noticias historiales.*
Suetonio — *Os doze Cesares.*
Taylor — *Researches into the earley history of mankind.*
Teofrasto — *Eresié.*
Triana (Miguel) — *La civilisación chibcha.*
Xenofonte — *Tratado da caça.*

A cruz na America

A CRUZ é o mais antigo simbolo de quasi todas as religiões. Nós a encontramos, variando de fórma, nos mais velhos monumentos da humanidade. Ela aparece nas inscrições, nos estelos funerarios, nos altares, nas pedras dos muros de quasi todos os povos antigos, ora como swastika indú, representando os dois madeiros cruzados, de que se fazia resaltar Agni, o fogo ; ora táu egipcio, significando a fecundidade ; ora fylfot dos anglo-saxões, amuleto solsticial ; ora bastão de Astartéa, em Sidon ; ora dois retangulos cruzados entre os celtas ; ora martelo runico do Thor escandinavo ; cruz palmada de Artemisia, cruz gamada de Tebas, cruz de Malta dos cilindros babilonicos, dhung-fô tibetano, tetraskéle de Belenus — o Apolo da Galia ; ora, ainda, formada por quatro prótomos de cavalos ou de hipocampos, em honra do sol, nas moedas galo-romanas e nas fibulas de ouro e bronze da Grecia classica ; furca latina ; rota ou taro de Athor ou Ha-Thor ; Xi ou Khi das velhas numismas de Minerva ; sinal hamulico ou solar dos guebros ; Tau-selam, tau da salvação, ou T-selam, talisman, dos cabalistas ; Staurus ou passivo e ativo dos gnosticos ; cruz solar de Mithra. Na India, a cruz surge hieraticamente ornada de leões, elephantes, zebús, chamas e raios. E' tão antiga que já se encontra nos monogramas dos planetas, que Platão registava sua universalidade, que nela os hermeticos de todos os tempos reconheciam

a *arvore da vida*, o laço que une o visivel ao invisivel... Esse simbolo solar existe por toda a parte. Conforme certos autores, os atlantes viam nele a resurreição do sol, a imortalidade. Está na escrita chinesa. Atributo dos deuses geradores, no dizer de Piérart, é o Ioni-Linga, o Tchaakia, o Konti, o Asha-Siva, o Aschera, o Ikingva-oz, o Mezli, o Lamb, o Oúan, o Bi-Coinne. Consultando-se a imensa e variada bibliografia que ha a seu respeito, desde o *La croix gammée ou svastika étude de symbolique comparée*, do conde Goblet d'Alviella, até o artigo "Croix", do *Dictionnaire des antiquités chrétiennes*, do padre Martigny, procurando-se comparar religiões e buscando-se na ceramica e na iconografia dos museus os elementos necessarios, poder-se-iam escrever muitos volumes sobre o assunto.

Nós, porém, não pretendemos tanta cousa. Após lembrar a universalidade desse sinal eminentemente religioso, sómente desejamos mostrar, com o auxilio da documentação melhor possivel, que ele existiu entre os povos americanos, antes do cristianismo chegar ás nossas plagas, como existira nos tumulos gaulêses, nos vasos gregos, nos templos indús, nos tijolos caldeus, nos estélos fenicios, nos baixo-relevos egipcios e nas coifas dos tibetanos.

Paulo Gaffarel afirma, á pagina 219 da sua obra *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb*, que o culto da cruz "était repandu dans toute l'Amérique avant le christianisme". A' pagina 287, ele acrescenta que "en Amérique, elle était l'objet d'un culte spécial et á peu prés universellement reconnu. Ainsi Gomara rapporte que les premiers Espagnols qui débarquérent en Amérique, rencontrérent des croix sur les tombeaux comme dans nos cimetiéres. Le pére Antonio Ruys fait mention d'une croix miraculeuse trouvée au Paraguay. Un missionaire français, le pére Leclerc, raconte qu'une peuplade des bords du

Saint-Laurent allait mourir de faim lorsque apparut un beau jeune homme, porteur d'une croix, qui leur ordonna d'adorer cet instrument de salut : ils obéirent et furent sauvés. Dés ce jour ils conservérent pour ce signe sacré l'adoration la plus profonde. Garcilaso de la Vega assure que les Incas, á Cuzco, rendaient un culte secret á une croix de jaspe : son temoignage doit nous être suspect, car, en sa qualité de descendant des Incas, il avait interêt á menager l'amour propre et á flatter l'orgueil de ses vainqueurs ; mais ce qui semble prouvé c'est qu'au Brésil, et surtout au Yucatan et au Mexique, la croix était adorée á l'epoque de la Conquête espagnole. Dans un de ces mysterieux bas reliefs de Palenqué, que la science cherche encore á dechiffrer, deux jeunes gens sont representés lui rendant hommage."

Vejamos os grandes historiadores do Novo Mundo como encaram e o que dizem a respeito do culto da cruz entre os povos americanos, antes da vinda dos europeus.

Frei Gerónimo de Mendieta, da Ordem de S. Francisco, escreve, na sua *Historia Eclesiastica Indiana,* que data do fim do seculo XVI : "Cuando se descubrió el reino de Yucatan, dicen que hallaron nuestros espanoles algunas cruces, y entre ellas una de cal y canto, de altura de diez palmos, en medio de un patio cercado, muy lucido y almenado, junto á un muy solemne templo, y muy visitado de mucha gente devota. Esto fué en la isla de Cozumel, que está junto á la tierra firme de Yucatan. Preguntados los naturales, de donde y como habian tenido noticia de aquella senal, respondieron que un hombre muy hermoso habia pasado por alli y les habia dejado aquella senal para que de él siempre se acordasen, diciendo que los que en tiempos futuros trajesen aquella senal habian de ser sus hermanos, y que los llamó "los barbados del oriente".

Esta lenda viveu grandemente espalhada entre os indigenas do Mexico, e todos os historiadores da conquista da Nova Espanha dela tratam a miúde. Os habitantes daquellas paragens contavam que, havia muito tempo, viera do Norte, coberto de roupas estranhas, trazendo a cruz, um homem chamado Quetzalcoatl, que lhes ensinára muita cousa e lhes profetizára a vinda proxima de conquistadores da sua raça. Depois de morto, ele fôra divinizado pelos que evangelizára e aos quais déra melhor vida.

Está absolutamente provado que tal lenda existiu entre os naturais do país, que a narraram aos espanhóis. Muitos escritores, que dela se ocuparam, deram-lhe como explicação a fabulosa vinda do apostolo S. Tomé ás terras americanas ; alguns chegaram mesmo a lembrar que essa misteriosa personagem fôsse o rei gôdo de Espanha Rodrigo, escapo com vida á batalha do Guadalete e fugido para tão longe da patria conquistada pelos mouros. Si ha uma base verdadeira na origem da lenda de Quetzacoatl, só se pódem admitir duas explicações possiveis : ou ele foi um missionario enviado ás plagas mexicanas pelos cristãos nestorianos, que, perseguidos nas provincias asiaticas do Imperio Romano, se acolheram ás cidades maritimas da China, como ás mesmas tinham ido outrora buscar guarida numerosas familias de judeus fugidos ao cativeiro de Babilonia ; ou, então, um sacerdote desgarrado dos bandos de escandinavos que exploraram, do IX.º ao XI.º seculo, a America setentrional — Helulandia, Marklandia e Vinlandia.

Mendieta lembra mais a existencia, nuns couros pintados, pertencentes aos antigos habitantes da America Central, que estiveram em mãos do vigario de Guaxaca, de varios sinais da cruz, um deles tendo mesmo o corpo dum homem supliciado e, aos seus pés, duas mulheres de joelhos.

Orozco y Berra diz que os aztecas tinham mesmo no seu idioma uma palavra especial para designar a cruz. Na sua obra *Historia Antigua y de la Conquista de Mexico*, não faltam referencias ao culto ou ao encontro da cruz na America.

Na sua curiosa *Monarquia Indiana*, livro IV, capitulo XIV, Torquemada diz que a essa cruz os indios denominavam Tonacacuahuitl, o que quer dizer, ao pé da letra — madeiro que dá o sustento da nossa vida, isto é, o que alimenta o nosso corpo. Veytia interpreta essa palavra de outra maneira : — páu da fertilidade. Este ultimo significado lembra o simbolismo do tau e do martelo runico — a fecundidade. Brinton assegura que esse nome nahôa de Tonacaquahuilt se traduz por *arvore da vida*.

Em todo o Mexico se acharam cruzes celebres : a de Mixteca, de que fala o padre Javier Clavijero na sua obra notavel, Boturini, no seu grande livro, e o dominicano Burgôa, na sua "Cronica" ; a de Querétaro, a que se refere o doüto jesuita Sigismundo Tarabal nos seus manuscritos, preciosamente guardados no colegio de Guadalajara ; a de Tianquiztepec, descoberta pelo citado Boturini ; a de Cuanhtochco, que o corsario Drake não conseguiu destruir ; a de Tepic ; a de Mitztitlan, acompanhada do crescente lunar, lavrada no granito, ereta na ponta inacessivel duma serra ; a de Cozumel, cuja existencia afirmam frei Bartolomeu de las Casas e Pedro Martir na sua quarta Década. Da cruz dos antigos mexicanos disse d. Antonio de Saavedra Guzman, no seu *Peregrino Indiano*, impresso em Madrid, em 1599, na folha 23 :

"Tienen ali la cruz, y la adoraban
Con gran veneracion y revirencia,
Diós de lluvias continuo la llamaban
Y estaba en un gran templo de abstinencia."

Segundo documentos de propriedade do erudito mexicano D. Joaquim Icazbalceta, o capelão da armada de Grijalva escreveu ao rei de Espanha, dizendo-lhe que, na ilha Ulúa, "adoran una cruz de mármol, blanca y grande, que encima tiene una corona de oro ; y dicen que en ella murió uno que es más lucido y resplandeciente que el sol". Bernal Diaz del Castillo, companheiro e historiador de Fernão Cortez assegura tambem, na sua *Historia Verdadeira,* (cap. III), que os indigenas "tenian unas senales como á manera de cruces". Conforme o já citado Pedro Martir, os naturais da região de Cumaná tinham a cruz como signo que os livrava do diabo, usavam-na em forma de X, tal qual a chamada cruz de Santo André dos cristãos e denominavam-na Pumúteri.

Colombo encontrou-a, de madeira, num promontorio de Cuba.

Orozco y Berra fala nestes termos da existencia da cruz entre os mexicanos ; "Distinguen-se (refere-se a varias pinturas aztecas) la cruz griega y latina ; ya se presenta como distinctivo en la capa y en el tocado de Quetzalcoatl y de Ebecatl ; marca la talega en que los sacerdotes conducian el incienso ; se la encuentra marcando ciertos asientos ó Tronos de los dioses". Depois, o notavel historiador lembra a cruz de Palenqué, á qual Gaffarel se reportou, conforme vimos, baseado nas *Antiquités Mexicaines,* de Dupaix, que a descreveu como uma cruz grega, muito desfigurada pelo exagero dos adornos. Mas o arqueologo acrescenta que todo o luxo ornamental do baixo-relevo em marmore amarelo, no meio do qual está, parece destinado a faze-la resaltar. Na sua parte superior, ha uma ave pousada, semelhando um galo ; na sua base, duas figuras estão em adoração, levantando uma nos braços um menino.

Palenqué fica na Guatemala. Alexandre de Humboldt obteve cópia das suas esculturas e a proposito

de sua cruz, tão celebre, bem como das do Iucatan e outros lugares, acha que lhes falta um pouco da haste superior e que se assemelham mais ao tau. Nas suas *Vues des Cordillères* e nos seus *Monuments des peuples americains*, o grande sabio publica varias dessas cruzes. Algumas são formadas por quatro plantas de pé, que se encontram pelos calcanhares. Os aztecas chamavam esse simbolo "xocpalli" e ele indicava os quatro movimentos solares. Na *Revue Américaine*, o erudito F. de Waldeck opinou que a cruz das ruinas de Palenqué significasse os quatro pontos cardeais. Humboldt cita mesmo a opinião de Lenoir, para quem a referida cruz indicava simplesmente a intersecção da eliptica com o equador. Para Brinton ("The miths of New World"), é o emblema dos quatro ventos, e o passaro pousado na cruz, o deus do ar. Charencey, impregnado pela mania de encontrar o budismo no nosso continente, acha que ela é a arvore da Ceiba. Porém o mais interessante nisso tudo é que a civilização guatemaliana de Palenqué, a maia do Iucatan e a nahôa de Anahuac ou dos Aztecas são, pela lingua, escrita, arquitetura, indumentaria, teogonia, mitos, tradições, usos e costumes, inteiramente diversas entre si. Entretanto, todos elas possuem o sinal da cruz em varios monumentos e documentos, sendo nos de uma, segundo os que lhe procuram o nascedouro, talvez de origem budica, nos de outra talvez de origem cristã pelos nestorianos ou pelos homens do norte, chefiados por Cuculcan ou Quetzalcoatl.

Por intermedio de Orozco y Berra, sabemos mais que na serra de Chocola tambem se encontram, entre letras desconhecidas, varias cruzes entalhadas nas pedras brutas; que em Palenqué, "ciudad de los bajo relieves y de las inscripciones", as janelas dos templos são em forma de cruz; e que Gomara, famoso autor da *Historia de las Indias*, falou de cruzes de "palo y de laton" nos santuarios de Acuzamil e Xicalanco.

Sobre a cruz entre os antigos peruanos, temos que recorrer a Garcilaso de la Vega, que nos diz, textualmente: "Los Incas tenian una cruz de um mármol muy hermoso ó de jaspe el más puro, perfectamente pulida y hecha de una sola pieza; tenia tres cuartas de ano de largo y tres dedos de ancho, y estaba colocada en un logar sagrado de palacio, como objecto de gran veneracion. Los españoles la enriquecieron de oro y de piedras y la colocaron en la cathedral de Cuzco." Gaffarel não acredita nesse depoimento; entretanto, os arqueologos americanos Rauking e Warden acham possivel que tal simbolo tivesse sido levado ao Perú pelos cristãos nestorianos da China, que Marco Polo encontrou, na sua viagem, vivendo tranquilamente entre os mongóis. Os habitantes das costas mexicanas do Pacifico, como os mixtecas, por exemplo, esses afirmavam que a cruz, que existia na sua região, em Huatulco, lhes fôra trazida por um ancião barbado e branco, de longas vestes e vastas barbas, que viera por sobre o mar, prodigiosamente, dos lados do Perú.

Chapelain viu uma cruz de pedra no antigo cabo Pointrincourt e Squier, uma swastika ornando um idolo canadense de terra-cota.

As cruzes abundam na ourivesaria dos araucanos, ornam os brincos de ouro e são pendentes dos alfinetes de prata. Acham-se até nas joias de procedencia araucana descobertas entre os diaguitas da Argentina.

Por todo o interior do Brasil se topam rochedos cheios de inscrições primitivas, profundamente misteriosas, identicas pelo simbolismo e pela execução, como pelos possiveis intuitos religiosos, aos mahadéus do Indostão, ás "pierres á cupules, á écuelles" ou "á bassins" que se vêem em todo o mundo — na Escandinavia, na Grã-Bretanha, na França, nos Balkans, na Suissa, na Italia, no centro da Asia, em varios lugares da Africa e pelas Americas em fóra. Para exemplificar os lugares

onde existem esses caractéres indecifraveis, póde-se dizer, entalhados nos sienitos e granitos brutos, basta citar S. Tomé das Letras, em Minas Geraes, Giqui e o riacho Fonseca, no municipio de Quixeramobim, no Ceará, Piracuruca no Piauí. Em todos, a cruz aparece, já se aproximando da swastika da India, já do tau egipcio, ora isolada, regular ou irregular, ora tendo cavidades nas suas pontas e ora encerrada num circulo, como as dos vetustos monumentos da Galia e das ornamentações arquiteturais do Oriente.

Na sua *Historia Natural y General*, impressa em Madrid em 1851, no livro XVII, capitulo III, Oviedo, contemporaneo dos primeiros exploradores da Nova Espanha, conta que o piloto Alaminos lhe dissera que, entre os indigenas, se viam cruzes e ajunta: "pero yo tengolo por fábula, é si las han, no pienso que las harian, por pensar lo que hacian, en hacerlas, pues que en la verdad son ydolatras, y como ha parecido por la experiencia, ninguna memoria tenian ó habria entre aquella generación de la cruz ó pasion de Christo, é aunque cruces ouviese entre ellos, no sabrian porque las hacian; é si lo supieren en algunos tiempo (como se debe creer), ya lo habian olvidado".

Os escrupulos de Oviedo não destróem o que asseverou ter visto o piloto Antonio de Alaminos. Com efeito, antes de aportarem os europeus ocidentais ao nosso continente, já nas civilizações deste existia o simbolo cruciforme, indicando os ventos, os pontos cardeais, as chuvas ou o reformador Cuculcan, isto é, Quetzalcoatl. Existia nas plagas americanas, como em todas as antigas religiões; existia entre as gentes da America como existira entre os arias, os troianos, os gregos, os celtas, ou os chins e japões, muito e muito antes que o cristianismo nascesse na faciosa Judéa, para adoçar as almas dos homens.

Nenhuma duvida historica resta de que a cruz, em variadas formas, foi encontrada no simbolismo religioso da America pelos que vieram conquista-la e adoravam a cruz. Fundaram vilas e cidades onde as acharam. Mas o que se não póde pretender demonstrar é que, para o Novo Mundo, ela tivesse vindo daqui ou dali, trazida por budistas, irlandêses ou nestorianos, muito menos pelas revelações lendarias ou pelos mitos, como o de São Tomé. O simbolo da cruz, em seus primitivos atributos de indicar a humildade, a fecundidade ou as estações, o fogo e a representação do sol, saíu, para todos os povos, desse recuado e profundo nevoeiro que envolve aos nossos olhos mortais o misterio divino de onde tudo proveiu.

Vale a pena transcrever a descrição da mais notavel de todas as cruzes americanas, a de Palenqué. Desiré Charnay estampou sua fotografia na sua obra e Stevens dá um desenho de Catherwood, mais perfeito do que essa fotografia. Para descrevê-la, d'Orbigny inspirou-se no primeiro. O baixo relevo guatemalense apresenta no meio uma grande cruz latina em que se inscreve outra menor. Os tres braços superiores das duas cruzes terminam em tres crescentes lunares reunidos. O pé da cruz maior assenta numa base semielitica colocada sobre um coração, em cuja parte superior se vê um oito deitado. Sobre a cruz, pousa uma especie de faisão de cauda dupla com uma calote hemisferica no bico. A' esquerda da cruz, está uma mulher com um recem-nascido no braço esquerdo, apresentando-o a um individuo de trajes sacerdotais de pé no lado oposto sobre duas espirais em sentido contrario. A criança deita-se sobre dois ramos de lotus. Sua cabeça corôa-se com um crescente, do qual sai um disco com raios. Duas folhas de lotus partem de suas costas, e seu corpo, que termina em outra folha igual, fica separado da mão da mulher por quatro pequenas esferas. A cruz

pequena e inscrita na outra é cingida em todo o seu comprimento por quatro semi-circulos colocados dois a dois e fronteiros. De cada braço lateral da cruz maior brotam ramos terminados em gancho retangular e guarnecidos de raios que findam em pequenos globos. Rodêam esse vasto quadro outros baixo-relevos e figuras, escaravelhos, elipses cruzadas, medalhões, cruzes gregas com globos, taus egipcios, globos e piramides. E em tudo muitos entendidos têm querido vêr uma alegoria ao nascimento do sol no solsticio do inverno e outros pensam que esses hieroglifos se assemelham aos do Egito.

A cruz na America desafia, assim, a curiosidade dos sabios, tanto quanto excitou a dos conquistadores e missionarios. Humboldt é de opinião que sua existencia nas terras do Novo Mundo não é invenção de frades e que ela "merece, aliás como tudo o que se prende ao culto dos povos indigenas um exame serio."

O que aqui fica é uma sugestão desse exame aos entendidos para completa elucidação desse misterio tentador.

NOTA : — Eis o que diz a famosa *Rewiew of Edimburgh* sobre o culto da cruz :

"Era o simbolo dos simbolos, o Tau mistico, a "Sabedoria Secreta", não somente dos antigos egipcios, mas tambem dos caldeus, fenicios, mexicanos, peruanos e de qualquer outro povo antigo citado pela historia em qualquer dos hemisferios. Sua forma correspondia mais ou menos á da nossa letra T com uma alça ou oval posta logo em cima. Figurava, assim, na gigantesca estatua de esmeralda ou de vidro de Serapis, que foi transportada, no ano de 263 antes de Cristo, por ordem de Ptolomeu Soter, de Sinope, na costa meridional do mar Negro, para ser erigida nos limites do famoso labirinto que ocupava as margens do lago Moeris, e que o exercito vitorioso de Teodosio destruiu no ano de 389 da era cristã, máu grado as suplicas dos sacerdotes egipcios, que pediam fôsse poupada por ter o emblema de seu deus e da *vida futura*. Algumas vezes, como póde ser visto no peito duma mumia egipcia, no Museu da Universidade de Londres, o simples T está colocado no apice dum

cone e outros como que sái dum coração. No primeiro caso significa bondade ; no segundo, esperança de recompensa. Como nos antigos templos e catacumbas do Egito, esse tipo abunda nas cidades em ruinas do Mexico e da America Central, gravado tanto nos antigos muros ciclopicos e poligonais quanto nos mais modernos e perfeitos exemplares de alvenaria. Mostra-se tambem, visivelmente, no peito de inumeras estatuetas recentemente desenterradas no cemiterio de Juigalpa, de idade desconhecida, em Nicaragua."

FONTES BIBLIOGRAFICAS

ACOSTA — *Historia natural y moral de las Indias.*
AZARA — *Viajes por la America Meridional.*
BERNAL DIAZ DEL CASTILLO — *Historia verdadera de la conquista de Nueva Espana.*
BENCHAT — *Manuel d'Archéologie américaine.*
BURGÔA — *Cronica.*
BURNOUF (EUGÉNE) — *Le lotus de la bonne loi.*
BRASSEUR DE BOURBOURG — *Recherches sur les ruines de Palenqué.*
BRINTON — *The miths of New World.*
CHAPELAIN — *Voyage de Chapelain.*
CHARENCEY — *Le mythe de Votan.*
CHARNAY (DESIRÉ) — *Cités et ruines américaines.*
CHARTON — *Voyageurs anciens et modernes.*
CHRISTIAN (P.) — *Histoire de la magie.*
CLAVEL — *Histoire pittoresque de la Franc-Maçonnerie.*
CLAVIJERO (JAVIER) — *Historia antiga y de la conquista de Mexico.*
COLOMBO (FERNANDO) — *Vida del Almirante.*
D'ARBOIS DE JUBANVILLE — *Les Celtes.*
DEVIGNE — *L'Atlantide.*
DONNELLY (IGNATIUS) — *Atlantis : The antediluvian world.*
DUPUIX — *Antiquités Américaines.*
FABER — *Pagan idolatry.*
FERGUSSON — *Tree and serpent worship.*
GAFFAREL — *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb.*
GARCILASO DE LA VEGA — *Historia de los Incas.*
GOBLET D'ALVIELLA — *La croix gammée ou swastika - E'tude de symbolique comparée.*
GOMARA — *Historia de las Indias.*
HAMY — *Les prémiers habitants du Mexique.*
HUMBOLDT — *Antiquités Américaines. — Mexican researches. — Vues des Cordilléres et des Monuments des peuples indigénes de l'Amérique. — Histoire de la geographie du Nouveau Continent.*

Jacolliot — *La Bible dans l'Inde.*
Jaguaribe (Domingos) — *L'Atlantide et l'histoire du Brésil.*
Kingsborough — *Antiquities of Mexico.*
Las Casas — *Historia de las Indias.*
Leclerc — *Relation de la Gaspésie.*
Levy (Eliphas) — *Dogme et rituel de la haute magie.*
Lorgues — *La croix dans les Deux-Mondes.*
Lozano — *Historia de la conquista del Perú.*
Martigny — *Dictionnaire des antiquités chrétiennes.*
Manzi (Michel) — *Le livre de l'Atlantide.*
Mendieta (Fray Gerónimo) — *Historia eclesiastica indiana.*
Molina — *Historia de Chile.*
Montoya — *Conquista espiritual del Paraguay.*
Orbigny (Alcide d') — *Voyage pittoresque dans les deux Amériques.*
Orozco y Berra — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
Oviedo — *Historia natural y general de las Indias.*
Papus — *Traité methodique des sciences occultes.*
Pedro Martir (d'Anghiera) — *De Orbe Novo.*
Piérart — *Histoire de Saint Maur des Fossés.*
Réville ((A.) — *Les religions du Mexique, de l'Amérique Centrale et du Pérou.*
Review of Edimburgh.
Saavedra Guzman — *Peregrino indiano.*
Sahagun — *Historia de Nueva Espana.*
Scott-Elliot — *History of Atlantis.*
Stephens (John) — *Incidents of travels in Central America.*
Southey — *History of Brazil.*
Squier — *Nicaragua ; its people, scenery, monuments. — Serpent symbol.*
Torquemada — *Monarquia indiana.*
Veytia — *Historia antigua de Mexico.*
Yule — *The book of ser Marco Polo.*

Os judeus na America pre-Colombiana

MUITOS historiadores teem pretendido vêr nos tipos angulosos que aparecem, com suas testas fugidias e seus narizes aquilinos, nos baixos relevos das construções aztecas, maias, quichuas e aimarás, a expressão da existencia de judeus ou de descendentes desse ramo semita nas terras americanas, antes da vinda de Cristovam Colombo. Si está hoje em dia provado que vivessem tribus negras em varios lugares da America, anteriormente á chegada dos espanhóis, não está que nela existissem judeus. Aceitando as teorias acerca da Atlantida, de que faz larga praça Scott Elliot, aproveitadas depois por Manzi, as quais colocam no coração do continente arlantico primévo, ha um milhão de anos, o lugar de origem dos turanianos e dos semitas-primitivos, a explicação desses fatos estaria nos limites de tal teoria etnogenica. Entretanto, a definição mais plausivel é, por certo, a apontada por Ignatius Donnelly no *Atlantis*, no capitulo *Artificial deformation of the skull.* Mostra esse autor, com grande copia de documentos e de desenhos, como todas essas raças praticavam, de varias maneiras, deformações dos craneos e feições das crianças, especialmente o *chinook*, estudado por Catlin, que dá em resultado perfis judaicos ou quasi judaicos, quais os vistos nas afamadas ruinas de Palenqué. São mais ou menos as mesmas praticas que já Hipocrates mencionára em relação aos citas, que Ama-

deu Thierry aponta entre os hunos de Atila e o doutor Lund verificou nas observações da Lagôa Santa.

Caso nenhuma destas explicações fôsse a verdadeira, restava admitir que judeus ou pelo menos semitas tivessem abordado ás plagas americanas. Então, o tipo racial teria vindo para este lado do Atlantico com os navegadores fenicios ou cartaginêses, que porventura tivessem atravessado o velho Mar Tenebroso. Scherer, apoiando-se em textos de Deodoro, Estrabo e Plinio, admite como provado que os fenicios tivessem conhecimento da America. Charencey inclina-se pelos cartaginêses. Si não vieram por essa rota, só poderiam ter chegado ao continente pelo Pacifico, partindo da China para as costas do Perú ou do Mexico. Porque, desde tempos imemoriais, existem elementos hebraicos puros ou quasi puros no Extremo Oriente. Já alguem observou mesmo grande soma de perfis absolutamente judaicos entre as populações das ilhas niponicas.

A proposito deste assunto, João Bento Scherer escreve o seguinte á pagina 28 da sua curiosa e erudita obra *Recherches Historiques et Geographiques sur le Nouveau Monde ;*

"Le second motif qui pouvoit les obliger á quitter leur patrie étoit l'esprit de conquête ou l'oppression qu'ils souffroient chez eux : c'est ainsi que Salmanassar ayant emmené les Juifs en captivité, ceux-ci, aprés un voyage d'un an et demi, vinrent dans un pays inhabité, nommé *Arsareth. Arza* signifie un *cédre* dans la langue chaldéenne et arabe, et *Arsareth*, le *Pays des Cédres.* Les Mongoles donnent encore aujourd'hui le nom *d'Ars* á un arbre singulier qui croit chez eux. Ce passage peut faire soupçonner que ceux qui cherchent ailleurs, en Amérique, par exemple les tribus juives qui se sont perdues, sont dans l'erreur."

Scherer, como se vê, admite que as faladas tribus perdidas de Israel, separadas da comunhão nacional

ao tempo de Salmanasar e atiradas para o oriente, fôram ter a uma região qualquer, mas não á America.

Sabe-se bem que a dispersão dos judeus, a *diaspora*, se realizou por varias vezes, em diversas épocas, ao açoite de causas differentes, tanto antes como depois da ruina definitiva de Jerusalem. Esta é a opinião manifesta de Bedarride no seu livro *Les Juifs en France, en Italie et en Espagne*, em que nos diz, textualmente :

"Les juifs dispersés s'étaient repandus chez les Médes, les Parthes et dans toute l'Asie ; ils avaient penetré dans la Chine." Nas notas que comprovam esta afirmação, ha uma serie de curiosos documentos que mostram de maneira categorica, iniludivel, a existencia de colonias hebréas em varios lugares da China, mesmo ha setecentos anos antes de Jesus Cristo. Delas descendem os judeus encontrados em Honan, no anno de 1704, pelo padre Cozani, que narra a visita que lhes fez, nas suas *Lettres Edifiantes*. Menciona-os tambem o padre Gaubil, outro missionario, na sua *Chronologie Chinoise*, assegurando que, no Celeste Imperio, se notabilizaram em muitas profissões e atingiram os mais altos cargos publicos. Ainda outro missionario catolico, o padre Sionnet, aponta a sua influencia na propria literatura chinesa. Varios trechos dos comentarios ás doutrinas de Confucio, escritos por seus dicipulos, dão quasi a certeza de que os antigos doutores chinêses conheceram os livros sagrados do Pentateuco e, possivelmente, os nove livros dos agiografos. E, emfim, Remusat, na sua obra *Memoires sur Lao-Tseu*, abunda em considerações no mesmo sentido e chega a identificar o I-Hi-Wei, nome sagrado da divindade dado por aquele filosofo, ao I-he-vé ou Ieo-vah dos rabinos.

Não padece a menor duvida o fato de que algumas comunidades judias conseguiram, buscando o Oriente, aclimar-se na China e talvez chegar ao Japão. Em abono desta opinião, pode-se invocar ainda o testemunho

de Teodoro Reinach. Recorramos ás suas proprias palavras :

"Não deixemos o velho mundo, sem citar, mais por sua curiosa historia do que por sua importancia, os judeus do Indostão e da China. Encontram-se os primeiros principalmente em Bombaim e em Cochim. Pertencem a duas variedades diferentes : uma branca e outra negra, que se não casam entre si. A variedade branca, de origem ocidental, compõe-se em parte de marranos portuguêses. Uma terceira especie, os "Beni-Israel" de Bombaim, julga-se descendente de antepassados lançados á costa por um naufragio, ha mais de mil anos. Seus sacerdotes ou *kadjis* veneram como pai de sua raça certo judeu de Bagdad, David Rababia, que deve ter vivido aí pelo ano de 900. Falam a lingua mahrata e adotaram até sua liturgia. Ha tambem judeus em Ceilão, desde o nono seculo.

Os judeus da China formam pequena comunhão em Kaifung, na provincia de Ho-nan, descoberta pelos missionarios jesuitas no decimo setimo seculo. Não ha informações precisas de sua proveniencia e da data de sua chegada ali. Mas desde muitos seculos tinham desaprendido a lêr a Biblia, da qual só possuiam um velho exemplar incompleto. Os chinêses confundem-nos com os mahometanos. Eles mesmos já falam chinês, chamando a sua religião *Tiáo-kinkiáo* (extirpação dos nervos) e á sinagoga *Li-pa-sé* (lugar das ceremonias)."

Assim, si os judeus fôram tão remotamente para os lados orientais do continente asiatico, não seria de admirar que tivessem atingido, atravessando o Pacifico ou passando o istmo de Bhering, o decantado Fu-sang dos velhos livros chinêses, que se julga ser a terra americana. Si se pudesse provar cientificamente essa vinda de elementos hebreus ao nosso continente, teriamos aí a clara e insofismavel explicação de varios problemas que perseguem os arqueologos, os folcloristas e os histo-

riadores. Isso nos diria a razão dos paralelismos entre varias tradições dos antigos povos da America e das narrações biblicas, como a historia do Zipanca do *Popol Vuh* e a de Sansão, a lembrança dos gigantes dos primitivos tempos da Genesis e os Quinames, dos costumes das abluções e circumcisões, da punição dos adulterios e do insulamento dos leprosos, da lenda do diluvio, da erecção das pedras de juramento, dos Beth-el, como a de Jacob e Labão.

Alguns cronistas do povoamento e da conquista queriam que os Judeus, após o arrazamento de Jerusalem pelos romanos, tivessem procurado refugio na America.

Com efeito, si através de continentes e oceanos a raça judaica tivesse penetrado, antes do descobrimento, no Mexico e no Perú, seria essa mais uma grande prova do seu vigor etnico, social e religioso, vigor tão extraordinario que faz deante dos seus efeitos Donnelly exclamar :

"The speech that may be heard to-day in the synagogues of Chicago and Melbourne resounded two thousand years ago in the streets of Rome ; and, at a still earlier period, it could be heard in the palaces of Babylon and the shops of Thebes — in Tyre, in Sidon, in Gades, in Palmyra, in Nineveh. How many nations have perished, how many languages have ceassed to exist, how many splendid civilizations have crumbled into ruin, how many temples and towers and towns have gone down to dust since the sublime frenzy of monotheism first seized this extraordinary people !"

Infelizmente, caso tenham os judeus atingido a America pre-colombiana, vindos da China, não trouxeram consigo o monoteismo rigido formado sob a potente inspiração mosaica. No Celeste Imperio, chegaram a falar chinês e mesmo esqueceram a Biblia.

Por mais avêsso que seja a misturas e adaptações, não ha povo, embora extraordinario, que o meio não acabe dominando. Si elementos judaicos entraram por Anahuác adentro ou pelo montanhoso país dos Incas, quando os ferozes conquistadores de ouro lá chegaram, se nivelavam já com a população local na mesma adoração a Viracocha e a Huitzlipotchil. Mas é bem dificil que lá tenham ido.

***

Os livros dos rabinos falam de numerosas familias judias, que, fugindo ao cativeiro de Babilonia, partiram para os lados do Oriente, e nunca mais se souberam noticias delas. I. Bedarride, no seu livro *Les Juifs en France, en Italie et en Espagne,* assim se expressa logo á primeira pagina :

"Avant la ruine de Jérusalem, les Juifs n'habitaient pas exclusivement la Judée.

Leur dispersion, bien antérieure á la naissance de Jesus-Christ, ne date pas de l'ére chrétienne... Depuis la captivité d'Egypte, les rois assyriens avaient envahi plusieurs fois la Terre-Sainte ; Salmanazar avait amené les dix tribus captives et avait repeuplé la Judée par des colonies. Les Juifs dispersés d'étaient repandus chez les Médes, les Parthes et dans toute l'Asie ; ils avaint penetré dans la Chine."

A dispersão das tribus dos Beni-Israel, feita pelo braçó cruel do sar babilonico, foi a peor que no decurso da sua historia esse povo sofreu. Quando Esdras tornou á terra judaica, sómente repatriou quarenta mil individuos, a terça parte da população, só de Jerusalém, talvez, ao tempo em que Salmanasar amarrou a nação ao seu triunfante carro de guerra. Por isso, está escrito no livro de Tobias :

"Quoniam Deus dispersit vos inter gentes quae ignorant eum, ut vos enarretis mirabilia ejus et faciatis scire eis quia non est alius Deus omnipotens praeter eum."

Foi, mais ou menos nesse tempo da primeira dispersão, que varias tribus fugiram ao cativeiro, dirigindo-se para o Oriente e desaparecendo. Consoante o velho habito dos despotas antigos, que cambiavam as populações de varias provincias, afim de desenraiza-las do seu meio proprio, evitando sublevações constantes. Salmanasar povoou a Judéa deserta com gentes arrancadas á Persia e atirou a maior parte dos hebreus no coração desse pais.

Foi daí que alguns deles conseguiram desertar para o lado do sol levante.

Onde foram parar essas tribus perdidas? Alguns já afirmaram, que no Novo Mundo. A suposição é esdruxula, mesmo inaceitavel. Na China, diz Bedarride, é verdade. Prova-o, ademais, sobejamente.

Afirma que explorações recentes, feitas no territorio da Celeste Republica provaram ali a existencia de familias hebréas, estabelecidas ha mais de setecentos anos antes do inicio da nossa era. Já os primeiros missionarios cristãos enviados á China tiveram conhecimento de uma colonia israelita, que vivia em Kai-Fong-Fú, no Honan. Em 1704, o padre Cozani visitou-a, entrou na sua sinagoga e examinou tanto os manuscritos como as inscrições que lá encontrou. Devido ás suas indicações, a missão religiosa da China mandou dois padres jesuitas, conhecedores da lingua hebraica, afim de estudarem o caso. Eles apresentaram um trabalho comprobatorio minucioso, que serviu de base a uma interessantissima memoria, a qual terminou por assegurar que os judeus ali estavam estabelecidos desde a data acima citada.

Sabe-se que o cativeiro de Babilonia ocorreu no ano de 740 antes de Cristo. Ora, não póde haver duvidas

de que as tribus escapas ao dominio do vencedor em territorio persa, e que desapareceram procurando o nascer do sol, são as que foram, na mesma época, parar no Imperio do Meio, atravessando montanhas e terras desertas. A sua resistencia comprovada não se apoucava deante dos obstaculos naturais. E por certo nessa travessia deixaram com os mongóis vocabulos perdidos como eles, entre os quais aquele citado por Scherer nas suas curiosas *Recherches*.

O padre Gaubil escreveu, á pagina 267 da sua *Chronologie Chinoise*, que esse emigrados da Persia, refugiados na terra chinesa, aí deram na vista pelas suas doutrinas desconhecidas e mesmo pelo seu saber. Dentre eles, assegura, alguns foram aproveitados em altos cargos militares, outros obtiveram os gráus de bacharel e de doutor, mesmo outros chegaram a ser governadores e ministros.

O padre Sionnet, no seu bello trabalho *Essai sur les Juifs de la Chine et sur l'influence qu'ils ont eu sur la littérature de ce vaste Empire pendant l'ére chrétienne*, acrescenta que, por eles, os sabios chinêses conheceram os livros de Moisés, que Confucio neles se inspirou e que o judaismo, fonte do Cristianismo e do Islamismo, inspirou tambem — e não pouco — o Confucianismo.

Bedarride, a proposito dessa afirmativa, escreve isto numa erudita nota do seu livro : "No *Tsot-Chuen*, — comentario ao *Tchun-Tsieu*, obra dum discipulo de Confucio, — está escrito que o historiador do reino de Tchú conhecia livros antigos com caractéres que os sabios não podiam decifrar e que sómente esse historiador compreendia. Esses livros tinham tres divisões : cinco livros, oito pedras preciosas e nove descrições".

Bedarride adeanta mais que, por causa desse simbolismo de livros, descrições e pedras do final, o padre Sionnet acredita tratar-se dos livros santos dos hebreus :

os cinco seriam os de Moisés e dos Profetas; os nove, os dos agiografos.

Porém, ha mais ainda: o citado sacerdote fala dum livro muito respeitado pelos chins, que contem preceitos religiosos e de moral, em versos, o *Chi-King*, que o padre Lacharune traduziu em latim. No começo do seculo passado, essa tradução foi publicada. Ele cita grande quantidade de trechos dessa obra, que são nada mais, nada menos, do que a tradução absolutamente literal de versiculos da Escritura.

O sr. Abel Remusat, na sua *Memoire sur Láo Tseu*, mostra que o tetagrama simbolico dos judeus está perfeitamente indicado por esse filozofo: "Celui que vous regardez et que vous ne nommez pas se nomme *I*; celui que vous écoutez et que vous n'entendez pas se nomme *HI*; celui que votre main cherche et ne peut saisir se nomme *Wei*..." Essas tres silabas formam o vocabulo *I-hi-wei*, que o sr. Remusat afirma ser o nome inefavel de Deus, originario da Siria, da Palestina — *Iehvé*. Continuando as suas judiciosas considerações, o mesmo sabio acha, mas não garante, que Láo Tseu só poderia ter sabido esse nome por intermedio dos judeus, "que nesse tempo se espalharam pela Asia em consequencia da dispersão das tribus e puderam chegar até a China..."

A etnografia moderna alimpou as duvidas do sr. Remusat, verificando a existencia real da velhissima colonia hebréa de Kai-Fong-Fú e mesmo já entreviu traços de origem semita em certos e determinados tipos japonêses. E, assim, está definitivamente aclarado o rumo que levaram as tribus de Israel que se julgavam perdidas. Elas foram, incansaveis, inassimilaveis e fortes, levar o seu esforço, a sua lingua, os seus livros religiosos e o proprio nome de Jehovah, seu Deus, ao meio daquela civilização oriental dos Filhos do Céu, tão diversa por tudo da deles, que não conhecia esse

Deus e a quem eles ensinaram seu nome, de acôrdo com as palavras verdadeiras do livro de Tobias :

"Deus vos dispersou entre as nações que o ignoravam, afim de que vós lhes contasseis suas maravilhas e lhes fizesseis saber que ele é o unico Deus todo-poderoso".

NOTA : — Eis o texto de Deodoro Siculo em que se apoiam os comentadores para assegurar a estadia na America dos fenicios :

Livro VI - cap. 7 — "A muitos dias de viagem da Libia, encontra-se no oceano uma ilha vastissima e fertilissima, coberta de montanhas e de campos agradaveis, e regada por muitos rios que os navios podem remontar. Essa ilha, tendo sido, sem duvida, separada do resto do mundo em tempos remotissimos e tendo ficado ignorada, foi descoberta de maneira singular. Alguns fenicios que navegavam pelo oceano alem da Libia fôram impelidos para essa ilha por ventos violentos que sopraram durante muitos dias consecutivos. Esses viajantes verificaram a natureza da terra e a felicidade de que gozavam seus habitantes, e disso instruiram os seus contemporaneos".

Em verdade, o texto dá que pensar, sobretudo pelo pormenor dos rios navegaveis, cousa que distingue o continente de quaisquer ilhas do oceano. A denominação de ilha é sem valor, pois que assim os antigos apelidavam qualquer terra. Quem sabe si Scherer não está com a razão quando diz que "les anciennes découvertes géographiques se sont perdues et aprés une longue nuit de siécle: l'on a fait ces mêmes découvertes de nouveau" ?

Dutens provou a verdade desta tese quanto a muitas e muitas invenções atribuidas aos modernos e que os antigos conheciam.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Bedarride — *Les juifs en France, en Italie et en Espagne.*
Biblia Sacra.
Brasseur de Bourbourg — *Le Popol Vuh.*
Catlin — *North Americans Indians.*
Charencey — *Le mythe de Votan.*
Cozani — *Lettres édifiantes.*
Deodoro Siculo — *Biblioteca historica.*
Donnelly (Ignatius) — *Atlantis : the antediluvian world.*
Dutens — *Origine des découvertes.*
Eraines (Jean d') — *Le probleme des origines et migrations.*
Gobineau — *Essai sur l'inégalité des races humaines.*

GLIDDON — *Types of mankind.*
GOUBIL — *Chronologie chinoise.*
IMBELLONI — *Deformaciones intencionales del craneo en Sur America.*
KASTNER — *Analyse des traditions réligieuses des peuples indigénes de l'Amérique.*
LECHARNUE — *Chi-King.*
MANZI — *Le livre de l'Atlantide.*
MENDIETA (FRAY GERÓNIMO) — *Historia eclesiastica indiana.*
REINACH (THEODORE) — *Histoire des israélites.*
RÉMUSAT (ABEL) — *Mémoire sur Láo Tseu.*
ROLLIN — *Histoire des carthaginois.*
SCHERER (JEAN BAPTISTE) — *Recherches historiques et géographiques sur l'Ancien Continent.*
SCHLOUSCH (N.) — *Hebraeo-Phéniciens et Judoeo-Berbéres.*
SCOTT-ELLIOT — *History of Atlantis.*
SIONNET — *Essai sur les juifs de la Chine.*
THIERRY (AMEDÉE) — *Histoire d'Attila et de ses successeurs.*
TUDELA (BENJAMIN DE) — *Travels in Palestine.*

As Sagas

DE ha muito os eruditos se preocupam com os interessantes poemas primitivos da Europa setentrional, nascidos entre os escaldes escandinavos e vulgarmente denominados sagas. Essas epopéas antigas, compostas do seculo XI ao XVI, conteem tradições, lendas mitologicas e mesmo notaveis episodios historicos, narrados muitas vezes com grande clareza. Elas recordam a vida antiga da Dinamarca, da Suecia, da Noruega e da Islandia, fazendo desfilar ante nossos olhos as aventuras dos vikings que devassaram os mares e dos varégues que vararam as terras, levando do Labrador a Constantinopla o rumor das suas armas barbaras. A maioria das sagas historicas de maior interesse, como a de Ragnar Lodbrog, a Hervara, a Jomsvikinga e a Knytlinga, fôram recolhidas por Soemund Sigfusson. E, em Copenhague, na terceira decada do seculo XIX, se publicaram quasi todas, umas na rude lingua original, outras em latim, sob o titulo geral *Scripta Islandorum de gestis veterum Borealium.*

Entre as sagas mitologicas, as mais famosas são a Goettersaga, consubstanciadora dos mitos divinos, a *Velsungasaga*, que mostra Sigurd ou Siegfried como filho do deus Odin, e a *Siegfriedsaga*, contendo integralmente a lenda do matador do dragão Fafner. Numa nota de seu livro sobre Ricardo Wagner, Schuré esta-

belece até a relação de mutua dependencia existente entre esses poemas heroicos do mesmo ciclo religioso.

Como documentação historica, as ságas que relatam guerras, navegações, descobrimentos e conquistas são, na maior parte, admiraveis. Ha imensa riquesa delas e as mais curiosas, parece, são as de origem islandesa. A Islandia é a verdadeira patria das sagas. Sabe-se que essa ilha vulcanica, povoada por escandinavos, teve no inicio da era medieval grande importancia pelo seu comercio, pelas suas pescarias, pela sua população e pelo saber de seus clerigos, importancia que está longe de possuir na epoca presente.

Sobre suas sagas, ha um livro magnifico, o *The Icelandic Sagas* do sr. W. A. Craigie, ilustre professor do Oriel College, na Universidade de Oxford. Ainda recentemente, na sua *Histoire de Russie*, nele se apoiou Brian Chaninov para se referir á influencia escandinava nas origens moscovitas, ao papel dos variagues, varegres ou varingas, isto é, guerreiros, de onde vrangs e franks, de onde a varangia bizantina ; a influencia em terra eslavo-finica aí pelo meado do seculo XI ; para relatar a instalação no antigo Gardarriki, ou Reino das Cidades, dos konungs da Escania, dos quais o mais famoso foi o lendario fundador da monarquia moscovita, Rurik ou Rodrigo.

Com rara erudição, o sr. Craigie começa por estudar a origem das sagas, desde quando os noruegueses povoaram a Islandia, sendo então guardadas e transmitidas oralmente, até as compilações do *Landnamabók* e do *Islyendingobók*, primeiros livros em que fôram reunidas. As sagas orais eram cantadas nas bôdas e banquetes, recitadas em todas as reuniões festivas. As escritas fôram traçadas em caractéres runicos e ele assim se lhes refere : "They were used for short insciptions on stones or articles of metal, or for short messages cut on wooden staves, but there is no evidence that anyone had thought

of using them in connexion with pen, ink or parchment. The suggestion for this use of letters came from without, from the south, along with another change of great importance." Segundo o professor, o melhor carateristico das sagas escritas é apresentarem completa e fiel pintura da antiga vida escandinava em todos os seus aspetos, ajudando até a verificar o estado de civilização das raças germanicas com as quais os escandinavos estavam em contato.

Si algumas sagas, como a *Ljosvetninga*, traçam unicamente o conflito entre o chefe nordico Ljot e Guemund o Poderoso, outras, por exemplo a de *Viga-Glum*, conteem as mais curiosas informações acerca dos usos e costumes da antiga *Vágina* ou *Officina Gentium* durante longos periodos, chegando mesmo a esclarecer pontos obscuros da antiga religião dos islandêses. Muitas vezes, com o tempo, se perderam certos pontos de contato entre as varias partes duma saga e ela parece incoerente e sem continuidade. Ha tambem outras que retratam a vida e aventuras duma familia ou dum clan celebre, *verbi-gratia* a *Vatusdoela-saga* ou canto dos homens de Vatusdal. Não se devem esquecer as em que o principal heroi é o proprio poeta, o *skáld*, como a *Gunnlaug* e a *Bjarna sags Hitdoelakappa*.

Incontaveis, as sagas islandesas. A ilha era mais fertil outrora em veia poetica, mais epica do que lirica, do que em vulcões. Seus autores, homenageados por toda a gente, eram amigos e comensais dos soberanos, como Thormoth Bersason o foi do rei Olavo filho de Haroldo. Todas rebôam ao fragor dos combates, estão cheias de exageradas aventuras é, ás vezes, se ornam com ficções. Na *Svarfdoela*, em que um dos principais personagens é a mulher Yngvild, ha um individuo, Klanfi, que toma parte em todas as ações do poema mesmo depois de morto ! Ao lado dessa, a *Harthar* perpetua com espantosa exatidão as proezas dum grupo de bandidos.

As gestas setentrionais guardam a memoria dos ousados navegadores de antanho — Eurico o Ruivo e todos quantos demandaram as costas da Helulandia, da Marklandia e da Vinlandia. Entretanto, forçoso se torna reconhecer que, entre as sagas, geralmente escrupulosas no seu fundo historico, umas, conforme assegura o professor W. A. Craigie, são absolutamente inexatas: "Their authenticity is extremely doubtful."

Enumeremos as principais sagas da Islandia. A *Eyrbyggja*, a *Laxdoela* e a de *Gunnar* estão recheadas de versos espurios e de glosas intercaladas. A de *Kristni* refere a cristianização dos normandos. A *Hungrvaka*, eminentemente eclesiastica, narra a vida dos bispos islandêses entre os anos de 1193 a 1331. A de *Jon* foi primitivamente escrita em latim, depois passada para o dialeto islandês. A *Sverris*, a *Morkinskina* e a *Heinskringla*, integralmente historicas. A velha *Unglinga* e a *Islendinga* relativas á Islandia. A *Orkneyinga*, referente ás ilhas Orcadas, com varios incidentes da historia escossesa. A *Foereyinga* acerca do arquipelago das Faroer. A *Skjoldunga* conta as façanhas dos antigos reis dinamarquêses, descendentes de Skjold. A *Jomsvikinga* narra os feitos dos famigerados vikings de Jomsborg, que combateram na Pomerania, ao tempo do rei Hoatron, no ano de 986 ou 987. A *Halfs*, a *Orvar-Odds*, a de *Hrolf* e as do *Fornaldarsogur*, miticas e romanticas, encerram a historia lendaria da Suecia e da Dinamarca primitivas. A de *Thithriks* ou Teodorico, o Dietrich de outros autores, fala do espadeiro Velent ou Weland, que é simplesmente o celebre Volundar dos *Eddas*. A *Mottuls* não passa duma tradução dos lais de Maria de França. A *Kjalnesinga* é a historia de Búi de Kjalarnes e seu filho Jokul, cuja mãi nascera do gigante norueguês Dofri. A *Karlamagnus*, sobre Carlos Magno, resulta da combinação de trechos de poemas francêses e latinos. E as da coletanea *Agrip of Nóregs Konung Sogum* fazem

a biografia dos reis noruegueses, desde Halfdan o Negro, no seculo IX, até o ano de 1177.

As influencias estranhas, com o tempo, fizeram-se sentir profundamente nessa carateristica literatura regional. O sabio professor do Oriel College estuda detidamente as influencias latinas, que levaram ao extremo norte os guerreiros de Troia e de Alexandre, através dos maiores prosadores e poetas do Lacio. Virgilio e Lucano inspiraram sagas. Salustio, tambem. Os trabalhos eruditos de d'Arbois de Jubainville já tinham posto em fóco esse curioso aspeto da poesia dos bardos hiperboreos.

As sagas formam hoje um capitulo essencial para todos quantos se queiram dedicar ao estudo da historia e do folclore.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Adam von Bremen — *Hamburgische Krichengeschichte.*
Bugge — *Contributions to the history of the norsemen in Ireland.*
Bunbury — *A history of ancient geography.*
Brian-Chaninov — *Histoire de Russie.*
Bruun — *Erik den Rode.*
Craigie (W. A.) — *The Icelandic sagas.*
Du Chaillu — *The viking age.*
Gathorne-Hardy — *The norse discovery of America.*
Hakluyt (Richard) — *The principal navigations.*
Horsford — *The problem of the norsemen.* — *The landfull of Leif Erikson.*
Horgaard (William) — *The voyages of the norsemen to America.*
Joyce — *Old celtic romances.*
Jubainville (d'Arbois de) — *Le cycle mythologique irlandais.*
Mehren — *Manuel de la cosmographie du Moyen-Age.*
Nansen (Fridtjof) — *In northern mists.*
Noel — *Histoire générale des pêches anciennes et modernes.*
Scripta Islandarum de gestis veterum borealium.
Snorre Sturlason — *Heimskringla or the sagas of the norse kings.*
Steensby — *The norsemen's route from Groenland to Wineland.*
Ramisch — *Die Gautreksaga.*
Reeves — *The finding of Wineland the good.*
Vistrisson — *Sturlunga saga.*

Os negros na America antes do descobrimento

PENSA-SE geralmente que a raça negra sómente tomou pé nas terras americanas importada da Africa, quando a necessidade de braços nos incipientes estabelecimentos coloniais obrigou o homem branco a ir comprar, ou capturar, escravos nos sertões da Guiné, do Congo, de Angola e de Moçambique. Entretanto, hoje em dia, já está cientificamente admitido que, antes da chegada de Colombo a Guahanahi, existiram relações, embora esporadicas e talvez mais devidas aos acasos do que a outras razões, entre a America e o continente libico.

No mais completo livro sobre a Atlantida, o "Atlantis" de Ignatius Donnelly, se faz esta afirmação: "... "plants and animals of one continent travelled to the other; and by the same avenues black men found their way."

Sem precisar recorrer ao que relata o famoso cronista arabe Idrisi a respeito de viagens dos arabes da Mauritania Tingitania através do oceano Atlantico e das aventuras notaveis dos irmãos Almagrebinos, que consta terem estado nas terras colombianas, encontram-se em fontes decerto mais autorizadas documentos autenticos a proposito das relações antigas entre a Africa e a America.

Façamos notar, entre parentesis, que relações do Velho e Novo Mundo, efetuadas por fenicios, bascos, judeus, galêses, venezianos, diepesês, escandinavos nunca se apagaram nos mitos antigos, nas tradições medievais e nas sagas runicas. Mas só nos ocuparemos aqui das ligações libico-americanas, no sentido de demonstrar a existencia da raça negra no nosso continente, antes da chegada dos espanhóis.

Jean Benoit Scherer, pensionista do Rei e empregado no Ministerio dos Negocios Estrangeiros da França, que viveu na Russia como jurisconsulto do Colegio Imperial de Justiça, escreveu uma obra curiosa sob a epigrafe *Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau Monde*". Possuo o exemplar que pertenceu a Eduardo Prado, editado em Paris "chez" Brunet, no ano de 1777. Esse interessante escritor dedica o capitulo V do seu volume a apontar conformidades de costumes entre os indigenas americanos das margens do Atlantico e os da Africa ocidental, cujas linguas apresentam varios pontos de contato. Após incontaveis confrontações, verdadeiramente dignas de nota, afirma o seguinte: "Il resulteroit de toutes ces observations que l'Amérique Séptentrionale a été peuplée par le nord de l'Asie: et les isles de l'Amérique Méridionale, par l'Asie Meridionale, de même que le Pérou ; tandis que le Brésil et le Chili, dont les langues ont un caractére absolument différent des langues de l'Amerique Séptentrionale, auront pu se peupler par l'Afrique Occidentale".

Sem esposar a ousada afirmativa, podemos, contudo, assegurar, estribados em bons autores, que existiram traços de união entre a Africa e a America precolombiana, tanto assim que os exploradores do novo continente nela encontraram populações absolutamente de origem negra.

Esta é a opinião franca do historiador mexicano Orozco y Berra, na sua *Historia antigua y de la conquista*

de *Mexico*, quando trata do deus Ixtilton e dos sóis cosmogonicos dos indios de Anahuác. A' pagina 444, do 2.º volume, repisa o assunto e traz á baila a erudita palavra do sr. Rafinesque, citado pelo autor das *Antiguidades Americanas*, o celebre sabio Alexandre de Humboldt. Rafinesque provou, dizem, numa memoria apresentada á Sociedade de Geografia de Paris, o estabelecimento de nações negras na America, anteriormente ao descobrimento, com quadros comparativos das similitudes linguisticas entre as tribus americanas e os pretos da Africa e da Polinesia. Segundo o autor dessa memoria, eram as seguintes as gentes de raça negra existentes outrora na quarta parte do mundo:

Os antiquissimos *Caracoles* da ilha de Haiti, que os naturais do lugar celebravam nos seus cantos como animais horriveis e dos quais falam Roman e Martur. Os *califurnans* das ilhas Caribes, que Rochefort e Herrera denominam negros e o dialeto local chama *guaninis*, o que quer dizer o mesmo. Os *arguabos* citados no livro de Guevara e que Garcia, nas *Origenes de los indios del Nuevo Mundo*, menciona como pretos. Os negros de Raleigh, *arovas* ou *yaruras*, habitantes das margens do Orenoco, apelidados *macacos* pelos povos vizinhos, como os negros de Sakka o foram por Valmiki. Os hotentotes da Guyana, ou *chaymos*, que Humboldt profundamente estuda. As tribus escuras do Brasil, de cabelos encarapinhados, a que se referiram Vespucio e Pigaffeta, que o sabio Nierhof rotula como *nanjipos e porcigis* e o etnografo Knivet, como *montayas*, e a que Quatrefages se reporta. Os *nigritas* do istmo de Darien, tambem chamados *chuanos*, *guanos*, ou *chinos*, negros acobreados de que nos fala o padre Martir e que Molien observou. Os pretos de Stevenson, os *manabis* de Popayan. Os *guabas*, *jaras*, ou *zambos*, de Honduras. Os *enslen* ou *esteros* da Nova California, cuja côr, diz Langsdorf, é profundamente desagradavel á vista. Winchell compara-os com

os negros da Guiné. Os *moon-eyed* (olhos de lua) e os *albinos* do Panamá, a que se reporta a obra de Bardon. Emfim, os pretos que Hernando de Soto encontrou na invasão da Luisiania.

Não foi só Hernando de Soto quem encontrou negros nas suas explorações. Em tempos mais antigos, a expedição maritima do Inca Tupac Yupanqui, contada por Cabello Balbôa no setimo volume da sua *Historia del Peru*, topou gente negra nas ilhas da costa. Diz a proposito Gonçalez Suarez na *Historia del Ecuador*: "*Se refiere además que en esas islas encontró hombres negros*". Nunez Balbôa viu negros no Darien, em 1513.

Rafinesque acrescenta ás suas afirmativas, textualmente : "Entre essas nações, a lingua *yarura* tem cincoenta por cento de afinidade com a *guano*, quarenta por cento com o *aschanti*, ou *fanti*, da Guiné, quasi trinta e tres por cento com as linguas de Fulah, Ború e Congo, na Africa. Na Asia, tem uma relação de trinta e nove por cento com os negros *samany* e de quarenta por cento com os de Andaman, assim como com as dos negros da Australia e Nova Holanda".

Toda gente sabe que, hoje, o fator lingua é o mais importante estalão de estudo e comparação das raças.

Um documento pictografico publicado por Wiener mostra varios pedreiros do tempo dos Incas construindo um muro e entre eles alguns evidentemente negros.

A arqueologia socorre a historia. En San Juan de Teotihuacan exhumaram-se duma excavação seis idolos com todos os carateristicos da raça negra. Em Palenqué vêem-se figuras nitidamente etiopicas. E uma gigantesca cabeça de negro, de granito, se acha perto do vulcão Taxila, em Vera Cruz.

A proposito das tribus de negros existentes em algumas regiões americanas, como vimos, Orozco y Berra faz notar que não são mesclados de negro e indio e formados, portanto, após a conquista. Existiam antes de

Colombo, e cita as concludentes palavras de Herrera, o cronista da viagem do genovês em 1498: "... *lo que decian los indios de la Espanola que habian ido á ella, de la parte del S. y del S. E., gente negra que traia los hierros de las azaguayas de un metal que llamaban "guanin"*

Na sua *Historia de las Indias*, Gomara escreve isto, no capitulo LXII: "*Entró Balboa en Quereco, no halló pan, ni oro, que lo habian alzado antes de pelear; empero halló algunos esclavos negros del señor. Preguntó de donde los habian, y no supieron decir ó entender, más de que habia hombres de aquel color cerca de alli, con quienes tenian guerra muy ordinaria. Estos fueron los primeros negros que se vieron en Indias...*"

Orozco y Berra fórma ao lado de Scherer, apoiando a opinião de que houve, por mar, comunicações entre os povos africanos e americanos. Em auxilio dessas afirmações, podemos citar ainda o erudito Paul Gaffaiel, no seu livro *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Colomb.* Ele acha possiveis essas comunicações, embora não definitivamente provadas, e cita o encontro de Balbôa referido na obra de Gomara. Documentando-se mais em Gumilla e em Quatrefages, acrescenta á pagina 205: "... Verificava-se tambem sua presença ás margens do Oronoco, no começo do XVIII seculo. Eram ainda africanos os negros de São Vicente achados pelos primeiros colonos em luta com os caraibas e os iamassés da Florida, de tez quasi preta, que preferiam morrer a se submeterem ás leis dos *creeks*; do mesmo modo, os *charazins* do Perú, que se distinguem das outras tribus vizinhas com as quais evitam alianças, assim se furtando a qualquer mistura com as raças branca e vermelha. O tipo negro não era, pois, estranho á America antes da vinda dos espanhóis. Unicamente, tudo leva a crêr que esses povos nunca abordaram o Novo Continente com a intenção de conquista-lo ou de traficar".

Sobre o assunto, a opinião eminente de De Quatrefages, no seu *Rapport sur le progrés de l'anthropologie*, condensa-se neste periodo : "*Le petit nombre des populations se rattachant á ce tipe d'une maniére plus ou moins accusée, leur position constante non loin des points ou les courants marins d'Afrique ou d'Asie rencontrent les rivages américains et y apportent les corps flottants, tout concourt á prouver que la race négre n'est arrivée sur le continent américain que par hasard et par voie de dissémination volontaire, avant l'époque ou les blancs l'y ont transportée comme esclave*".

Não sómente a Africa foi destinada a ser habitada por negros e negroides. Essa raça estendeu-se outrora por outros continentes. Para inumeros sabios, especialmente os ocultistas, com Fabre d'Olivet e Saint Ives d'Alveydre á frente, a civilização ciclopica, ou pelasgica, não foi sinão uma civilização negra. Pelasgo viria, na opinião dos glotologos Court de Gebelin e Fabre d'Olivet, de "Pel e ask", no sanscrito, "pele escura". Em ambas essas palavras, na nossa lingua, ainda hoje se sente a força das suas velhas raizes. Segundo esses, a raça branca, irradiando do Gobi e do seio da Siberia, tangeu á sua frente os povos finicos e pretos. Expulsando estes das terras européas, lançou-os para o sul, para as regiões do Mediterraneo, obrigando-os a repassarem esse mar e indo mesmo perseguil-os do outro lado. Daí a antiga mistura de raças observada na costa mediterranea da Africa, desde o Atlas até a Cirenaica.

Jean Finot admite que houve povos negroides na França primitiva e que os craneos valesianos achados no vale do Rodano, pela forma craneana geral, pelo indice cefalico, pelo prognatismo maxilar, pela dentição e pela platirrinia são marcadamente negroides. Calcula-se que datam do XIII ou do XVI seculo A. C. Ha craneos armoricanos do mesmo tipo negroide.

Na Asia, descendo dos montes do Caucaso e da Armenia, escurraçou-os pela Mesopotamia e Arabia para a Etiopia. Daí a mescla de povos de que sairam as nações caldaicas, ou semitas, e a relativa pureza de traços ainda agora notada nos abexins.

Os chamados arios impeliram deante de si, na India, os povos escuros, tanto aqueles que os francêses chamam "négres" e que teem pele escura e cabelo encarapinhado como os que eles denominam "noirs" e, tendo aquela pele, não possuem esse cabelo. Na nossa lingua, poderiamos traduzir o "négre" por negro e o "noir" por preto. Daí os povos pretos e negros do Dekan, os Mahratas e os negroides de Ceilão e das ilhas proximas. Para grande numero de orientalistas, por exemplo, o "Ramaiana" não é propriamente uma epopéa particular á India e sim um poema ciclico da luta geral travada, nas primeiras idades do mundo, entre a raça branca e a raça negra.

A expansão dos amarelos tambem expulsou os negros dos lugares que habitavam, sobretudo se encararmos essa raça, como vinda, em tempos imemoriais, do continente americano, seu país de origem para muitos sabios. São as tribus negras e pretas das regiões ocidentais da Asia que, premidas pelos mongolicos, ugricos e finicos, extravasaram pela Melanesia e pela Polinesia quasi toda.

A difusão da familia melania pelas varias partes do globo é, na verdade, surpreendente, afirma o conde de Gobineau. No seu "Essai sur l'inegalité des races humaines", o afamado sociologo e historiador, que a ciencia alemã tirou do esquecimento em que caira, mostra-nos as tribus negras esquecidas pela Asia em fóra : as das regiões do Norte, insuladas nas montanhas chinesas de Kuen-lun ; as dos ilhéus alem do arquipelago niponico ; os "rawats", ou "rajehs", do Kamaúm, os "thums" do Nepal, no Himalaia, os "samangs", pare-

cidos com os papuasios, do Assam, os pretos da ilha Formosa, citados na obra de Ritter ; os negros vistos por Elphinstone nos arredores do lago Zareh, no Sedjistan, e a que se refere no seu "Account of kingdom of Cabul" ; emfim, os negros de Kaempfer, nas ilhas do sul do Japão. E o conde de Gobineau deixa perceber a possibilidade de terem passado para a America, através do Pacifico, os negros expulsos dos seus lares pela expansão dos amarelos.

Donnelly, mais radical, quer que os americanos pre-colombianos já tivessem escravos negros vindos da Africa.

A questão da vinda dos negros á America pre-colombiana pelo Pacifico ou pelo Atlantico, é, pois, sujeita a controversias e o seu estudo póde inclinar o espirito até a aceitar essa vinda por ambas as partes. Não é nossa tese discuti-la e sim referir a existencia de tribus dessa raça no nosso continente, existencia anterior ao descobrimento e, portanto, á escravidão. Enumerámos a proposito provas historicas, linguisticas e etnograficas. Procuremos ainda outras. E, nesse desideratum, recorramos á arqueolojia.

Le Dain escreveu no *L'Inde Antique* : *"En outre, á la suite des fouilles operées dans l'Amerique Centrale, l'on a retiré des debris de monuments portant la répresentation exacte, indéniable, de têtes et de visages de négres authentiques"*.

Com efeito, Desiré Charnay nos fala dos idolos de faces negroides encontrados nas excavações de San Juan de Teotihuacan. Stephens mostra-nos um magnifico baixo relevo da civilização misteriosa de Palenqué, na Guatemala, com uma cara de verdadeiro negro. Outros documentos da mesma especie, constam da excelente obra de John T. Short *North Americans of Antiquity*. E os vasos da forma de cara de negro são comuns na ce-

ramica dos antigos povos civilizados da America Central, do Mexico e do Iucatan.

Mais algumas autoridades de peso se alistam nas fileiras daqueles que teem por indiscutivel a existencia do negro na America primitiva: Prichard, o grande autor do *Researches into the physical history of mankind*; Winchell, que escreveu o *Preadamites*; e o profundo Bancroft do *Native Races*.

Na sua *History of Atlantis*, Scott Elliot tem uma pagina, que merece citação, porque é uma quasi rezenha do que ficou exposto: "A Atlantida foi habitada pelas raças vermelha, amarela, branca e negra. As indagações de Le Plongeon, Quatrefages, Bancroft e outros provaram que populações pretas, do tipo negro, ainda existiam na America em época relativamente recente. Muitos monumentos da America Central são ornados com figuras de negros e alguns dos idolos achados nessa região representam visivelmente negros de craneo deprimido, dos cabelos curtos e encarapinhados, dos labios grossos.

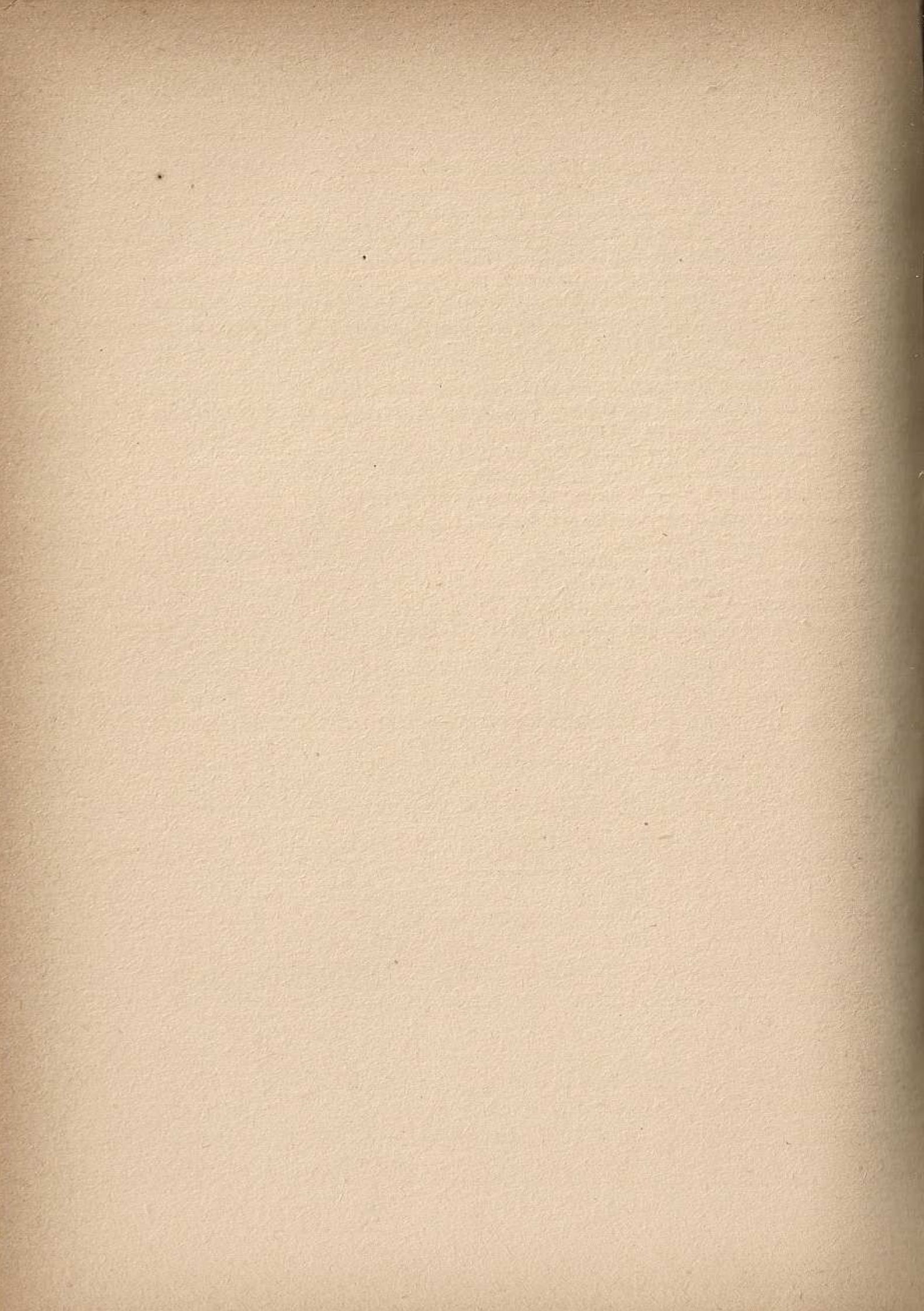
O *Popul Vuh*, falando da primeira patria dos guatemalenses, diz que *homens brancos e pretos habitavam juntos essa feliz região, vivendo na maior harmonia e falando a mesma lingua.*"

O *Popul Vuh* é, para os povos da America Central, o que os *Eddas* são para os escandinavos, os *Niebelungen* para os germanos, os *Vedas* para os indús, o *Avesta* para os parsis e a *Biblia* para os judeus. Foi no vetusto *Popul Vuh*, vetusto e misterioso, que o genio de Charencey descobriu os materiais de construcção do seu *Mythe de Votan*, onde se sente quanto se assemelha essa figura lendaria americana ao Wodan ou Odin, dos velhos godos e escandinavos, de todos esses povos dolicocefalos e louros descidos do Setentrião que os romanos assombrados apelidaram *vágina gentium* ou *officina gentium*, a fabrica de gente!

Outras provas da existencia do negro na America antes do descobrimento podem nos ser fornecidas pelo proprio folclore comparado. Como explicar, por exemplo, analogias desta ordem : *mboi-tatá*, ou *mbai-tatá*, em guarani, cobra, ou cousa de fogo, pelo tempo e uso transformado em *Boitatá*, *Baitatá* e *Batatão*, o fogo fatuo, e *Mboya*, como lhe chama o negro, segundo a *Anthologie Négre* de Cendrars. A simples leitura cuidadosa do que ha no nosso folclore de pura proveniencia indigena e a do que das lendas, cantos e tradições africanas dizem Cendrars, René Basset nos *Contes populaires d'Afrique*, Zeltner nos *Contes du Senegal et du Niger*, R. G. Trilles nos *Contes et légendes Fan* e Moritelli nos *Contes Soudanais*, auxiliará grandemente o estudo desta tese.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Bancroft — *Native races of Pacific States of America.*
Barroso — *O sertão e o mundo.*
Basset (René) — *Contes populaires d'Afrique.*
Cabello-Balbôa — *Historia del Perú.*
Cendrars (*Blaise*) — *Anthologie Négre.*
Charnay (Desiré) — *Palenqué.*
Charencey — *Le mythe de Votan.*
Court de Gebelin — *Le monde primitif.*
Donnelly (Ignatius) — *Atlantis : the antediluvian world.*
Elphinstone — *Account of the Kingdom ef Kabul.*
Fabre d'Olivet — *La langue hebraique restituée.*
Finot (Jean) — *Le prejugé des races.*
Foster — *Prehistoric races.*
Gaffarel — *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb.*
Garcia (Fray Gregorio) — *Origenes de los indios del Nuevo Mundo.*
Gliddon — *Types of mankind.*
Gobineau — *Essai sur l'inegalité des races humaines.*
Gomara — *Historia de las Indias.*
Gonzalez-Suarez — *Historia del Ecuador.*
Humboldt — *Antiquités Américaines.*

JOHNSON — *The negro in the New World.*
LE DAIN — *L'Inde Antique.*
MAC CAUSLAND — *Adam and the adamites.*
MEYENDORFF (BARON ET BARONNE DE) — *L'Empire du soleil.*
MORGAN (J. DE) — *L'humanité préhistorique.*
MORITELLI — *Contes soudanais.*
OROZCO Y BERRA — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
PRICHARD — *Researches into the physical history of mankind.*
QUATREFAGES — *L'espéce humaine.* — *Rapport sur le progrés de l'anthropologie.*
SAINT-YVES D'ALVEYDRE — *La mission des juifs.*
SCHERER (JEAN BAPTISTE) — *Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau Monde.*
SCHNEIDER (ED.) — *Les Pélasges et leurs descendants.*
SCOTT-ELLIOT — *History of Atlantis.*
SHORT (JOHN T.) — *The north-americans of antiquity.*
TRILLES (R. G.) — *Contes et légendes Fan.*
TYLOR — *Anthropology.*
VALENTINI — *Maya archaeology.*
WIENER — *Pérou et Bolivie.*
WINCHELL — *The preadamites.*
ZELTNER — *Contes du Sénegal et du Niger.*

A civilização Chibcha

ENTRE as principais civilizações anteriores ao descobrimento do continente americano, está a dos indigenas do plató colombiano, os Chibchas, que se julgavam autoctones e, misturados ás migrações caraibas, vindas do oceano a remontar os rios, produziram uma das mais interessantes organizações que os espanhóis, sequiosos de ouro, destruiram.

Ela não atingiu ao grau de adeantamento da nahôa, da maia, da incaica ; mas, pelo que deixou parece ter ido muito além das que se adivinham no estuario amazonico, através das ceramicas de Marajó, nas planicies americanas, através das ruinas e aterros do Ohio e do Wisconsin. Foi interessante e sobremaneira original. Nasceu do ambiente local e desenvolveu-se dentro do meio etnografico dos altiplanos, mais tarde sofrendo as influencias desta ou daquela corrente migratoria. E não chegou a maior desenvolvimento, porque a espada do conquistador lhe cortou de vez a vida.

Sobre essa curiosa civilização, tão ignorada na propria America, publicou um volume o erudito colombiano Miguel Triana, da Sociedade de Antropologia de Paris e da Academia de Ciencias de Cadiz. E' um livro claro no seu estilo, sereno nos seus julgamentos, profundo nas suas conclusões, cientificamente baseado e artisticamente escrito.

Si, para conhecer o Mexico antigo, bastam as obras de Clavijero e de Orozco y Berra, afim de ter nitida idéa geral acerca da primitiva civilização das terras que hoje formam a Republica de Colombia ou Nova Granada bastam este magnifico livro de Triana e *Los Chibchas* de D. Vicente Restrepo.

Resumamos o que foi, em verdade, a civilização Chibcha. Na sua introdução, o primeiro autor citado expõe planos de estudo e fala desta sorte da situação atual dos descendentes dos Chibchas civilizados e brandos, que os conquistadores reduziram á mais miseravel servidão : "Los hijos sin padre, crecidos a la intemperie, hambreados y harapientos que lloran bajo el alero del rancho en compania de un gozque flaco como unico guardian, mientras la madre trabaja a jornal en el lejano barbecho para suministrarles por la noche una razón de mazamorra ; tal ha sido en lo general la base de la familia indigena en nuestros campos desde la época de la Conquista. Quatrocientos anos de esta germinacion social, durante la Colonia y en peores condiciones, como voy a comprobarlo, durante la Republica, debieron arrasar, debilitar y prostitiir una raza robusta cuyas virtudes y energias quedan comprobadas con la mera supervivencia de un gran numero de ejemplares y con las condiciones de moralidad que los adornan." Entre parentesis : não é este quadro o dos nossos cabôclos do interior?

A primeira parte da obra de Triana ocupa-se da sociologia prehistorica da Colombia. Nos seus varios capitulos, narra as migrações de proveniencia oceanica, caraibas, que subiram o Madalena e outros rios, indo levar as parcelas do seu sangue, da sua energia e dos conhecimentos que já tinham adquirido aos nucleos da civilização que brotára e se formava no planalto andino. Suas descrições geologicas da situação das terras e das aguas são eloquentes. E, á feição do meio fisico, se foram

modelando as populações. Assim, entraram no territorio granadino até Velez os Agatais, pelo rio Minero os Muzos, pelo rio Negro os Colimas e pelo alto vale do Madalena os Panches. Mostra o efeito das grandes correntes marinhas e como as do mar Caraiba permitem rapidas travessias entre as costas da America Central e o norte da Colombia. E, infelizmente, nas suas belas suposições, hipoteses e idéas a respeito das origens das raças americanas, não desenvolve, como a sua ilustração, estou certo, permitiria, esse vasto tema da Atlantida, que, desde Platão, vem preocupando os grandes espiritos da humanidade : Estrabo, Plinio, Eliano, Apolodoro, Dionisio de Halicarnasso, Ignatius Donnelly, Nadaillac, Elliot, Saint Yves d'Alveydre, Fabre d'Olivet, Schuré, Gaffarel, Roisel, Manzi, Saint-Hilaire ; esse grande tema que tem a apoia-lo as conclusões cientificas dos Montressus, dos Hicker, dos Mernier, dos Neumaye, dos Verneuil, e dos Lubbock.

Pode-se refuta-lo ; pode-se combatê-lo ; pode-se aceita-lo ; mas não se póde esquecê-lo. Sobretudo quando se atribue aos caraibas ou caribes, que povoaram a Colombia, uma origem mediterranea, considerando-se eles como descendentes dos carios que fôram os misteriosos civilizadores do Egeu nos tempos prehelenicos.

E deles : caribes, caras de Honduras, cariris, carijós, caripunas, cariús, caraiás, caraunas, caranis ou guaranis, da mesma forma que Caledonia por Gaeledonia ou Galedonia.

Nas designações topograficas a mesma radical se mantem : Caracas, Caripe, Cariaco, Caralaska, Carova, Caroni, Caricari, Carapaporis, Acaraí.

Os nomes dessa formação em tribus ou lugares não existem do lado do Pacifico, nem na America do Norte. Irradiam-se do mar das Antilhas ou Caraiba pelo norte do continente e do Brasil.

Verdadeiramente completo o estudo que o autor faz da estrutura fisica do indio Chibcha, moldado na alti-planicie andina, "bajo una atmosfera enrarecida y a una temperatura ambiente casi uniforme." Daí a resistencia do seu organismo feito para viver nas montanhas, peito amplo, coração grande, musculos reforçados, cerebro diverso do da gente do plano, tudo isso dando em resultado mentalidade, trabalho material, conhecimentos, metodos, costumes, moral, tudo inverso. E funda suas considerações sobre dados inegaveis de antropologia, como os craneos achados em Facatativá e a mumia de Guatavita.

Um outro capitulo de grande interesse dessa parte é o que nos mostra a paisagem prehistorica do planalto, as florestas que desciam pelo respaldo dos montes, as "cuencas" que as chuvas das invernias e os degelos rapidos transformavam em lagos profundos, os nascedouros dos rios que escorriam para as planicies, os vales inundados, os pedregais solenemente insulados nos êrmos e as grandes lagunas tranquilas que, fecundadas pelos beijos do sol, deram á luz a rã primordial, especie de Oannés dos Chibchas antigos.

Das aguas nasceu a mitologia chibcha. As lagôas eram seus principais santuarios. Dentro delas lançavam pequeninos peixes de ouro, ao som das cantilenas liturgicas dos jeques ou sacerdotes. A grande deusa Sía surgira da agua. Havia banhos rituais nos lagos sagrados. Os caciques e os zipas iam banhar-se ceremoniosamente, com um protocolo religioso especial. Todas as ceremonias purificadoras eram feitas com agua. E muitos chefes ilustres, depois de mortos, eram arrojados aos lagos. Ainda hoje, a grande quantidade de nomes geograficos com a palavra "sia" demonstra a força dessa religião entre aquele povo. Uma estatueta em terracota, representando a mulher dum cacique, citada por Triana, traz á cabaça um diadema de caracóis,

simbolo do poder aquatico, e faz pensar na Artemisia maritima dos helenos diademada de lagostas.

Foi duma lagôa que saíu, puxando o filho pequeno pela mão, a mãi Bacúe ou Furachogua, a Bôa Mulher, que foi morar em Iguaque, onde o menino cresceu. Logo que ficou homem, casou com a propria mãi, e desse casal nasceu a raça dos Chibchas. Tudo se originou, pois, da agua quieta, entre as montanhas magestosas, nas solidões do planalto andino. E dessa religião calma e poetica resultou uma moral tranquila como as lagunas, mansa e amorosa como a paisagem, instituições benevolas, mentalidade imaginosa, emfim uma civilização carateristica.

A essa mitologia vieram agregar-se, adeante, os deuses trazidos pelas migrações caraibas, sobretudo Chiminiguagua, o creador da luz, a causa primaria, e o seu messias, ensinador de artes — Chimizapagua, Nemqueteba, Xue, Sadiguá, Sugunsuá ou Sogamoso, de multiplas aparencias e nomes, pregador de moral.

As aguas represadas no plató, enchendo as grandes "cuencas", transbordavam em inundações crueis, que tudo destruiam. Sua propria ação mecanica e quimica, com o tempo, conseguiu romper os paredões de granito, despejando cataratas sobre os vales. Daí nasceu o mito de Bochica, que foi para os Chibchas o iniciador, como Quetzalcoatl tinha sido para os aztecas, Manco Capac para os quichuas e Orfeu para os gregos. A essa entidade divina dedicavam os indigenas tal culto, que um velho cabôclo catequizado, em artigo de morte, beijava a cruz que lhe mostrava o missionario, mas dentro da madeira dela tinha escondido um pequenino idolo de ouro de Bochica!... Sua maior obra fôra abrir passagens ás aguas amontoadas, ferindo os rochedos com uma vara magica de ouro, igual no poder á de Moisés. Confundiam-no com o sol e julgavam que estava dentro da faixa multicôr do arco-iris. Tambem a antéquia ou projeção

da figura do observador nas nevoas, fenomeno comum na Cordilheira, era tida como o aparecimento do sublime Bochica, a cuja força e munificiencia deviam os Chibchas a fertilidade de seu sólo e o escoamento das aguas rebalsadas.

Bochica enviou-lhes mais tarde um sacerdote chamado Nemqueteba, que lhes ensinou as melhores praticas agricolas, as artes e os oficios, a moral e a cura das doenças. O culto solar de Bochica deve ter sido importado para a sociedade dos Chibchas pelas vindas de colonias estranhas, certamente as do lado do Perú. Esse missionario do Sol, como todos os seus semelhantes, peregrinou por varias regiões e fundou as hierarquias sacerdotais.

Os Chibchas chegaram a elevado gráu de adeantamento. Trabalhavam o ouro e o cobre. Cinzelavam as pedras. Teciam admiravelmente o algodão. Dividiam regularmente o ano solar pelo qual se guiavam na cultura dos campos e celebravam imponentes ceremonias agricolas de culto heliano. Só muito mais tarde, ao influxo de influencias estranhas, adotaram os sacrificios de crianças ou "moxas" ao sol. A autoridade de seus governantes emanava da divindade. Seus caciques ou senhores feudais, seus zipas e zaques, reis ou imperadores, todos tinham recebido o poder de Deus, e nenhum mortal os podia contemplar face a face. A monarquia era despotica. Contrapunham-se a essa tirania a força moral e a autoridade mais branda do zipa de Bogotá, chefe de tradições guerreiras que mantinha o filão da primitiva formação social dos Chibchas antes das infiltrações exoticas do culto do sol e do soberano seu filho Os Chibchas possuiam leis, entre as quais a que instituia o Talião nos crimes de adulterio, as que proibiam o luxo imoderado, as que regulavam as heranças e as que puniam os covardes e desertores. E o zipa, como os faraós do Egipto ou os antigos rajás da India,

tinha que passar por uma iniciação, afim de subir ao trono. Essa iniciação é uma das mais constantes e antigas tradições da raça rubra dos Atlantes, a que, segundo os velhos livros, civilizou todas as outras...

Na parte segunda de sua obra, Miguel Triana se ocupa da capacidade industrial dos Chibchas, do seu dilatado comercio, da sua moeda, tijolinhos redondos de ouro, não cunhados, mas pesados devidamente: da sua ceramica originalissima; das suas industrias nativas, a do sal, a das mantas de algodão pintadas de côr, da extração e preparo do anil e da cochonilha; da fundição e laminação do cobre e do ouro, da sua ourivesaria curiosa; emfim, do lavor e cinzelamento das pedras de obragem, de que se encontraram obras admiraveis e misteriosas em El Infernito, em Tunja e em Ramiriqui.

A parte terceira é dedicada á cultura mental dos Chibchas, os nomes geograficos do seu país, a sua lingua, e, por fim, os petroglifos que deixaram, alguns marcando talvez os caminhos das migrações caraibas. São sinais ideograficos gravados nas pedras pretas, como os que se vêem nos nossos sertões, em Quixeramobim, no Ceará, por exemplo, ou pintados á face dos rochedos, com tinta vermelha, como as figuras de S. Tomé das Letras, em Minas Gerais. Dá o autor algumas interpretações deles; porém não faz um estudo comparativo, conforme merecem, porque das gravuras de sua obra se verifica que são identicos aos encontrados por todo o mundo, memorias de velhissimos cultos solares e dum logos desaparecido. Todos os seus sinais principais, o homem ou o bugio, a tartaruga ou a rã, o tau, a swastika ou uán, a cruz, os circulos com raios em qualquer posição, as rodas solares, as grelhas, as flôres, se encontram nas pedras a "cupules" de toda a Europa, como nos mahadéus do Indostão, nos monumentos egipcios, mexicanos e peruanos, nos pedregais do Brasil

e da Argentina, nos alfabetos vetustos de Thera ou dos chins, no menhir de Robernier ou nas rochas dos elfos da Suecia. Os capitulos da obra de Triana dedicados a esses hieroflifos são uma bela contribuição de documentos aos estudos feitos poderosamente já por Alexandre Bertrand, Ameghino, Quatrefages, Simpson, Rivett-Carnac, Henri Gaidoz, Riviére, Desor, Ferraz de Macedo e muitos outros. Os "croquis" publicados por Miguel Triana trazem os mesmos signos de que nos fala Aymard, estudando os druidas, a que se refere Koster, a que se reporta Maspero varias vezes, que estão nas urnas funerarias do Museu Nacional do Rio, provenientes de Marajó, que Carlos Mauch achou nos moveis dos cafres e Reginald Lloyd fotografou no vale argentino de Callingosta, e que Eliseu Rclus julga universais.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Aguado — *Recopilación historial.*
Betanzos — *Suma y narración de los Incas.*
Cancolon (Victor) — *Histoire de l'agriculture.*
Cuervo Marquez — *Origines etnograficas de Colombia.*
Eckstein — *Les cares ou cariens de l'antiquité.*
Henao y Arrubla — *Historia de Colombia.*
Kastner — *Analyse des traditions réligieuses des peuples indigenes d'Amérique.*
Piedrahita — *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno.*
Restrepo (Vicente) — *Los chibchas.*
Restrepo Pirado (Ernesto) — *Los aborigenes de Colombia.*
Simon — *Noticias historiales.*
Triana (Miguel) — *La civilisación chibcha.*
Zerdu (Liborio) — *El Dorado.*

Origens da palavra Brasil

TODOS os brasileiros em geral aprendem que o apelido de sua patria, primeiramente Vera Cruz e Santa Cruz, se viu mudado no de Brasil por causa da madeira de tinturaria desse nome, cujo comercio foi uma das primeiras riquesas que atrairam ás suas plagas os aventureiros lusos, francêses, anglos e flamengos. A tradição e o habito moldaram em bronze essa explicação. E hoje será talvez quasi impossivel destrui-la. Todavia, é curioso estudar, com documentos de valor, a vida dessa palavra, anterior ao descobrimento da costa brasileira por Alvares Cabral e talvez provinda de outra fonte que não essa madeira côr de brasa, que, em eras idas, teve, na industria européa de fiação e tecidos o mesmo papel das anilinas alemãs recentemente.

AS ILHAS DO MAR TENEBROSO

Antes de verificada por Cristovam Colombo a existencia das terras americanas, a imaginação dos cartografos, dos geografos, dos cosmografos e dos proprios navegantes, mouros ou cristãos, povoou o mar Tenebroso de ilhas misteriosas. Indicavam-nas como boiando á face inquieta do Atlantico, para o ocidente, sem pouso certo. Entre elas se enumeram as seguintes : Antilia,

nome provindo da deformação do vocabulo Atlantida (Atl-Anti-Da) ; Stocafixa, Roylllo, Man-Satanaxio ou Mano Satanaxio ; a de Salomão, onde jazia o corpo do grande rei guardado num castelo maravilhoso ; Mariéniga, as Não-Encontradas ; de São Brandão, do Oro, (28) Cabreira, de Ventura ; Sanzorzo ou São Jorge, do Corvo Marinho, Eternas, do Homem e da Mulher ; Fortunadas, Essores, Montorio, dos Pombos, das Sete Cidades e do Brazil ou Brasil.

Algumas podem ser identificadas com relativa facilidade : Essores são, forçosamente, os Açores ; Fortunadas, as Canarias ; Corvo Marinho, a Corvo açoriana. Outras carecem ser explicadas : Stocafixa é a corruptela de Stock-fish, nome do bacalhau, devendo corresponder á Terra Nova ou Terra dos Bacalhaus, de que se tinha conhecimento antes do descobrimento do Brasil e até do da America, sinão por um Côrte Real, ao menos pelos normandos. Outras ainda lembram lendas ou guardam recordações : a de nome Antilia acabou por designar os arquipelagos do mar dos Caraibas, mas foi durante longos anos um engodo para os que buscavam, como o genovês, as partes da India pelo oeste. Dizia-se que, ao tempo da conquista arabe da peninsula Iberica, nela se tinham refugiado seis bispos conduzidos pelo bispo do Porto. A de São Brandão recordava aquela resoante de sinos que o grande santo partira a evangelizar da verde Irlanda. Na de Man ou Mano Satanaxio, a mão de Satanaz ou a sua mãi fazia naufragar as naves aventureiras. A da Ventura repisava a lenda remota das Afortunadas. E a das Sete Cidades repetia o ultimo éco das tradições da Atlantida. Ainda hoje vive na ilha açoriana de São Miguel o nome de Sete Cidades desi-

(28) Parece haver uma confusão cartografica, da qual se originou as ilhas de Huevo, isto é, do Ovo e do Oro, isto é, do Ouro. Talvez da leitura do v por r e vice-versa.

gnando uma aldeia á beira de pequeno lago, que é tudo quanto resta duma cratéra vulcanica. Dizem que ali fôram destruidas por uma horrenda catastrofe sete maravilhosas cidades do derradeiro rei daquela terra perdida, Possidonia fabulosa, que o fogo da terra e as aguas do mar para sempre subverteram. E, no norte do Brasil, no Piauí, sete amontoados de rochas com aspetos de construções megaliticas são denominadas Sete Cidades e conservam a memoria da mesma lenda.

Das ilhas citadas, umas escapam a qualquer identificação mais ou menos segura. O nome de Não Encontradas parece exprimir a idéa de que houvessem sido procuradas no rasto de antiquissimas relações, o que era possivel, pois os geografos arabes enchiam o oceano com dezenas de milhares de ilhas.

O PAU BRASIL

De fonte limpa, sabemos que a propriedades tintoricas do pau-brasil eram perfeitamente conhecidas muito antes do descobrimento do nosso país pelos portuguêses. O *ouraboutan* a que Thevet alude nas suas *Singularitez de la France Antarctique* era tido pelos arabes como provenientes das ilhas Malaias. Kazwini declara-o procedente de Ceilão e Ibn-Batuta a ele abundantemente se refere. Dão-lhe o nome malaio *sappan* ou melhor *sapang*.

Nas *Decadas*, João de Barros reporta-se ao conhecimento anterior dessa madeira e atribue ao demonio e suas sugestões a mudança do nome de Santa Cruz para o dela: "per o qual nome Santa Cruz foi aquela terra nomeada os primeiros anos e a Cruz arvorada alguns durou naquele lugar. Porem como ao demonio fez o sinal da Cruz perder o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Cristo Jesus consumada nela,

tanto que daquela terra começou de vir o pau vermelho chamado Brasil, trabalhou que este nome ficasse na bôca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um pau que tinge panos que daquele pau que deu tintura a todos os Sacramentos per que somos salvos, por o sangue de Cristo Jesus, que nele foi derramado : e pois em outra cousa nesta parte me não posso vingar do demonio amoesto da parte da Cruz de Cristo Jesus a todos los que este lugar lêrem, que dêem a esta terra o nome que com tanta solenidade lhe foi posto, sob pena de, a mesma, que nos ha de ser mostrada no dia final, os acusar de mais devotos do pau-brasil, que dela ; e por honra de tão grande terra chamamos-lhe Provincia, e digamos a Provincia de Santa Cruz, que sôa melhor entre prudentes, que Brasil posto per vulgo, sem consideração, e não habilitado para dar nome ás propriedades da Real Corôa."

João de Barros ignorava o valor dos povos na formação das linguas. Não são as corôas que fazem as palavras e conservam as nações, sim a alma anónima e poderosa das massas, que o cronista, imbuido dos preconceitos de sua época, desprezava. Aliás, tempos houve em que o Brasil, nome e terra, se confundiu no todo continental. Nas cartas da edição de Ptolomeu de 1508, feita em Roma, o nome de Santa Cruz é dado a toda a America : *Terra Santae Crucis sive Mundus Novis.* E ainda Thevet, como Lery, confunde o nome do continente com o do nosso territorio : *terre du Brésil autrement dicte de l'Amérique.*

Marco Polo que viajou as partes do oriente sob o reinado de Kubilai Kan, no seculo XIII, portanto muito anteriormente á viagem de Pedro Alvares Cabral, fala constantemente do pau-brasil. A primeira referencia vem no capitulo VI do livro III, quando descreve a ilha de Sondur ou Condur, a Pulo-Condor atual. Ali crescia abundantemente o brasil. Anotando com sabe-

doria a obra do aventureiro veneziano, na magnifica edição inglesa, Yule e Henri Cordier dizem, de acordo com o livro de G. Philips sobre a China, que essa madeira já constava em grande antiguidade das listas de presentes trocados entre as côrtes da China e do Sião. A segunda referencia de Marco Polo está no capitulo IX do mesmo livro. Ele aponta grandes quantidades de brasil nos reinos de Lambri e Fansur, hoje admitidos como sendo regiões da ilha de Sumatra. E' o celebre pau-brasil de Ameri, de que tanto se falava na idade media e a que se reporta Pegolotti, não passando Ameri duma corruptela de Lambri. A terceira acha-se no inicio do capitulo XII, seguinte: "a existencia do brasil na ilha de Necuvéran", arquipelago das Nicóbar. A quarta, no capitulo XXII, idem, trata do brasil-Coilúmin, produzido pelo reino de Cóilum, o Káulam de agora, que os mapas transformaram em Colombo, capital de Ceilão.

O pau-brasil dessa localidade aparece em Pegolotti nas imediações do ano de 1340 com o titulo de *verzino colombino.* Um seculo depois, Giovanni d'Uzzano repetia a mesma designação. O comercio italiano medieval distinguia tres especies dessa madeira tintorica: *verzino salvatico, verzino dimestico* e *verzino colombino.* Tambem as denominava: *verzino colomni, verzino ameri* e *verzino seni,* conforme sua procedencia de Kaulam, de Lámbri ou do Sião através da China.

A proposito da forma *verzino,* que se encontra mesmo nos antigos manuscritos de Polo, Cordier escreve: "It has been supposed popularly that the brasil-wood of commerce took its name from the great country so called; but the *verzino* of the old italians writers is only a form of the same word, and *bresil* is in fact the word used by Polo. So Chaucer:

"Him nedeth not his collour for to dien
With *brazil,* ne with grain of Portingale."

No tomo II das *Antiquités italiennes*, diz Muratori que, desde o seculo XII, se tingiam tecidos na Italia com a madeira *bressil, brasilly, bresilsi* ou *braxilis*. Refere-se mesmo a mercadorias a *grana de Brazile*, num documento de 1128. Nas notas á edição de 1881 da obra de Thevet, Paul Gaffarel afirma que o brasil foi introduzido na Espanha de 1221 a 1243 e em França é mencionado nas tarifas alfandegarias a partir de fins do seculo XIII. Não pode haver duvidas que os venezianos fôram os que o trouxeram do levante, fazendo-o conhecido no ocidente.

ETIMOLOGIA DA PALAVRA BRASIL

Provada a existencia do conhecimento do pau-brasil seculos antes do achado da terra do mesmo nome, procuremos a razão de ser deste e, após, sua aplicação á cartografia, da qual veiu para este lado do Atlantico, onde definitivamente se fixou. Já vimos que Cordier pensa até que foi a terra que deu nome ao pau. Os etimologistas querem que brasil venha de brasa, porque é côr de brasa a madeira de tinturaria, — *sapang* dos malaios, *urabutan* dos tupis. Mas o encontro das curiosas formas da mesma palavra nos antigos escritores italianos pode levar a conclusões de outra natureza : que brasil, através de berzil e de outras transformações é uma simples corrupção de verzino ou berzino.

O mais interessante, porem, para nós, será saber si, para o nosso país, o nome veiu do pau côr de brasa ou da famosa ilha lendaria, que, em companhia da Maida, da Verde e das já enumeradas, perseguiu tanto tempo a imaginação dos cartografos e desafiou a audacia dos aventureiros.

A ILHA BRASIL

O nome Brasil surge na geografia muito anteriormente ao descobrimento da grande região sulamericana banhada pelo Atlantico. No seu livro *Etudes sur les rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb*, Paul Gaffarel escreve que, nas cartas geograficas da idade media, aflora sempre no meio do oceano a ilha de Brazil, Berzil ou Brasil. Cita em apoio de sua asserção o portulano Medici, datado de 1351, e o mapa de Picignano, Pizignano ou Pzigani, datado de 1367.

Fridtjof Nansen, grande explorador polar e escritor, reproduz nas pajinas do *In northern mists*, fac-similes desses portulanos antigos. Harrisse faz o mesmo no seu livro sobre o descobrimento da America do Norte. O atlas Medici traz a ilha em questão deante das costas da peninsula Iberica com o rotulo — "insula de brazi". O Pizignano coloca-a na altura das ilhas Britanicas e apelida-a textualmente — "Ysola de Mayotlas sen de Bracir". (29) Compreende-se que é de Mayotlas ou do Brazil. Mas que vem a ser Mayotlas? Porventura um avatar da celebre Melcha, ilha que devia anteceder á India, que os descobridores procuraram pelo Atlantico e atrás da qual até Amerigo Vespucio andou? A leitura Mayotlas pode, entretanto, ser considerada incerta, segundo alguns autores. E o Soleri de 1385 conserva-lhe a mesma posição e o mesmo nome.

Ha mais um famoso mapa-mundi catalão anónimo do meado do seculo XIV, existente na Biblioteca Nacional de Módena, no qual se vê, perto da Irlanda, a "ilha de

(29) Tambem se encontra a formula *de montonis sieue de Bracir*. Alguns querem ver aí a latinização de *mouton*, *moltonis* e *montonis*, a ilha dos carneiros que precedia a de S. Brandão.

brezill". Pullé e Longhena minuciosamente o estudaram e lhe determinaram a data : 1350. O geografo Andréa Bianco, cuja carta, datada de 1436, está na Biblioteca de São Marcos, em Veneza, e vem fielmente reproduzida na *Historia da colonização portuguesa no Brazil*, registou a "Y do brazil". Fra Mauro tambem a cita. E a carta de Gracioso Bernincasa, de Ancona, guardada na Biblioteca da Universidade de Bolonha, contem a "Isola de Bracill".

Outro portulano, o numero 1710 da coleção italiana da Biblioteca Nacional de Paris, com a data de 1480, traz oito ilhas dispostas em linha na altura do cabo de São Vicente : "ysola corvi marini, ysola de sanzorzi, ysola de la venture, ysola de colombi, ysola chapraié, ysola luevo e ysola de Bacil (?)". Põe mais em frente á Bretanha a "ysola del Brazil". Desta vez, a confusão cartografica arranjou duas ilhas do Brasil em lugar de uma só.

O nome da ilha continua a viver distinto do da nossa patria, mesmo após o descobrimento e a crisma que indignou João de Barros. Figura no atlas de Ramusio, em 1556. Em 1583, menciona-a uma carta enviada ao governador da Rochela pelos capitães dumas galeras francesas que viajaram e combateram "nas ilhas da Florida, dos Selvagens e do Brasil."

Cabe entre parentesis a nota de que os antigos, desde os classicos, através dos arabes denominavam ilha qualquer trato de terra pouco conhecido, fôsse ele cabo, peninsula ou continente.

Gaffarel traz ainda á baila curioso atlas manuscrito da Biblioteca da Faculdade de Montpellier, que consta de 22 cartas e pertenceu ao Conselheiro de Clugni, membro do parlamento de Dijon, emigrado durante a Revolução Francesa. Foi desenhado depois do descobrimento do estreito de Magalhães, que está nele assinalado. Na carta desse atlas referente á America, apa-

rece a ilha Brazil no meio do oceano, defronte de nossas costas. E surge mais uma vez, nas mesmas condições, no esplendido atlas veneziano de Coronelli, em 1696.

Southey, tratando do nome Brazil, anota que ele pegou mais facilmente por já têrem os geografos antes o posto em voga, parecendo, contudo, tão perplexos sobre o modo de dispôr dele como do titulo de Preste João. Os espanhois chegaram a batizar o porto Jacquemel, na ilha de São Domingos, de porto Brazil ou do Brazil.

Hervas faz menção dum mapa da Biblioteca de São Marcos, em Veneza, de 1439, feito tambem por Andréa Bianco, (30) no qual se indica na extremidade oriental do Atlantico uma ilha com o nome de "ilha do Brazil," outra chamada "ilha da Antilia" e uma terceira, na posição do cabo de Santo Agostinho, na Florida atual, com a tal estranha cognominação de "Isla de la mano de Satanaxio". Essa ilha do Brazil supõe-na o autor citado "uma das Terceiras", como lhe apraz designar os Açores.

D. Cristobal Cladera, na sua resposta á memoria de Otto sobre o descobrimento da America, descreve cinco mapas desenhados por Juan Ortiz em Valença, argumentando que não podiam ter sido traçados antes de 1496 nem depois de 1509. A quarta dessas cartas contem as costas da Espanha, França, Holanda, Grã Bretanha e, no paralelo de 52.° Norte, uma ilha dividida por grande rio e chamada Brazil. Disso infere Cladera que o mapa foi feito depois de ter vindo Cabral a Porto Seguro, porem muito pouco depois, sinão não teria sido o nosso país tão erroneamente colocado. Entretanto, cabe indagar si realmente sendo o Brasil que o cartografo queria indicar te-lo-ia tão erradamente con-

---

(30) Esse mapa citado por Hervas deve ser o mesmo a que se referem outros autores, dando-lhe, porém, a data de 1436, como antes ficou assinalado.

seguido? E já em 1509 o Brasil se chamaria mesmo Brazil?

Essas duvidas são de Southey, que resumo. A existencia hoje em dia cientificamente comprovada dos portulanos Soleri, Picignano e Medici, todos anteriores a 1400, responde que não era o país que se indicava e sim a ilha fabulosa do mesmo nome, o qual continuou a batiza-la, como vimos, depois de 1500.

A CONSERVAÇÃO GEOGRAFICA DA PALAVRA BRASIL

Apezar de não haver grande importancia no fato de tal ilha figurar nos mapas posteriores a 1500, é digna de notar-se a conservação geografica da palavra, já existente em mapas seculo e meio anteriores, a qual em verdade não se sabe bem em que data precisa começou a vigorar na nova terra de Santa Cruz, por obra e graça desse vulgo que o cronista julgava incapaz de dar nome ás possessões da Real Corôa.

Sobre o assunto, Gaffarel escreve: "Un siecle et demi aprés la colonisation des Açores par le Portugal, on continuait á placer une ile de Bresil á l'ouest ou au nord'ouest de Corvo. L'atlas d'Ortelius et celui de Mercator en 1569 marquent encore ce nom. L'identité de ce nom avec celui d'une des plus vastes contrées du Nouveau Monde indiquerait-elle donc quelque mystérieux pressentiment de la découverte du XVI me. siécle? Il en est de Brésil comme d'Antille, ces noms se sont appliqués á des terres inconnues avant d'être fixés définitivement: par le plus curieux des hasards, un bois rouge propre á la teinture des laines et des cotons commença par désigner le pays d'oú on le tira, Malabar ou

Sumatra, puis il s'appliqua á une ile récemment découverte oú on crut le retrouver, á Terceira, dans les Açores, ensuite á l'ile inconnue qui nous occupe et enfin á la contrée américaine qui l'a conservée. Le souvenir de cette ile errante s'est conservé jusqu'á nos jours dans le Brasil-Rock que marquent les cartes anglaises et allemandes á quelques degrés á l'ouest de l'extremité la plus australe de l'Irlande."

Com efeito, Humboldt fere o mesmo ponto e o *Hand-Atlas* de Stieler, edição de 1867, dá o Brasil-Rock na carta n.º 14.

EVOLUÇÃO DO TERMO BRASIL

Evolução curiosa nas suas particularidades como uma pagina de folclore: a grande ilha ou continente denominado Antilia, a que se referem Pedro de Medina, Picignano, Beccaria, Pareto e Toscanelli, cujo portulano tambem possue a ilha Brazil, foi reduzido a essa ilha de nome grafado com inconcebivel variedade de formas e veiu acabar no meado do ultimo seculo simples ilhéu rochoso a sudoeste das ilhas Britanicas. Aventurosa e errante existencia cartografica!

Enfileiremos, para bem patentear essa inconstancia denominativa, os seus varios nomes: Bracil, Berzil, Braçúr, Brazylle, Brazil, Brasil, Braçill, Bacil, Bracir, Brazi, Brezill, Bresilzi, Braxilis, O'-Brasile, O'-Brasil e, afinal, Bresail, Hy-Breassail ou Hy-Bresail. Estas ultimas designações são irlandesas. Na opinião de Alf Torp e de Moltke Moe, tal palavra veiu da raiz celtica *bress*, que implica a idéa de benção e significa bôa sorte ou prosperidade. De onde o verbo inglez *To bless* — abençoar.

AS ILHAS VENTUROSAS

Assim, o nome geografico irlandês corresponde em suma ao que os antigos davam ás Canarias: — Afortunadas. A crença na existencia de terras venturosas do lado do ocidente é antiquissima. Vem do Uttara-Kuru indostanico, onde não nevava e não chovia, os leitos dos rios eram de ouro em pó e as areias das praias de perolas; do Aalu ou Hotep dos egipcios, onde viver era uma delicia. A' face do velho mar Tenebroso, os geografos de antanho punham ilhas verdes e risonhas, onde a vida se passava deliciosamente como um sonho e tudo era encanto e fartura. Ilhas Afortunadas! A "ysola de la venture", isto é, da Ventura, na cartografia medieva, é um dos derradeiros vestigios dessa crença, como a Green Island dos irlandezes ou Island of Youth, que se vai prender á lenda da Fonte de Juventa, em busca da qual andaram tantos aventureiros e que fez o fidalgo Ponce de Leon ir parar na Florida.

A idéa é longinqua e pertinaz na tradição dos povos. Todos criam numa idade de ouro em tempos idos e em terras de alem. Ela abrolhou na *Odisséa*, naquela ilha de facil viver, sem neve e sem chuva, refrescada pelas auras suaves e perfumadas do oceano bonançoso. Era o elysium dos antigos, o Jardim das Hespérides carregado de pomos aureos, a Merópida ridente, de onde nasceram os mitos da Manôa e do Eldorado, que morreriam sob a gargalhada de Rabelais no pais da Cucanha. (31) Pindaro cantou-a vicejante de flores e bafejada de

---

(31) Por toda a parte, no alvorecer dos tempos modernos, o mito vetusto se abastardou: os espanhois, ao lado do Eldorado, puzeram a engraçada terra do Piripipáo e a ilha da Janja com montanhas de queijo e rios de limonada; os alemães imaginaram o grutesco Schlaraffenland e os escandinavos, o Fyldeholmen ou país das bebidas.

zéfiros dôces, Ilha dos Bemaventurados como a chamou, onde os justos recebiam o premio de sua virtude. E cada um punha esse Eliseu onde sua imaginação pedia.

Pomponio Mela pinta-nos as Afortunadas em frente ao massiço do Atlas. Ali, a terra produzia sem ser cultivada e os homens viviam isentos de achaques e inquietudes. Mais ou menos da mesma sorte, descreve a ilha de Eritia, fronteira á Lusitania. Eratóstenes já incluira essa Eritia com o nome de Eritéa entre as Afortunadas.

Veja-se só como de longa data o imperfeito conhecimento das terras do Atlantico dava margem a confusões. E Artemidoro, nesse ponto, divergia de Eratóstenes. Estrabo, por sua vez, é de opinião que as ilhas dos Bemaventurados somente são denominadas Afortunadas por se acharem proximo da Iberia, venturoso país.

A lenda das Afortunadas já se apresenta em Deodoro Siculo sob outro apeto. São colonizadas por Macareu após o diluvio que reduziu á miseria o continente fronteiro ; mas o historiador é nebuloso e não se sabe bem onde localizar as ilhas a que se refere. Parece que ficam no proprio mar Egeu. A demais, faz até um trocadilho com o nome de Macareu, o colonizador, e o das ilhas, em grego — Makarié, as Afortunadas. Delas trataram Hesiodo, Horacio, Florus, Plutarco, Plinio, Ateneu e Luciano de Samosata.

Na ilha de São Brandão, Borodon ou Brandanis, os celtas punham a entrada do Paraiso. Toda a idade media letrada — diz Silbermann — viveu a pensar nas terras misteriosas do poente. São a Irland hit Mikla, a Grande Irlanda ; a Tvi-na-m-bam e outras ; a Yma de S. Macuto. O *Imago Mundi* de Pedro d'Ailly, que inspirou Colombo, é o grande éco desse pensamento. E o mesmo espirito preside á denominação que os nor-

mandos dão ás terras da America : Vinland ou Vynland, a Bôa (32)

Referimo-nos a algumas ilhas com que a ignorancia dos tempos medievos salpicara o Atlantico e cuja identificação é impossivel. Entre elas, estão as Não Encontradas. Ora, a lenda de ilhas errantes ou invisiveis é comum a muitos povos e essas podem bem ser uma reminicencia daquelas Simplégadas, no meio das quais Jasão navegou, capitaneando os argonautas. Vê-se, pois, como são persistentes as lendas, que poder vital teem, durando e se transformando, modificando-se, bifurcando-se e misturando-se a outras pelos seculos alem.

A das ilhas dos Felizes, dos Bemaventurados, dos Afortunados não escapa á regra geral. Vimo-la nos tempos classicos, vimo-la na era medieva e vemo-la na moderna, nos versos curiosos e belos de Gerald Griffin :

"On the ocean that hollows the rocks where ye dwell
A shadow land has appeared, as they tell ;
Men thought it a region of sunshine and rest,
And they called it O'-Brasil — the isle of the blest.
From year unto year, on the ocean's blue rim,
The beautiful spectre showed lovely and dim ;
The golden clouds curtained the deep where it lay
And it looked like and Eden, away for away."

A FORÇA DAS LENDAS

Tal força teem as lendas dessa natureza que, como se procurava a aurea Manôa na virgem selva brasileira e a fonte da eterna juventude nos bosques da Flo-

---

(32) Segundo Nansen. Hovgaard e outros não aceitam esse ponto de vista. V. nota 2.

rida, muitos buscaram a famosa ilha Brasil, que a lingua gaelica nos revela como a dos Afortunados. Bem Latino Coelho nos diz que essa terra abençoada era posta em "regiões geograficamente desconhecidas ou figuradas ao sabor da fantasia dos cartografos."

Um manuscrito do colegio de Corpus Cristi, na Universidade de Cambridge, de autoria de Guilherme Botoner em 1480, compulsado por Nansen, contem a interessantissima narração duma tentativa de descobrimento da ilha famigerada, com interrupções e falhas dos estragos do tempo. Lê-se, porem, o seguinte : "On the 15th. of July... ships... and... John Jay junior, of 80 tons burthen, sailed out of the port of Bristol... as far as the island of Brazil on the west side of Ireland... after having sailed the seas about 9 months they had not discovered the island..."

Talvez documentado nessa peça ou em outra semelhante é que Silbermann tenha podido escrever : "Vers la même epoque (1486), les Anglais firent plusieurs voyages pour retrouver l'ile de Brésil." E João de Mandeville ainda procurou pelo mar o Paraiso, e o encontrou, e o descreveu...

O GLOBO DE BEHAIN

Não a encontrariam nunca os inglêses, embora sua indiscutivel existencia cartografica. Aos documentos comprobatorios já citados, alguns acrescentam o famoso globo de Andrés Behain. A proposito, Perez Verdia opina : "En cuanto al globo de Andréa Behain que afirman los enemigos de Colón le sirvió de guia por estaren ali marcadas ya las costas del Brasil y del estrecho de Magallanes, basta reflexionar que el verdadero globo de Behain se hizo en 1492 y en Alemania, cuando ya

el descubridor de la America surcaba las aguas del Oceano, y que no es cierto que contenga las islas ó costa del Nuevo Mundo, siendo de advertir que la primera esfera en que tales se encuentran es la de Juan Schoener, descubierta por M. Otte y construida en el ano de 1520.''

Não tem razão em tudo o que avança o historiador mexicano. O globo de Behain data efetivamente de 1492, mas nele se vê a ilha Brazil defronte das costas irlandesas e os litorais das terras articas do continente americano percorridas pelos normandos. Basta olhar a excelente reprodução estampada por Nansen ou a do livro de Ravinstein.

O NOME MAIS VELHO DO QUE O PAIS

E' indubitavelmente mais velho do que o nosso país o nome que lhe deram. Capistrano de Abreu admitia esse ponto. E sente-se que ele não nasceu da côr de brasa do pau de tinturaria tão famoso. Southey parece adivinhar isso quando escreve: "Entre varios povos vivia uma tradição relativa a uma ilha encantada chamada Brasil. Era, pois, natural que, apenas aparecesse um país a que se pudesse aplicar, nele se fixasse esse nome, que até ali andava vago e incerto. Daí provavelmente ter ele prevalecido sobre a denominação oficial e até santificada pela sanção religiosa."

Essa lenda chegou ao ponto de persistir, diz o folclorista See, entre os marujos da Irlanda e da Escocia até o ultimo seculo, quando o Brasil já era nação independente. Hy-Bresail era uma das *promised lands*, das *Tir Tairngiri* dos celtas, a falada *terra repromissionis* (33) de São Brandão.

---

(33) Ou *repromissionis Santorum*.

Houve verdadeira intercorrencia entre a lenda e a historia. O Brasil do pau côr de brasa, ou melhor verzino, berzino e berzil, confundiu-se com o Brasil da ilha Bemaventurada, da terra Feliz, do O'-Brasil celtico. (34) E pela força moral do ultimo motivo é que, na nossa opinião prevaleceu. Assim, a mania comum de ir buscar para o nome Brasil um berço na madeira de tinturaria se vê prejudicada pela existencia da lenda vetusta, a que por fim aludem Alf Torp e Moltke Moe, derivando o nome Bresail de *bress*, bôa sorte, felicidade, prosperidade, etimologia tão aceitavel, de qualquer ponto de vista, si não mais do que a outra. Do ponto de vista poetico, simbolico, mesmo historico e sobretudo tradicional, não ha hesitação possivel. Brasil pode vir tanto de brasa como de Brasail ou Bressail, terra Afortunada. E a simples semelhança do vocabulo irlandês dado á ilha lendaria do oceano sob as varias formas que já vimos com o do pau-brasil, berzil ou verzino talvez tenha trazido a confusão de que resultou se pensar fôsse do nome da madeira que nasceu o do país. Tanto que á ilha de onde primeiro o levaram para a Europa, deste lado do mundo, não se deu o nome de Brasil, mas o de Madeira, que ainda lhe resta.

BRASIL — TERRA ABENÇOADA

E' impossivel deixar de reconhecer em face da documentação apresentada que a palavra Brasil se aplicava a uma ilha do Atlantico, de posição variavel na cartografia antiga, por outra razão que não a existencia nela da *Cesalpina Sapan.* Essa razão só podia ser — é obvio — a lenda das terras felizes do ocidente : Makarié

(34) Vide a nota 2.

dos gregos, Fortunatae dos latinos, Fortunatus dos arabes, *Insula deliciosa* do monge Mernoc, Vinlandia das sagas, Bresail ou O'-Breasail dos celtas. Nada mais natural do que a interpenetração dessa ultima e da do urabutan, quando começou seu trafico em Santa Cruz. E o vulgo, unico capaz de dar nome aos senhorios da Real Corôa, mau grado o espanto de João de Barros, habituado já ao da lenda, como os letrados ao da cosmografia, facilmente o estendeu á nova região onde se ia buscar a madeira rubra, cuja alcunha mal se distinguia do termo geografico irlandês.

Acresce que os proprios descobridores portugueses não ignoravam a existencia cartografica da palavra Brasil. Entre eles, houve mesmo quem confundisse a terra novamente achada com a famosa ilha do Atlantico. Referindo-se ao Brasil, o bacharel mestre João, fisico da armada de Pedro Alvares Cabral, escrevia a El Rei D. Manuel de Portugal que pedisse a Pero Vaz da Cunha, o Bisagudo, o seu mapa-mundi *antigo*, afim de por ali ver o "sytyo desta terra, en pero aquel mappamundi non certifica esta terra ser habytada." Naturalmente. O velho mapa dava a ilha. O mestre estivera com os descobridores no país.

Não nos parece que outras possam ser as origens e outro o processo de formação do nome do Brasil. Aliás esse para que nos inclinamos é mais agradavel ao espirito e ao coração, pois não ha quem não prefira que o apelido do seu torrão natal signifique terra Abençoada, terra dos Bemaventurados, dos Afortunados, *of the blest*, do que recorde o utilitario e vulgar comercio do pau de tinta. Repitamos, pois, com prazer, o verso que indiretamente nos dedicou o poeta Griffin :

"And they called it O'-Brasil — the isle of the blest !"

NOTA 1 — As primeiras bases deste ensaio fôram publicadas no numero de julho da *Illustração Brasileira*, em 1922. Mais desenvolvidas no artigo *A ilha Brasil*, sairam a 21 de Julho de 1926 na *Folha da Noite* de S. Paulo. E o ensaio completo, na mesma cidade, a 26 de janeiro de 1929, na *A Gazeta*.

A 28 de maio de 1930, o trabalho foi lido em sessão da Academia Brasileira.

NOTA 2 — Resumamos a teoria de Nansen sobre a influencia da lenda mediterranea das ilhas venturosas no ocidente europeu, creando ou confundindo-se com o Bresail celta : O mito das ilhas Afortunadas, *Insulae Fortunatae*, *Isles of the blest*, vindo dos gregos e latinos, penetrou na idade média ocidental e nordica. Acreditou-se que elas ficavam para o oeste e que lá se encontravam cereais e uvas nativas. De acôrdo com Plinio e Isidoro, essa concepção derivava das Canarias, já conhecidas de fenicios e cartaginêses, pois as colocavam ao poente da Mauritania, no oceano. O conto dessas ilhas passou á Irlanda medieva, á Noruega e mesmo á Islandia. No antigo idioma escandinavo, a denominação *Insulae Fortunatae* se transformou em *Vinland hit Góda*, isto é, Vinlandia a Bôa. Depois que os normandos estiveram na America, as noticias das terras que descobriram ao sudoeste da Groenlandia se associaram ás idéas miticas sobre as *Isles of the blest*, as ilhas dos Abençoados ou Bemaventurados e o nome de Vinland, implicando embora a determinação da existencia de frutos ou grãos naturais ao país, cristalizou no fundo o espirito das antigas lendas gregas, romanas e celticas.

Por que — perguntamos — o mesmo fenomeno seria improvavel e não naturalissimo no Brasil ?

Nansen, Hovgard e outros admitem que a denominação Groenlandia, Terra Verde, foi dada ao gelido país do Norte por Eurico o Ruivo, seu primeiro povoador, com o fim de atrair á mesma os colonos islandêses, que pensariam pelo nome ser a terra fertil e feliz. O famoso heroi das velhas sagas aplicava, assim, sabiamente, a lenda das ilhas Venturosas, fazendo com que o vulgo confundisse com a região encontrada, e que era preciso povoar, as ilhas lendarias dos povos nordicos, sobretudo dos celtas setentrionais, — a falada Ilha Verde que certos mapas posteriormente registaram, a Green Island dos irlandêses. Estes, por sua vez, já chamavam á propria patria da mesma forma. A Verde Erin, a Verde Irlanda, é um *leit-motif* nos seus cantos e nas suas lendas.

ESQUEMA DA FORMAÇÃO DA PALAVRA BRASIL:

ANTIGUIDADE:

Lenda, em todos os povos, duma terra misteriosa e venturosa ao poente.

IDADE-MEDIA:

A lenda consubstancia-se na ilha Brazil, de pouso e nome incertos, por influencia do vocabulo celta Bresail.

RENASCIMENTO:

Acredita-se na ilha Brazil e busca-se a mesma pelo oceano.

IDADE-MEDIA:

O pau de tinturaria é conhecido por verzino, depois Berzil e, por fim, Brazil.

RENASCIMENTO:

Acham os portuguêses a terra que veiu a chamar-se Brasil e onde a madeira tintorica abundava.

O nome do pau e o da ilha confundem-se, e nasce o termo geografico definitivo.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

ACCIOLY (E BRAZ DO AMARAL) — *Memorias historicas e politicas da Bahia.*

AILLY (PIERRE D') — *L'Imago Mundi* (ed. Maisonneuve).

ANGHIERA (PEDRO MARTIR DE) — *De orbe novo.*

ATENEU — *O banquete dos sabios.*

AVEZAC (D') — *Les iles fantastiques de l'océan occidental au Moyen Age.*

BARROS (JOÃO DE) — *Decadas da Asia.*

BUCH (LEOPOLD DE) — *Description des iles Canaries.*
BEAUVOIS — *La découverte du Nouveau Monde par les Irlandais.*
CAPISTRANO DE ABREU — *Caminhos antigos.*
CHARTON — *Voyageurs anciens et modernes.*
CORDIER — *Les voyages en Asie au XVIeme. siécle du bienheureux frére Odoric de Pordenone.*
CRAIGIE (W. A.) — *Icelandic Sagas.*
CROKER — *Fairy legends and traditions of the south Ireland.*
CUSAK — *History of Ireland.*
CUSTIS — *A history of mediaeval Ireland.*
DÉFREMERY ET SANGUINETTI — *Voyages de Ibn Batuta.*
DENIS (FERDINAND) — *Le monde enchanté.*
DEODORO SICULO — *Biblioteca historica.*
DRIOUX ET LEROY — *Atlas antique.*
ESTRABO — *Geografia.*
FLORUS (ANNOEUS) — *Epitome rerum romanum.*
GAFFAREL (PAUL) — *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christophe Colomb. — Histoire du Brésil français.*
GOODRICH — *Columbus.*
GRIFFIN (GERALD) — *in* NANSEN, op. cit.
HAKLUYT — *Divers voyages touching the discovery of America.*
HARRISSE — *The discovery of North America. — Découverte et évolution cartographique de Terre Neuve et des pays circonvoisins.*
HESIODO — *Os trabalhos e os dias.*
Historia da Colonização Portuguesa no Brasil.
HOMERO — *Odisséa.*
HORACIO — *Odes e Epodes.*
HUMBOLDT — *Examen critique de l'histoire et de la geographie du Nouveau Monde.*
IDRISI — *Descrição da Africa e da Espanha.*
JAGUARIBE (DOMINGOS) — *L'Atlantide et l'histoire du Brésil.*
KAZWINI — *Geographisches Worterbuch.*
KORDAFHBEH — *Le livre des routes et des provinces.*
LATINO COELHO — *Vasco da Gama.*
LELEWEL — *Geographie du Moyen Age.*
LÉRY (JEAN) — *Histoire d'un voyage fait á la terre du Brésil.*
LIEBRECHT — *Sanct Brandam.*
LUCIANO DE SAMOSATA — *Vera historia.*
MANDEVILLE — *The voiage and travaile of sir John Maundeville.*
MOLTKE MOE and ALF TORP — *in* NANSEN, op. cit.
MURATORI — *Antiquités italiennes.*
NANSEN (FRIDTJOF) — *In northern mists.*
NORDENSKIOLD — *Fac-simile atlas.*
PINDARO — *Odes.*
PLINIO — *Historia natural.*

PLUTARCO — *Vida de Suetonio.*
POMPONIUS MELA — *De situ orbis.*
RAPOSO DE OLIVEIRA — *Lendas açorianas.*
RAVINSTEIN — *Martin Behain, his life and his globe.*
SCHRODER — *Sanct Brandan.*
SEE — *Popular tales of West Highlands.*
SILBERMANN (OTTO) — *L'Atlantide.*
SOUTHEY (ROBERT) — *History of Brazil.*
STIELER — *Hand-Atlas.*
STORM (GUSTAV) — *Studies on the Vineland voyages.*
THEVET — *Les sigularitez de la France Antarctique.*
TRUFFAL (PAUL) — *Le merveilleux voyage de Saint Brandam.*
VERDIA (LUIZ PEREZ) — *Historia de Mexico.*
VIGFUSSON, ETC. — *Icelandic - English Dictionnary.*
YULE — *The book of Ser Marco Polo.*

Os Mahadéus do Sertão

> "Lorsqu'on pourra déchiffrer les inscriptions de Palenqué et d'Uxmal, celles des rochers de Piauhy au Brésil, ou celles de l'Orenoque citées par de Humboldt, celles encore de Tijuco qui justement sont gravées en rouge, alors ces monuments nous feront connaitre l'histoire des dynasties américaines, et nous démontreront jusqu'a l'évidence ce que nous ne pouvons aujourd'hui que supposer, á savoir la communanté d'origine des peuples, qui, sur les deux rives de l'Atlantique, semblent, s'être entendus pour elever dans le même gôut et le même style des monuments identiques."
>
> PAUL GAFFAREL — *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent.*

EM todos os sertões do Brasil, se encontram, nos talhados de pedra das serrotas ou nas rochas á beira dos rios, inscrições estranhas, profundamente gravadas, revelando a existencia duma pitografia anterior ao descobrimento, decerto alheia aos indigenas encontrados pela colonização, e até hoje ainda não estudada.

O inglês Henry Koster, que de 1809 a 1815 viajou entre Pernambuco e Maranhão, conta ter visto ás mãos dum padre cópias de caractéres e figuras que o mesmo encontrara em pedras á margem dum rio, no interior da Paraíba. Os habitantes da redondeza do local onde

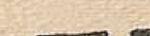
SIMBOLOS DA GEOMETRIA QUALITATIVA
DOS OCULTISTAS.

1. Unidade.		ou Principio.
2. Binario.	— ou - -	ou Antagonismo.
3. Ternario.		ou Idéa.
4. Quaternario.		ou Forma.
5. Pentagrama.		ou Inteligencia dominando Forças.
6. Seis.		ou Equilibrio das Idéas.
7. Setenario.		ou Realização: aliança da Idéa e da Forma.
8. Oito.		ou Equilibrio das Formas.
9. Nove.		ou Perfeição das Idéas.
10. Dez.		ou o Ciclo Eterno.
O ABSOLUTO.		ou a Convergencia: Cruz.
O ATIVO.		ou o Sol: a Verdade.
O PASSIVO.		ou a Lua: Passividade.

(A notar: a roda solar e a cruz que se repetem em todos os pétroglifos.

o sacerdote achára as inscrições em questão lhe haviam dado informações sobre a existencia de inumeras lapides com desenhos semelhantes, cuja origem e significação completamente desconheciam.

Nessas cópias, o viajante observára as figuras do sol, da lua, das estrelas e de varios animais. Southey põe em relevo o fato. E é de lamentar que Koster, sem pretão minucioso e verdadeiro, não nos transmitisse os desenhos.

Em todo o vasto, resequido sertão nordestino, que se estende da Bahia ao Piauí, em pedrouços e lages, á margem dos riachos e rios, nas penedias insuladas como bétilos ou menhirs naturais, nos mocosais e nos fraguedos, lá estão as gravuras exoticas, desafiando a curiosídade dos espiritos esclarecidos que porventura as contemplem. Umas somente se aprofundam na rude face dos granitos e dos sienitos ; outras logo chamam a atenção pela berrante côr vermelha do *enduit* com que as betaram. Nivelando a profundez dos traços com a superficie rugosa das pedras, ha uma especie de rebôco encarnado, decerto feito com qualquer substancia mineral, pois a chuva e o sol não conseguem fazer com que desbote, e é tão duro que, á ponta de faca, mal se podem desagregar algumas parcelas diminutas. Essa côr rubra já fôra assinalada pelo sabio Strahlenberg nas antigas inscrições islandesas em ossos de peixe. Gravuras análogas descobertas nas pedras do rio

DIAGRAMAS CHINÊSES PRIMITIVOS

⚊	Yang — Principio masculino — Céu.
⚋	Yin — Principio feminino — Terra.
⚌	T'ai Yang — Grande principio masculino — Sol — calor — Inteligencia - Olhos.
⚏	T'ai Yin — Grande principio feminino — Lua — Frio — Paixões — Ouvidos.
⚎	Cháu Yang — Principio masculino médio, joven - Estrelas — Aurora — Forma — Nariz.
⚍	Chao Yin — Principio feminino médio, joven — Planetas — Noite — Forma humana — Bôca.
△	Os tres poderes da natureza — Céu — Terra — Homem.

(Segundo o Yi-King, ou "LIVRO DAS METAMORFOSES").

Ienissei e em varias partes do país dos Permios, na Siberia, conservam a mesma pintura. Em todos os países, se vêem pitografias encarnadas. A proposito, Gobineau lembra, talvez com razão, que em gotico o verbo *mêljan* siginificava escrever e pintar, do substantivo *mél* – pintura ; daí se originando *ufarméli* – inscrição.

Nenhum sertanejo sabe explicar cousa alguma sobre tais signos. Nas suas tradições, nada ficou a seu respeito. Nada lembram da colonização, cujos bandeirantes e povoadores já as encontraram sem que os indios sobre elas pudessem precisar alguma cousa. Parece que lhes despertavam unicamente temor ou respeito pelo seu misterio. Von Martius, remontando o Japurá, ouviu os indios remeiros da sua canôa gritarem deante do grande salto de Arara-coára : — Tupan ! Tupan ! E alguns ali lhe fizeram notar nas pedras certas esculturas roídas pelo tempo. Havia uma vintena de figuras : cabeças humanas com cornos ou rodeadas de raios, cabeças de jaguar, sapos e outros desenhos informes. Um velho canoeiro assegurou-lhe, então, que se viam muitos daqueles sinais nas cachoeiras dos rios Messai e dos Enganos. Existiam muitas tambem em Cupati. Debret reproduziu na sua obra (I, 46) diversos desses simbolos.

OS 8 TRIGRAMAS DE FO-HI

☰ — Céu — Principio masculino puro —

☱ — Vapor — Exhalações aquosas — Lagos —

☲ — Fogo — Calor — Luz —

☳ — Tempestade —

☴ — Vento —

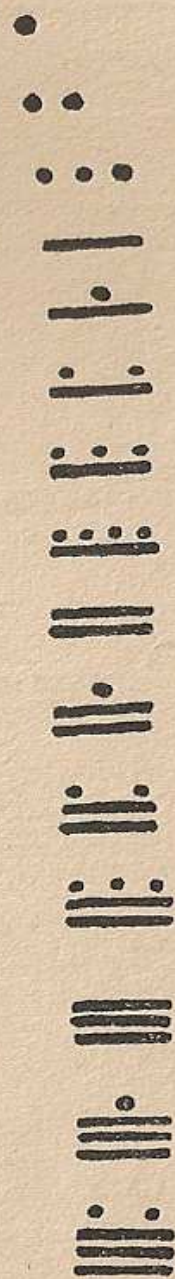
☵ — Agua —

☶ — Montanhas.

☷ — Terra — Principio feminino puro.

A Yves d'Evreux os indios do Maranhão contavam que os petroglifos eram obra do grande Marata, ente

misterioso que o padre identificava com S. Bartolomeu ou S. Tomé; eles os não sabiam ler e cuidavam que marcassem o lugar onde jazia enterrado o tesouro dum cacique.

Muita gente tem posto em duvida que tais gravuras sejam inscrições dum povo primitivo e cuja memoria se perdeu na noite da prehistoria ou da protohistoria. Inventam engenhosas explicações para elas. Um jornal brasileiro, ha tempos, lembrou que deviam ser marcas de gado, gravadas assim, segundo o velho habito sertanejo, em lugares visiveis, para guia dos vaqueiros que procuravam animais fugidos ou roubados. O costume de guardar essas marcas ou *ferros*, com o mesmo fim, ainda subsiste; porém são riscadas ou *queimadas* nas portas das casas e em troncos de arvores, no meio das varzeas ou á beira dos caminhos. Nesses registros ao ar livre, se encontram todas as marcas do gado que perambula na ribeira. O vaqueiro que anda *campeando* rezes desaparecidas lê ali si elas estão nas proximidades. Si estão, pega-as, cancela os sinais e leva-as para a sua fazenda. Si por acaso avistou alguma, cujo ferro ainda ali se não acha, grava-o imediatamente com a ponta da faca. As pedras não permitiriam essa facilidade de gravar e cancelar. Nunca se ouviu dizer no sertão que tivessem servido para tal fim. Ha um lugar chamado *Pau dos Ferros*. Não ha nenhum *Pedra dos Ferros*. Além disso, um simples

HIEROGLIFOS AZTECAS publicados por Humboldt, que lembram os trigramas de Fo-Hi.

Alguns simbolos da Ceramica de Marajó comparados aos do Mexico, da China e do Egito.

MARAJO'	MEXICO	CHINA	EGITO
olho-vêr	idem	idem	idem saber. perspicacia
Rã ou saurio		tartaruga paciencia	Rã Pluralidade
caza	caza	caza	caza
montanha	montanha	montanha	montanha
4 pontos cardeais		As forças da natureza	
numeração		idem	idem
			crocodilo occidente

A notar: a persitencia dos simbolos do lagarto, da rã e da cruz.

olhar de qualquer pessoa conhecedora dos sertões para a forma e o tamanho das inscrições basta para verificar que se não trata de ferros de gado. Na maioria, os sinais são complicados e tão grandes que queimariam toda a anca duma rez. E ninguem ignora a profunda e natural ogeriza dos vaqueiros pelas marcas dessa natureza, por eles proprios denominadas *de muito fogo*.

Ademais, os signos pitograficos, de existencia hoje reconhecidamente universal, nada teem de comum com os de marcar os gados, que obedecem a um cánone secular, a uma como heraldica pastoril, por mim suficientemente exposta e documentada nas paginas de *Terra de Sol*.

Cunha Matos foi outro que descreu do significado das inscrições ruprestes. Ele acha que a do serro das Letras ou S. Tomé das Letras, em Minas, é devida a dendrites e acidentes naturais, sendo a sua côr vermelha simples resultado de infiltrações ferruginosas. E' de admirar, entretanto, que acidentes naturais desenhem um quadrupede e um pé perfeitos, iguais a outros desses simbolos classicos em todos os petroglifos do mundo.

A famosa inscrição gigante da Gavea tambem é por muitos atribuida a efeitos naturais, erosões, infiltrações, decomposições da rocha, etc., mas, quanto a esta, nada podemos dizer, porque nos falta o conhecimento do que está gravado, o que nos sobra quanto á outra.

Ha ainda explicadores mais falhos de senso critico. São aqueles que asseguram a autoria desses misteriosos caractéres aos indios, que os gravavam nas pedras dos rios para matar o tempo, emquanto esperavam o peixe...

Von Ihering esplanou admiravelmente sua famosa teoria de que a escrita nasceu das marcas do gado, acrescendo mais que a propria pele do boi morto dera origem

Sol — Montanha — Sinais identicos na escrita chinesa e nos hieroglifos egipcios.

caractéres comuns á escrita chinesa e ás inscrições runicas.

Letras comuns ao antigo alfabeto chinês e ao antigo alfabeto cipriota.

Velhos caractéres chinêses identicos aos dos arcaicos alfabetos de Thera.
(Apud Tung-Dekien "De l'origine des Américains Précolombiens'').

em Pergamo ao pergaminho, avô do papel. Todavia, a razão humana tem mostrado que povos nunca pastores, inteiramente desconhecendo a pecuaria e seus metodos, possuiram escrita gravada em pedras ou tijolos, ideografica e rudimentar. Antes de curtir as peles, já os homens das primeiras idades esculpiam placas de chifre e omoplatas de renas. Antes de preparar os couros dos animais, para neles escrever, os homens primitivos crearam as gregas, os ornatos e os simbolos da ceramica inicial.

Segundo a lição de Quatrefages, a escrita saíu da pitografia primitiva. Essa arte rudimentar existiu

até entre os indigenas americanos da mais baixa condição, afirma o grande sabio. Schoolcraft estudou-a profundamente entre os peles-vermelhas setentrionais. Julga que ela se assemelha aos enigmas. E' esse o seu aspeto nos monumentos da Siberia, dos Estados Unidos, do Orenoco e da Patagonia. E foi o seu simbolismo que fez a escrita dar um grande passo.

Diz Quatrefages: "Lorsque le symbolisme s'introduit dans la pictographie, il semble qu'il y ait un pas de fait, bien que des graves erreurs puissent être la suite de cette maniére de répresenter les événements, lorsque le sens du symbole s'oublie. Les Virginiens avaient figuré *un cygne blanc vomissant du feu* pour ré-

Alguns sinais do Codice nahôa "Matritense". A notar: o simbolo da casa analogo ao chinês e egipcio, a serpe.

présenter les Européens. leurs vaisseaux et les armes. Il y avait évidemment lá le germe de quelque légende. Cette observation a elle seule permet de comprendre et d'interpéter quelques unes des traditions fabuleuses dans la forme, tres réelles au fond, qui ont été recueillies sur le passé de certaines tribus américaines. Toute fois le symbolisme a l'avantage d'habituer l'esprit a se detacher de la reproduction matérielle des objects. Plus tard on passe assez aisément a la reduction graphique du symbole, puis ao *signe idéographique*. Enfin, l'aiguillon de la necessité aidant, on arrive au signe phonétique".

Todas as escritas, sobretudo a chinesa, nos oferecem as provas desse processo. As transformações dos hie-

roglifos egipcios o demonstram á saciedade. As inscrições ruprestes, em geral, estão a meio caminho do sinal fonetico, compondo-se de simbolos e de letras. Elas marcam um certo adeantamento do povo que as gravou e se perdeu na noite dos tempos. Porque a escrita, rudimentar representa alguma civilização, visto como,

si todos os primitivos falam, nem todos escrevem. E o sinal traçado no barro, no osso, no couro ou na pedra completa a palavra com o gesto e perpetua a idéa.

A escrita não atingiu seu pleno desenvolvimento em todos os povos. Em alguns, ficou a meio caminho de sua evolução total. Os cuneiformes, por exemplo, são uma mistura de sinais silabicos e ideograficos. Os caractéres chinêses estão entre a ideografia e o alfabeto. Os coreanos e japonêses chegaram sómente ao silabismo. As inscrições aztecas são ideograficas, silabicas e foneticas ao mesmo tempo. A aparencia da que se vê nos nossos sertões, conforme o exame comparativo dos desenhos que acompanham a este ensaio o demonstra, é a duma escrita rudimentarmente ideografica, mesclada de simbolos liturgicos e outros, como de verdadeiras letras, caractéres esses comuns a todos os petroglifos do planeta.

Alguns sinais do Codice nahôa Aubin''. A notar a rã, que se vê em todos os petroglifos do mundo.

Os citados simbolos liturgicos pertencem a todas as religiões primitivas e em todas são considerados da mesma maneira : rodas solares, cruzes, svastikas, etc.

A multiplicação dessas gravuras em pedra por toda a face da terra, com a constante repetição dos mesmos

CARACTÉRES CHINÊSES ANTIGOS

(Apud Léon de Rosny).

A notar: o machado, o sol e a criança que persistem nos petroglifos.

ALGUNS SÍMBOLOS DA ESCRITA HIEROGLIFICA DOS EGÍPCIOS.

Céo Sol Montanhas Valle

Campo Aurora Olho Bocca Braços

A notar: o sol dos petroglifos e a aurora dos chins.

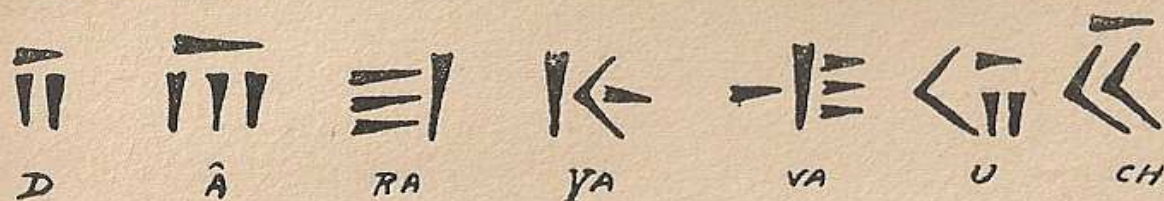
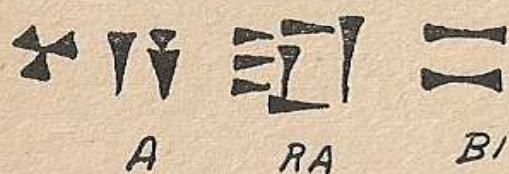
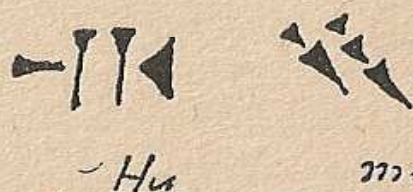
Hieroglifos lineares egipcios.

Transformação dum hieroglifo em letra simples.

(Apud Léon de Rosny).

simbolos, faz pensar naquela ousada afirmação de Fabre d'Olivet, de que a primeira lingua da humanidade foi hieroglifica e universal. Seria o logos inicial, do qual se irradiaram todos os idiomas e que em cada um

deles, como um carateristico de familia, deixou uma radicula que faz a alegria dos analogistas e o desespero dos filólogos.

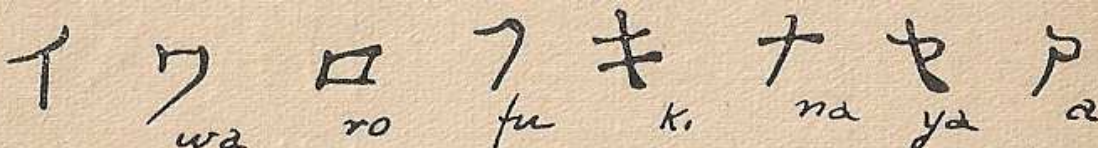
A universalidade dos petroglifos é hoje materia indiscutivel. D'Orbigny refere-se com o mais vivo interesse aos que se encontram no territorio dos Estados Unidos, um dos mais ricos no genero. Entre eles, o mais precioso é o da Writing-Rock ou Dighton Rock, na foz do rio Taunton, no Massachussets. Alguns sabios quiseram ali vêr, como muitos o teem querido nas pedras

Darayavauch — Darius — Dario, Letras cuniformes persas, segundo Grotefend.

Arabi — Arabia. Cuneiformes assirios.

Cuneiformes armenios e susianos.

brasileiras, caractéres fenicios. Sob as letras barbaras dessa lage, ha um passaro esculpido. D'Orbigny entende que é um simbolo da navegação. Em Newport, se vêem diversa sfiguras nos rochedos, bem como em Rhode Island, no Connecticut e na Georgia. Num penedo, na confluencia dos rios Elk e Kandawa, existem figuras humanas, uma aguia e uma tartaruga. Está assentado que não foi o pele vermelha quem gravou esses signos. Eles são mais antigos. Devem datar talvez dos misteriosos *mound-builders* que semearam de monumentos estranhos as selvas daquele país. Conhecem-se deze-

nas de outras inscrições nas terras yankees: no Utah, ás margens do lago Salgado, que lembram hieroglifos egipcios; no Wyoming, com figuras humanas; no Ohio, no Arizona, na California.

Por toda a America, elas pululam a cada passo. São os celebres pintados, bordando o golfo de Darien ou perlongando os rios da Venezuela. Sobem aos Andes, no Chile e no Perú. Chamam-se *pedras pintadas* no Paraguai e na Bolivia. Amostram-se no vale argentino de Callingosta, onde Reginald Lloyd as fotografa, nas

Dois sinais do Codice "Borgia".

NUN — peixe em caractéres cuneiformes assirios. Lembra ainda a forma de peixe do petroglifo de que se originou.

Alguns letras japonêsas do alfabeto "Kata-Kana".

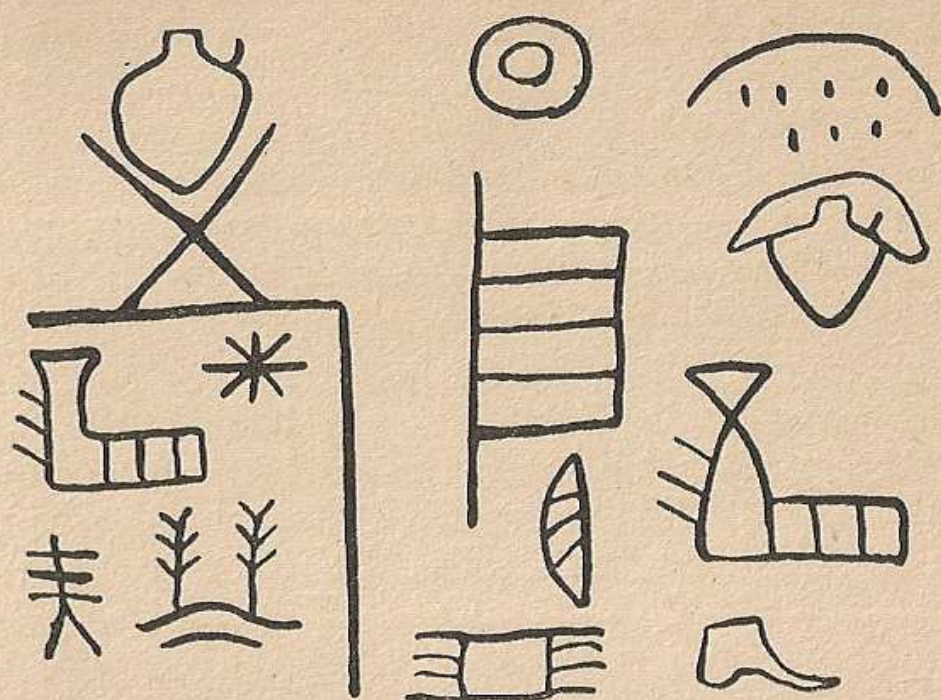
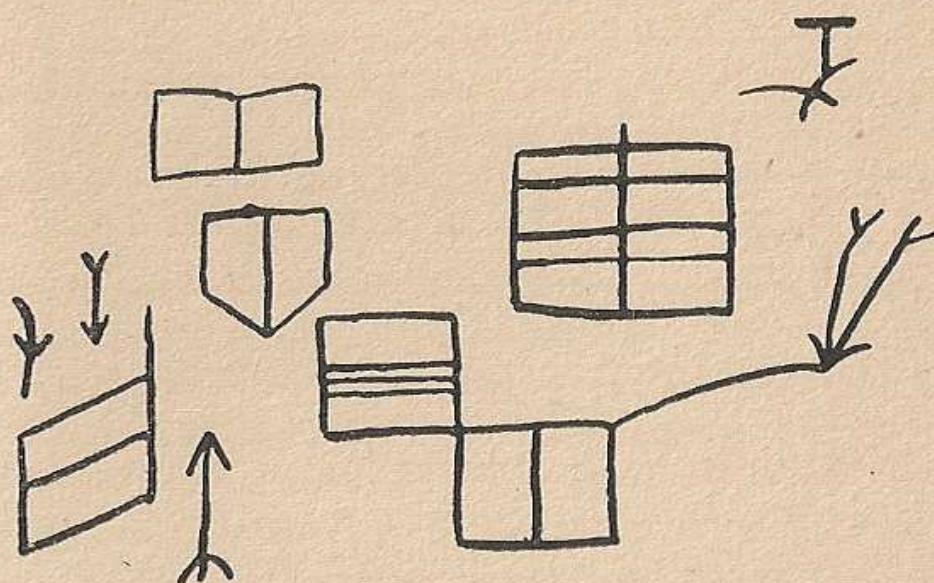
regiões catamarquenhas e cordobesas, onde Serrano as copia.

Marginam os rios siberianos até as regiões articas. Pallas notou-as nas chamadas pedras tumulares dos tchudes. Conhecem-se algumas da Mandchuria, da Coréa e da China. Chegam a milhares na India. Rivett Carnac viu-as nas gargantas das montanhas proximas a Benarés e em Nagpur. O doutor Verchére notou-as no Indus. Os indús chamam-lhes mahadéus, porque as mais curiosas ficam perto dum templo consagrado a Mahadéu ou Mahadeco, de Maha-déva, o Grande Deus, Siva o Destruidor, ao qual o povo as julga dedicadas.

Ha noticia de sua existencia em varias partes da Africa, especialmente na Argelia, no Atlas, na região dos tuaregs, no Sudan e no país dos boschimanos. Os bérberes chamam-lhes *tifinars* (35). Alem disso, Carlos Mauch notou a repetição dos seus sinais classicos ornamentando os moveis primitivos dos cafres.

A Europa toda está cheia delas. Já as haviam notado e querido explicar os antigos. Cicero refere-se aos rastos do cavalo de Castor numa lage perto do lago Regilo. O povo via os das vacas de Hercules nas rochas do sul da Italia. São numerosissimas na Alemanha, na França, na Espanha, na Italia. Paulo Vionnet estudou as da Suissa e da Saboia. Ante as primeiras cocio de representarem uma veneravel tradição da humanidade, poderia exclamar como, alhures, Michel Bréal: "Le monde est plus ancien et il y a plus de continuité dans les choses humaines qu'on a l'air de le supposer d'ordinaire". Cartaillac examinou as de Portugal. Alexandre Bertrand, Aymard, Abgraill e outros preocuparam-se com as da Bretanha; Simpson, com as da Escocia; e Hans Hildebrand, com as da Suecia.

Os camponezes europeus atribuem-lhes grande antiguidade e certa influencia magica. Denominam-nas *pedras das fadas*, *pedras dos feiticeiros*, ou *pedras dos pagãos*. Em alguns lugares, a desighação *pedras dos sacrificios*, trái, mau grado opiniões em contrario, a memoria de qualquer religião remota. Sobre elas, os chibchas colombianos sacrificavam seus *moxas*. Na Suecia, conhecem-nas por *pedras dos elfos Elfstener*. Ha mesmo certas populações campesinas que crêem que, em torno de tais pedras, rondam os diabos e se fazem os sabats. tanto de feiticeiros e feiticeiras como de animais. Outras acreditam que marcam tesouros en-

(35) O tifinar é a letra sagrada dos mouros e tuaregs. O nome se aplica por extensão e analogia aos petroglifos.

Inscrição proto-cuneiforme da Mesopotamia.

Inscrição numa rocha do rio Irtych — Siberia.

terrados, que mudam de lugar, que dansam, que falam e até que vão beber agua aos riachos. No seu erudito capitulo sobre as pedras do *Le folk-lore de France* Paul Sebillot escreve : "...il s'agit de véritables gravures, d'entailles, de ces creux réguliers appelés écuelles ou

bassins, qui rémontent a une époque si ancienne que l'on ne connait plus au juste la destination. Le peuple que les empreintes naturelles étonne, et qui ignore l'origine ou le but de celles qui sont intentionnelles, a essayé de les expliquer...". Desses ensaios de explicações nascem as lendas que acompanham, em qualquer país, a existencia remota dessas lages gravadas — testemunhas, que talvez um dia falem — dos primeiro passos do homem para a civilização.

Motivo ornamental dos discos micenianos, segundo Perrot et Chipiez — "Hist. de l'Art" A notar: a espiral identica ás das inscrições.

Nas proprias ilhas do oceano, elas se encontram. Benjamin refere-se ás que se descobriram na ilha de Hierro e em Las Palmas, nas Canarias, cujos signos, afirma, são semelhantes "to those found on the shores of Lake Superior".

Entre os petroglifos mais famosos do nosso continente, não se podem deixar de mencionar especialmente os da Colombia, sobretudo os que bordam o rio Madalena e cuja maioria foi reproduzida por Miguel Triana. Eles como que indicam a rota das

Simbolos solares gaulêses tirados de monumentos e moedas. A notar: — a cruz e as rodas solares.
(Apud A. Bertrand — "Religion des Gaulois").

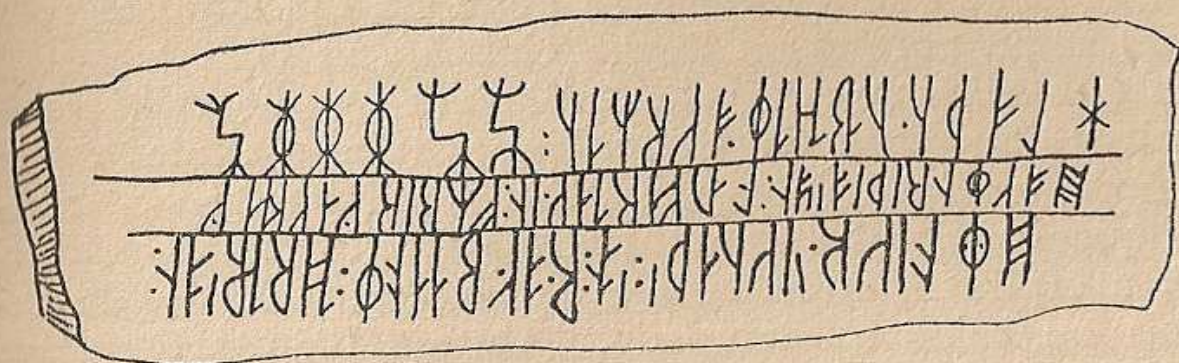
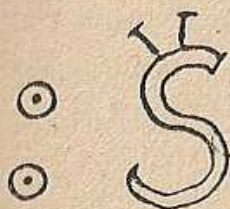
migrações que buscaram pelo curso das aguas o altiplano andino, na opinião do autor citado. Aliás, Le Dain pensa da mesma fórma. Basêam-se, como todos os outros, na escrita ideologica, ou semi-ideologica. A's vezes, são tambem indelevelmente pintados de vermelho e neles "la historia de los tiempos muertos parece clamar para que la escuchen los hombres que pasan."

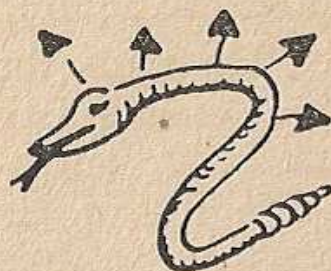
Simbolos solares dos monumentos antigos, segundo A. Bertrand — "Religion des Gaulois". A notar: a roda solar e os raios.

Miguel Triana estudou-as com dedicação e concluiu que a extensão do trabalho, a dureza da rocha, a generalização das esculturas por toda a parte revelam a paciencia tenaz das tribus antigas através de gerações e, talvez, de angustiosas peripecias. Dá-lhe, entretanto, procedencia caraiba. Funda-se muito para isso na re-

Alfabeto coreano.

petição duma figura, não se sabe bem si humana ou simiêsca, mas que ele considera *el mono solar de los caribes.* E' o Muyzca, o vulto que se limita com a estrela de cinco pontas, simbolo da humanidade, do homem, do microscomo, o pentagrama de Salomão, na linguagem figurada dos ocultistas. Triana procura interpretar as gravuras e diz que revelam pelo mito de Gámesa,

inteiramente oceanico, a procedencia maritima das nações migrantes, entre as quais os Quiriquies, que subiram das praias por Maracaibo. As suas interpretações recorrem ao simbolismo aparente da figura. Parece-lhe que a rã multiplicada nesses petroglifos que atribue aos indios chibchas, como a tartaruga dos chinesês

Inscrição runica de kingigtorsuak. (Apud F. NANSEN — "In Northern Mists e Hovgaard — "The voyage of the norsemen to America"). (36)

Sinais numa faca de bronze dinamarquesa.

Sinal sobre a figura dum navio de vikings, num "rock-carving" da Noruega. A comparar com o da faca dinamarquesa e com os das pedras de Corrales e a Gamesa na Colombia.

"ITZCOATL", nome do 4.º rei de Anahuac nos codices Aztecas.

e egipcios, traduz a idéa de paciencia entre os primeiros ou de pluralidade entre os segundos ; que certas fórmas de cruz indicam os quatro pontos cardeais ; que o olho exprime a idéa de vêr, o que é velho como o mundo ;

(36) Leia-se a tradução desta inscrição na nota 2, ao fim deste capitulo.

e que os traços cortados por outros traços deviam significar castros ou acampamentos, pois no Egito antigo queriam dizer fortificação. Lembra que a Lazaro Giron os indios disseram que as riscas paralelas indicavam caminhos ou cursos de agua, o que as figuras da cobra e da rã, no seu entender, corroboravam. Todavia, não esquece que a mesma rã póde ser um simbolo religioso solar, porque na lingua chibcha, se chama *ie-súa*, isto é, o alimento do sol. Acrescenta que os velhos feiticeiros indigenas da Colombia guardam ainda vestigios da tradição desse simbolismo religioso, assegurando que os circulos concentricos das pitografias são o sol, a espiral a eternidade e as cabeças rodeadas de volutas ou raios a divindade. Outras figuras desafiam quaisquer suposições — como a do gigantesco crocodilo de duzentos metros de comprimento, rodeado de simbolos humanos, esculpido no duro granito das cataratas de Maipure, no Rio Apure!

Ha mais dum seculo, os espiritos eminentes olham para esse misterio pitografico e tentam entendê-lo. Em 1786, antes de Champollion, já Court de Gebelin queria que o circulo com raios representasse o sol; o crescente, a luz; um quadrado dividido, um jardim ou terreno; os riscos ondeantes, a agua; a asa, a rapidez; o olho, a vista; a mão, a força ou o poder. E mostrava como o sentido simbolico se podia transformar, passando o leão-animal a significar a coragem e, por fim, a grandesa dalma. Em 1836, deante das inscrições de Gabr'innis, em França, Merrimée confessava: "Il ne parait pas possible de les prendre par des letrres; mais il est vraisemblable que ce sont des espéces d'hieroglyphes qui avaient un sens a l'époque oú ils furent tracés." E Grimm assemelhou-os, com acerto, aos runes que tambem fôram gravados pelos escandinavos nas rochas.

ALFABETO PRIMITIVO

I

ALFABETO PRIMITIVO

II

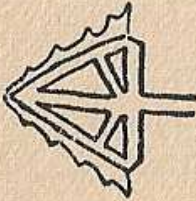
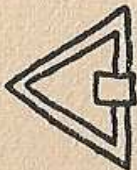
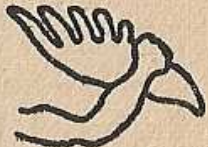
Letras e significado	GRAVURA ideografica	GRAVURA simplificada	GRAVURA a traço	ALFABETO chinês antigo	ALFABETO chinês moderno	Significação em chinês
E A existência, a vida — ÊTRE						SENG a vida
OU O ouvido — Audire						EUL a orêlha
P O paladar, a bôca						KHEU' a bôca
B A caixa — Boceta Boîte						HI a caixa
M A arvore: ser que produz — MANAS MENS						THIAU a planta

Recentemente, Tung-Dekien aceitou essa assimilação e a estendeu aos alfabetos arcaicos gregos, entre os quais o principal é o de Thera, transição entre as letras fenicias e helenicas, e os caractéres chinêses.

E' baseado na semelhança desses vetustos monumentos que Donnelly conclue por admitir a identidade de origem dos sinais alfabeticos no Velho e no Novo Mundo e até a comunicação entre eles.

Eugéne Désor é de opinião que as pitografias remontam ao periodo neolitico, o que parece na atualidade geralmente admitido. E Stahlenberg faz a mais curiosa das observações, que o que temos exposto amplamente corrobora: as inscrições teem a mesma atração das tribus *pour le voisinage des eaux.*

A primeira vez que minha atenção foi despertada para as inscrições ruprestes do interior do Brazil foi em 1907. Viajava eu no municipio de Quixeramobim, no coração do Ceará, quando, no lugar denominado Giqui, encontrei muitos caractéres estranhos gravados nos rochedos isolados pelo meio do mato, caractéres esses todos betuminados de vermelhão. Infelizmente, na ocasião nada conduzia que me permitisse copia-los. Depois, nunca mais voltei áquelas paragens.

Mêses adeante, nas terras das fazendas Cruxatú e Condado, pertencentes então ao coronel Antonio Leal de Miranda, descobri que todo o curso do pequeno rio Fonseca, afluente do Quixeramobim, que as cortava, correndo quasi sempre entre rochas, estava cheio de gravuras semelhantes quanto á fórma, porém sem o betume encarnado. Percorri essa região durante alguns dias e examinei com vagar as numerosas pedras gravadas, mais de cem, sitas ora á margem direita, ora á esquerda do curso de agua. Estendiam-se desde perto das nascentes até a confluencia. Copiei algumas e só não copiei todas por não lhes dar naquele tempo o meu espirito a importancia que hoje a idade e o trato dos

ALFABETO PRIMITIVO

III

Letras e significado	GRAVURA ideografica	GRAVURA simplificada	GRAVURA a traço	ALFABETO chinês antigo	ALFABETO chinês moderno	Significação em chinês
N O fruto: o produto duma união						KUNG a reunião o nó
G A garganta O canal A passagem						HEU' a garganta
C O concavo da mão A cavidade						TCHANG a cavidade
Q O machado: tudo o que corta						KIN tudo o que corta
S A serra Os dentes O que tritura						KIEU' o pilão

ALFABETO PRIMITIVO

IV

Letras e significado	GRAVURA ideografica	GRAVURA simplificada	GRAVURA a traço	ALFABETO chinês antigo	ALFABETO chinez moderno	Significação em chinês
T O telhado O tecto O abrigo						MIAN o telhado
TAU Grande Perfeito						CHI dez (o numero perfeito)
D A porta A casa — Domus						HU' a porta
R O nariz A ponta — Rhino						SSE a ponta
L O braço A asa — Ala						YU' a asa

livros me forçam a emprestar-lhes. Publiquei-as em 9 de outubro de 1915, no vespertino carioca *A Noite*. Em 1922, estampei-as no numero de janeiro da *Ilustração Brasileira*, documentando um ensaio intitulado *Os*

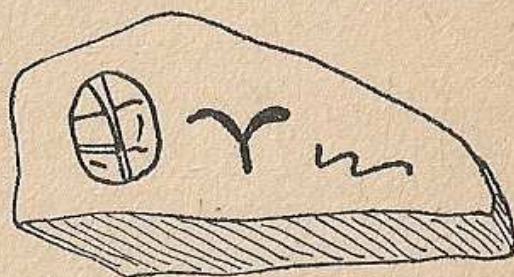
Gravura na Pedra de La Iglesia — COLOMBIA.

A comparar com o estaterio forcense.

Cunho dum estaterio antigo, de cletron, de Focéa.

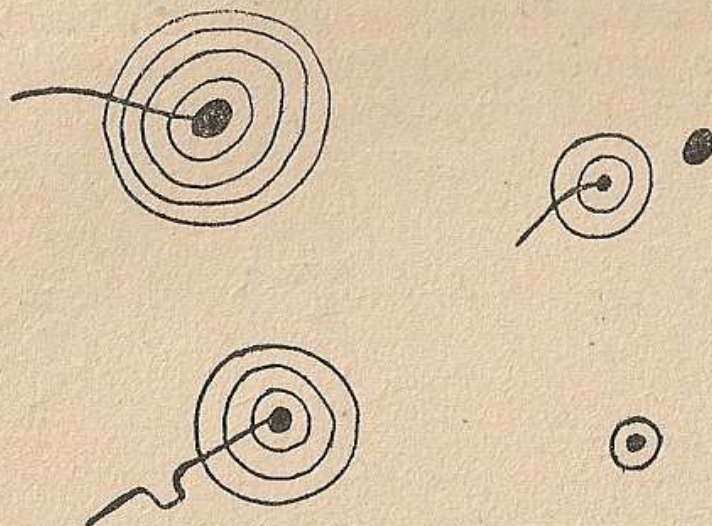
(Apud Glotz — "Le travail dans la Gréce ancienne")

Espiral numa pedra de New Mexico — E. U. A.

(Apud I. Donnelly "ATLANTIS")

Inscrições numa rocha perto de Dogget, California.

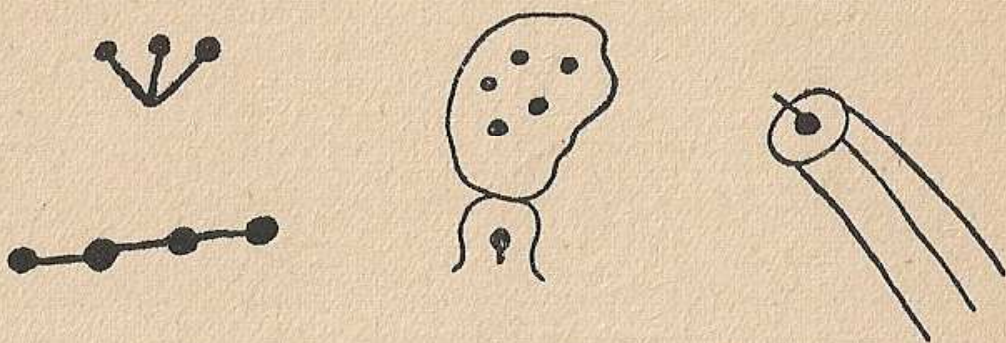
mahadéus do sertão. Esse ensaio decorria dum artigo sob o titulo *Inscrições indigenas*, acompanhado dos respetivos desenhos, que eu fizera aparecer, em Julho de 1920, numa revista efemera, a *Rio-Paris*. Com maior documentação, sobre essa base, fiz uma memoria apresentada e recebida pelo XX Congresso Internacional de Americanistas que se reuniu no Rio de Janeiro.

Assim, o que no presente estudo se contem é o resultado dos esforços do autor durante muito tempo, mas sem continuidade, para se inteirar dum assunto que reputa interessante.

Nesses petroglifos cearenses, ha poucos sinais verdadeiramente simples. Na generalidade, são complexos. Repetem os desenhos encontrados pelos estudiosos do Canadá á Terra do Fogo, da Laponia á Hotentocia e da Siberia ás Indias. Constam alguns de linhas horizontais cortadas por pequenos traços verticais, como si se tivessem contado dias ou distancias e can-

Inscrições em pedras.
Auchnabreach
Argyleshire
Inglaterra
(Apud Al. Bertrand "Religion des Gaulois").

celado tudo depois. Outros são verdadeiros labirintos de curvas e retas confundidas. Varios se compõem de poligonos reunidos a outros ou a circulos, dos quais sáem raios ou patas, lembrando exoticas figuras de animais. Abundam as cruzes, os semi-circulos, os circulos e as gregas que Eliseu Reclus já assinalára que se vêem em todas as inscrições primitivas do mundo. Uns fazem pensar em ideogramas metonimicos ou metafo-

ricos, sendo o aspecto da cousa representada desfigurado pela grosseria do instrumento, a dureza da pedra e a inhabilidade do tracejador.

Um dos sinais repetidos mais amiudadamente é aquele que geralmente se chama *pé de galinha* e os chinêses denominam *garra de passaro,* comunissimo nos artefatos dos peles-vermelhas como nas tendas de couro dos patagões, nos monumentos aztecas, nos paredões de Cuzco, na ornamentação de todos os povos do oriente antigo. Vêem-se mais circumferencias simples ou cortadas por diametros, quadrilateros diversos, angulos varios, como os das lages tumulares himiaritas; circulos atravessados por grandes linhas horizontais e verticais, triangulos, ZZ, BB invertidos ou não, TT, grelhas, forquilhas, aves, lagartos, machados de pedra, a figura

Sinais gravados em pedras na Escocia (Apud J. Y. Simpson).
A notar: o pé de galinha.

humana e todos os conhecidissimos simbolos dos vetustos cultos solares: as rodas, os raios, o trískele, a cruz e a svastika.

Sabemos por Fabre d'Olivet que o circulo singelo é a chamada *rota* dos cabalistas, representa o circulo das cousas sensiveis; que o circulo rodeado de chamas ou raios simbolisa é o das cousas ininteligiveis; que a circumferencia com o ponto central é a imagem de todo principio, ou o sol; e que dessa simbolica se originaram

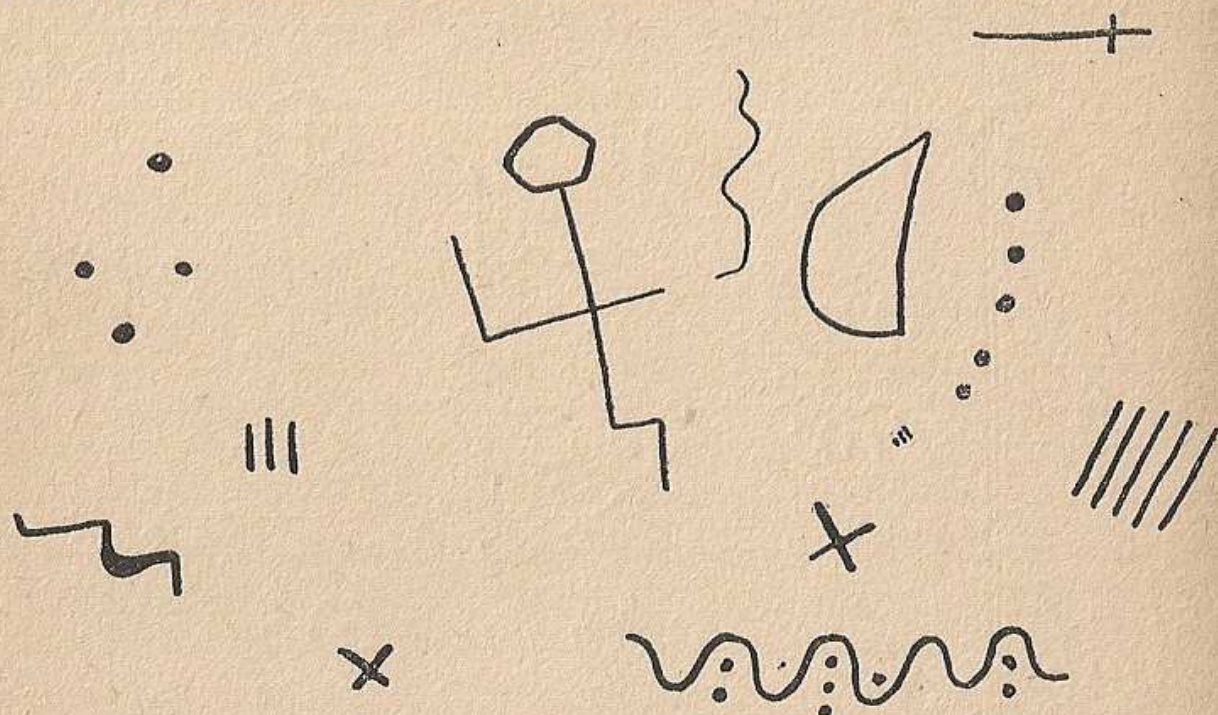
tres letras hebraicas : o aleph, o samech e o shin, isto é, a, s, e sh

Embora não tão perfeita como em outros petroglifos, mesmo do Ceará, os do rio Fonseca apresentam a espiral. E' um signo pitografico espalhadissimo. As espirais dos monumentos similares finicos são famosas. Merrimée observou-as na celebre pedra de Gavrinnis, em França, assemelhando-as ás que se dizem celticas, de Francfort-sobre-o-Meno, pela maneira da

Inscrições nas rochas de West Kilpatrick — ESCOCIA — (Apud Al. Bertrand — "Religion des Gaudois").
A notar: as rodas solares e um desenho estranho, o maior, lembrando outro, mais retilineo, do rio Fonseca.

feitura. Donnelly noticia a presença de espirais nas pitografias do Mexico, do Colorado, do Tennessee e da Escocia. Elas são, ao mesmo tempo, um dos ornatos mais triviais dos bronzes micenianos ou pre-helenicos.

São todas as mesmas figuras das pedras da Bretanha, por muito tempo atribuidas aos celtas, as mesmas das criptas sepulcrais megaliticas. A's primeiras, Riviére se reporta desta maneira : "...lignes droites, courbes,

ondulées, parfois enchêvetrées, d'autres fois au contraire réunies par groupes du même aspect. Sont ils des simples ornements ou des signes? un motif de décoration ou des caractéres d'êcriture? — Personne n'en sait rien et toutes les suppositions sont permises. Certains signes se rapprochent singulierement des caractéres chaldéens; d'autres, qu'on ne peut comparer a ceux d'aucune langue connue, semblent, avoir une au-

Cavidades e figuras do tumulus de Renongart — Plovan — Bretanha — França — (Apud Alex. Bertrand — "Religion des Gaulois").

A notar: as cruzes e um hieroglifo humano decomposto.

tre destination que de servir de motifs décoratifs". Sem duvida, mas qual ?

O machado de pedra, completo ou não, é outro dos simbolos que pululam. O mesmo autor escreveu: "Les dolmens du Morbihan offrent de curieuses gravures sur leurs parois de granit. La hache de pierre y est trés souvent figurée, trés reconnaissanble, mais d'un dessin grossier qui n'atteint jamais la valeur artistique

des plus médiocres gravures magdaléniennes." O machado figura na citada pedra de Gavr'innis. Na pedra de Mané-er-Hroeg (Bretanha), ha um cartucho como o dos estelos egipcios rodeado de machados. Ainda se encontra o machado nas grutas funerarias do Marne e no dolmen de Collorgues, no Gard. A's vezes, a acha neolitica toma a forma do *ankh* vetusto, do *hyq* faraonico, do *pedum*, cajado ou báculo, e do *nekchekh* tebano, *flagellum* ou açoite, atributo de Osiris.

O olhar atento descobre facilmente nas rochas do sertão de Quixeramobim a forma rude da acha de pedra. Nas mesmas, nas extremidades das cruzes ou dos trískeles, ou isolados, se notam pequenos buracos regularmente concavos. Os especialistas modernos no assunto, conhecem-nos como *cupules, bassins* ou *écuelles*, termos francêses que se generalizaram. Os inglezes dizem *cups.* Como essas cavidades se afundam na grande maioria dos petroglifos, os cientistas chamam ás pedras em que os encontram *pierres a cupules, pierres a bassins* ou *pierres a écuelles.* Para Riviere "la cupule parait être un signe dont le sens était compris de la plupart des peuplades néolithiques et de celles qui vécurent a l'age du bronze. Sa signification est inconnue. Peut-être est-ce un nombre, peut-être est-ce un emblême". O douto Piérart, referindo-se a inscrições neoliticas achadas nos arredores de Paris, do lado de Saint-Maur des Fossés, diz acreditar que as *cupulas*

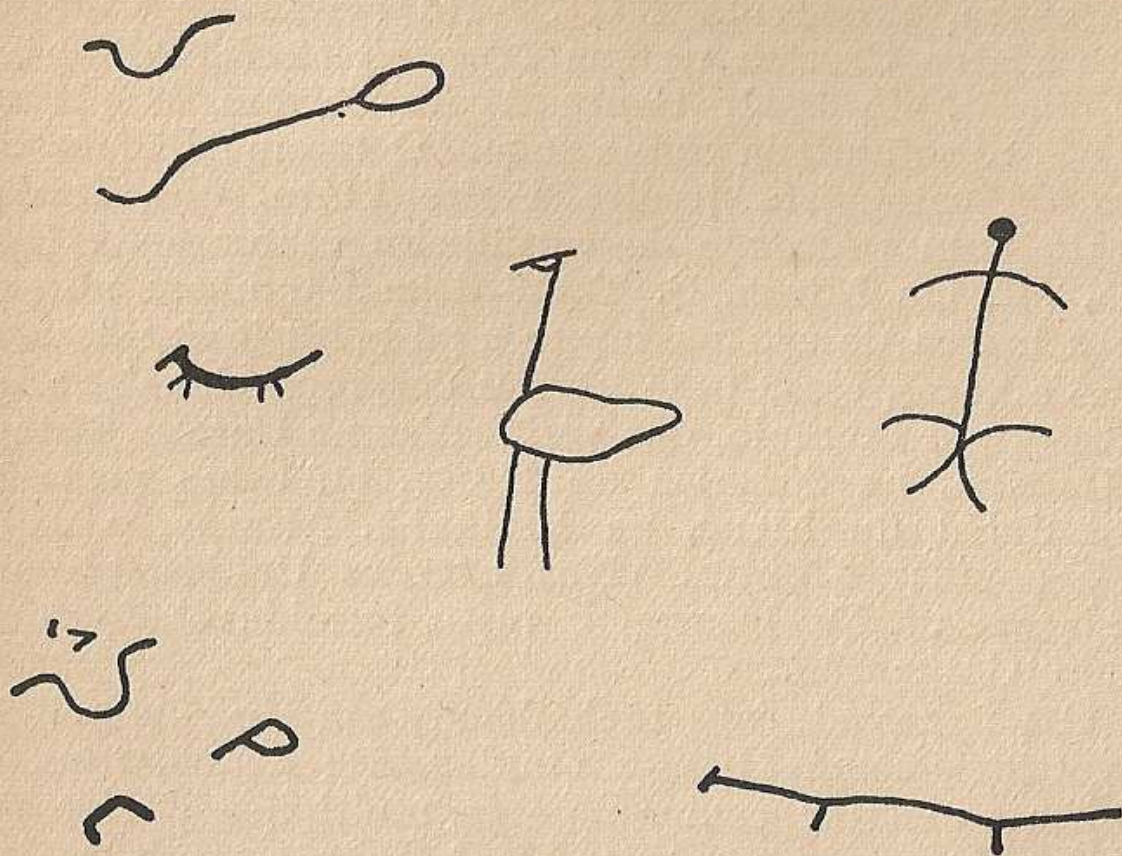
Pedra gravada de Robernier — França.
(Apud Al. Bertrand — "Religion des Gaulois").
A comparar o estilo do animal com o de S. Tomé das Letras.

eram destinadas a receber materias gordurosas com pequenos pavios, servindo de lampadas votivas para os dias de festa religiosa. Segundo Alexandre Bertrand, nesses pequenos buracos se deixavam oferendas aos deuses, de cereais e oleos.

Talvez o mais digno de nota dos sinais pitograficos seja o pé humano. Parece que o simbolismo religioso dessa parte do nosso corpo data da mais recuada antiguidade. Segundo Proclus, no Egito, a planta dos pés era consagrada a Isis. Por isso, aparecia nas taboas votivas. Daí o valor que sempre se deu a essa marca encontrada em quasi todo o planeta com os outros caractéres ideograficos, nas penedias e nos blocos erraticos. Herodoto já mencionava um rochedo perto de Tiras, na Citia, onde se via o pé de Hercules. Os povos veneravam o simbolo vetusto e eis por que Luciano de Samosata levou ao ridiculo esse resto de culto. Entretanto, ele durou longamente através dos centenarios. No limiar da idade-media, S. Gregorio de Tours citava a veneração das massas por esses simbolos. E Aymard sustenta que, ainda em 1807, os camponios francêses faziam peregrinações aos lugares onde havia os pés de S. Martinho aprofundados nas rochas.

Mahadéus de Chandeswar
INDIA
(Apud Rivett-Carnac)

Por toda a parte, aparece o pé : nos dolmens do Morbihan, aos pares ; nos penedos da Irlanda e da Escocia, nos bronzes etruscos ; nos marmores dedicados a Isis, a Venus Victrix e a Venus Urania ; mesmo com o cristianismo, nas catacumbas romanas.

Um dos mais celebres desses rastos é o que existe num fraguedo do pico de Adão, na ilha de Ceilão. Tennent, citado por Henri Cordier numa erudita apostila á edição de Marco Polo de Yule, conta que a pegáda é para os brahmanistas — de Siva, para os budistas — do Buda, para os mahometanos — de Adão e para os cristãos — do apostolo S. Tomé. Os gnosticos, afirma Tennent, criam que fôsse de Ieu e os primeiros por-

Inscrição nos rochedos do vale de Calingosta — Rep. Argentina. (Apud Reginald Lloyd).

tuguêses julgavam-na do celebre Eunuco de Candacia, rainha da Etiopia.

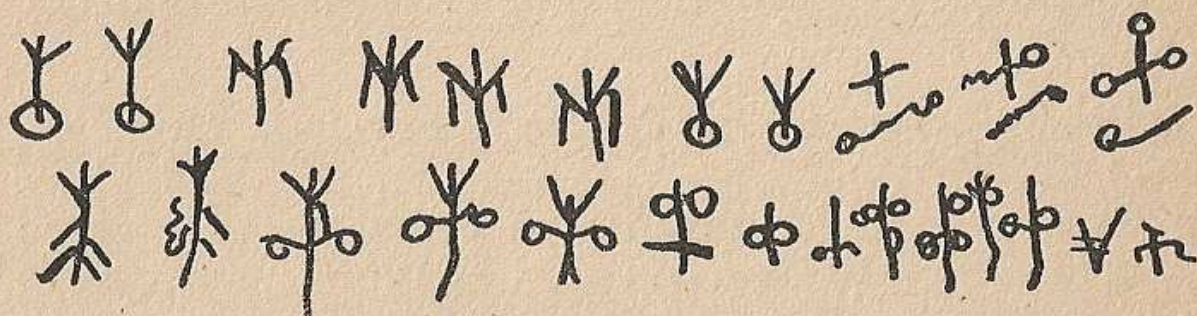
Os pés de Buda gravados na pedra são para os do seu credo considerados, quando os vêem, um *yantra* ou bom agouro. Os siamêses enumeram cinco desses pés de *Çakia-Muni :* o de Malaca, o do Monte de Ouro,

o do pico de Adão, o da Cochinchina e o do Djumma. Procuram-nos romarias de devotos.

Num rochedo coberto pela cupola da antiga igreja da Ascensão, erigida com um mosteiro por Santa Helena, mãi do imperador Constantino, em Jerusalém, no monte das Oliveiras, havia gravado o pé de Nosso Senhor. E' o que conta Geo Robinson. Brand refere tambem ter visto uma marca do pé de Jesus perto de Cafarnaúm, no seculo XIII. Na prisão de Catania, refere Pietro Carrera na sua *Memorie storiche della citá de Catania,* de 1641, Santa Agata deixara as plantas dos pés aprofundada numa lage. O mesmo diziam outrora do catequista jesuita Padre Pinto, que deixára o rasto num pedrouço da cordilheira cearense da Ibiapaba. E, em Minas, S. Tomé deixou tambem no granito a marca de sua passagem a pé pelos invios sertões.

A's vezes, essas pegádas são desproporcionais, como é o caso, por exemplo, das verificadas no Carson, Estado de Indiana, na America do Norte, ou como perto de Saint Jacut du Mené, na Bretanha. Então, a explicação popular é outra. Nos Estados Unidos, são pés de gigantes. Na França, o rasto formidavel do famigerado Gargantua.

O pé gravado nos mahadéus é um simbolo religiozo vetusto, como Husson amplamente demonstrou.

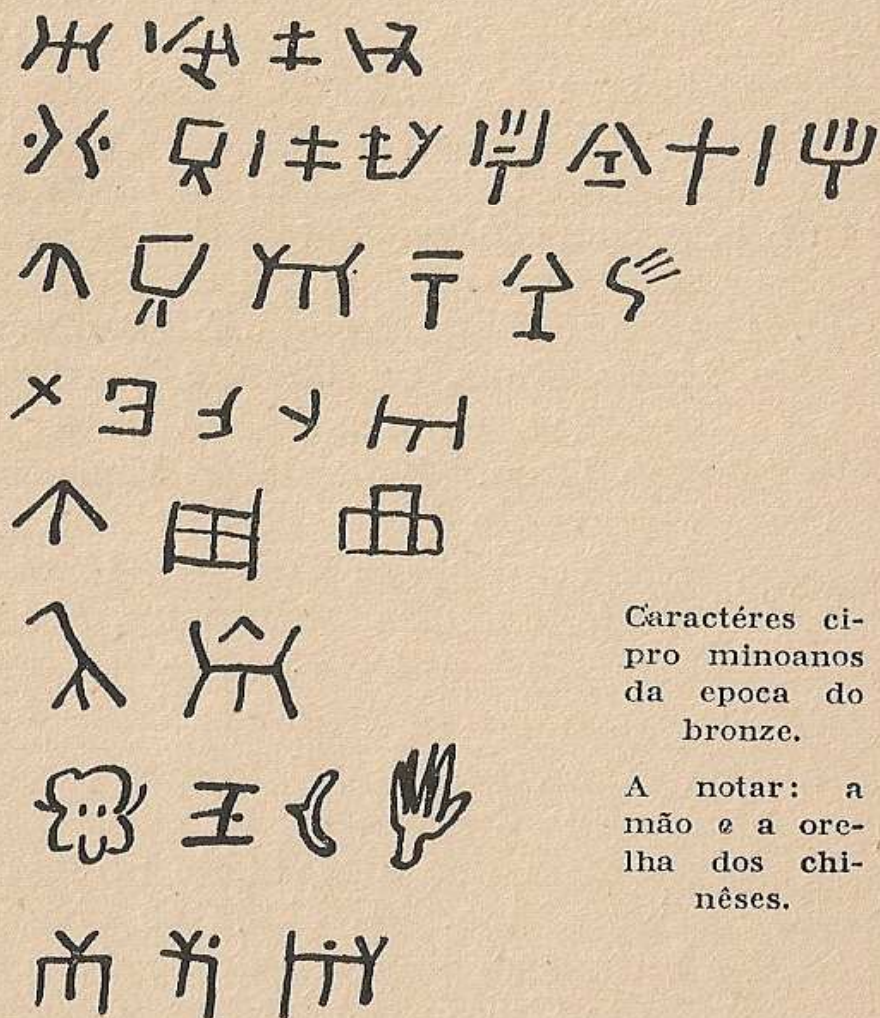
Para mostrar como o pé se multiplica á face dos granitos, tomemos por exemplo a França, onde as ins-

Pitografia do Panamá colhida pelo dr. Nelson. — Narciso Garay interpreta-a como uma escala musical.

crições rupreste teem sido formidavelmente estudadas. Bastará dizer que o inquerito organizado pela *Revue des traditions populaires*, que terminou em 1903, encheu 225 numeros dessa notavel publicação. Em geral, nesse país, se atribuem essas pegádas aos santos : em Saint-Cast, os rastos desse padroeiro ; pés de S. Martinho, apostolo das Galias, em Sublaines, Cantinvoir, Saint-Epain, Cinais, Luzillé, Viabon, Corbigny, Iffendie, Pommiers, no Alto-Loire e entre Tolosa e Saint-Nazaire ; de S. Bricio em Cleré ; de Santo Antão em Villers-Cotterets ; de S. Germano em Magny ; de S. Clovis em Saint-Cloud ; de S. Miguel Arcanjo, perto da Chapelle Sainte-Barbe, no Dinanais ; de S. Pedro em Foirac ; de Santa Madalena nas ribeiras de Charente e de Vienne ; de S. Remacle proximo a Spa ; de S. Meano em Port-Briac ; de S. Paulo Sergio em Bages ; de S. Gildo em Préfailles ; de S. Lunario em Decollé ; de S. João no Maine-et-Loire ; de S. Silvestre em Bredous ; de S. Medardo na Alvernia ; de S. Cado em Etel ; de S. Valay nos arredores de Dinan, e de Santo Armelio em Ploermel. Em outros lugares — no Nievre, em Uchon em Logne, em Moncontour, na Grande Verriére — as marcas são as sandalias, as plantas ou os sapatos de Jesus ou do Menino Deus. No vale de Heas, no Morbihan, no Creuse, perto de Pontarlier, passam a ser de Nossa Senhora. Na Vendéa, em Fregunc, Haut-Donon, Charlemont, Thuziel, Saillans, Mireloup, Mont-Dol, Henon, Aragon, Ercé-en-Lamée, vêem-se, ao contrario, os pés do diabo.

Entre essas explicações naturais que o povo procura para os simbolos que desconhece, ás vezes o paganismo reponta sob a crôsta que através de muitos seculos já acumulou o cristianismo. E ainda se chamam pés das fadas ou dos lutinos as gravuras de pegádas de Bouloire, do dolmen de Cesée, das pedras marginais do

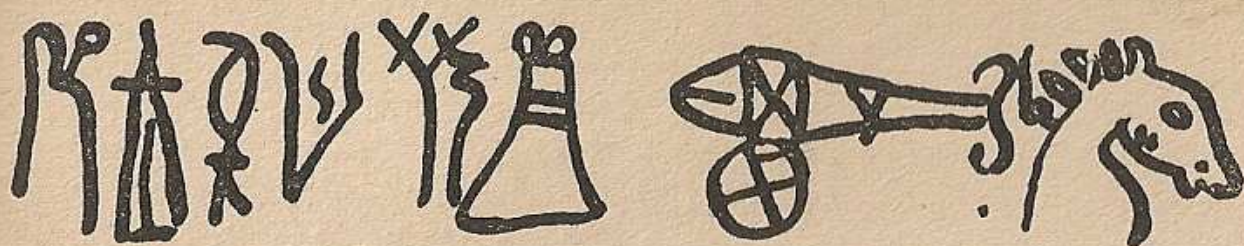
Creuse, de Barma, de Maurioche, de varios lugares das Côtes du Nord e da Alta Bretanha.

A Biblia, a lenda e a historia dão-se as mãos nessas explicações populares e algumas delas veem tocar as idades modernas. Ha o pé e a mão de Sansão num bloco erratico do Ain e noutro do Endre. Vêem-se pés de Gargantua em Carolles e em Saint-Priest-la-Pleine. Os de Roldão se imprimiram em Roquecor, em Saint-Aman, e em Louhoussoa. O de Carlos Magno gravou-se em Gerardmer. O da duqueza Ana da Bretanha, em Plonjean. E o de Maria Stuart, perto de Morlaix.

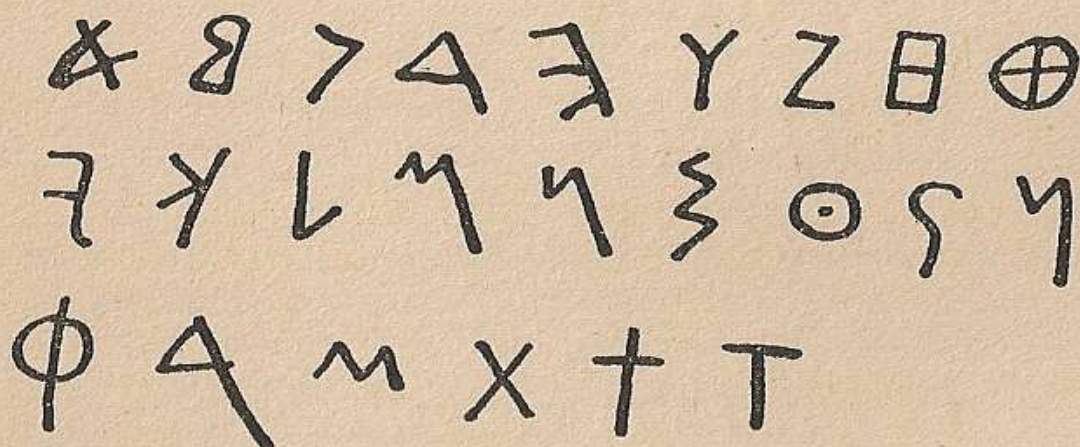
Simbolo absolutamente universal nos petroglifos é a mão. Rapido olhar sobre os nossos desenhos evidenciará o fato. Em França, como na Colombia, como no

Caractéres cipro minoanos da epoca do bronze.

A notar: a mão e a orelha dos chinêses.

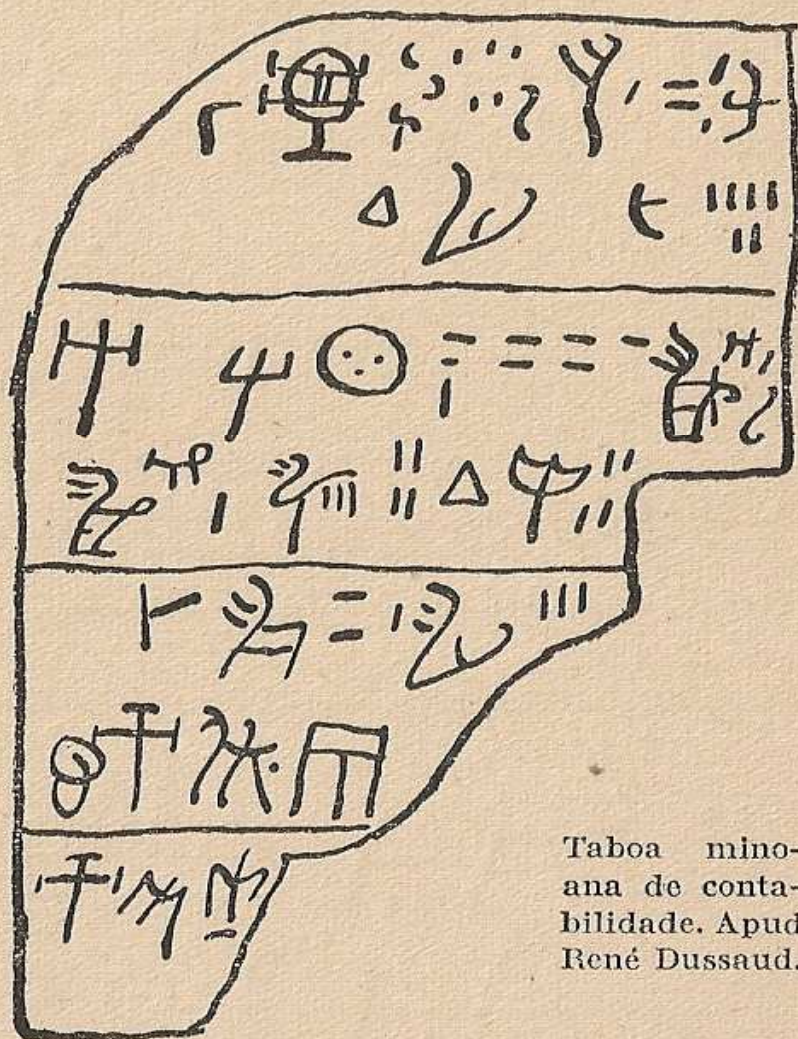
Brasil, as mãos gravadas se multiplicam. São as de Santa Brigida no Finisterra, as de Santo Ivo em Louannec, de S. Bozon em Bousenot, de Santa Odila da Alsacia nos Vosges e mesmo do diabo em Plerguer.

Certos sinais lembram, por vezes, os lingans antigos, uns com o duplo *cteis* e outros com o triplice *phallus.* Notam-se mesmo algumas combinações de letras

Inscrição minoana préhelenica.

ou simbolos feitas de maneira a produzir a aparencia falica.

A figura humana tambem está ali representada pela face, como é comum até em certos caractéres alfabeticos, quais os de Minos, na época do bronze, ou pelo corpo total, como é ainda mais comum nos petroglifos de toda a parte, sendo que, ás vezes, se confundem os vultos humanos com o perfil de monos ou rãs. As figuras femininas são mais raras. Assinala-se uma

Alfabeto de Thera.

notavel numa lapide de Boury, no Oise, França. Dá a impressão de ser a unica.

Acumulando nestas paginas grande numero de copias de inscrições ruprestes de todos os paises, bem como de figuras similares de outros documentos, nosso fito é permitir ao leitor a comparação visual dos caractéres iguais ou semelhantes que demonstram a universalidade duma escrita primitiva.

Taboa minoana de contabilidade. Apud René Dussaud.

Analisando as nossas figuras, poderá vêr o sinal chamado vulgarmente *pé de galinha*, no sertão cearense e nas rochas gravadas da Escocia, confundindo-se com o *m* ou com o *t* do alfabeto primitivo ; a acha de pedra,

no Brasil, na Argentina, na Escocia e no alfabeto primitivo; os denominados raios solares, no Ceará, ainda na Escocia, na Bretanha e nas moedas gaulesas; o olho em Marajó e na China; e a svastika por toda a parte. Facilmente se verifica que a roda solar, a cir-

a e i o u ka ya ki yi

ko yo ku e yu ta ti di to tu

ba be bi bo bu ma me mi mo

mu na ne ni no la le li lo lu

pa pe pi po pu fa fe fi fo ia

ie sa se si so su za zo lhe ponto

Silabario cipriota.

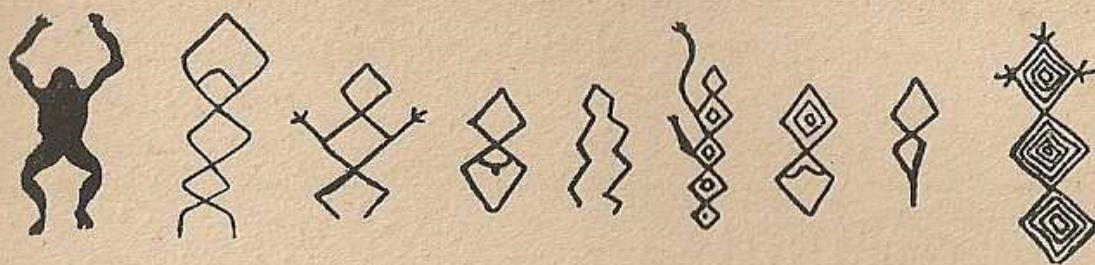
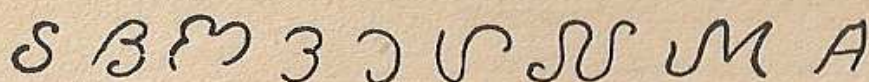
cumferencia com um ponto central bem nitido, figura nos monumentos da Galia, nos petroglifos dos condados inglêses, no rio Fonseca, no alfabeto de Thera, nos hieroglifos egipcios, entre os caractéres chinêses e até na chamada geometria qualitativa dos ocultistas. Outro sinal convencionalmente intitulado grelha está nos nos-

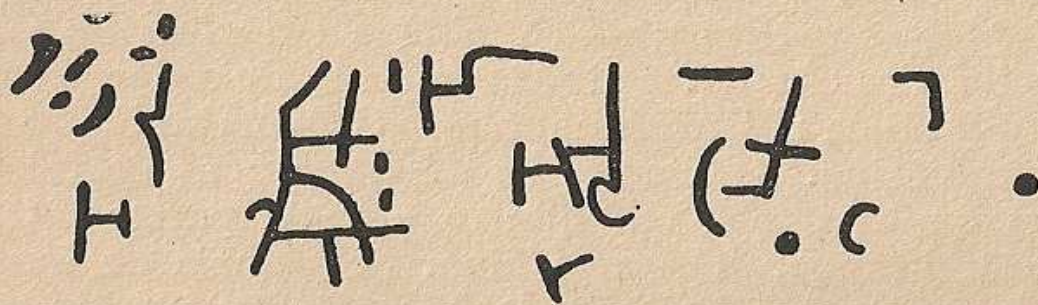
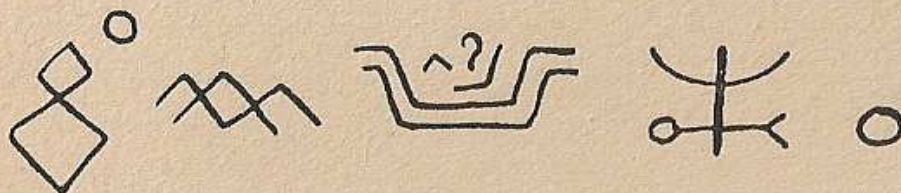
sos sertões, em West-Kilpatrick, em Plovan, no silabario cipriota. Rodas solares com raios salientes fazem parte das gravuras brasileiras, das indús, das escocesas, das argentinas, das inglesas e das colombianas. Nota-se a cruz em todos os mahadéus e em todos os alfabetos arcaicos.

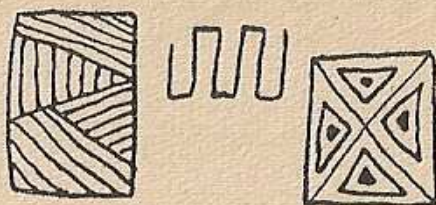
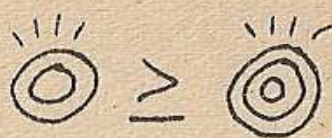
A famosa rã das inscrições da Colombia é parenta da da ceramica marajoára e da dos codices nahôas. O

Parte da pedra de Ramiriqui — Colombia. Uma das pedras de Facatativá — Colombia.
(Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

simbolo azteca de Itzcoatl, a serpente coroada de pontas de seta, é irmão do *S* emplumado de traços que ornamenta o bronze das antigas armas dinamarquesas e de outros que se enfileiram numa pedra colombiana, em Corrales. E a figura ictioforme dum estaterio de Focéa parece a réplica de um *pintado* dos antigos habitantes do vale do Madalena.

A' primeira vista, as analogias resaltam. O triangulo da geometria qualitativa passa pelos diagramas

Variantes e evolução do simbolo denominado da Rã nos petroglifos colombianos, segundo Miguel Triana.

Letras de forma grega copiadas por M. Triana em Pandi - Colombia.

chinêses e vai acabar nos alfabetos arcaicos do Egeu. A cruz segue o mesmo destino, svastikada ou não, aparecendo no sertão e na India, na numismatica da Galia e nos seus menhirs, nos velhos alfabetos e na simbolica dos ocultistas, As mãos de Facatativá são quasi as mesmas do nosso *hinterland* e da escrita minoana ou cretense.

Sinais na Pedra de Cucuta — Colombia.

Inscrição nas rochas de Casablanca — Colombia.

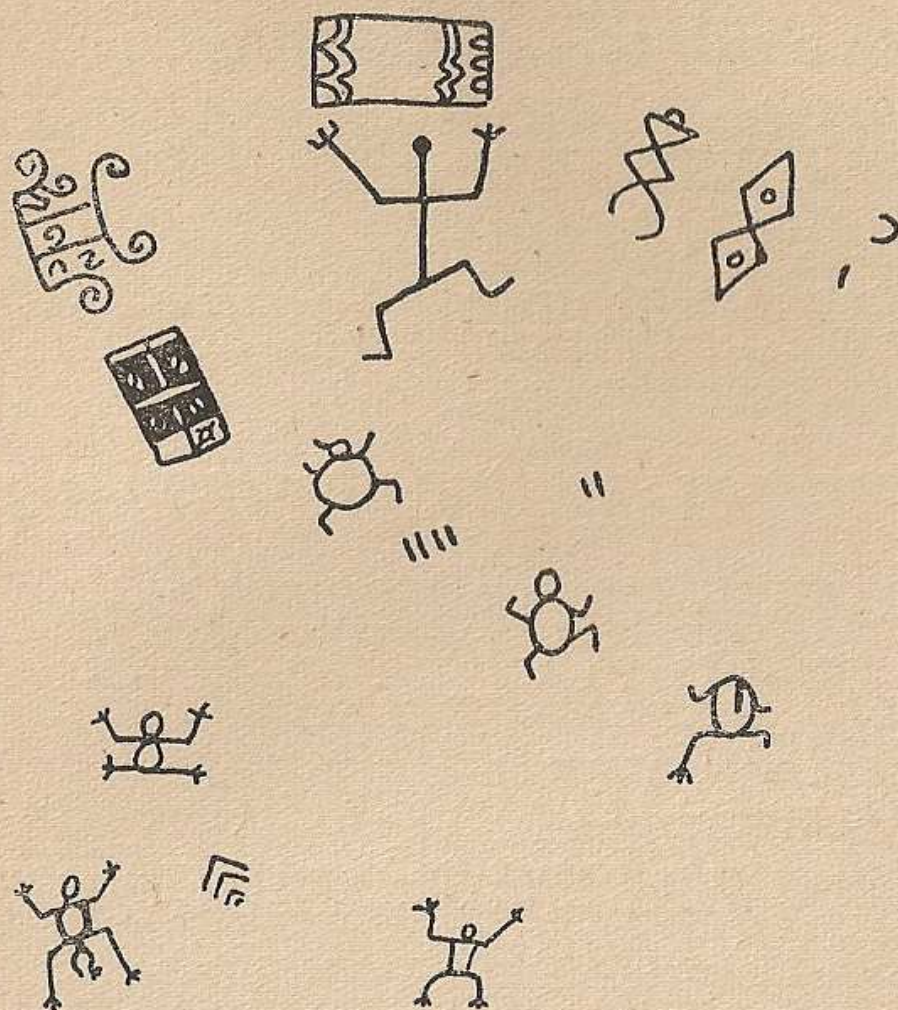
(Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

Gravuras nas pedras da fazenda "EL VINCULO" — Colombia.

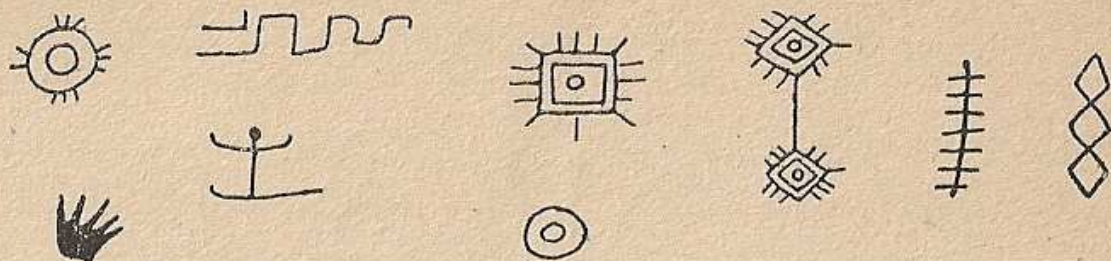
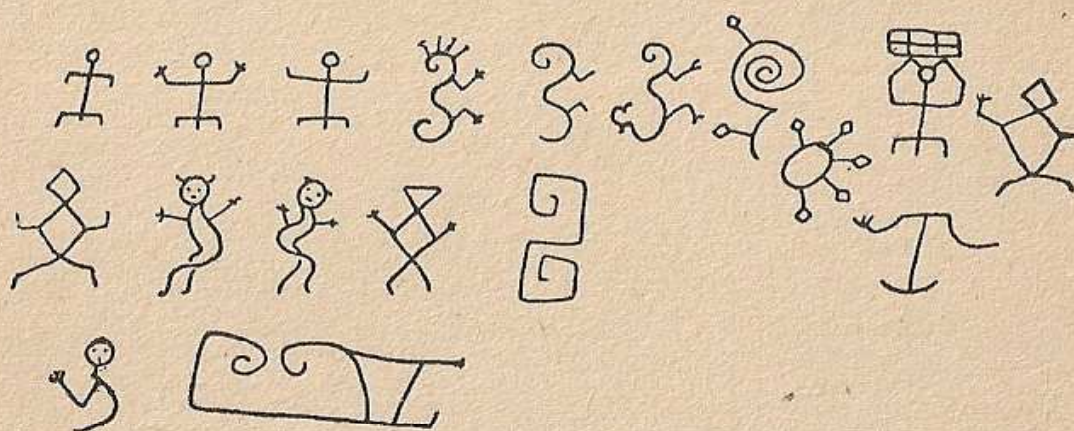
Gravuras nas pedras de Tomagata — Colombia.

Mãos numa pedra de Facatativá — Colombia.

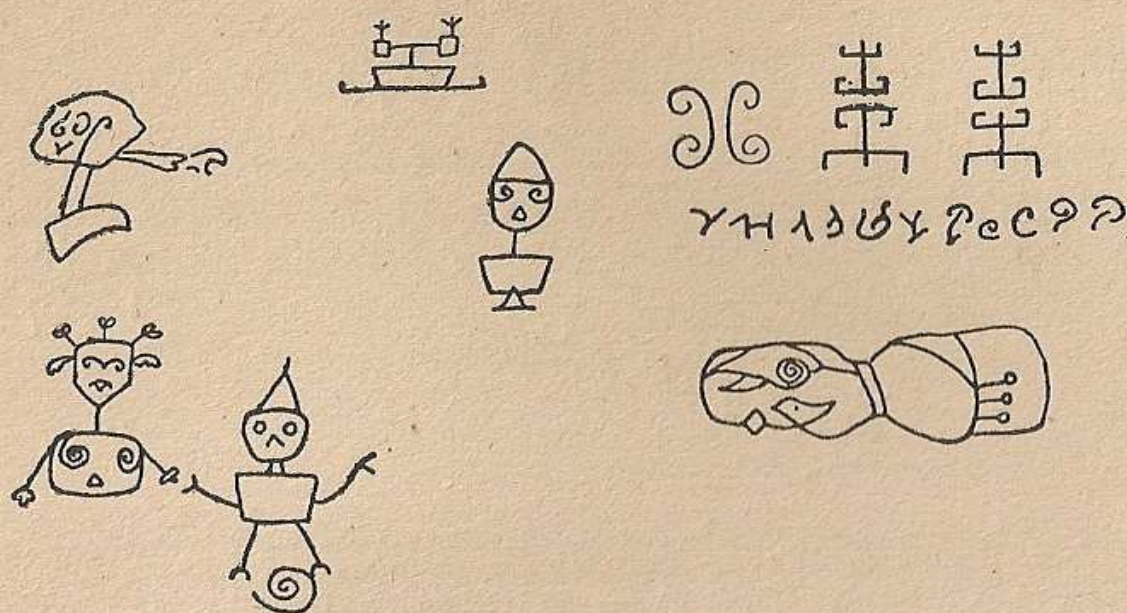
(Apud M. Triana "Civilizacion Chibcha").

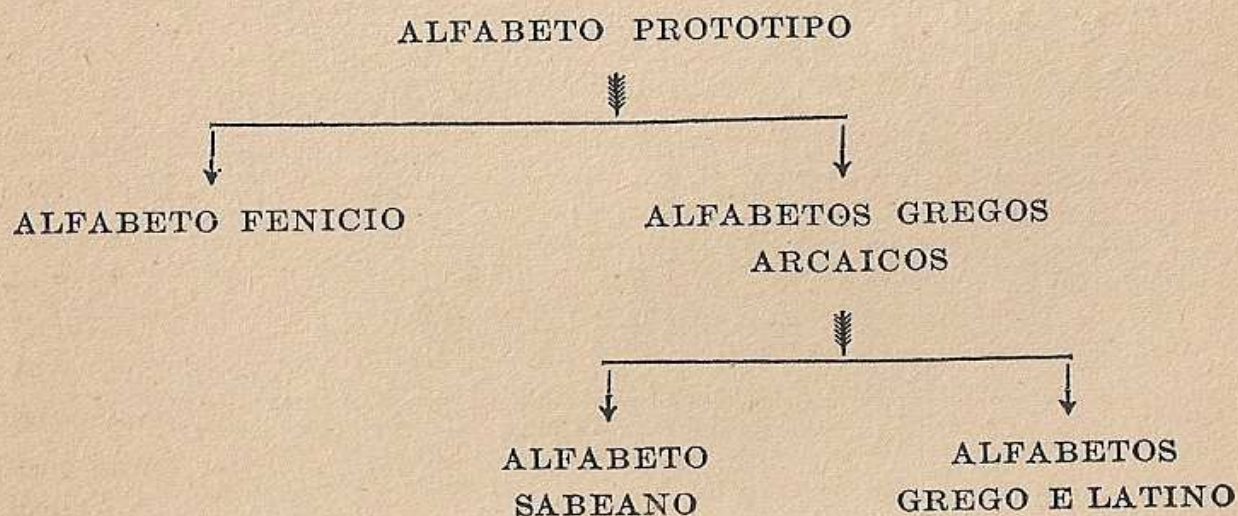
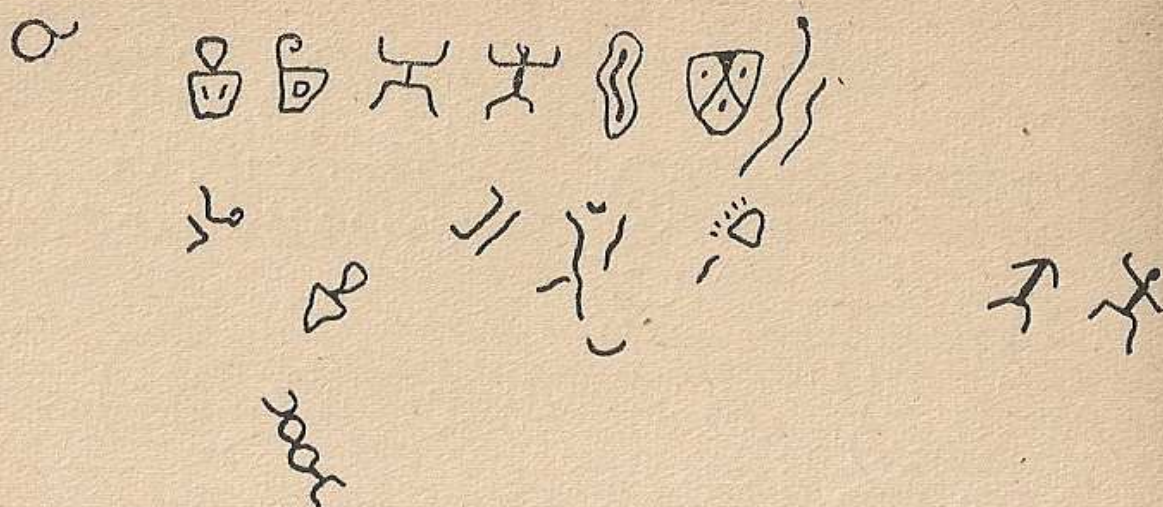
Ha runes no sertão, tão perfeitos como os escandinavos, letras gregas na Colombia e cuneiformes a meio caminho dos Andes. Rodas solares de raios externos multiplicam-se : Quixeramobim, Grã-Bretanha, Indostão, Argentina. O mesmo se dá quanto ás de raios internos ou divididos em quatro e mais partes : Ceará, Escocia, França, Thera, China. Os sinais de numeração da China, do Egito e de Marajó são identicos. Os hieroglifos aztecas seguem o mesmo sistema dos trigamas de Fo-hi. E o estranho animal da pedra de Robernier é mais ou menos gemeo do que se encontra em S. Tomé das Letras.

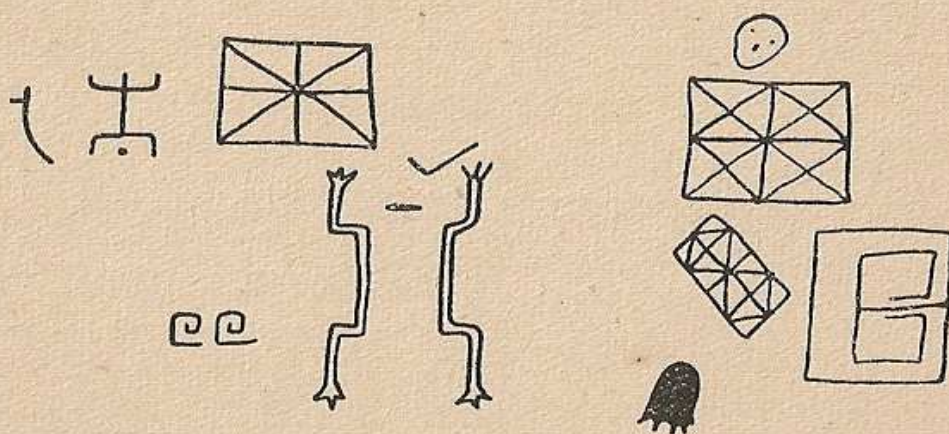
Inscrição cuniforme encontrada em Duitama — Colombia (segundo Perez Triana).

Figuras nas pedras de Facatativá — Colombia (em cima).
Figuras nas pedras de Pandi — Colombia (em baixo).
(Apud M. Triana. — "Civilizacion Chibcha").

O misterio dessas analogias dá que pensar e a explicação mais aceitavel será a dum simbolismo religioso primitivo, do qual lentamente se derivaram caractéres ideograficos, comuns a toda a humanidade, ou a uma humanidade que andou por quasi toda a terra, dos quais tenham nascido os primeiros alfabetos. Foi o geologo Symard um dos primeiros, sinão o primeiro, a querer que nos vetustos nonumentos de pedras gravadas da França se reconhecessem os vestigios dum cul-

Alguns sinais da Pedra da Leôa — Tequeñdame — Colombia.

Petroglifos de CORRALES — Colombia. (Apud M. TRIANA — "Civilizacion Chibcha").

to de natureza solar anterior aos druidas. Alexandre Bertrand, que estudou honestamente a questão, é da mesma opinião. Ele demonstra neles o simbolismo iniludivel dessa religião vetusta.

Muitos desses signos se tornaram letras. A outros, letras acompanhavam. Ignora-se o processo de formação, nessa base, do primeiro alfabeto. Na opinião de René Dussaud, Emmanuel de Rougé fixára os principios cientificos da evolução do alfabeto. Até a origem, porém, nenhum dos dois se atreveu a ir. Dussaud acha que a invenção do alfabeto não dependeu do encontro dos sinais, mas da decomposição da palavra em sons simples. Essa desarticulação do vocabulo para ser transcrito é que foi a chave do problema. Do mesmo

Figuras da Pedra dos Funerais —
Colombia. (Apud Lucilia Saray).

modo, o sistema dos algarismos arabicos não depende de cada cifra, mas do zero. Na escrita silabica, primeiro foi necessario obter os sons simples, transcrevê-los ; depois, abandonar aos poucos os primeiros caractéres ideograficos e ir conservando os segundos. Dussaud conclue por traçar este esquema da formação dos alfabetos na bacia do Mediterraneo :

Caractéres principais gravados e pintados de vermelho na Pedra do Diabo - Boqueron de Sutatausa - Colombia. (Apud M. TRIANA — "Civilizacion Chibcha"). A notar, sobretudo: a orelha dos chinêses.

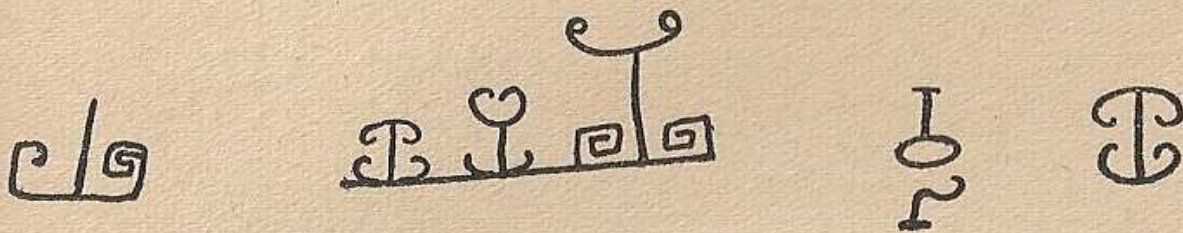
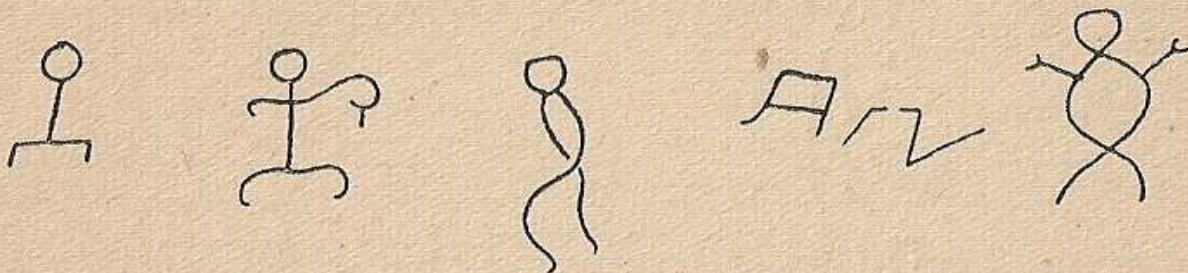
Não resta a menor duvida que as pitografias sertanejas se integram no sistema universal de simbolos e caractéres de que nasceu o alfabeto; que significam alguma cousa, devendo guardar a memoria duma humanidade desaparecida; e que talvez possam ser um dia lidas. Para isso, seria necessario em primeiro lugar estudar cada signo de per si, de modo a estatuir o seu

Gravura da pedra El Ambucal — Tocaima — Colombia. (Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha")

A notar: o pé.

valor ideografico nuns casos, fonetico noutros; e, em segundo, possuir a lingua, o logos antiquissimo transcrito nessas rudes faces de granito.

Qual seria essa lingua?

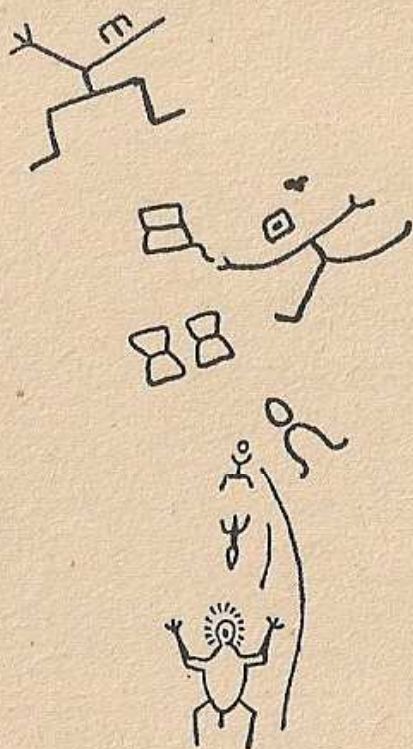
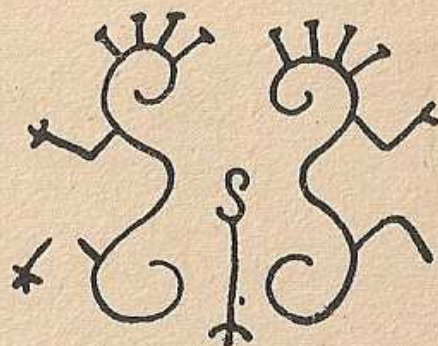
Talvez Vicente Restrepo, que o seu misterio desafiou, tenha razão quando exclama:

"Mudos en razón misma de su origen, condenados eses signos, por la mano inconsciente (?) que los trazó,

Sinais principais das rochas de Caupati — Rio Caquetá — Colombia.

Gravuras da pedra de Duitama — Colombia.. (Apud M. Triana. — "Civilizacion Chibcha").

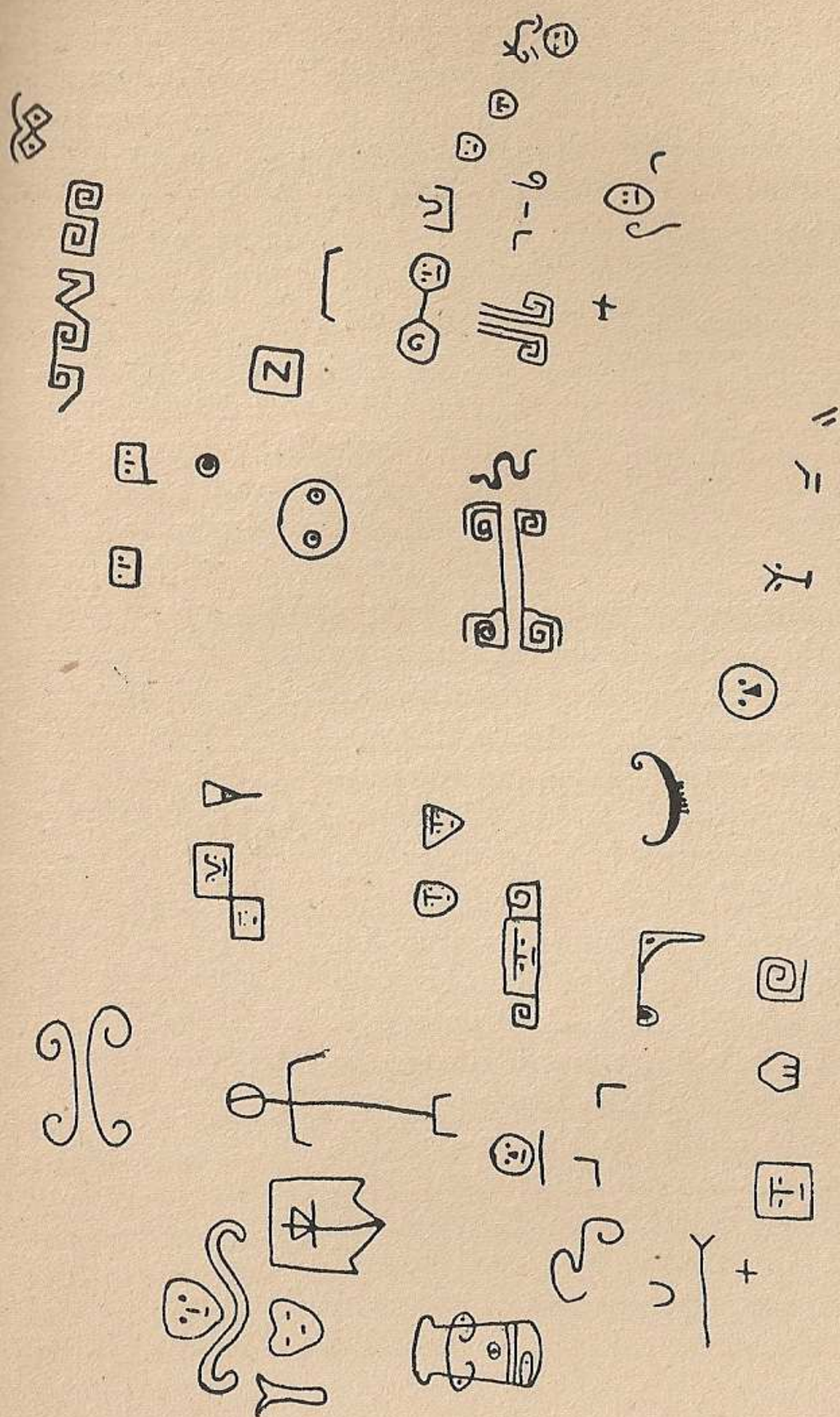
a un silencio eterno, jamás podrá la vara magica de la ciencia hacerlos hablar".

Num erro grave incide o autor de *Los Chibchas* dizendo que os traçou *una mano inconsciente.* O estudo que aqui deixamos feito tem por fim simplesmente demonstrar que essas inscrições representam algo de serio, teem uma significação desconhecida e fôram traçadas concientemente.

Isso cremos ter suficientemente provado.

Quando se acharam as primeiras inscrições ciprio-tas em moedas, ninguem entendeu os caractéres nelas existentes. O duque de Luynes estudou-as com afinco e determinou a palavra Salamina, opinando que aqueles sinais eram homófonos. Roth e Helfferich seguiram-lhe os passos. Durou anos o seu labor e nada adeanta-

Hieroglifo numa pedra ao sul de Cali — Colombia.

Figuras repetidissimas na Pedra de Gámesa — Colombia.

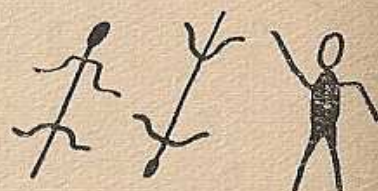
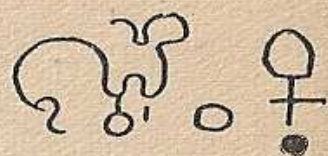
(Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

ram. O acaso que fez achar a inscrição bilingue de Roseta para auxiliar o homem na decifração dos hieroglifos egipcios desempenhou o mesmo papel dessa vez. Encontrou-se uma inscrição tambem bilingue: cipriota e fenicio. Então se pôde descobrir que os antigos habitantes de Chipre usavam não um alfabeto, mas um silabario. Determinou-se esse e hoje se lê uma ta-

Petroglifos do rio San Sebastian. — Puerto Cabello —Colombia. (Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

bula ou numisma da ilha famosa com a mesma facilidade com que se lê um tijolo cozido da Suziana. O curioso é que o duque de Luynes com todo o seu esforço só acertara uma letra: o s. A chave que o acaso forneceu para essas leituras falta ainda para a dos petroglifos.

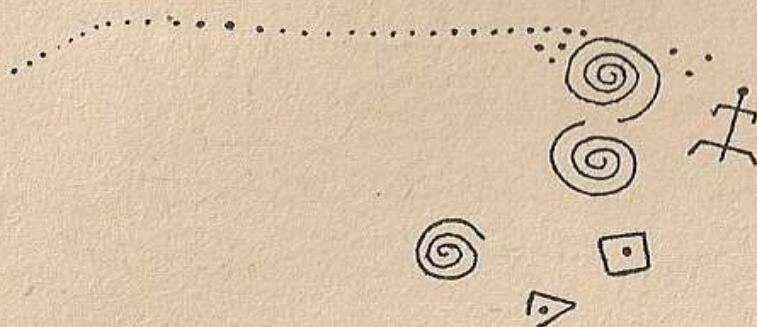
Sinais solares nas grutas da serra de Cordoba - Argentina.

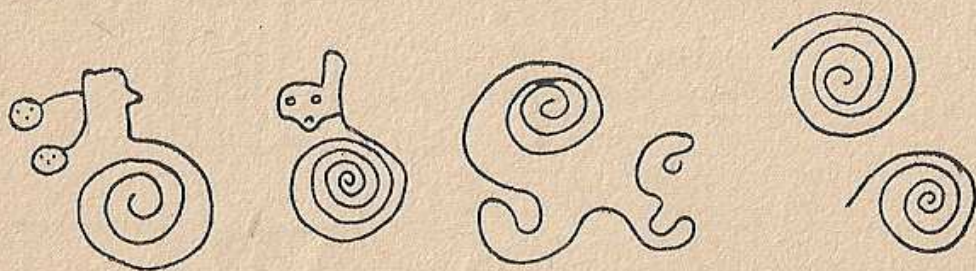
A notar: a flor é a mesma das inscrições da Paraiba.

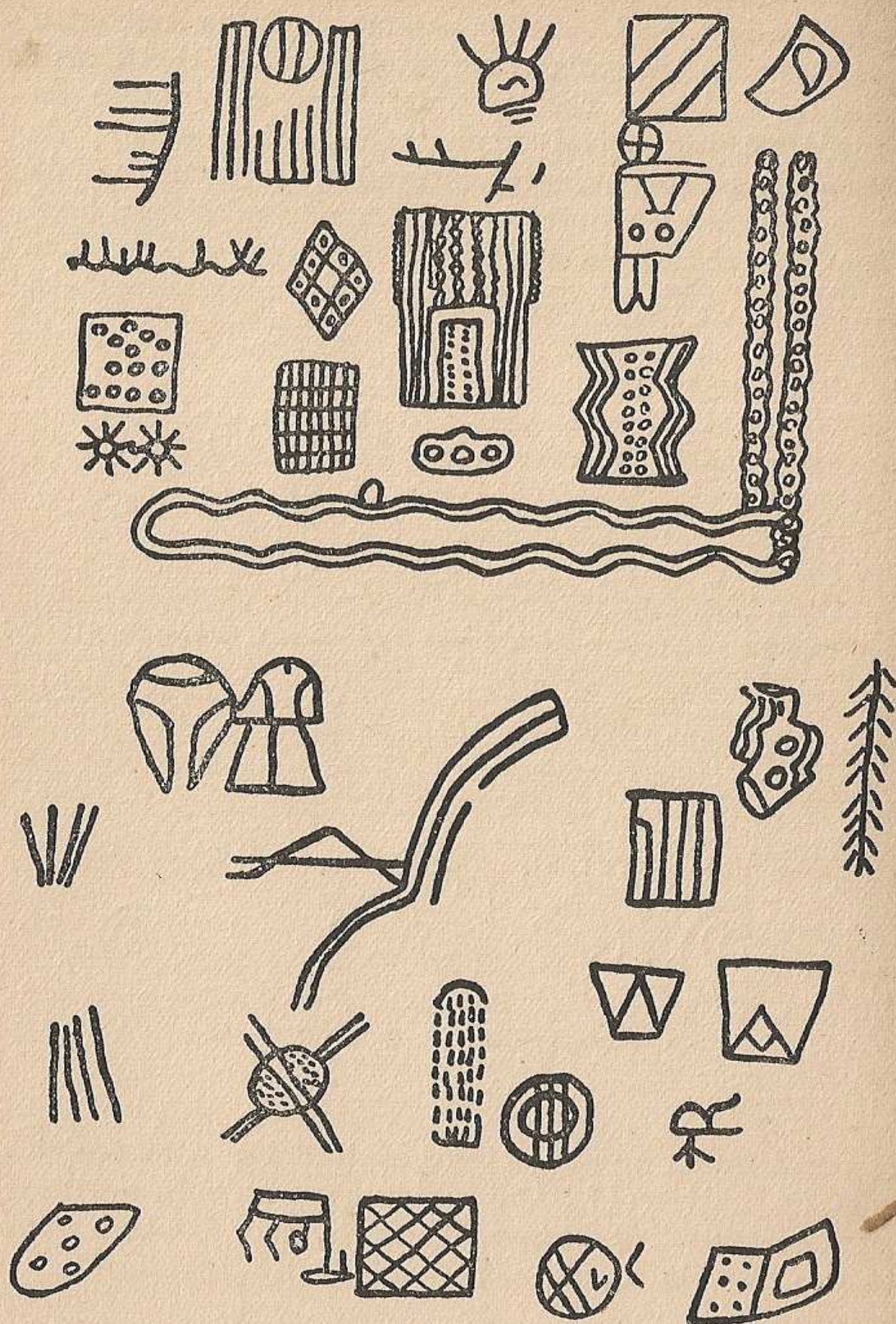
Le Dain sentiu vivamente o valor dessas misteriosas gravuras quando escreveu estas palavras: "Resulta dos estudos sobre os dolmens e outras construções megaliticas que esses monumentos estranhos encontrados em todas as regiões do globo denotam uma emigração, um exodo quasi continuo das raças primitivas. A que lei elas obedeciam movendo-se assim e deixando vestigios inapagaveis em distancias prodigiosas, hoje em dia separadas pelos oceanos? A' necessidade, respondemos."

Petroglifos argentinos — Catamarca.

A notar: o sinal maior é quasi o mesmo duma das pedras do rio Fonseca.

Sabemos perfeitamente que Le Dain pertence a uma escola que a ciencia oficial afeta despresar e á qual o Grande Larousse atribúe *une érudition douteuse*. Mas, neste ponto, o interessante autor de *L'Inde Antique* não foge aos postulados cientificos geralmente admitidos e figura uma hipotese de migrações continuas e generalizadas que nada apresenta de metafisico ou de impossivel.

O mundo é mais antigo e mais cheio de misterios do que se pensa — disse, como já citámos, Michel Bréal. Constantin Balmont escreve que, "sem a hipotese da Atlantida, é impossivel explicar uma imensidade de fenomenos na ordem das cosmogonias, da escultura, da pintura e da arte arquitetural". A não admiti-la, será melhor aceitar a que recentemente propõe o erudito russo Marr : uma civilização que denomina *Japhetida*,

Espirais nas pedras de Miranda (Venezuela), Serra Nevada de Santa Marta, Anacutá e La Ruidosa (Colombia).

(Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

Sinais numa pedra de Anacutá — Colombia. (Apud Lazaro Giron).

que precedeu as pre-helenicas, as italiotas e as fenicias e que foi universal? Ou será mais prudente verificar os fatos, como acabamos de fazer, sem concluir por esta ou aquela opinião ?

(Vide a legenda na pagina seguinte).

Inscrições numa grande rocha do Alto Parime, Amazonas, terras da fazenda nacional de S. Marcos (Guiana Brasileira). Sob a mesma rocha, ha uma caverna que póde conter cincoenta cavaleiros montados. Domville-Fife, que a visitou, chama-lhe *The mysterious temple-rock*. Ele copiou essas gravuras e calcula-as, sem explicar por que, como tendo sido feitas 600 anos antes de Cristo. Do templo, infelizmente, não dá nenhuma descrição minuciosa, mas publica uma fotografia impressionante. As inscrições são curiosissimas. Integram-se no estilo geral das que se vêem pelo mundo inteiro, como se póde verificar pela repetição de certos sinais. Que misteriosa gente deixou na dura face dos granitos, assim entalhado, o segredo dos seus passos?...

EXEMPLOS DE "TIFINARS" TUAREGS

+ | O ⁝ V ⊐ | | ⁝ | · | · ≤ U

| ◫ ∴ O + ⁝ O· | | ≤][·:+

LEITURA : *Ire idjem chellum der'irrinnit*
Attiekj yalla ar hast irkeben.

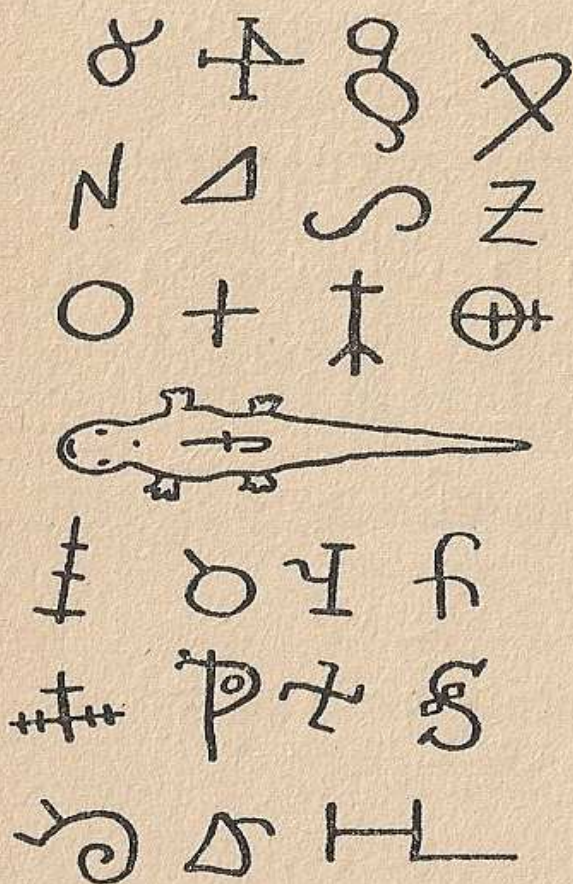
TRADUÇÃO :
Para aquele que põe a corda no pescoço
Deus acha alguem que a puxe.

| : V + O · | | V · | · V + · : +

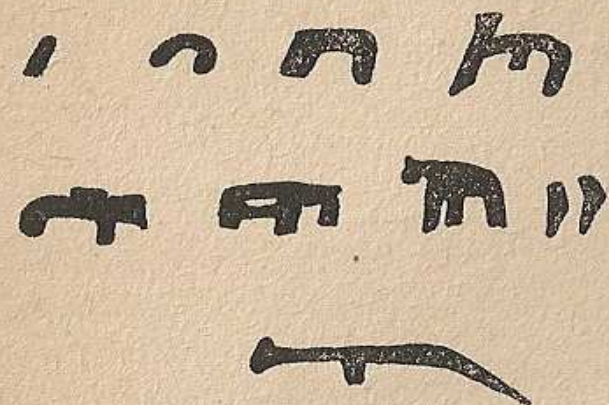
LEITURA : *Yakat dedjeddit ur tidasen.*
TRADUÇÃO : Barulho e caça não andam juntos.

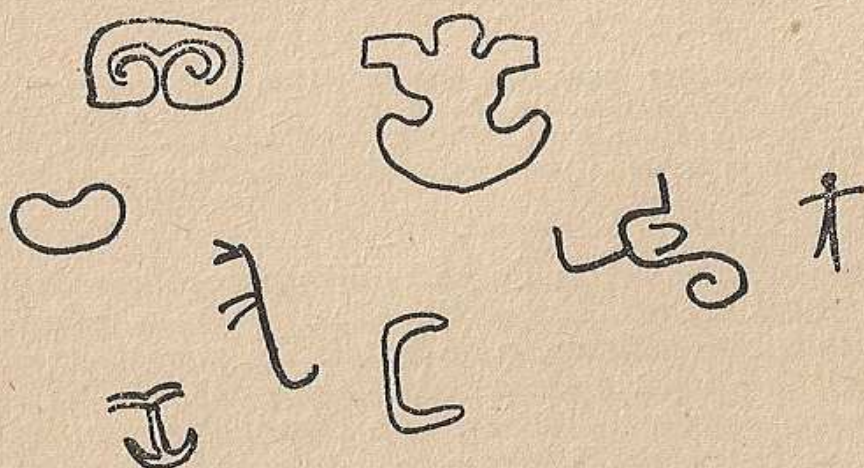
Os *tifinars* ou letras tuaregs assemelham-se, segundo lady Dorothy Miles, aos antigos caractéres libicos. E ela acrescenta: "Em toda a região dos tuaregs, podem se vêr desenhos de homens e bichos nas rochas, com inscrições, cuja origem ninguem conhece e que os proprios tuaregs não podem lêr, apesar de sua semelhança com os *tifinars* modernos. Essas inscrições, a julgar pelas reproduções, são analogas ás que vi no sul da Argelia e cuja data ou significado ninguem sabe."

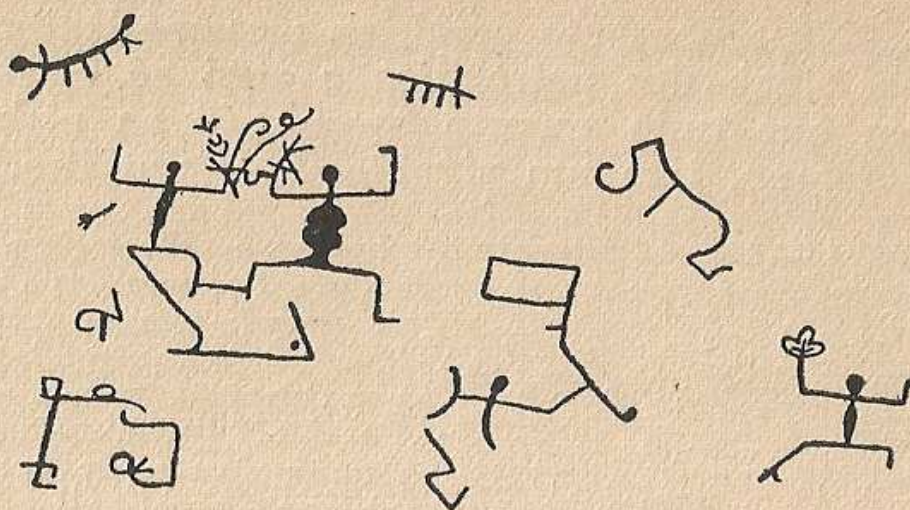
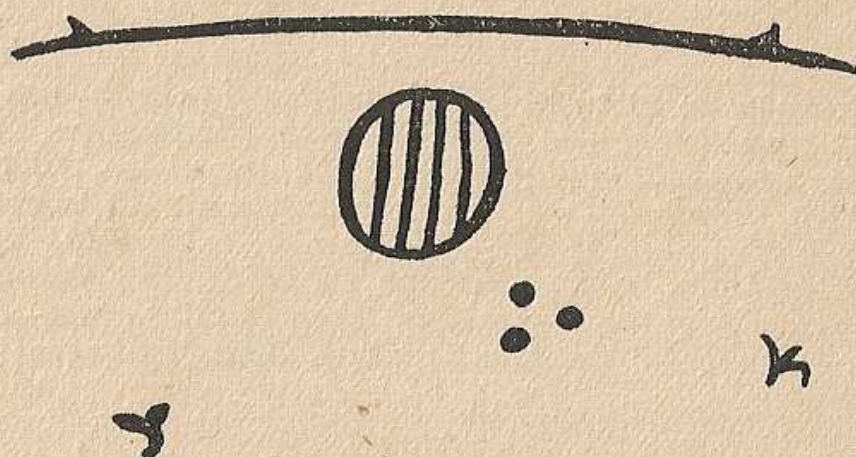
Lêm-se esses *tifinars*. Não se lerão os *mahadéus?*

SIGLAS MAÇONICAS

Siglas ou assinaturas maçonicas dos monumentos goticos. Os canteiros medievais costumavam gravar em cada pedra de obragem que preparavam um sinal misterioso, que era segredo exclusivo dos pedreiros livres, cujas corporações fizeram os grandes monumentos de carater religioso e civil no estilo que se convencionou denominar gotico. Parece que só os grandes iniciados estavam ao par da leitura desses simbolos que encontramos hoje na face do liôz esculturado das catedrais francesas e desde os mosteiros britanicos e os castelos roqueiros alemães até os muros do paço de Cintra em Portugal. Com o tempo, as siglas passaram a indicar somente, em cada pedra, o trabalho do respetivo canteiro, com fim unicamente

material. No seu aspeto geral, as mesmas lembram os misteriosos sinais dos petroglifos e aqui só estão para mostrarem que tudo quanto se escreve na pedra, em qualquer tempo, tem um significado e um fim.

NOTA 1 — Em aditamento ás nossas considerações, é conveniente transcrever alguns dos trechos dos *Dialogos das Grandesas do Brasil*, que se referem a inscrições encontradas nos tempos coloniais, numa serra da Paraíba. "Relatou-me — diz Brandonio — por cousa verdadeira que, andando Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mór que foi da dita capitania pela mesma serra, fazendo guerra ao gentio Petiguar, aos 29 dias do mês de dezembro do anno de 1598, se achára junto a um rio chamado Arasoajipe, que, por ir então sêco, demonstrava somente alguns poços de agua, que o calor do verão não tinha ainda gastado, e que alguns soldados, que foram por ele abaixo, toparam nas suas fraldas, com uma cova, da banda do poente, composta de tres pedras, que estavam conjuntas

Pedra gravada de El Infiernito — Colombia.

(Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

Sinais na pedra Aipe — Colombia.

(Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

Gravura da Pedra do Matrimonio — Colombia. (Apud M. Triana — "Civilizacion Chibcha").

Inscrições com tinta vermelha, na entrada da gruta de S. Tomé — Estado de Minas Gerais — Brasil. (A circunferencia tem uns doze centimetros de diametro).

umas com as outras, capaz de se poderem recolher dentro quinze homens; a qual cova tinha de alto, pera a banda do nascente, de sete a oito palmos, e da banda do poente, treze até quatorze palmos ; e ali por toda a redondesa que fazia na face da pedra, se achavam umas molduras, que demonstravam, na sua composição, serem feitas artificialmente. Primeiramente, a banda do poente desta cova, na face mais alta dela, estavam cincoenta móssas todas conjuntas, que tomavam principio debaixo pera cima de um tamanho, que semelhavam, no modo com que estavam arruma-

Pé de tamanho natural, gravado numa rocha ao nivel do chão, na entrada da gruta da S. Tomé — Minas Gerais - Brasil.

Figura de animal gravada e pintada de vermelho numa rocha junto á gruta de S. Tomé — Minas Gerais — Brasil — (Mede mais ou menos 1 m. de comprimento).

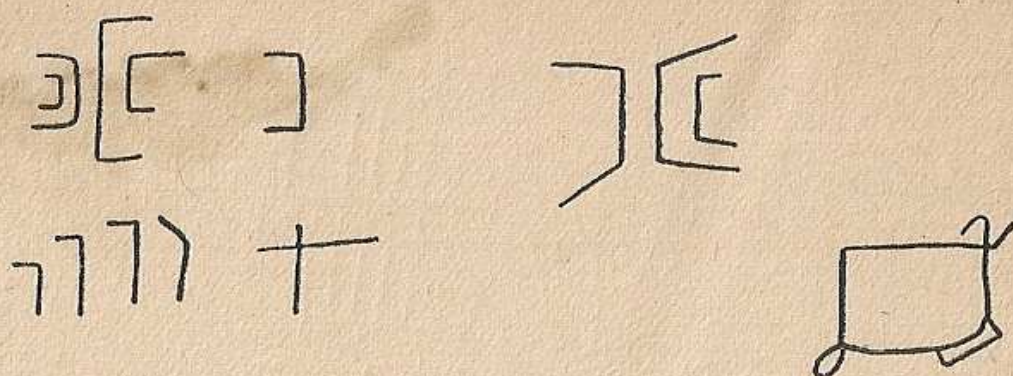
das, o em que se pinta por retablos o rosario de Nossa Senhora; e no cabo dessas móssas se formava uma de rosa desta maneira:

E é de advertir que os mais dos caractéres, que se demonstravam nesta cova, se arrumavam da banda do poente, aonde da parte direita das cincoenta móssas, em um cotovelo que a pedra fazia, se demonstravam outras trinta e seis móssas, como as demais; das quais nove delas corriam do comprido pera cima, e as outras tomavam através contra a mão esquerda, em cima delas todas estava outra rosa, como a primeira que tenho pintada: e logo, um pouco mais abaixo, estava outra semelhante rosa, e junto dela um sinal que parecia caveira de defunto, e logo, contra a mão esquerda, se formavam doze móssas semelhantes ás demais e no alto delas, que era conjunto ás cincoenta primeiras, pareciam uns sinais ao modo de caveiras, e da banda direita do cotovelo estava uma cruz e logo, para a banda esquerda, na face da pedra, se demonstravam, em seis partes, cincoenta móssas. Em uma

Caractéres principais dos litoglifos de Araçuagipe — Paraiba.

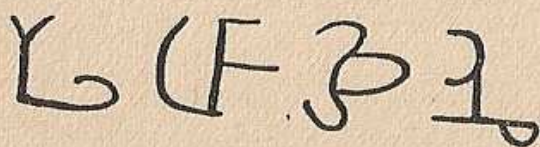
A notar: a flor (rosa) identica ás da Paraiba e os lingans.

Inscrições numa pedra do lugar Sete-Cidades Piracuruca — Estado do Piauí
BRASIL

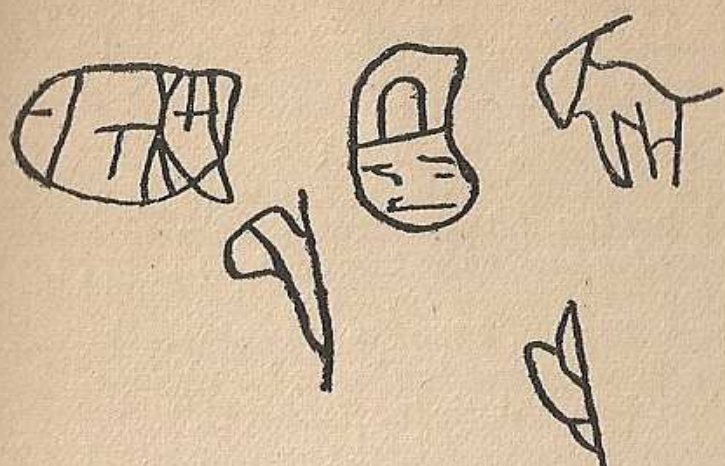
Inscrições numa pedra do lugar Sete-Cidades. Piracuruca Estado do Piauí — BRASIL

Inscrições nas pedras de Sete-Cidades — Piracuruca — Estado do Piaui — Brasil.

(A notar: a mão).

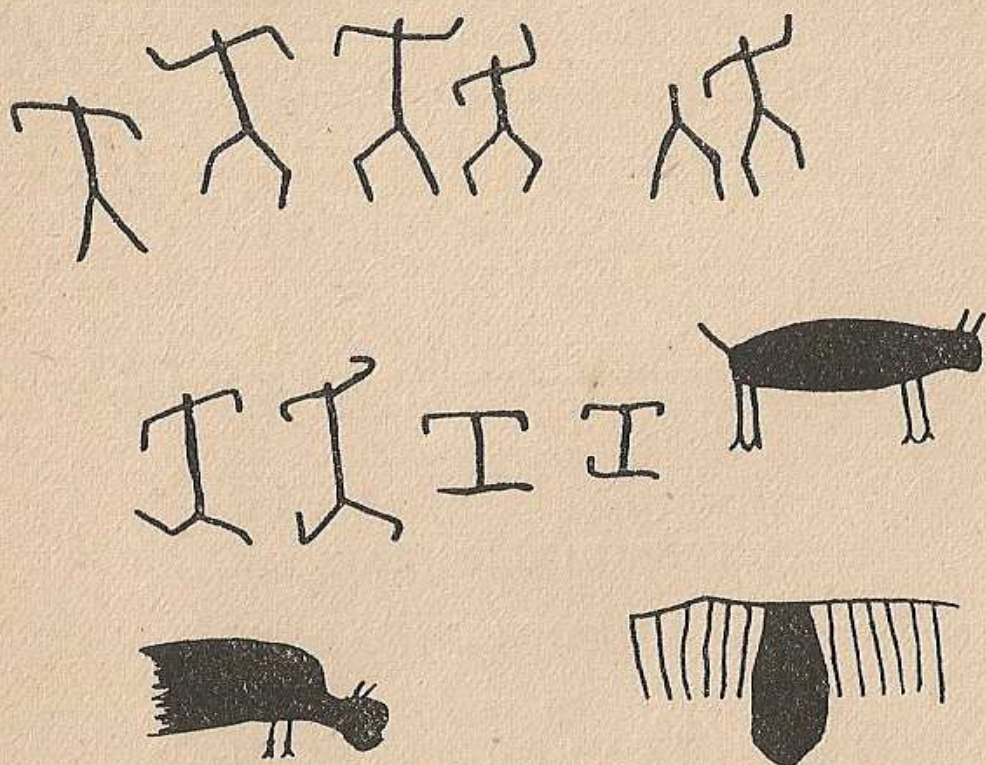
das partes estava uma rosa mal clara, porque parecia estar gastada do tempo, e logo adeante estavam outras nove móssas semelhantes ás primeiras e, por toda a redondesa da cova se viam pintadas outras seis rosas, e na pedra, que se assentava em meio das duas, estavam vinte e cinco sinais ou caractéres que abaixo debuxarei, divididos em tres partes, com mais tres rosas que os acompanhavam. O que de tudo era mais de consideração, era o estar entre duas pedras muito grandes, uma que botava a borda sobre as outras arcadamente, com estarem tão juntas, que por nenhuma parte lugar a se poder meter por elas o braço."

Alguns sinais dos litoglifos de Pedra Lavrada — Piauí.

Sinais principais num litoglifo da Paraiba.

A notar: um lingan.

Desta descrição se infere que se tratava dum dolmen verdadeiro pejado

Figuras encontradas por Gustavo Treitler no Morro do Letreiro, a um kilometro da povoação PE' DO MORRO (Ceará). Essas figuras foram gravadas e, em seguida, pintadas com tinta vermelha, expostas ao sol e a chuva.

de inscriçõesruprestes como os de Plovan na Bretanha. Fôram esses, sem duvida os primeiros litoglifos a que se prestou atenção no nosso país e, ao invés de considerá-los perpetuadores de cousas passadas, o autor dos *Dialogos* preferiu achá-los "figurativos de cousas vindouras." Admitiu, todavia, que só a industria humana os poderia ter feito e nisso se houve com inteligencia.

NOTA 2 — Leitura da inscrição runica da pajina 000, encontrada numa pedra em Kingiktorsuak, a 72° e 55′ de Latitude Norte, na Groenlandia, feita pelos professores dinamarquêses Rasmu e Finn Magnussen :

Figuras da Pedra Ferrada — Itapipoca — Ceará.

"Ellingr. Sigvaps: son: r: ok. Bjanne: Tórtarson: ok Enridi. Osson: Langardag. inn: fyrir. Gagndag hlódu. varda te. ok ruddu. MCXXXV (?)."

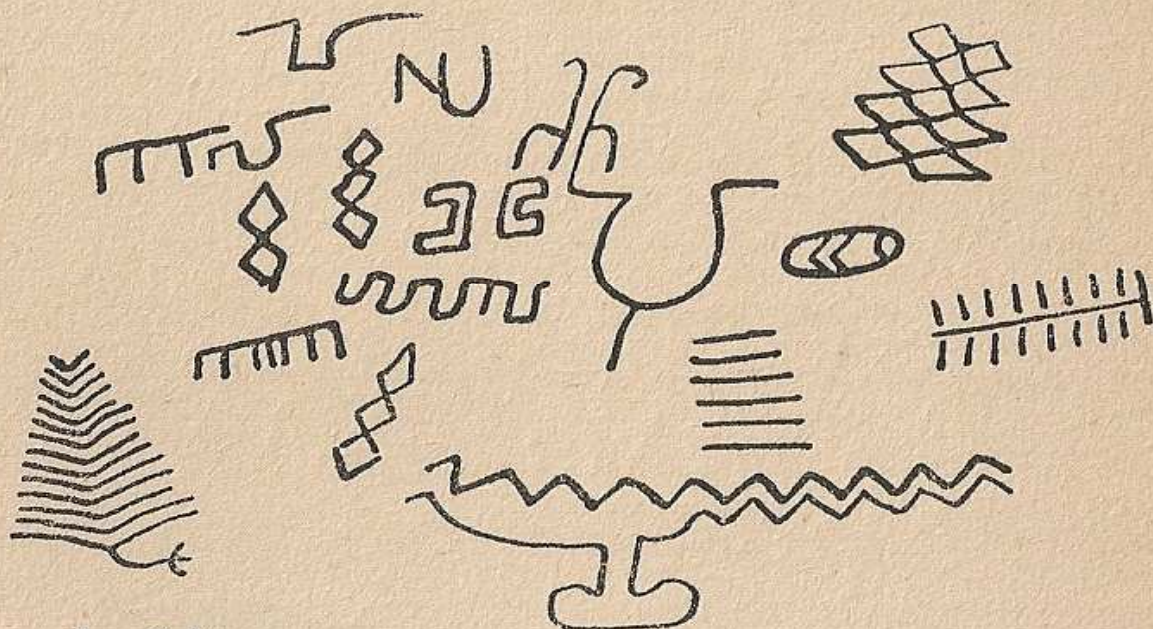
Tradução inglesa de Hovgaard, op. cit.:

"Erling Sigvatsson and Bjarne Thordarson and Andride Oddson built this (or these) beacon (s) Saturday after *Gagnday* (April 25) and cleared (the place) (or made the inscription) 1135 (?)".

Tradução em português:

"Erling filho de Sigvats e Biarne, filho de Thordar e Henrique filho de Oto levantaram este marco no sabado seguinte ao *Gagnday* (25 de abril) e fizeram esta inscrição. 1135 (?)."

Ha duvidas quanto á leitura da data. Alguns opinam por 1335.

Como se conseguiu lêr o que se insculpiu nessa pedra nordica, esperemos que um dia um erudito leia o segredo dos mahadéus do sertão.

Inscrição em vermelho — Serra do Paú d'Arco — Uruburetama — Ceará.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

ABGRALL — *Les pierres á empreintes et les traditions populaires.* — *Les pierres á bassins.*

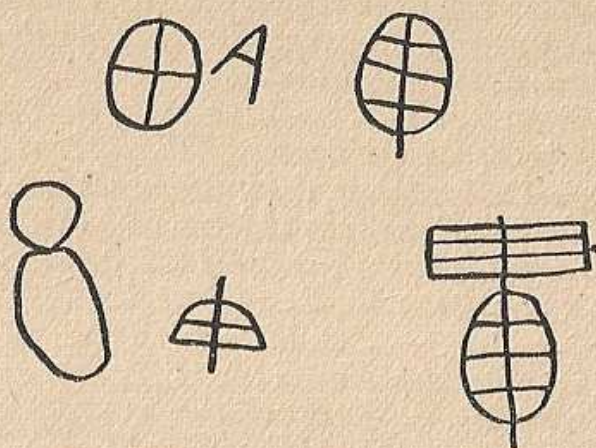
AMBROSETTI — *Los monumentos megaliticos del valle de Tafi.* — *Las grutas pintadas y los petroglifos de Salta.*

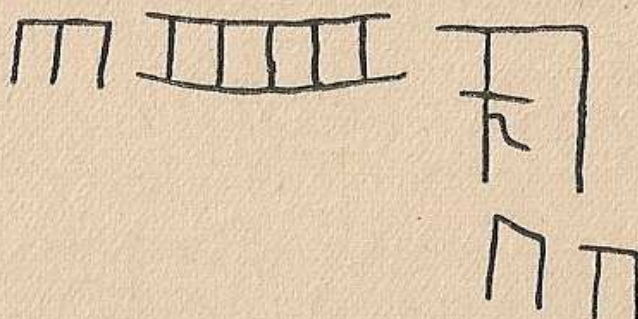
AMEGHINO — *Antiguedad del hombre en el Plata.*

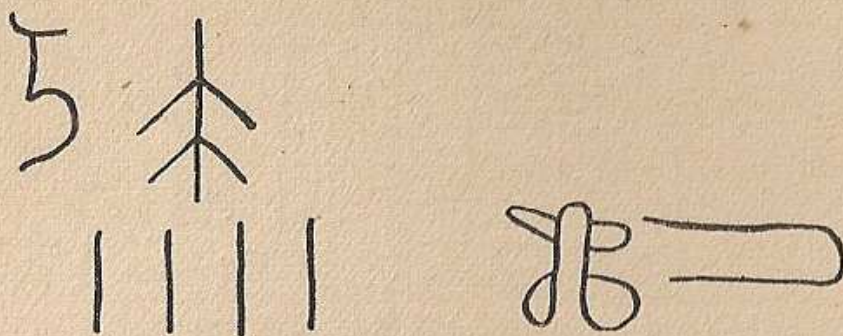
ANSELME (H. D') — *De l'hebreu comme langue primitive.*

AYMARD — *Roches á bassins.*
BALMONT (CONSTANTIN) — *Visions solaires.*
BARROSO (GUSTAVO) — *Terra de sol.* — *O sertão e o mundo.* — *Através dos folclores.* — *As colunas do templo.*
BERGER (PH.) — *Histoire de l'écriture dans l'antiquité.*
BERTRAND (ALEXANDRE) — *La religion des gaulois.*
BEUCHOT — *Manuel des antiquités américaines.*
BRASSEUR DE BOURBOURG — *Chresthomathie de la langue Maya.* — *Relation des choses de l'Yucatan.*
BRÉAL (MICHEL) — *De quelques divinités italiques.* — *Sur le dechiffrement des inscriptions chypriotes.*
BRUCH (CARLOS) — *La piedra pintada del arroyo Vaca Mala y las esculturas de las cuevas de Junin de los Andes.*
CARVALHO (ALFREDO DE) — *Pre-historia sul-americana.*
CARTAILLAC — *Ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal.*
CHARENCEY — *Le mythe de Votan.*
CHARLEVOIX — *Histoire de la Nouvelle France.*
CHARNAY (DESIRÉ) — *Cités et ruines américaines.* — *Palenqué.*
CHARTON — *Voyageurs anciens et modernes.*
CHATELLIER (PAUL DU) — *Mégalithes du Finistére.*
CHENELIÉRE (*Ernoul de la*) — *Inventaire des mégalithes des Côtes-du-Nord.*
CICERO — *De natura deorum.*
GOURT DE GEBELIN — *Le monde primitif.* — *Histoire naturelle de la parole.*
CUNHA MATTOS — *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e ao Maranhão.*
DEBRET — *Voyage pittoresque et historique au Brésil.*
DECHARME — *Mythologie grecque.*
DECHELETTE (J.) — *Archéologie préhistorique.*
DÉSOR (EUGÉNE) — *Les pierres a écuelles.*
Dialogo das grandesas do Brasil.
DOMVILLE-FIFE (CHARLES W.) — *Among the wild tribes of the Amazons.*
DONNELY (IGNATIUS) — *Atlantis : The ante-diluvian world.*

Inscrição em vermelho — Serra do Páu d'Arco Urubu-retama — Ceará.

DUSSAUD (RENÉ) — *Les civilisations pré-helleniques.*
FAESSLER — *Ancient peruvian art.*
FABRE D'OLIVET — *La langue hebraique restituée.*
FANDEL — *Les pierres á écuelles.*

Granito gravado no lugar dois Serrotes, 9 kil. ao Sul de Limoeiro — Ceará — Brasil. Descoberta por Melquiades Borges (8-12-1930).

FERGUSSON (JAMES) — *Les monuments mégalithqiues de tous pays.*
GAFFAREL (PAUL) — *Rapports de l'Amérique et de l'Acnien Continent avant Colomb.*
GAIDOZ (HENRI) — *Pierres et rochers á trous.*
GARAY (NARCISO) — *Tradiciones y cantares de Panamá.*
GARDNER — *On some argentine rockpainting.*
GLOTZ (GUSTAVE) — *Le travail dans la Gréce ancienne.* — *La civilisation egéenne.*

Gravura no granito, no lugar Morros, a 6 kil. ao Sul de Limoeiro. Ceará — Brasil. Descoberta po Melquiades Borges (8--12-1930).

GOBINEAU — *Essai sur l'inegalité des races humaines.*
GRIMM — *Ueber die deutschen Runen.*
HALÉVY — *Essai sur l'origine des écritures indiennes.*
HERBERT-SMITH— *Brazil, the Amazons and the coast.*

Inscrição rupestre no lugar Morros, 6 kil. ao sul de Limoeiro. Ceará — Brasil.

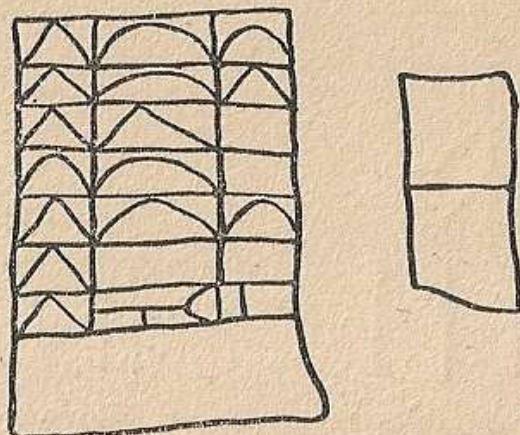
(A notar: o lingam.)

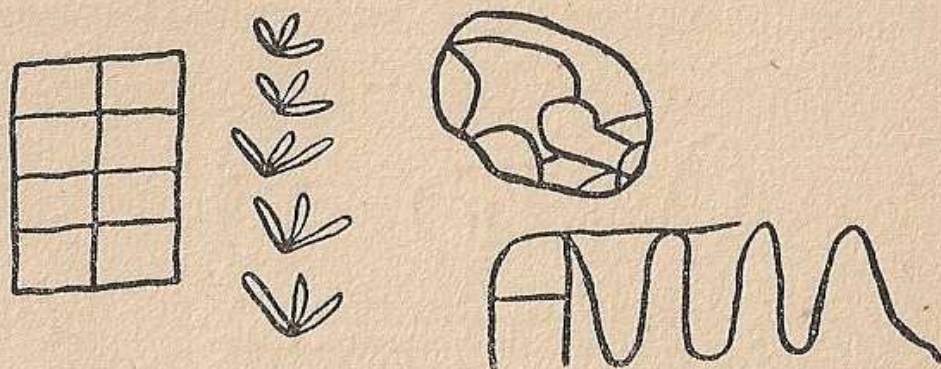
Descoberta por Melquiades Borges, (8-12-193).

HERODOTO — *Historias.*
HUMBOLDT — *Vues des cordillères et monuments des peuples indigénes Américains.*
HUSSON — *La chaine traditionelle.*
IMBELLONI (JOSÉ) — *Pinturas rupestres del noroeste de Cordoba.*
JAGUARIBE (DOMINGOS) — *L'Atlantide et l'histoire du Brésil.*
KOSTER (HENRY) — *Voyages dans la partie septentrionale du Brésil.*
LANDA (DIEGO DE) — *Relación de las cosas de Yucatan.*

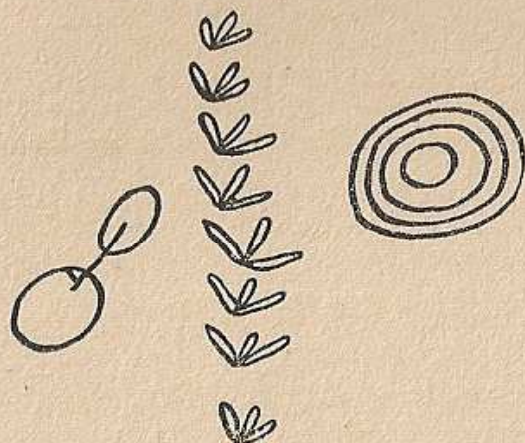
Litoglifo no lugar Morros, 6 kil. ao sul de Limoeiro. Ceará — Brasil. Descoberta por Melquiades Borges.

LANG (HAMILTON) — *On the discovery of some Cypriote inscriptions.*
LA ROCHEFOUCAULD — *Palenquê et la civilisation Maya.*
LE DAIN — *L'Inde antique.*
LECLERC — *Biblioteca americanana.*

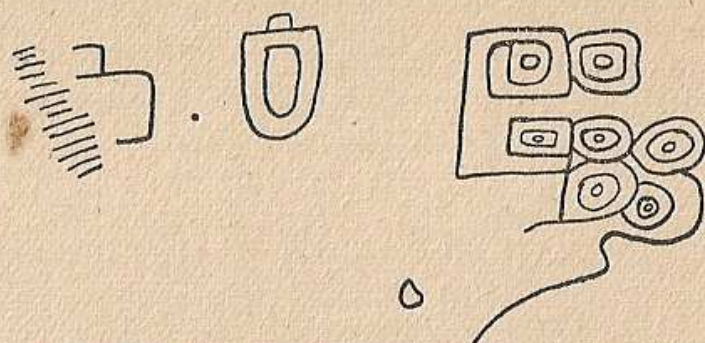
LENORMANT — *Essai sur la propagation de l'alphabet phenicien.*
LÉON DE ROSNY — *Les écritures figuratives et hiéroglyphiques.*
LÉVI (ELIPHAS) — *Dogme et rituel de la haute-magie.*

Petroglifo no lugar Morros, 6 kils. ao sul de Limoeiro. Ceará — Brasil. Descoberta por Melquiades Borges.

LLOYD (REGINALD) — *Impresiones de la Republica Argentina.*
LUCIANO — *Vera historia.*
LUYNES (DUC DE) — *Numismatique et inscriptions cypriotes.*
MACEDO (FERRAZ DE) — *Ethnogénie brésilienne.*

Pedra gravada no lugar Barrinha a 15 kils. ao sul de Limoeiro. Ceará — Brasil. Descoberta por Melquiades Borges. (7-12-1930.

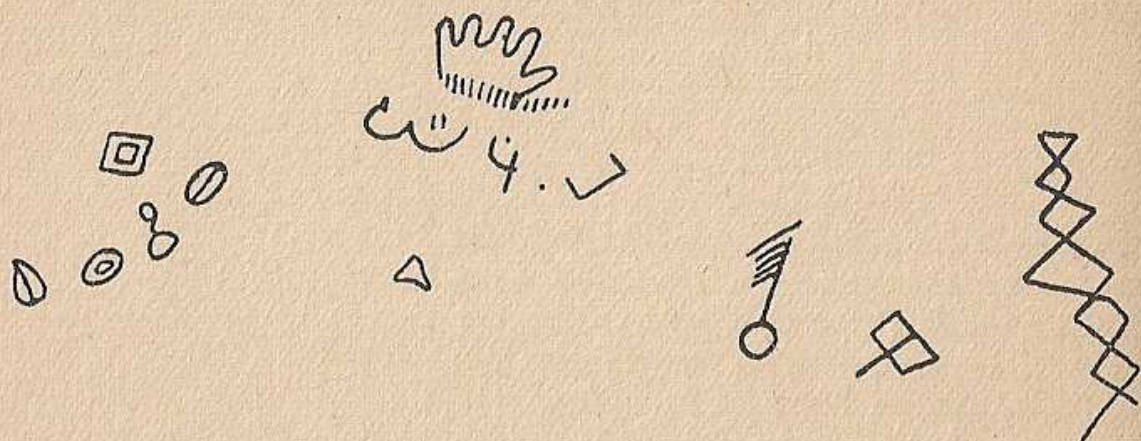
MAINAGE — *L'âge paleolithique.*
MASPERO — *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique.*
— *Archéologie egyptienne.*

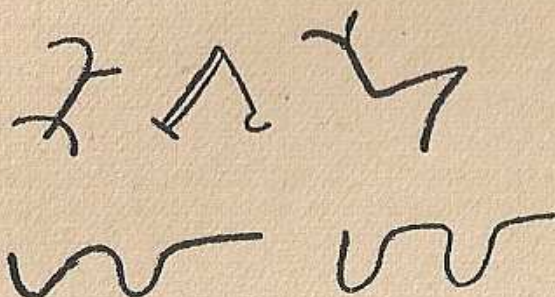
MAURY — *Les monuments de la Russie et les tumulis tchaudes.*
MENANT — *Les écritures cuneiformes.*
MERRIMÉE — *Voyage dans l'ouest de la France.*
MÉTRAUX — *La civilisation matérielle des tribus tupis-guaranis.*
MEYNIER ET D'EICHTAL — *Tumuli des anciens habitants de la Sibérie.*
MILLS (LADY DOROTHY) — *The road to Timbuktu.*
MORGAN (J. DE) — *Les premieres civilisations. — L'humanité prehistorique.*
NADAILLAC — *Les premiers hommes. — Moeurs et monuments des peuples préhistoriques. — L'Amérique préhistorique.*
NANSEN (FRIDTJOF) — *In northern mists.*
ORBIGNY (ALCIDE D') — *Voyage pittoresque dans les deux Amériques. — Voyage dans l'Amérique Méridionale.*

Inscrição gravada no granito no lugar Barrinha, 15 kil. ao sul de Limoeiro. Ceará — Brasil — Descoberta por Melquiades Borges 1930.

PAPUS — *Traité méthodique des sciences occultes.*
PERROT ET CHIPIEZ — *Histoire de l'art dans l'antiquité.*
PIÉRART — *Histoire de Saint Maur des Fossés.*
PROCLUS — *Comentarios ao Timeu.*
QUATREFAGES — *L'espece humaine.*
RAFUN — *Antiquités américaines.*
RÉCLUS (ELYSÉE) — *Geographie universelle.*
REINACH (SALOMON) — *Esquisses archéologiques.*
RESTREPO (VICENTE) — *Los chibchas.*

RICCI (CLEMENTE) — *Las pictografias de Cordoba interpretadas por el culto solar, etc.*
RINN (LOUIS) — *Les origines berbéres.*
RIVETT-CARNAC — *On some ancient sculpturing rocks.*
RIVIÉRE (GEORGES) — *L'âge de la pierre.*
ROBINSON (GEORGES) — *Voyages en Palestine et en Syrie.*
SABUGOSA (CONDE DE) — *O paço de Cintra.*

Inscrições no serrote do Ouro, defronte do de São Francisco — Quixadá — Estado do Ceará — Brasil.

(Fornecidas por Silvio Julio).

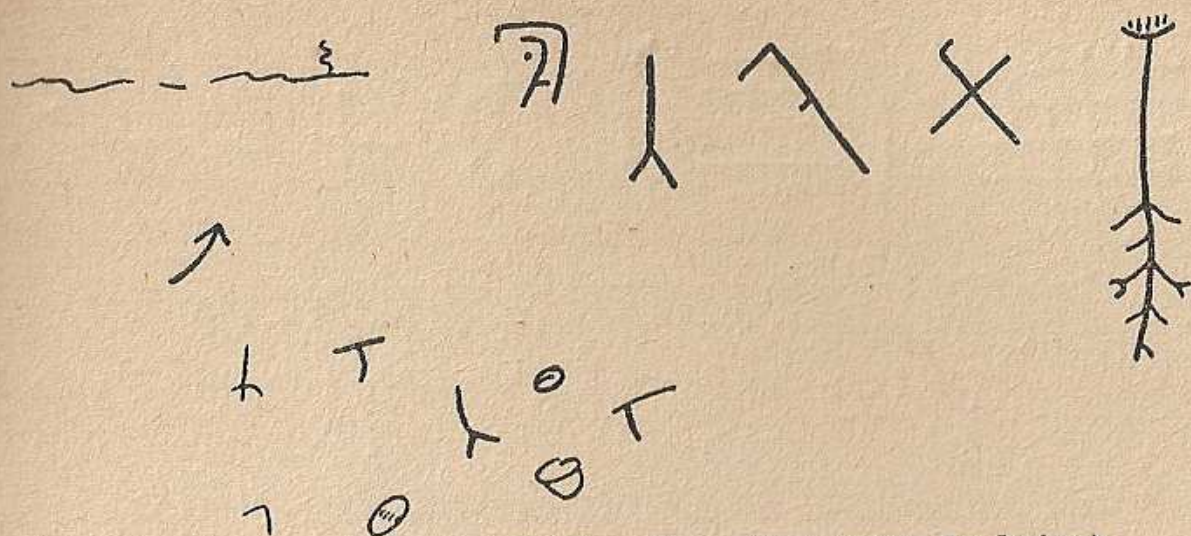
SAMOROSOASOF — *Fouilles des Kourganes.*
SAYA (A. H.) — *The archaeology of the cuneiform inscription.*
SAYCE — *The monuments of the Hittites.*
SCHOOLCROFT — *Travels in the central portion of Misissipi valley.*

Inscrição na Pedra Cururú, perto do serrote S. Francisco — Quixadá — Estado do Ceará — Brasil.
(Fornecida por Silvio Julio) — A notar: a mão.

SCHREISTER (RODOLFO) — *Monumentos megaliticos i pictograficos en los altivalles de la planicie de Tucuman.*
SEBILLOT — *Traditions et superstitions de la Haute Brétagne.* — *Le folk-lore de France.*
SERRANO (ANTONIO) — *Los primitivos habitantes del territorio argentino.*
SERVANT — *La prehistoire de la France.*
SIMPSON (J. Y.) — *Archaic sculpturing of cups, circles, etc., upon stones and rocks in Scotland, England and other countries.*
SILVA (POSSIDONIO N. DA) — *Signification des signes gravés sur les pierres des edifices du Moyen Age.*
SOUTHEY — *History of Brazil.*
SPIX ET MARTINS — *Reisen in Brasilien.*

Inscrição na Pedra do Canto do Exú, perto de Morada Nova. — Estado do Ceará — Brasil.

(Fornecidas por Silvio Julio)

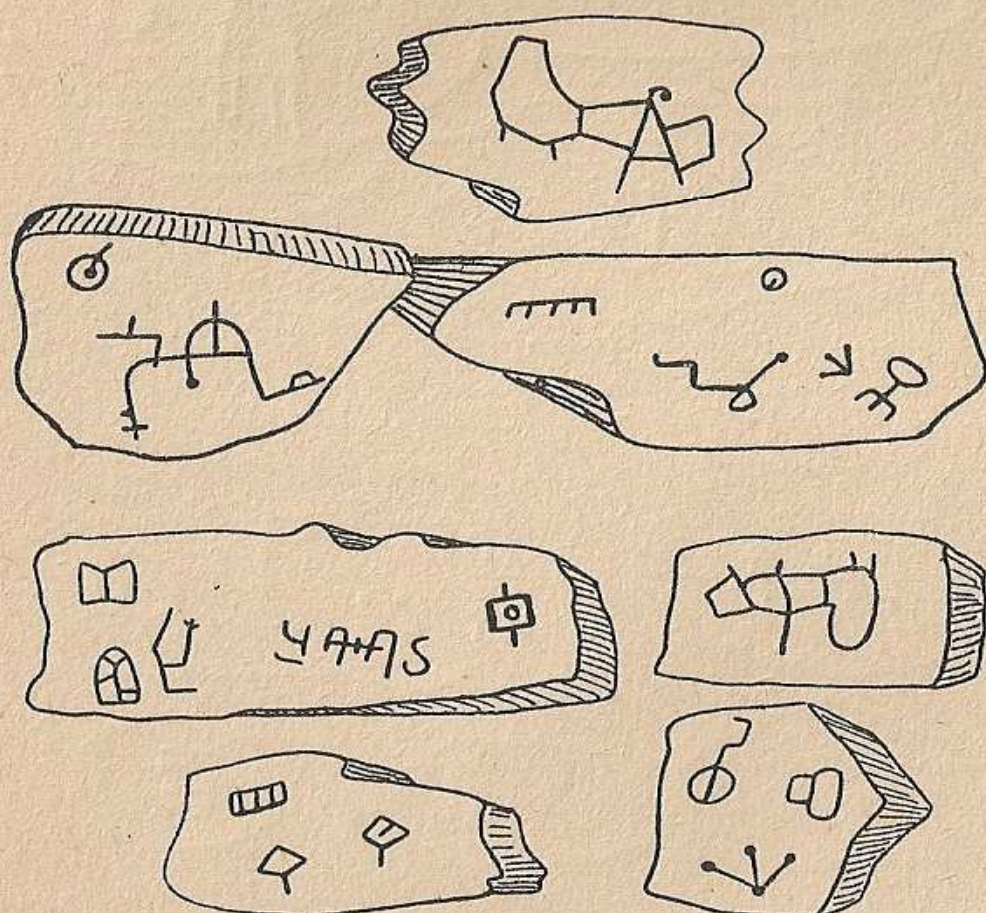
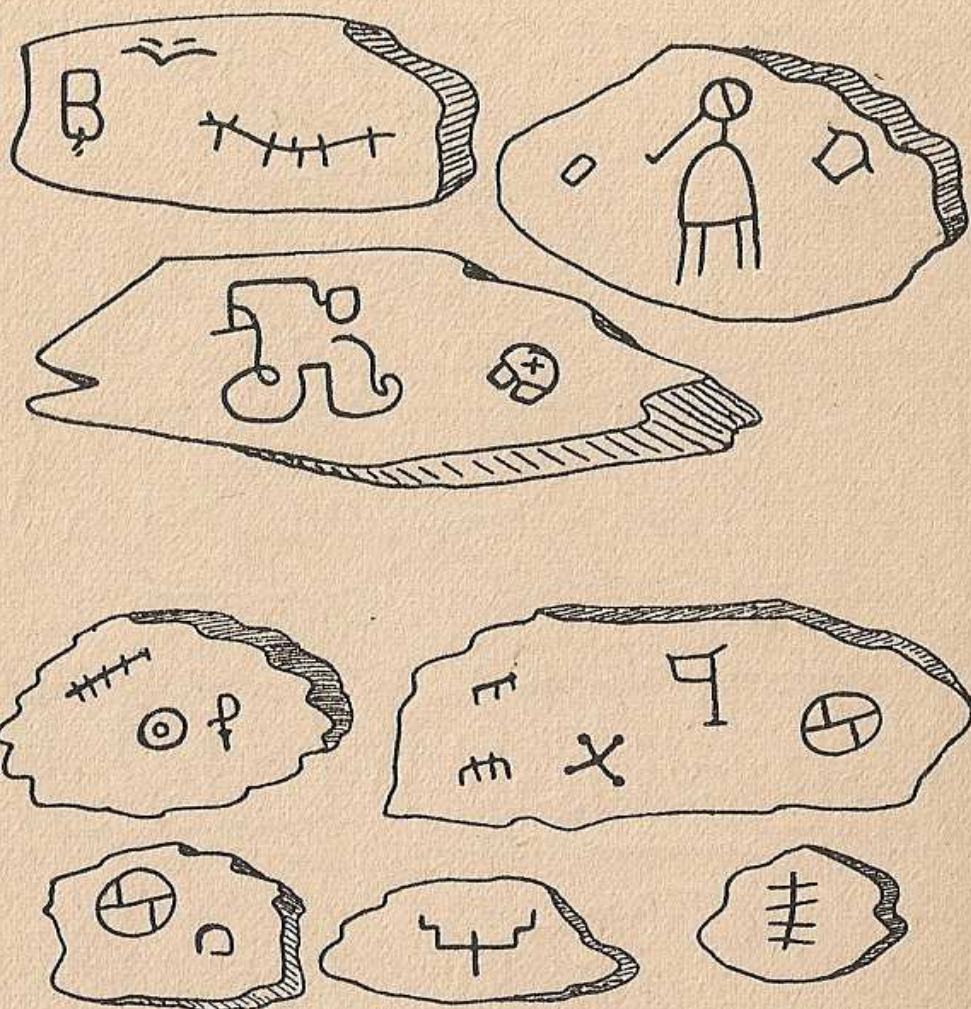
STOKES — *Principaux dolmens d'Irlande.*
STRAHLENBERG — *Das Nord-und-oestlich Theil von Europa und Asien.*
TRIANA (MIGUEL) — *La civilisación chibcha.*
TUNG-DEKIEN — *De l'origine des américaines pré-colombiens.*
TURONENSIS (GREGORIUS) — *Miraculis Sanctus Martini.*
UJFALVY — *Le Kalewala.*
ULLÔA (D. ANTONIO DE) — *Notices américaines.*
VERNEAU — *Les origines de l'humanité.*
VIONNET (PAUL) — *Les monuments pré-historiques de la Suisse occidentale et de la Savoie.*
VOGUÉ — *Inscriptions sémitiques.*
YOUNG — *Archaeologia.*
YULE — *The book of Ser Marco Polo.*
YVES D'EVREUX — *Voyage dans le nord du Brésil* — *Histoire du Maragnan.*

Inscrições na Pedra da Gameleira, perto do serrote São Francisco. — Quixadá — Estado do Ceará — Brasil. (Fornecidas por Silvio Julio).

Inscrições no serrote São Francisco (na parte de cima). — Quixadá — Estado do Ceará — Brasil. (Fornecidas por Silvio Julio).

Inscrições no serrote S. Francisco (na parte de baixo) — Quixadá — Estado do Ceará — Brasil. (Fornecidas por Silvio Julio).

Lages gravadas á margem do rio Fonseca, na fazenda Condado — Quixeramobim — Estado do Cerá — Brasil. (Croquis de G. Barroso, d'aprés nature, em 1907).

Inscrições gravadas e pintadas de vermelho numa rocha perto de Aracati-Assú — Estado do Ceará — Brasil.

(Fornecidos por Silvio Julio).

Lages gravadas á margem do rio Fonseca, na fazenda Condado — Quixeramobim — Estado do Ceará — Brasil.

(Croquis de G. Barroso, **d'aprés nature,** em 1907).

O Apostolo S. Tomé no Brasil

O APOSTOLO S. Tomé ou S. Tomás foi, dos doze, aquele que duvidou do aparecimento de Cristo entre os dicipulos e quiz vê-lo para crêr. Mau grado sua incredulidade, o Senhor o escolheu para dificeis e longinquas missões. O bemaventurado Jacques de Voragine conta na sua *Lenda Aurea*, traduzida do latim e anotada por Teodoro de Wyzewa, que estando Tomé em Cesaréa da Capadocia, Deus lhe apareceu e lhe disse:

— "Gondofer, rei da India, mandou o seu preboste Abanes em busca de um arquiteto habil. Vem e mostrar-te-ei a ele".

Tomás respondeu:

— "Senhor, irei onde me enviares!"

E Deus acrescentou:

— "Vai em paz que te protegerei! E, após teres convertido a India, virás a mim com a palma do martirio".

O apostolo encontrou-se com o tal Abanes e em sua companhia partiu para a peninsula indostanica, na qualidade de arquiteto do rei Gondofer. Depois de varias aventuras muito curiosas, algumas das quais Santo Agostinho condena e julga apocrifas, chegou á côrte indú, onde apresentou ao soberano a traça de admiravel palacio em estilo romano. Contentissimo, Gondofer entregou-lhe um grande tesouro, para executar a obra, e partiu para uma provincia longinqua. Du-

rante os dois anos de sua ausencia, narra Jacques de Voragine, Tomé, em lugar de construir o edificio, distribuiu todo o dinheiro com os pobres da cidade e pregou o Evangelho aos gentios.

Voltando, o rei teve a decepção de não encontrar nem uma parede do belo paço. Ficou, naturalmente furioso e rezolveu queimar vivo o santo. Mas um seu irmão falecido lhe apareceu em sonho, dizendo-lhe que via, no céu, o palacio construido por Tomé para ele. O rei perdoou ao santo e converteu-se ao cristianismo.

S. Gregorio de Tours é a fonte dessa lenda, que vem dos primeiros seculos do cristianismo, pois já S. Jerónimo, numa carta a Marcela, dava o Apostolo como tendo ido á India. Ela nasceu talvez nos Atos dos Apostolos, apocrifos. O rei Gondofer existiu. Segundo Reinaud, da numismatica indo-citica consta o rei Yndoferres, de onde Gandoferres, Gandopherres, Gondaphorus. Numa inscrição antiga de Peshwar, em que se fala desse soberano, Dowson leu Gunapharasa e o general Cunningham Guduphara. Si o rei viveu, sua cronologia, porém, é incerta.

O apostolo foi, mais tarde, á India Superior, onde continuou sua pregação e assinalou sua passagem com admiraveis milagres. Deante de suas obras, Migdonia, cunhada do rajá local, e a propria "begun", esposa do potentado, converteram-se á religião cristã e abandonaram seus maridos, os quais, profundamente irritados, tanto fizeram que acabaram por martiriza-lo com laminas de ferro aquecidas ao fogo. E o grão sacerdote idolatra o traspassou com a sua espada.

No ano de 230, obedecendo a uma suplica coletiva dos habitantes da provincia da Siria, o imperador romano Alexandre mandou buscar na India o corpo de S. Tomé ou S. Tomás, sepultando-o na cidade de Edessa.

A respeito dessa cidade, Jacques de Voragine dá notas curiosas, uma das quais não nos é possivel dei-

xar de transcrever, embora não tenha ligação com a tese que nós propomos desenvolver. Afirma ele que Edessa se chamava outrora Ragés dos Medas e que no seu ambito não podiam morar pagãos, hereticos, judeus ou tiranos, porque em tempos afastados o seu rei Abgar recebera uma carta autografa de Nosso Senhor Jesus Cristo !. . .

Eis tudo quanto o bemaventurado autor da *Lenda Aurea* conta do apostolo das Indias. Mas, na sua *Vida e morte dos Santos*, Isidoro diz textualmente : "Tomás, dicipulo do Cristo e que parecia com o Salvador, incredulo ouvindo, acreditou vendo. Ele pregou o Evangelho aos Partas, Medas, Persas, Hircanios e Bactrianios. Abordando ás plagas orientais, penetrou nas regiões do interior e aí proseguiu sua predica até o dia de seu martirio. Morreu atravessado por um golpe de lança". S. João Crisóstomo fê-lo ir mais longe ainda, ás regiões misteriosas dos tres reis Magos, aos quais tornou sustentaculos da fé cristã.

Como S. Tomé foi, assim, o apostolo que por mais distantes e fantasticas plagas andou pregando o credo de Jesus, os descobridores, catequistas e exploradores cristãos da época febril das conquistas e navegações julgaram vêr as suas pegádas por toda a parte. Os pontos de contato entre praticas e teorias da doutrina cristã e da dos povos encontrados, avultados pela imaginação dos missionarios e cronistas, o misterio dos simbolos religiosos por toda a parte identicos, as lendas que corriam entre os indios americanos da pregação duma religião por homens brancos e barbados, tudo isso fez com que se pensasse que um dos apostolos havia chegado até as terras dos continentes descobertos. Rezando as agiografias que S. Tomé fôra destinado ás Indias orientais e percorrêra varias regiões daqueles lados, nada mais natural do que ser escolhido para representar o papel da misteriosa personagem que nas brenhas das Indias Oci-

dentais deixára o sinal da cruz e a tradição duma antiga evangelização.

Vejamos o que a respeito dizem varios dos mais interessantes cronistas, historiadores e arqueólogos a proposito dessas similitudes religiosas entre as crenças dos indios ocidentais e as da cristandade, assim como da vinda do apostolo S. Tomé ás terras americanas.

O padre Leclerc diz isto, na *Relation de la Gaspésie* : "Os indios da parte oriental do Canadá conheciam a cruz cristã, que apareceu no seu país como o arco-iris após o diluvio, como promessa de esperança." Laphaw, nas *Antiquities of Wisconsin*, mostra-nos os peles-vermelhas construindo os terraplenos dos seus idolos em forma de cruz. Garcilaso de la Vega narra que os Incas "teniam una cruz de um marmol muy hermoso ó del jaspe el más puro", que os espanhois enfeitaram com ouro e puseram na catedral de Cuzco. Orozco y Berra diz : "Repetidas veces se encuentra la figura de la cruz en las pinturas mexicanas". Alem dos antigos contadores dos sucessos da Conquista do Novo Mundo, os cientistas modernos acharam a cruz nos ornatos, nas inscrições e nos templos de quasi todos os povos das duas Americas : Humboldt, Warden, Dupaix, Waldeck e outros. Esse signo teocratico, religioso, cruz grega ou latina, cruz osiriana, svastika indú, martelo de Thor runico, bastão de Astartéa, "tanticus character", abundante em todas as inscrições do mundo, das pedras escandinavas aos mahadéus de Chandeswar, nada tem a ver, do ponto de vista catolico, com o madeiro sagrado do suplicio de Cristo. Um sacerdote de pasmosa erudição, o padre Dhorme, cujo magnifico livro sobre a *Religion des Assyro-Babyloniens* traz o competente NIHIL OBSTAT, verifica-a nos documentos caldaicos. E a existencia assinalada da cruz nos monumentos, nos couros das tendas, na ceramica e nos adornos dos habitantes das Americas, apoiando as lendas das pregações de homens

brancos e barbudos, deram origem a essa interessante historia da vinda de S. Tomé ao Novo Mundo.

O padre Montoya narra que, no Paraguai, no lugar denominado posteriormente San Eseriz se achou uma cruz, que, segundo a tradição corrente entre os naturais do país, fôra trazida por um homem branco de alem mar.

O padre Alonso de Ovalle, no capitulo I do livro VIII da sua *Historia del reino de Chile*, assegura que, no vale de Quito, um indio velho, cantador tradicionalista, que ensinava aos moços as canções e lendas dos antepassados, afirmava-lhes que, após o diluvio, aparecêra no Perú um homem branco e barbado, chamado Tomé, que pregava uma doutrina desconhecida. Torquemada lembra que em 1538, quatro anos antes da chegada dos missionarios ao Rio da Prata, conforme carta escrita por Frei Bernardo de Armentia, um indio chamado Etiguiara fez um discurso aos outros, afirmando-lhes que dentro em pouco chegariam a evangeliza-los os "irmãos de S. Tomé". Após dizer que o nome de Tomé foi conservado na Nova Espanha, no Perú e no Chile, conforme o depoimento de Calandra ; de recordar o celebre livro de D. Carlos de Siguenza y Góngora, que entendeu provar ter sido o apostolo, no Mexico, o afamado civilizador dos toltecas e maias, Quetzalcoatl ou Cuculcan ; de referir-se ás opiniões favoraveis nesse sentido de Boturini, Veytia e D. Manuel Herrera y Perez, escreve estas judiciosas palavras : "Aunque sirven de fundamento a este sistema copiosas razones y llenas de ingenio, muchas de ellas solo consisten en nombes mal interpretados, en congruencias de poco bulto y peso. Todas juntas no pueden responder a esta objecion : Santo Tomás existio en el primer siglo de la iglesia, Quetzacoatl en el X ; hay impossibilitad absoluta para admitir uno solo entrambos personajes".

González Suarez, na *Historia del Ecuador,* declara : "La tradición relativa a ciertos hombres blancos y barbados, que aparecieron de repente en médio de las tribus indigenas, es otra circunstancia muy digna de examen, tratando-se de la historia de las naciones que poblaron antigamente estas provincias. Las tribus de los Zarzas y las de los Paltas en la provincia de Loja, y las de los Puruhais em Ambato y Latacunga senalaban unas piedras grandes, en las cuales se veian impresas las huellas de un pie humano, que manifestaba ser de varón. Esas piedras eran muy veneradas por los indios, porque decian que sobre ellas se habia solido parar un personaje misteriozo, que ensenaba doutrinas religiosas nuevas y desconocidas. Este personaje era extranjero, andaba como peregrino y, al despedirse de los indios, se quitó la sandalia, y estampando en la piedra su planta derecha, dejó patente sus huellas, para memoria y recuerdo perpetuo de sua venida á estos lugares y de predicación á las antiguas tribus indigenas pobladoras de estas provincias".

Betanzos, relatando essa mesma historia do apostolo branco e barbado, dá-lhe o nome por que era conhecido entre os indios da costa de Moinabi : Tunapa. Aliás, é o unico autor em que se encontra essa referencia.

Querendo demonstrar, por jacobinismo, como o que ora grassa entre nós em relação aos portuguêses, que nada devia seu país á colonização espanhola, o dr. Frei Servando de Mier, sob o pseudonimo de D. José Guerra, publicou em 1813, em Londres, a sua *Historia de la revolución de Nueva España,* no fim da qual disserta sobre a vinda de S. Tomé ás terras americanas, de maneira a afirmar que o Mexico, ou melhor a America Espanhola, não devia á metropole nem mesmo o culto cristão. Exagero semelhante ao que levou muitos dos nossos homens publicos, na época da Independencia e outras, a tomar apelidos indigenas. Diz esse escritor

que, suspeitando não ser o S. Tomás das lendas indigenas ou antes do tempo das bandeiras e conquistas, o apostolo, procurou outro santo do mesmo nome e o encontrou no V ou VI seculo da era cristã, celebre por suas prédicas e milagres, incluido no *Santoral* da igreja siriaca, que palmilhou remotas regiões do globo, inclusive a China, obrando prodigios. Acrescenta: "Este sin duda debe ser nuestro Quetzalcoatl, Chilamcambal en chinês, que sin duda ha traido discipulos chinêses. Los grandes edificios de Mictlan, Campéche, etc., atribuidos a los discipulos de Quetzalcoatl parecen mucho con los de la China".

Nas suas *Origenes de los Indios*, Garcia confunde esse santo siriaco com aquele S. Tomé de Meliapor. Deste fala João de Barros, nas *Decadas da Asia*. Chama-lhe Apostolo, diz terem-se encontrado em Cranganor cristãos deixados pelo seu apostolado, lembra as tradições de seus milagres em Ceilão e o encontro da sua sepultura, e fala de sua ida á China e de sua volta a Meliapor. Diogo do Couto, nas suas *Decadas*, dá-lhe identica qualidade de Apostolo, "o primeiro que anunciou o Evangelho aos Mogores (mongóis), e conta, tanto seus milagres, como as festas que ainda lhe faziam os malabares.

Marco Polo reserva-lhe um capitulo do seu livro, o XVIII, dizendo que, no seu tempo, ainda os sarracenos reverenciavam o seu nome e alonga-se em narrar as tradições de sua passagem pelas partes da India. Um estelo encontrado recentemente, perto de Madrasta, publicado por Yule, com simbolos cristãos e uma inscrição pehlevi parece confirmar o que Polo conta.

Nenhum desses historiadores da India diz, nem ao menos de leve, que o Apostolo de Meliapor tenha passado da China, tenha evangelizado povos mais distantes que os mongóis. Entretanto, por todas as cronicas da Con-

quista do Novo Mundo, especialmente nas de origem eclesiastica, S. Tomé aparece entre os indios ocidentais.

Diz, no entanto, Orozco y Berra que, "en el informe que D. Manuel Gutierrez rindió al intendente de Guadalajára, á 19 de abril de 1805, habla de vestigios encontrados á cada paso en los montes, con figuras de piedra ó barro que parecen idolos, hachas de piedra, dardos de pedernal, morterillos para moler el maiz y algunos utensilios... que los indios del valle de Banderas decian que, en tiempos antiguos habia llegado por la mar un varón llamado Matias ó Matéo, que habia predicado la religion cristiana: como comprobación del hecho, se veian algunas cruzes en la sierra de Chacola, y cerca de este lugar una cruz bien labrada, teniendo esculpidas en la peana ciertas letras desconocidas con puntillos, que parecian hebréas ó ciricacas."

O mais interessante é que S. Tomé, de acôrdo com as lendas, não se limitou só a prégar o Evangelho no Paraguai, no Mexico e no Perú antigo. Contam escritores de nomeada que tambem esteve no Brasil.

Torquemada, no livro XV, capitulo XLIX, da *Monarquia Indiana*, relata que os indios do Iucatan diziam que "en los tiempos antiguos llegaron á sus tierras veinte hombres con su chefe Cocolcan, blancos y barbados, los cuales mandaban que se confesasen las gentes y ayunasen". Frei Gerónimo Mendieta, guarda silencio, inexplicavelmente, sobre esses fatos, na *Historia Ecclesiastica Indiana*. Frei Bartolomeu de las Casas, no capitulo CXXIII da *Historia Apologetica*, adeanta: "Si estas cosas son verdad, parece haber sido en aquella tierra nuestra Santa Fé sabida; pero como en ninguna parte de las Indias habemos tal nueva hallado, puesto que "en la tierra del Brasil", que poseen los portuguezes, "se imaginan hallarse rastros de Santo Tomas apostol" (grifos nossos)..." O padre Simão de Vasconcelos, autor da *Cronica de la Provincia del*

Brasil (edição de 1663, em espanhol), escreve isto: "Cuanto á la religioón convenian todos los indios, asi de una como de otra parte de la America, que habia tradición entre ellos antiquissima de padres á hijos, que, muchos siglos después del diluvio, anduvieron en sus tierras unos hombres blancos, vestidos, barbados, que hablaban cosas de un Dios y de otra vida; uno de ellos se llamaba Sumé, que quiere decir Tomé, y que estos no fueron admitidos de sus antepasados y se acogieron á otras partes del mundo, ensenandoles primero con todo á plantar y coger el fruto (sic) del principal mantenimiento de que usan, llamado Mandioca". Frei Gregorio Garcia, nas *Origenes de los Indios del Nuevo Mundo*, fala da pregação evangelica de S. Tomás no Brasil, garantindo que os guaranis o chamam Paicumá. Esse curioso freire explica de modo verdadeiramente fantastico a etimologia dessa palavra: Paicumá vem de Mairomás; mair-peregrino barbado e vestido; omás-Tomás, sem o T! Melhor etimologia do que esta só a que lhe arranjou Becerra Tanco, no livro*Felidade de Mexico*, que mistura o grego Didymus com as palavras "coatl" e "cocon", mexicanas, aztecas ou nahôas, acabando por provar que Quetzalcoatl e Tomás sifgnificam a mesma cousa: mel!!!

Testemunham a sobrevivencia dessa velha tradição dos indios os padres Calancha e Velasco, frei Gregorio Garcia, Solorzano, Veitya e Sandoval.

Conhecia no nosso folclore o habito sertanejo de apelidar as depressões em forma de pegáda, achadas á face de certas rochas, rastos de S. Tomé. Na serra de Ibiapaba, no Ceará, ha uma dessas marcas celebres, atribuida ao missionario padre Pinto, quando fugia dos indios que o queriam sacrificar. O citado Las Casas, no livro I da *Historia de las Indias*, relata que S. Tomé passou por meio das tribus indigenas do Brasil "y que sus pisadas están senaladas cabe un rio, las cuales yo

fui á ver por más certeza de la verdad, y vi, con los proprios ojos, cuatro pisadas muy senaladas, con sus dedos, las cuales algunas veces cubre el rio cuando hinche; dicen tambien que cuando dejó estas pisadas iba huyendo de los indios que lo querian flechar, y llegando alli se le abrio el rio y pasara por medio del, sin se mojar, á otra parte y de alli fué para la India..."

Esses misteriosos sinais estampados nas lages são semelhantes aos que dizem ser de Buda uns, de Adão outros, a pegáda santa que Clavé confirma ser chamada "sripada". São como as que se encontram nos pedregais de Cempoaltepec e constam como sendo da do "homem barbado, que trouxe a cruz á America (S. Tomé), como está na *Discripción Geografica*, de Burgôa; como as da pedra de Gonzanamá, de que fala o padre Calancha; como as do lagedo do *Chano* de Callo, a que se refere o padre Velasco, hesitando si as atribua a S. Bartolomeu ou a S. Tomé. Identicos, sem duvida, ao pé de S. Martinho das rochas da Alvernia; ás plantas de Gargantua em Plevenon, em Chanusey, no Oise e em outras paragens da França; ao rasto de Roldão na Gironda; ás pisadas dos Trolls na Escandinavia, e á do Buda em Fu-Kan-no, no Sião. Sempre se atribuiram lendas aos petroglifos misteriosos; si lembram ferraduras, são as da mula do diabo no Loire, do cavalo do santo derviche Cheik Djoban na Asia Menor, do corcel dum dos famosos filhos de Aymon, em Tauriac; si parecem móssas, são os joelhos do mesmo Roldão, perto de Lourdes; si dão a impressão de talhos, os vestigios dos golpes da espada de S. Jorge, quando matou o dragão, nos rochedos alvernios.

Houve, é certo, e disso estão capacitados os eruditos que teem escrito a historia de Anahuác, que teem folheado as paginas das civilizações azteca, tarasca e maia, ou quichua e aimará, mesmo sabios norte-americanos, mesmo Humboldt e Dupaix, que houve missio-

narios cristãos ou não, leigos ou religiosos, "brancos" e "barbados", vindos do norte, entre os indios. Eram, talvez, alguns desgarrados dos aventureiros normandos que povoaram, mais de tres seculos antes de Colombo, o Labrador e a Nova Escocia. Mas a vinda do Apostolo que quiz vêr para crêr ás Americas e especialmente ao Brasil é de todo improvavel. As *Decadas* asseguram que da China voltou a Meliapor, onde morreu.

A documentação da estadia do pregador cristão entre nossos indigenas, que, tambem, segundo certos autores, acreditavam na velha lenda americana dos homens brancos e barbados, vindos do Norte ou do Oriente, não é nada despresivel.

Si Paul Gaffarel, que foi com Ferdinand Denis, em França, dos maiores estudiosos da America Meridional e preparou a edição Lemerre da obra curiosissima de Jean de Léry a respeito do Brasil, não deu palavra sobre a vinda de S. Tomé ás nossas plagas no seu admiravel volume *E'tude sur les rapports de l'Amérique et de l'ancien Continent avant Christophe Colomb*, no qual ha um belo capitulo a respeito das lendas cristãs relativas á America, encontraremós o rasto do apostolo no livro hoje em dia rarissimo do segundo dos escritores citados: *Une fête brésilienne celebrée a Rouen en 1550*".

Nessa obra interessantissima, o conservador da Biblioteca de Santa Genoveva estuda sob varios aspetos o precioso volume assim intitulado: "Cest la deduction du sumptueux ordre plaisantz spectacles et magnifiques theatres dressés, et exhibés par les citoiens de Rouen ville Metropolitaine du pays de Normandie, a la sacré Maisté du Tres-christian Roy de France, Henry secôd lers soeurain Seigneur, et á Tresilustre dame, ma Dame Katharine de Medicis, la Royne son espouze, lors de leur triumphant ioyeulx et nouvel aduenement en icelle ville, qui fut es iours de Mercredy et ieudy

premier et secôd d'octobre, mil cinq cens cinquante, et pour plus expresse intelligence de ce tant excellent triumphe, les figures et pourtraicts des principaulx aornementz d'iceluy y sont appossez chascun en son lieu comme l'on pourra veoir par le discours, de l'histoire. Avec privilége du Roy. On les vend á Rouen chez Robert le Hoy Robert et Jehan dictz du Gord tenantz leur botique, au portail des libraires. "

Ferdinand Denis faz acompanhar a noticia critica desse singular volume duma teogonia brasileira, extraida dos manuscritos do celebre André Thevet, conservados na Biblioteca Nacional de Paris. Essa teogonia é sobremaneira curiosa, mesmo porque nada do que dela consta se encontrará na obra mais conhecida do mesmo Thevet : *Singularitez de la France Antarctique*, e que faz parte unicamente da sua formidavel *Cosmographie Universelle.* Nessa parte, intitulada *De la legére croyance des sauvages austraux*, lê-se isto : "Or disent ils que pour l'esgard de ce second Monan qui estoit admirable entre les hommes, desja fort multipliés sur terre, ceux qui faisoient quelque chose de plus granda et merveilleux que les autres estoient appelés différemment Maires, comme heretiers et successeurs de Maire-Monan". A proposito deste trecho, Ferdinand Dénis dá esta erudita nota : "Nous l'avouerons, nous avons cherché vainement, et dans les meilleurs lexiques guaranis ou brésiliens, une définition précise du mot "maire" ou "mayre", qu'on rencontre si frequemment dans nos vieux voyageurs françois, et qui désigne un "être d'une nature supérieure". On trouve dans Vasconcellos, á propos de la légende de Sumé, ou si on l'aime mieux de Saint Thomas, une explication de ce terme. Nous la reproduisons, sans affirmer qu'on puisse l'admettre. La trace des pieds de l'apôtre marquée sur une pierre étoit désignée encore vers le milieu du XVIIeme., sous le nom de "Mairapé", le chemin de "l'homme blanc".

Ruiz de Montoya explique ainsi ce mot : "maô" qu'es-ce ? qu'y a-t-il ?

Il indiquerait sous cette forme un être mystérieux qu'on ne saurait bien définir".

Aqui já nos surge o Apostolo confundido com um individuo misterioso e branco (semelhante ao Quetzalcoatl dos mexicanos, ao Zamna da America Central, ao Bochica da Colombia e ao Cuculcan dos Maias), que o espirito cristão do descobridor, do bandeirante, do missionario ou do cronista vai logo, sem tardança e sem maior exame, identificando com S. Tomé.

A' pagina 87 (op. cit.), Thevet fala do grande pagé divino Sommay, progenitor de Tamendonaré. Ferdinand Denis propõe adeante, numa apostila :

"Dans ce mot, sans doute alteré, peutêtre faut-il reconnoitre Tamoi, le grand-pere, le génerateur des peuples, ou le Sumé de Vasconcellos". Chama-se a isto vulgarmente "conta de chegar", e com muito bôa vontade. Como poderia Sumé ser o apostolo S. Tomé, quando ele é, segundo aí está escrito, o pai de Tamendonaré, o Timandonar de Figueira, o Temenduaré de Simão de Vasconcellos e de Villegaignon, o Tamandaré lendario, Noé barbaro do diluvio brasilico ? Denis afirma que esse personagem lendario "branco e barbado", parece com o Quetzalcoatl mexicano, o Viracocha do Perú, o Bochica da Nova Granada, o Manco Capac peruano, todos mitos solares, e que Thevet o considera como oferecendo perfeita identidade com o apostolo, acrescentando que as suas pegádas frequentemente se encontram gravadas em rochas no litoral brasileiro.

Na *Voyage dans l'Amérique Méridionale*, de Alcide d'Orbigny, encontram-se referencias a proposito da celebração dos ritos de Tamoi entre os indios guaraios, que o conjuravam para novamente descer á terra, afim de ajuda-los, como outrora fizera. Talvez esse nome de Tamoi, prestando-se a uma confusão fonica e designan-

do uma personagem divina, ás vezes indentificada com Sumé ou Sommay, o legislador branco e barbado, outras assemelhada ao Tamandaré do diluvio, fôsse "magna pars" na curiosa origem dessa velha lenda da chegada do apostolo S. Tomé ás terras americanas e especialmente ás regiões do Brasil.

O padre Yves d'Evreux escreveu um livro em dois tratados: *Histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan és années 1613 et 1614*, que foi publicado em 1615, com privilegio real, como era de habito, por François Huby, "rue Saint Jacques á la bible d'Or et en sa boutique au palais en la galerie des prisonniers". Ha um exemplar dessa obra rara na Biblioteca Nacional de Paris e por ele se fez, sob a direção de Ferdinand Denis, uma edição moderna, in-12, em 1864, na livraria A. Franck de Albert L. Herold, Leipzig e Paris.

Conta Yves d'Evreux que, após ouvirem as predicas religiosas dos missionarios, os indigenas maranhenses diziam que, segundo uma das suas velhas tradições transmitidas de pais a filhos, outróra viera entre eles um grande "Marata" de Tupan, isto é, um Apostolo de Deus, que lhes ensinou muita cousa, inclusive o aproveitamento da mandioca. Como as gentes não escutassem com fervor suas predicas, resolveu ir embora, mas deixou gravadas nas pedras por onde passou as suas pegádas, fugindo para as terras de alem mar.

Eis aí mais um testemunho da lenda identica á de Quetzalcoatl entre os nossos selvicolas. Ferdinand Denis acha que a palavra Marata é alteração do vocabulo Mair empregado por Léry e Thevet.

Yves d'Evreux narra mais que, uma feita, deu estas explicações acerca das imagens dos doze apostolos aos indigenas: eles eram os "Maratas de Tupan", que, após a ascenção ao céu do filho e mensageiro de Deus, se espalharam por toda a terra, pregando a doutrina da Verdade e combatendo, por todos os meios, o

poder de Jurupary (ele escreve Giropari) — o diabo. "Et choisissant Sainct Barthelemy, il le luy montray disant : Tien, voilá ce grand "Marata" qui est venu en ton pays, duquel vous racontez tant de merveilles que vos péres vous ont laissé par tradition. C'est luy qui fit inciser la Roche... C'est luy qui vous a laissé le Manioch..."

Vê-se por aqui como estavam os missionarios dispostos a encontrar similitudes entre suas crenças e as tradições americanas. O "marata" Sumé, que outros identificaram a S. Tomé, o padre Evreux achou melhor aproximar de S. Bartolomeu...

Varnhagen fala, no tomo I, pagina 136, da *Historia Geral do Brasil*, dessa curiosa lenda que veiu até nós, e em Madrid, no anno de 1855, segundo F. Denis, se publicou o seguinte folheto : *Sumé. Lenda mytho-religiosa americana*, etc., agora traduzida por um paulista de Sorocaba.

Recentemente, louvando-se nessa farta documentação, Donnelly escreve, como si se tratasse de fato comprovado pela critica historica, que Sumé veiu para a America, do Oriente, pelo oceano, que tinha poder sobre os elementos, caminhava sobre as aguas e ensinou aos povos barbaros a agricultura e a magia.

Terminando nosso estudo, não podemos deixar de transcrever trechos da excelente nota de Ferdinand Denis contida nas paginas 449 e 450 do volume da nova edição de Yves d'Evreux. Ela aclara quasi definitivamente a questão : "La légende brésilienne a transmis d'ãge en ãge le récit des perégrinations de deux prophétes fort distincts... qu'elle nomme tour á tour Tamandaré et Sumé. Comme Boudha, la dernier a laissé l'empreinte d'un de ses pieds sur la roche vive lorsqu'il a quité la terre... En préférant la tradition qui accorde l'honneur d'avoir évangelisé les peuples lointains á Saint Barthelemy, le P. Yves d'Evreux fait preuve de

la consaissance des sources. Au rapport d'Eusébe, en effet, cet apôtre voyageur avait penetré jusqu'á l'extremité des Indes... La légende contraire a prevalu au Brésil, comme elle a prevalu surtout aux Indes... Lés traces du pied de St. Thomas étaient visibles... au nord du port de St. Vincent non loin de la ville. Ces traces de deux pieds nus merveilleusement empreints sur la pierre étaient parfois cachées par l'eau. Le rélígieux franciscain Jaboatan retrouve ao récif devant Pernambuco les saintes empreintes; cependant dans cette seconde version de la légende ou ne voit apparaitre qu'un tout petit pied, comme celui d'un enfant de cinq ans, et le pieux narrateur suppose que c'est celui d'un jeune compagnon de l'apôtre. On ne se contente pas de reconnaitre ces traces fameuses sur plusiers points du littoral... on fait pénétrer résolument le saint voyageur dans l'intérieur du Brésil, et lá, il inscrit sur la roche en caractéres gigantesques l'histoire de sa mission. Il ya á Minas Geraes un village auquel on a donné son nom, c'est "São Thomé das Lettras..."

Dessa lenda curiosissima fala, tambem, documentada e longamente, Simão de Vasconcelos, nas suas *Noticias do Brasil.*

Abeberou-se decerto na noticia que o padre Manoel da Nobrega dá do Zomé, de que tratavam os indios, e que Southey, com o atilamento dum verdadeiro folclorista compara ao Zemi dos haitianos, "divindade" ou melhor "homem divinizado".

Do estudo que acabamos de alinhavar resultam as seguintes conclusões, de natureza absolutamente folclorica: primeira, existiu entre os povos que habitavam a America uma vetusta lenda da vinda de cilvilizadores misteriosos, brancos e barbados: Quetzalcoatl, Cuculcan, Zamna, Bochica, Viracocha, Manco Capac, Sommay ou Sumé, Mair ou Marata, Tamoi e Tamandaré; segunda, os descobridores, povoadores e missio-

narios aplicaram essa lenda ás suas crenças, identificando essas personagens com seus santos e apostolos.

Entretanto, não se deve despresar a informação de alguns historiadores de que no ano de 1121 Erik, bispo normando da Groenlandia embarcou para a parte setentrional do continente americano, onde havia estabelecimentos de seus patricios. Teria ele levado religiosos que penetrassem, depois, nas terras desconhecidas em catequese ?

FONTES BIBLIOGRAFICAS

AGOSTINHO (SANTO) — *Cidade de Deus.*
BARROS (JOÃO DE) — *Décadas da Asia.*
BECERRA TANCO — *Felidade de Mexico.*
BURGÔA — *Discripción geografica.*
CALANCHO — *Cronica moralizada de los ermitanos de San Augustin.*
CARNOY — *Traditions de l'Asie Mineure.*
CHARNAY (DESIRÉ) — *Les anciennes villes du Nouveau Monde.*
CHARTON — *Voyageurs anciens et modernes.*
CRAIGIE (W. A.) — *Scandinavian folk-lore.*
CRISÓSTOMO (S. JOÃO) — *Vida monastica.*
COUTO (DIOGO DO) — *Décadas.*
DENIS (FERDINAND) — *Une fête brésilienne celebrée a Rouen en 1550.*
DEVIGNE — *L'Atlantide.*
DHORME — *La religion des assyro-babyloniens.*
DONNELLY (IGNATIUS) — *Atlantis : the antediluvian world.*
DUPAIX — *Antiquités américaines.*
GAFFAREL (PAUL) — *Rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Chrostophe Colomb.*
GARCIA (FREI GREGORIO) — *Origenes de los indios del Nuevo Mudno.*
GARCILASO DE LA VEGA — *Historia de los Incas.*
GOBINEAU — *Essai sur l'inegalité des races humaines.*
GONZÁLEZ SUAREZ — *Historia del Ecuador.*
GREGORIO DE TOURS (S.) — *Histoire Ecclesiastique des Francs.*
GUERRA (D. JOSÉ) — *Historia de la revolución de Nueva España.*
HERVEY DE SAINT-DENIS — *Le pays connu des anciens chinois sous le nom de Fou-Sang.*
ISIDORO — *Vida e morte dos santos.*
JABOATÃO — *Novo orbe seraphico.*
JERÓNIMO (S.) — *Epistolas.*
JOMARD — *Les antiquités américaines au point de vue de la geographie.*

LOPHAW — *Antiquities of Wisconsin.*
LAS CASAS — *Historia de las Indias.*
LECLERC — *Relation de la Gaspésie.*
LE DAIN — *L'Inde Antique.*
LUBBOCK — *Prehistoric Times.*
LUNET — *Le Siam et les siamois.*
MENDIETA — *Historia ecclesiastica indiana.*
MONTENEGRO — *Itinerario para párrocos de indios.*
MONTOYA — *Conquista espiritual del Paraguay.*
ORBIGNY (ALCIDE D') — *Voyage dans l'Amérique Méridionale.* — — *L'homme américain.*
OROZCO Y BERRA — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
OVALLE (ALONSO DE) — *Historica relación del reino de Chile.*
PRESCOTT — *History of Mexico.*
RAFN — *Antiquités américaines.*
REEVES — *Wineland the good.*
SANDOVAL — *Historia de Ethiopia.*
SEBILLOT — *Litterature orale de l'Auvergne.* — *Gargantua dans les traditions populaires.*
SOLORZANO — *Jure indiarum.*
SOUTHEY — *History of Brazil.*
THEVET — *Singularitez de la France Antarctique.*
TORQUEMADA — *Monarquia Indiana.*
TRIANA (MIGUEL) — *La civilisación chibcha.*
VARNHAGEN — *Historia geral do Brasil.*
VASCONCELOS (SIMÃO DE) — *Noticias do Brasil.* — *Cronica de la provincia del Brasil..*
VEITYA — *Historia antigua de Mexico.*
VORAGINE (JACQUES DE) — *La légende dorée.*
YVES D'EVREUX — *Histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan.*

Os ciganos

ENTRE os povos que habitam a terra, nenhum tem despertado mais viva curiosidade e provocado maiores discussões, a respeito de sua origem, do que os ciganos.

Desde muitos seculos eles vaguêam pelo mundo inteiro, passando por entre as outras raças sem se misturarem, conservando mais ou menos sua lingua, seus habitos e seus costumes curiosos.

Homens e mulheres, ou *Roms* e *Juwas*, como a si proprios se chamam, professam profundo desdém pelo resto da humanidade e carregam sob os seus farrapos multicôres mais pretenção do que um rei debaixo do seu manto de purpura.

Não se sabe de onde veem, nem para onde vão. Seu berço e sua finalidade entre os povos são misterios indecifraveis. Nunca se soube o que queriam, o que desejavam. Passam, e, ás vezes, voltam. Não teem destino certo e desconcertam quem os observa e os estuda pelo segredo imenso que os envolve.

Para Jean Aicard, essa grei selvagem e primitiva aparece entre os civilizados como estes eram em longinquo passado. E o ilustre escritor do *Roi de Camargue* exclama : "Os ciganos são os fantasmas de nós mesmos !"

Conforme as terras que atravessam e as linguas com que têm contato, chamam-lhes boemios, gitanos, zin-

cali, zingari, zigeuner, zinganes, tziganes, ciganos, gipsios, romani, romichals.

Para alguns autores, vêm do Egito ; para outros, da India. As suas tradições falam do seu antepassado Çudra, vencedor do dragão. Çudra ou Sudra é o servo indú. E, assim, parece que essas tribus saíram da ultima casta do Indostão.

Seu primeiro aparecimento, na Europa, segundo parece, fez-se pelo vale do Danubio. Xenopol, o historiador dos romenos da Dacia Trajana, registra a sua existencia nas regiões moldo-valacas, como escravos sujeitos a um regime de ferro. Varios documentos dessa época e posteriores, como uma crisobula de Estevam Duchan, rei dos servios, que dava a um mosteiro varias familias zingaras escravas, provam as asserções do historiografo. E sómente em 1785 o "sobornicexul-chrysov", decreto de bula de ouro, de Alexandre Maurocordato, melhorara a sorte desses infelizes.

João Bento Scherer, nas *Recherches historiques et geographiques sur le Nouveau Monde*, anotou uma origem diversa para os ciganos, com visos de verdade e curiosissima. Diz ele, em resumo, que todos os povos compreendidos sob a designação geral de *esclavões :* polonos, vendes, croatas, bosniacos, dalmatas, e russos, deram a si proprios o titulo de slavos, palavra originaria da velha lingua esclavonica, que quer dizer *gloria* ou *bravura.* Anteriormente, porém, seu apelido era Czighi (pronunciar Chigui) e habitavam o Caucaso. De todos esses povos, descendentes de um tronco comum, unicamente os boemios conservavam o nome primitivo, modificado em Czechi ou Tcheque.

Deles, afirma Scherer, saíram os nomades, que os francêses denominam boemios, os alemães zigeuner, os italianos zingari e os espanhois gitanos.

O viajante judeu Benjamin de Tudela diz que os esclavões das regiões danubianas vendiam grande nu-

mero de seus filhos aos povos vizinhos. Saladino, o grande sultão do Egito, querendo, no seculo XII, fundar uma milicia semelhante aos Janizaros da Turquia, comprou muitas dessas crianças, que mandou educar na religião mahometana. Depois deu-lhes excelente instrução militar, formando com eles a sua guarda. O povo apelidou-os Mamelucos, o que significa *escravo comprado*, do verbo *malak*, comprar, adquirir, apropriar-se.

Esses Mamelucos, continua Scherer, eram desta sorte verdadeiros czighi ou czech ou tcheques. A sua influencia deu-lhes grande poder no Egito, de onde, muitos, conforme o que asseguram Bergeron, no seu *Abregé de l'histoire des Sarrasins*, e Etienne Pasquier, nas suas *Recherches sur la France*, emigraram para o ocidente europeu, especialmente após a perseguição que no seculo XVI lhes moveu o sultão Selim. E, da sua alcunha gentilica de Czichi ou Czechi, vieram os termos *zigeuner*, *zingari*, *tzigane*.

Da significação verdadeira dessa palavra Czighi saíu a expressão boemios ; e da corruptela de egipcios, a de gipsios.

Apezar dessas *recherches* de Scherer e das de outros muitos sabios e eruditos, a opinião mais geral é ainda a que afirma a origem indú dessa gente errante, baseada sobretudo na sua lingua.

O grande linguista austriaco Miklovich estudou profundamente o dialeto dos ciganos e chegou á conclusão de que, retirando-lhe os termos adquiridos na convivencia com outros povos, o seu fundo glotologico é, em verdade, um prakrito muito corrompido.

Ora, o prakrito é a lingua mais diretamente derivada do sanskrito, isto é, não passa de um sanskrito vulgar, estando para esse como o latim barbaro estava para o latim puro.

Jacolliot, no seu livro *Traditions Indo-Européennes*, diz o seguinte : "Pendant longtemps on a fait venir

de l'Egypte ces bandes errantes appelées en France tsiganes ou bohémiens, en Angleterre gypsies, en Suéde et en Danemark tartares, en Espagne gitanos, en Allemagne zigeuner, en Italie et en Turquie zingari, mais l'étude de leur langage les a rattachés á la grande famille indoue; il a même été possible en examinant l'état present de leur lexique au point de vue des eléments étrangers qui s'y rencontrent, de tracer la route qu'elles on parcourue de l'Inde en Europe".

Segundo os especialistas no assunto, esse caminho foi o seguinte: partindo da India, pelo Indus, atravessaram a Persia, a Armenia, a Asia menor, a Grecia, a Romenia, a Hungria, a Boemia, a Moravia, a Alemanha, a Polonia, a Lituania, a Russia, a Scandinavia, a França, a Italia, a Inglaterram a Escocia, os Países Baixos, a Espanha, e Portugal.

Daí passaram para a America e para o Brasil especialmente para o Ceará, onde varias de suas tribus foram despejadas por ordens regias ao tempo do grande Marquês de Pombal. E nesse fato muitos querem ver a fonte do espirito errante, do carater nomade, da alma andeja dos filhos da Terra de Sol.

Em favor da tese da origem indú dos ciganos, militam melhores elementos. O poeta Firdusi conta no Schah-Nameh que o rei persa Bahran Gur, o Varanes dos gregos, fez vir os *luris* da India. Pela descripção que deles faz, bem se vê que não podem ser sinão ciganos. Tendo recebido uma carta de seus servos da India, queixando-se da dureza da vida, mandou que trouxessem para o Iran dez mil deles, homens e mulheres habeis em tocar o alaude. "Quando os *luris* chegaram, o rei os recebeu e a cada um deu um boi e um asno, porque queria fazer deles agricultores. Mandou entregar-lhes, pelos seus perceptores de impostos, mil cargas de trigo, pois deviam cultivar a terra com os asnos e bois, empregar o grão como semente e produzir

bôas colheitas, tocando musicas gratuitamente para os pobres em retribuição desses favores. Os luris partiram, comeram os bois e o trigo, e ao cabo de um ano voltaram á presença do soberano, palidos e magros. O rei disse-lhes : — Não devieis ter dissipado as sementes que vos dei, o trigo nascido e a propria colheita. Agora só vos restam os jumentos, carregai-os com vossas bagagens, preparai os vossos instrumentos, encordoai-os de sêda e ide ! Ainda hoje, obedecendo ao justo mandado, os luris erram pelo mundo inteiro, procurando a sua vida, companheiros de abrigo e caminhada dos cães e dos lobos, sempre a furtar noite e dia, estradas em fóra".

Segundo Vaillant, que os estudou a fundo, eles vêm do país de Mul-tan, isto é, do país da raiz, que identifica com o Pendjab indú. Chamavam-se outrora Zaths. Sua cosmogonia fazia tudo nascer do Tohu-Boút, cáos ou limo. Adoravam o sol Isa-Kris saido de Maha Maria, da Grande Maria ou oceano celeste. E fôram ter á Fenicia, levando consigo sua grande divindade As-taroth. Suas tradições rezam que seu livro é o céu, as letras as estrelas, os anjos o brilho dos astros, os prophetas as estações e os meses, os sacerdotes o sol e a lua, o templo o mundo e Deus a luz. E o proprio Desbarrolles, quando faz esses *Romes* ou *Romichals* descendentes dos antigos padres de Cibéle, deusa da terra, ainda se reporta á tradição indú que os considera como os filhos da terra, os rebentos do país da raiz, os representantes da raça mais antiga do globo.

Outros eruditos querem que sejam os derradeiros remanecentes dos atlantes. Têm do povo da lendaria Possidonia a côr acobreada e escura, os olhos negros penetrantes, ás vezes o cabelo afogueado, a esbeltesa do porte, o corpo anguloso, todo musculos, como o dos representantes da raça vermelha primitiva que figuram nos baixo-relevos faraonicos. Ha quem ache na sua

fala raizes do basco, do osco vetusto e do bérbere primitivo, do *barbarophonoi* a que já se referiam os antigos gregos, linguas essas que são tidas por descendentes da que se falava no continente perdido. Assim, os identificam aos Masinti citados pelos egipcios, afamados pela sua maestria em trabalhar os metais, sobretudo o bronze e o cobre, bem como por suas artes magicas. E fazem notar que ainda as praticam os ciganos e que ainda trabalham os metais com habilidade, especialmente o bronze e o cobre.

Estará o misterio dos zingaros envolvido no grande misterio da abismada ilha de Platão, maior que a Libia e a Asia reunidas ?

FONTES BIBLIOGRAFICAS

Aicard (Jean) — *Roi de Carmague.*
Bergeron — *Abregé de l'histoire des sarrasins.*
Desbarrolles — *Les mystéres de la main.*
Devigne — *L'Atlantide.*
Firdusi — *Le livre des rois.*
Jacolliot — *Traditions indo-européennes.*
Lenormand et Chevalier — *Histoire ancienne de l'Orient.*
Ohsson — *Histoire des mongols.*
Papus — *Traité methodique des sciences occultes.*
Pasquier — *Recherches sur la France.*
Reinach (Salomon) — *L'origine des aryens.*
Scherer (Jean Baptiste) — *Recherches historiques et géographiques sur le Nouveau Continent.*
Tudela (Benjamin de) — *Travels in Palestine.*
Vaillant (J. A.) — *Les Romes — La Bible des bohémiens.*
Xenopol — *Histoire des roumains de la Dacie Trajane.*

A Aguia Mexicana

QUASI todos os paises livres nascidos no continente americano crearam para as suas bandeiras e brazões simbolos de acôrdo com a heraldica de sua ascendencia européa. O Brasil assim os teve muito tempo até que a influencia positivista dos primeiros anos da Republica os aboliu, roubando-nos a esfera armilar — signo da expansão da Raça sobre o oceano — e dando-nos em lugar dela um globo constelado com letreiro... Mas, entre as nações do continente de Colombo uma unica foi fiel no seu pendão nacional ás tradições dos seus avós de sangue vermelho, tendo guardado o escudo dos seus indigenas de preferencia ao dos seus colonizadores castelhanos.

Essa patria foi o Mexico. Seu brazão é uma aguia negra que devora uma serpe, embora pousada nas palmas espinhentas dum cactus. Emblema de sua vida nacional prenhe de dificuldades, em que para vence-las o seu heroico povo tem combatido com o bico os dragões, embora os pés estejam a sangrar dos nopais da caminhada ! Emblema que lhe foi legado pela gente civilizada que fundou nas aguas dum lago a Veneza Mexicana, que entre as rivalidades dos vizinhos ergueu aos poucos o soberbo trono de ouro do imperio de Anahuác.

Ele nasceu duma profecia antiquissima dos oraculos do povo azteca, quando esse descera do norte para

as regiões do Mexico, migrando por monte e vale em busca de terras onde pudesse melhor viver.

Então, conta Perez Verdia, no seu *Compendio de la Historia de Mexico*, o deus Hultzilopochtli, por meio dos sacerdotes oraculares, preveniu aos aztecas que só deviam fixar residencia definitiva no lugar onde encontrassem "una aguila sobre un nopal devorando una serpiente". Apoz 165 anos de fatigante e perigosa peregrinação, aquela tribu errante viu, emfim, num ilhéu do lago de Texcoco, a ave anunciada e na posição prescrita. "Ese dia fué en opinión de Siguenza el 18 de julio, correspondiendo al ano de 1325, segun el Codice Mendocino ; y edificaron una capilla al dios, estableciendose en sus contornos, dandole á la nueva poblacion el nombre de Tenochtitlán, que significa *lugar del tunal sobre piedra*, ó Mexico, *lugar de Mexitli*, que era el nombre que daban tambien a su dios Huitzilopochtili", dividindo a nova povoação, toda de choças de taipa e telha, em quatro bairros, como Romulo e Remo dividiram a Roma primitiva.

Procuremos a respeito opiniões mais abalisadas do que as do autor citado. Orozco y Berra, depois de falar no grande legislador Aacati, o Moisés americano, que imprimiu ao primeiro grupo azteca um novo nome e um "distintivo peculiar", afirmando-lhe que Deus falava com ele pela sua bôca e legando-lhe tão profundo sentimento de nacionalismo que a conquista, a colonização e os seculos não puderam apagar, conta de modo diverso a origem da aguia heraldica do Mexico. Diz que esse hieroglifo se prende a uma lenda que talvez se refira ao primeiro conflito entre os sacerdotes e as sacerdotizas, certamento quando os primeiros tentaram afasta-las do culto. Em abono do que afirma, cita a fabulosa historia da grande feiticeira Quilaztli, que tomava a fórma do animal que queria, e vinha com a primeira migração de aztecas do Setentrião. Uma

feita, andavam caçando os capitães Mixcoatl e Xiuhsel, e avistaram uma aguia pousada sobre grande cardeiro. Quizeram frecha-la e ela assim falou : "Para burlarlos, capitanes, basta lo hecho, no me tireis que yo soy Quilaztli, vuestra hermana y de vuestro pueblo. Enojaran-se los capitanes de que les hubiese burlado, y dijéronla que era digna de muerte por la burla que les habia hecho. Ella les respondió que si querian matarla que hiciesen su poder, mas que algun dia se los pagarian ; ellos no la respondieron y fueron-se y ella se quedô en su arbol..."

Esse encontro, acontecido durante a epopéa da migração da tribu azteca, dá nova feição á origem do brazão mexicano, porém aumenta as provas da sua antiguidade e da sua significação profundamente nacional Essa aguia está pintada numa das laminas do famoso Codice Mendocino. Nele, lord Kingsborough a interpretou como significando o facto dos mexicanos emigrantes, arrojados para o lago pelas tribus vizinhas inimigas terem alí encontrado uma grande pedra num ilhote, onde uma aguia fizera seu ninho.

Garcia Izcabalceta tirou das paginas do *Conquistador Anonimo*, uma descrição do brazão que o mesmo assegurava ter visto e bem notado sobre a porta de entrada do paço do imperador Montezuma. De acôrdo com esses dados, Orozco y Berra escreve textualmente : "A la puerta principal estaba el escudo de armas y era el mismo de las banderas de Motecuhzoma : consistia en una aguila haciendo presa con las uñas en un tigre".

Aqui a aguia mexicana subsiste sempre, mas sua presa em lugar de uma cobra é um tigre. Talvez Montezuma tivesse modificado um pouco, no seu reinado, o brazão nacional ; talvez o cronista anonimo se tivesse enganado ou tivesse querido dar nova interpretação ás figuras simbolicas que via. Nada tão possivel. O proprio *anonimo* quis vêr nessa aguia uma bêsta quasi

fabulosa. Escreveu : "Algunos dicen que es grifo y no águila afirmando que en las sierras de Teuacan ha grifos y que despoblaron el valle de Auacatlan, porque comian a .los moradores. En confirmación de ello dicen que aquellas sierras se llaman Cintlachtepec, de Cintlochtil que és grifo como leon".

"Que tanto é grifo como leão", esta frase diz tudo áqueles a quem o manuseamento do vasto folclore da humanidade tem provado que, na maioria, as lendas nascem de fatos verdadeiros mal interpretados e que grande parte dos bichos fantasticos da antiguidade classica surgiu do que relataram os viajantes acerca de animais cujas fórmas eles haviam visto mal nos longinquos paises percorridos. Entretanto, Motolinia conta o seguinte que ajuda a nossa tese acima : "Estos grifos en figura de grandes águillas que á los hombres se llevaban en las garras, nos parece referir-se al condor, confiɴado hoy á ciertas comarcas montanosas de la America del Sur". Mas, nas suas *Decadas*, Herrera afirma a existencia dos grifos : "En esta sierra he tenido noticia de grifos los cuales dicen que hay en unas sierras grandes, que están quatro ó cinco leguas de un pueblo que se dice Tehuacan, que és hacia el Norte y de alli bajaban á un valle llamado Ahuacatlan... y se llevavan en las uñas los hombres hasta las sierras adonde se los comian".

A nós, no emtanto, pouco importa que a aguia fôsse grifo ou não, que em suas garras estorcegasse uma vibora ou um leão puma, que suas unhas potentes se dilacerassem nos espinhos dum nopal ou se apertassem sobre as asperas rochas dum ilhéu ; que nela se tivesse transformado a feiticeira ou que tivesse sido o simbolo oracular da fundação da Roma veneziana do lago de Tezcoco. O que nos importa é que esse signo tremulou sobre as tropas de Ilhuicamina, levando-as á vitoria, que esse brazão encheu o timpano das portas de

entrada dos paços dos imperadores aztecas, que esse hieroglifo exprimiu sempre a alma inconfundivel da nação que os arcabuzeiros de Hernan Cortez destruiram, sem poder acabar com o seu profundo nacionalismo, que fez com que o Mexico de hoje seja sempre essa aguia valerosa : pés dilacerados nos cactus das convulsões internas, mas bico sempre pronto a lutar contra as serpes daninhas dos imperialismos que ousem ataca-lo ! Esse brazão mexicano é um simbolo tão completamente nacional pelo seu folclore, que é quasi uma historia, pela sua historia, que é quasi um folclore, que faz verdadeiramente inveja, ainda maior, áqueles cujo país, em vez de procurar na raça européa ou nas tradições dos aborigenes o signo inconfundivel do seu sangue e do seu destino, aceitou sem protesto e usa com indiferença a marca que lhe impôs uma seita, sem raizes na lenda e na historia, na alma do povo e na vida nacional.

FONTES BIBLIOGRAFICAS

GARCIA IZCABALCETA — *El conquistador anónimo.*
HERRERA — *Decadas.*
KINGSBOROUGH — *Antiquities of Mexico.*
OROZCO Y BERRA — *Historia antigua y de la conquista de Mexico.*
SAHAGUN — *Historia de las cosas de Nueva España.*
STREBEL (H.) — *Alt-Mexico.*
TORQUEMADA — *Monarquia Indiana.*
VERDIA (PEREZ) — *Compendio de la historia de Mexico.*

Primeira exploração do Ceará

ESVOAÇANDO nos penóis das pesadas e bojudas náus de guerra, farfalhando sobre aguerridos terços de celebre infantaria, a bandeira aurea-rubra de Castela dominava altaneira do golfo azul de Napoles ás areias do cabo Sable, dos verdes arquipelagos do mar de Colombo aos lhanos selvagens da Patagonia. Reinava, então, faustosamente, em Valhadolid, Filipe III de Castela e Aragão, II de Portugal. Numa época de desanimo e entibiamento popular, este vira, quasi imovel, o fero Duque d'Alba esmagar-lhe a liberdade no triste recontro de Alcantara. O Prior do Crato, heroico e proscrito, refugiára-se nos algares da ilha Terceira e Miguel de Vasconcelos, cercado de flandrinos e tudescos, com a Duquesa de Mantua por um braço e o Primaz de Braga por outro, viera exercer tirania e vingança nos velhos paços da monarquia portuguesa.

Seu ultimo representante, moço de educação fradesca, para uns tarado, psicopata, para outros um puro sonhador, desaparecera num torvelinhar de albornozes entre almogaures bérberes, na rasgada planicie de Alcacer-Quibir.

O gigantesco imperio das Espanhas, caído das mãos do imediato sucessor do DEMONIO DO SUL, perdera já a Germania, a Austria e as Flandres, e não disputava mais aos francêses o Rossilhão e o Milanês; entretanto, ainda era quasi o mundo seu imenso ter-

ritorio, ainda possuia as Duas-Sicilias por herança e as Duas Americas por conquista, ainda o sol se não punha nos seus estados. Poder imenso que bruxoleou seculos! Grandesa imortal manchada pelo sangue de Incas e Aztecas, pelas infamias dos Conquistadores, pelas execuções dos condes holandêses e pelas fogueiras dos Autos da Fé!

Em troca do que perdera, Espanha adquirira, com o reino lusitano, o Brasil, as Indias e as Guinés.

Nesse tempo, sob o dominio espanhol, partiu da Paraíba, com destino ao Ceará, a expedição de Pero Coelho de Sousa.

* * *

Então, ainda se expandiam os neo-latinos, havia o delirio das aventuras, a febre das conquistas, a vertigem do desconhecido e a atração dos paises ignotos; ainda se combatia pela fé e ainda se acreditava no El-Dorado. A carencia de meios de vida lançava fóra de seus habitats os povos do ocidente europeu; novos produtos resultavam de novas exigencias do comercio e tambem exigiam novas fontes de produção e novos centros de mercancia.

Portugal, nesga de terra entre a Espanha e o Atlantico, atraído pela sedução do Oceano, lançou-se aos descobrimentos maritimos e, depois, ás consequentes explorações parciais das terras descobertas. Assim, a exploração do Ceará foi um dos ultimos desdobramentos da expansão portuguesa em terras novas do Brasil. Os lusos tinham fundado estabelecimentos até Natal, no Rio Grande do Norte, e descido do Maranhão, posteriormente ocupado pelos diepêses, até as margens do Punaré, hoje Parnaíba. Mas a região que ficava de permeio era quasi inteiramente ignorada. Raros

navegadores haviam tocado, por acaso, em pontos avulsos da sua arenosa e desabrigada costa.

* * *

Pero Coelho de Sousa era do numero dos aventureiros que a sêde de riquesa atirava á face dos paises americanos. Ajudára Frutuoso Barbosa a colonizar a Paraiba, e, nessa empreza, quasi dera fim a seus parcos cabedais. Pobre, não tendo usufruido naquela primeira tentativa lucro algum, sorriu-lhe, como meio de rehaver os escudos perdidos, a exploração das terras abandonadas alem do Jaguaribe.

Com esse fim, partiu da Paraíba, em Julho de 1603 (ignora-se o dia), sob um sol ardentissimo, encetando confiante aquela marcha que pensava levar sua bandeira á fortuna e que deveria conduzir todos a cruel martirio. Trazia o que pudera arranjar em tão priscas eras, num nucleo colonial exiguo e pauperrimo, como era a capitania paraibana, com sua limitada pecunia : sessenta e poucos soldados portuguêses e duzentos auxiliares indigenas, todos bons frecheiros, comandados por seus morubixabas. Entre os primeiros, um foi aquele que Alencar cantou na Iracema, o verdadeiro fundador do Ceará, Martim Soares Moreno. Os segundos eram Tabajaras, senhores das aldeias, e Petiguaras, ou Potiguaras, comedores de camarão, aliados de pouca amizade e menor gratidão, tentados pelas promessas de pilhagem e matança.

Como aos olhos dos Fernãos Dias Pais Leme rebrilhava a ilusão atraente da imensa Vupabussú, faúlhante de esmeraldas, os bandeirantes da Paraíba, imaginavam encontrar nas encostas da cordilheira da Ibiapaba, a dar credito aos informes dos selvicolas, fartura de ouro. Identica noticia chegára ao Maranhão e

um grupo de francêses, comandados por um tal Montbille, já se achava na Serra Grande, procurando riquesas minerais e carregando pau-brasil, de parceria com o gentio.

Chegando á embocadura do Jaguaribe, os portuguêses receberam viveres e munições, vindas até alí em barcos. Arrebanharam mais algumas tribus que demoravam pelos cajueirais da costa e sómente fôram repousar mais a gosto no logar que os indios denominavam Siará ou Seará.

* * *

Não se sabe quanto tempo levou Pero Coelho do Siará, onde posteriormente existiu a Vila Velha, embocadura do rio Ceará, não muito adeante de Fortaleza, até a Ibiapaba. Sabe-se, porém, que lá chegou e foi recebido, logo nas primeiras faldas, pelos gaulêses e seus companheiros indios a sibilos de frechas e tiros de arcabuz. Os lusos repeliram os atacantes e, senhores do terreno, construiram um acampamento entrincheirado, no qual sofreram varios assaltos improficuos, embora passassem privações, alimentando-se com a carne dos ultimos cavalos que lhes restavam, escapos ás fadigas da árdua travessia desde a Paraíba.

Certa manhã, os francêses que os sitiavam pediram para parlamentar. Aceitaram os bandeirantes o recado. Era onerosa proposta de rendição. Recusaram-na. Ao entardecer, os diepéses efetuaram ataque tão violento que só foi repelido á custa do sangue de dezesete soldados.

O capitão, cujo animo se não abatia deante de perigo algum, resolveu fazer desesperada sortida. No

dia seguinte, cêdo, saíu por um lado com um troço da bandeira, emquanto Manuel de Miranda saía por outro com segundo grupo. Os dois destacamentos encontraram-se num respaldo mais alto da serra, deante dum entrincheiramento inimigo. Por trás das estacadas, fervilhavam os arcabuzeiros e escopeteiros de Montbille, e os guerreiros pardos do morubixaba Irapuan, o famoso Mel-Redondo. Os lusitanos vinham ebrios de desespero e avançaram contra as palissadas, os pelouros e as setas de arma branca. Nada os deteve. Escalaram as trincheiras e picaram a terçado francêses e selvagens. Então, descansaram muitos dias no reduto conquistado, cujo deposito rico de munições de bôca lhes fartou a fome velha.

Mal acabou a carne de caça moqueada e a farinha de mandioca, tornaram a trepar pelas rampas da serra em busca dos inimigos, que os esculcas potiguaras anunciavam estarem perto. Encontraram novo e mais temeroso castro, o do grande, famigerado chefe da Ipiapaba, Jurupari-Assú, o Diabo Grande. A fome aguçava-lhes a coragem e a força moral da primeira vitoria desanimava os adversarios. Meia hora de combate e a fortificação era deles. Os poucos defensores escapos fugiram para as cumeadas da cordilheira, acoutando-se no arraial fortificado de Irapuan, cujos guerreiros haviam sido derrotados no primeiro reduto. Lá estava tambem o grosso da gente de Montbille e ele em pessôa. Era um verdadeiro ninho de aguia, alcandorado numa penha, todo circulado por dupla e alta cerca de ponteagudas estacas.

Olhando-o, a bandeira desanimou. Um nunca acabar de fortificações aquela serra e nada de ouro! Apesar de perdida a esperança das riquesas que se não achavam, apesar da má vontade manifesta dos quadrilhei-

ros e dos auxiliares, Pero Coelho de Sousa ainda dessa vez não desanimou. Cenho carregado, mãos sumidas na grenha hirsuta ficava longamente a um canto, pensando. E toda a gente esperava dele o plano salvador.

* * *

Amanheceu. Sol radioso, apunhalando os granitos micachistosos das escarpas. Clareavam-se as comas altas dos arvoredos, fugindo ao lençol das névoas noturnas. Entre as duas ordens de palissadas do reduto de Irapuan, passeavam sentinelas indianas. Paravam, por vezes, encostadas aos grandes arcos de ipê, punham a mão sobre o rosto tatuado e fitavam os matagais acocorados pelo dorso da montanha. De repente, todas soltaram, ao mesmo tempo, uma expressão gutural de profundo espanto, e retezando os arcos, ficaram imoveis, corpo, gesto, olhar..

No extremo do pequeno planalto que se adeantava ao forte, surgiam imensas e pesadissimas tartarugas, preguiçosa e lentamente rojando pelo chão. Por baixo dos seus cascos luziam metais. As trincheiras cobriram-se logo de guerreiros emplumados e de quadrilheiros diepêses, de couraça e morrião. E despejaram sobre os estranhos quelonios uma chuva de setas e de balas.

Pero Coelho imaginára aquela especie de TORTUGA romana, afim de aproximar-se da estacada sem perder gente e, durante a noite, rapidamente construira de rijas madeiras os fortes cascos sobre que, agora, resaltavam as frechas indias e os projeteis dos brancos. Em alguns, uma grande frecha, cravada na juntura das taboas, festivamente emplumada, tremia no ar aos lentos solavancos da marcha.

Mas a luta foi horrorosa no escalar do entrincheiramento. Brigaram a fogo; a veneno, nas setas herva-

das ; a machado, a punhal, a pedra, a dente ! E os gritos rudes de guerra dos tabajaras, dos petiguaras, dos ipús estrugiam no ar. Fôram horas de horrivel encarniçamento. Por fim, a guarnição fugiu e os portuguêses ficaram para sempre senhores da serra.

* * *

Pero Coelho era inteligente, embora profundamente ignorante. Viu-se metido num bêco sem saída. Ouro nenhum para tentar os companheiros. Lucros, após tanta luta, nenhuns. Não tinha recursos para estabelecer-se ali e explorar o pau-brasil. Apesar de vencedor, o meio vencia-o. Tinha que voltar para trás, ou proseguir a marcha, para sair pelo Maranhão. Mas ali estavam os francêses. Então, a sua ignorancia lhe não deixou ver bem as dificuldades dessa ultima empresa. Envaidecido demasiadamente pelo triunfo obtido, resolveu tenta-la. Transpôs a Ibiapaba com os seus bandeirantes, quasi abandonado pelos auxiliares indios.

Atravessou o rio Punaré. Porém, quarenta leguas adeante, a soldadesca esfomeada e sofredora rebelou-se. Os cabos fôram a sua presença e disseram-lhe que tinham vindo buscar ouro e não o tinham achado, que sómente haviam colhido privações, doenças, combates sem treguas, perigos, estropeamento e a morte, que era temeridade, desmarcada loucura mesmo, atacar os estabelecimentos do Maranhão com uns cincoenta homens mal comidos e mal armados, que voltavam para o Siará e, si ele quizesse conquistar a provincia aos francêses, fizesse-o sozinho.

Impotente, Coelho deu a ordem de retirada.

* * *

Imagine-se em que estado alcançaram a barra do rio Ceará ! Reduzidos a dois terços pela miseria, pela incessante guerrilha com o gentio e pelas enfermidades. Arrastavam-se uns, outros tremiam com febre e outros olhavam quasi indifferentes os beiços rôxos das feridas que começavam a gangrenar !

Custosamente, edificaram ali um arraial a que deram o nome de Nova Lisbôa, e ás terras em volta chamaram Nova-Lusitania. Foi este o primeiro nome que teve o meu torrão natal.

Perdida completamente era a esperança de encontrar riquesas naturais e o capitão, arruinado de todo pela expedição, sómente tinha um meio de refazer o prejuizo : colonizar a terra, tirando da sua lavoura o que lhe negára de melhor maneira. Mas, para isso, necessitava de homens habituados á agricultura, instrumentos, sementes, viveres e munições.

Deixou a guarnição no novo arraial, sob o comando de Simão Nunes, e foi buscar o de que carecia na Paraíba, *pedibus calcantibus*, levando consigo prisioneiros francêses feitos na Ipiapaba e uma récua de indios de Irapuan e Jurupari, escravizados. Vendeu estes e com tal dinheiro pagou viveres e tornou ao Siará, numa caravela, tão confiante e esperançoso, que até trazia mulher e filhos.

A venda dos escravos indigenas, na Paraíba, pervertera-lhe os intuitos. Vira quanto valiam e achou melhor negocio tornar-se vendedor de carne humana do que agricultor. Reenviou a caravela que o trouxera, pejada de escravos. Começou a realizar guerras de corso, para obtê-los. Cada bandeirante seguiu o exemplo do chefe e como, horrorizadas, as tribus que estadeavam nas proximidades do arraial se alongassem para o sertão, afim de não cessar o lucrativo trafico, os portuguêses chegaram á infamia de escravizar os proprios indios aliados,

sobras dos seus audazes e bons companheiros de luta na Ibiapaba.

A falta de população indigena nas proximidades de Nova Lisbôa trouxe, para os colonizadores, com o isolamento, a carencia absoluta de produtos agricolas. Alem disso, havia o temor duma aliança das tabas cheias de rancor contra seus escravizadores. Então, os aventureiros forçaram Coelho a transferir-se para a foz do Jaguaribe, onde devia chegar com barcos carregados de mantimentos um tal João Soromenho, que recebera na Paraíba dinheiro do capitão para esse fim.

Construiram ali miseravel fortim, creio que mais ou menos no lugar que ainda hoje conserva esse nome. Esperaram Soromenho, porém ele nunca chegou. Tinha, com efeito, ali estado. Desembarcára, cativára algumas duzias de indios e fizéra-se de véla. Quando morreu a ultima esperança da vinda de Soromenho no coração da tropa desmoralizada e indiciplinada, Simão Nunes apresentou-se ao chefe e, falando em nome dos soldados, declarou-lhe que era tempo de recolher á Paraíba. Já não aguentavam mais aquela vida. Pero Coelho era teimoso e disse-lhe que continuaria a lutar. Então, Simão Nunes, não querendo ostentar a revolta, pediu-lhe permissão para atravessar o rio com os homens válidos e procurar frutas, caça, mantimentos de qualquer especie, na outra margem. O capitão consentiu : eles fôram e nunca mais voltaram.

* * *

Em companhia da mulher, dos filhos e de dezoito soldados estropeados, Pero Coelho ficou no fortim, quasi sem recursos. E a sêca caíu como um véu de luto sobre a face da terra cearense. Nem mais um pingo de agua do céu, nem mais uma nuvem no seu azul trans-

lucido. A canicula abrazadora chupou do sólo as ultimas gôtas de agua infiltradas nas primeiras camadas. Os ventos alisios, favorecidos pela direção da costa, escurraçaram as nuvens de chuva para outras regiões mais predispostas pela natureza a recebe-las. E o sol ficou comburindo a terra exausta, sugando-lhe toda frescura e toda seiva, num amplexo de impiedosa destruição.

Os indios recolheram ao Araripe e ao Punaré. As feras fugiram. A caça desapareceu de todo. E somente ficaram de pé os esqueletos negros das catingas, onde, nas garrancheiras, o vento da noite lugubremente uivava.

Lutando com as mais terriveis dificuldades, Coelho e os seus construiram algumas balsas em que atravessaram o Jaguaribe, naquele ponto cheio pelas aguas do mar. Decidira retirar deante do flagelo que a natureza lançava sobre aquela agreste terra, onde tentára fortuna e achára a peor das desgraças.

Caminharam praia em fóra, lentamente, com fome e sêde, tres dias seguidos, sob o latego de brasa do sol. Pero Coelho levava os filhos ás costas, silencioso. Dona Maria Tomasia, sua esposa, resignada, estoica, infundia animo a todos pela palavra e pelas obras.

Por vezes, quando uma rajada forte fazia rodamoinhar a areia prateada das dunas, um soldado perdia o prumo e tombava de costas, inanido. Ali ficava, morrendo aos poucos, e a propria duna movediça e esteril se encarregava de ir sepultando-o devagarinho...

No quarto dia de marcha, deram com uma pôça de agua e padeceram mais ainda, porque a não puderam beber. Era chóca, coberta de caparrosa, e as mucosas se engilhavam, repelindo-a. Tantalos, deitados de bruços, lambiam a areia humida, chorando!

Parece que tudo se comprazia em tortura-los. Certa manhã, quando todos dormiam, um bergantim passou a curta distancia da praia, bordejando, as velas pandas.

De subito, acordou um dos aventureiros e avistou a embarcação. Cuidou ser sonho, primeiro. Esfregou os olhos, certificou-se da verdade e soltou um grito estertorado, que acordou os combalidos companheiros. Todos se ergueram, caíram de joelhos, rezando. Depois, de pé, gritaram como loucos, acenaram com panos, dispararam seus derradeiros tiros de arcabuz. De bordo ninguem os ouviu e as velas do bergantim fugiram para sempre no horizonte azul. E foi horrivel o seu desespero !

Adeante, toparam mangues, nos quais se fartaram de aratús, carangueijos e guaiamuns crús. Uma cacimba de agua bebivel deu-lhes novas forças para a longa jornada.

Alguns dias mais e de novo se arrastavam com fome, com sêde e com febre. Morreu de inanição sobre o areal ardente o filho mais velho do capitão. Tinha dezoito anos. A energia formidavel de Pero Coelho partiu-se, então, repentinamente, como um tronco de aroeira que o raio fere. Ficou inteiramente apatico. Mas a esposa de animo varonil não se deixou abater e chefiou daí por deante a lugubre retirada.

* * *

O sol desaparecia no poente esbraseado e arroxeava os morros e o mar convulso. Sobre a brancura da areia, nas proximidades de Natal, um montão de formas humanas, que se arrastavam, ficou de repente imovel. Esses esqueletos envoltos em trapos que ali desmaiaram de fadiga eram os conquistadores da Ibiapaba. Um tentou erguer-se. Seus olhos embaciados deram com vultos negros que se aproximavam e grunhiu :

— Gente !

Seu braço descarnado continuou apontando os que chegavam e ria, ria como um perdido, louco !

Os vultos eram de indios catequizados, guiados pelo vigario do Rio Grande do Norte, que traziam socorros aos infelizes. Prevenido por Simão Nunes, quando por ali passára em busca da Paraíba, do abandono de Coelho, o bom padre reunira gente e decidira ir ao seu encontro.

Pero Coelho de Sousa não se refez daquela luta titanica e morreu pouco tempo depois, mais pobre do que nunca.

* * *

Assim, foi de luta, miseria, sêca, fome, sêde e martirio a primeira pagina da historia do Ceará.

Triste e estranho destino!

NOTA — Conferencia realizada na sociedade "Phenix Caixeiral", de Fortaleza. Estampada, depois, na *Revista do Instituto do Ceará.*

FONTES BIBLIOGRAFICAS

ABBEVILLE (CLAUDE D') — *Histoire de la mission des péres capucins en l'isle de Maragnan.*
ALENCAR (JOSÉ DE) — *Iracema.*
BEZERRA (ANTONIO) — *O Ceará e os Cearenses.* — *Algumas origens do Ceará.*
BRIGIDO (JOÃO) — *O Ceará — Homens e fatos.*
CAPISTRANO DE ABREU — *Caminhos antigos.*
CATUNDA (JOAQUIM) — *Estudos de historia do Ceará.*
LISBÔA (J. F.) — *Obras.*
SALVADOR (FREI VICENTE DO) — *Historia do Brasil.*
STUDART (BARÃO DE) — *Tri-Centenario do Ceará.*
STUDART FILHO (CARLOS) — *Notas historicas sobre os indigenas cearenses.*
THEBERGE (PEDRO) — *Esboço historico sobre a provincia do Ceará.*
YVES D'EVREUX — *Histoire des choses plus mémorables advenues em Maragnan.*

Indice

Exemplar № 00731 *

São Paulo Editora Limitada imprimiu.